DA LITERATURA

CONSIDERADA EM SUAS RELAÇÕES COM AS INSTITUIÇÕES SOCIAIS

TOMO I

MADAME DE

STAËL-HOLSTEIN

COLEÇÃO ACERVO

PPGFIL-UFRRJ

MADAME DE STAËL-HOLSTEIN

DA LITERATURA

CONSIDERADA EM SUAS RELAÇÕES COM AS INSTITUIÇÕES SOCIAIS

TOMO I

TRADUÇÃO DE DANILO BILATE

COLEÇÃO ACERVO

1ª EDIÇÃO
SEROPÉDICA, RJ
PPGFIL-UFRRJ
2023

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ

Reitor:
Roberto de Souza Rodrigues
Vice-Reitor:
Cesar Augusto Da Ros
Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-graduação:
José Luis Fernando Luque Alejos
Coordenador do Programa de Pós-graduação em Filosofia:
Francisco José Dias de Moraes

EDITORA DO PPGFIL-UFRRJ

www.editorappgfilufrrj.org

Editora-chefe: Cristiane Almeida de Azevedo
Editora adjunta: Michelle Bobsin Duarte

Comitê Editorial

Admar Costa
José Nicolao Julião
Renato Valois

Conselho Editorial

Abílio Azambuja Rodrigues Filho (UFMG)
André Itaparica (UFRB)
Antônio Augusto Passos Videira (UERJ)
Antonio Edmilson Paschoal (UFPR)
Aurélie Knüfer (Université de Montpellier 3, França)
Edgar de Brito Lyra Netto (PUC-RJ)
Eduardo Brandão (USP)
Evandro Barbosa (UFPel)
Fernando José de Santoro Moreira (UFRJ)
Gilvan Luiz Fogel (UFRJ)
Guido Antônio de Almeida (PPGLM-UFRJ)
Helder Buenos Aires de Carvalho (UFPI)
Júlio Cesar Ramos Esteves (UENF)
Luciana Gabriela Soares Santoprete (CNRS, França)
Luísa Severo Buarque de Holanda (PUC-RJ)
Marco Antônio Caron Ruffino (UNICAMP)
Marcos Fanton (UFPE)
Márcia Sá C. Schuback (Södertörn University, Suécia)
Maria Aparecida de Paiva Montenegro (UFCE)
Maria Lucia Mello e Oliveira Cacciola (USP)
Markus Figueira da Silva (UFRN)
Pedro Süssekind Viveiros de Castro (UFF)
Rodrigo Antônio de Paiva Duarte (UFMG)
Stéphane Pujol (Université de Toulouse, França)
Tiegue Vieira Rodrigues (UFMT)
William Mattioli (UFRJ)

Da Literatura em suas relações com as instituições sociais. Tomo I / Madame de Staël-Holstein. Tradução de Danilo Bilate - Seropédica, RJ: PPGFIL-UFRRJ, 2023.

Título original: *De la Littérature considérée dans ses rapports avec les institutions sociales.*

259 p.
ISBN 978-65-00-67894-9

1. Literatura. 2. Século XVIII. 3. Filosofia. I. Título. II. Staël-Holstein, Madame de.

Creative Commons 2023
Editora do PPGFIL - UFRRJ

Este trabalho está licenciado sob a Licença Creative Commons - Atribuição Não Comercial Sem Derivações 4.0 Internacional.

ISBN: 978-65-00-67894-9

SUMÁRIO

PREFÁCIO À SEGUNDA EDIÇÃO i

DISCURSO PRELIMINAR 01

PRIMEIRA PARTE
DA LITERATURA NOS ANTIGOS E NOS MODERNOS

CAP. 1: DA PRIMEIRA ÉPOCA DA LITERATURA DOS GREGOS 32

CAP. 2: DAS TRAGÉDIAS GREGAS 49

CAP. 3: DA COMÉDIA GREGA 62

CAP. 4: DA FILOSOFIA E DA ELOQUÊNCIA DOS GREGOS 67

CAP. 5: DA LITERATURA LATINA, ENQUANTO A REPÚBLICA ROMANA AINDA DURAVA 78

CAP. 6: DA LITERATURA SOB O REINO DE AUGUSTO 97

CAP. 7: DA LITERATURA LATINA, DEPOIS DA MORTE DE AUGUSTO ATÉ O REINO DOS ANTONINOS 106

CAP. 8: DA INVASÃO DOS POVOS DO NORTE, DO ESTABELECIMENTO DA RELIGIÃO CRISTÃ E DO RENASCIMENTO DAS LETRAS 115

CAP. 9: DO ESPÍRITO GERAL DA LITERATURA NOS MODERNOS 135

CAP. 10: DA LITERATURA ITALIANA E ESPANHOLA 144

CAP. 11: DA LITERATURA DO NORTE 164

CAP. 12: DO PRINCIPAL DEFEITO QUE SE REPROVA, NA FRANÇA, DA LITERATURA DO NORTE 174

CAP. 13: DAS TRAGÉDIAS DE SHAKESPEARE 179

CAP. 14: DA JOCOSIDADE INGLESA 193

CAP. 15: DA IMAGINAÇÃO DOS INGLESES EM SUAS POESIAS E SEUS ROMANCES 201

CAP. 16: DA ELOQUÊNCIA E DA FILOSOFIA E DOS INGLESES 213

CAP. 17: DA LITERATURA ALEMÃ 224

PREFÁCIO À SEGUNDA EDIÇÃO*

Eu acreditei dever responder, nas notas da segunda edição de minha obra, a alguns fatos literários alegados contra as opiniões que ela contém. Eu me dei a tarefa de tornar esse livro mais digno de aprovação do que os homens esclarecidos têm querido lhe atribuir.

Eu citei, nas notas acrescentadas a essa obra, as autoridades sobre as quais eu fundei as opiniões literárias que se atacou[1]: limitar-me-ei, portanto, neste prefácio, a algumas reflexões gerais sobre as duas maneiras de ver em literatura, que formam hoje como dois partidos diferentes, e sobre o distanciamento que inspira em algumas pessoas o sistema da perfectibilidade da espécie humana.

---

* Todas as notas marcadas com um asterisco, como esta, são observações do tradutor. Além delas, também são dele todas as inserções entre colchetes. Procurou-se indicar todas as alterações operadas por Germaine de Staël na segunda edição em relação à primeira, inclusive modificações de pontuação. As únicas exceções são alterações que não desfizeram ou criaram frases.

[1] Essas notas contêm as provas que constatam: 1º Que os romanos estudaram filosofia, possuíram historiadores conhecidos, oradores célebres e grandes jurisconsultos, antes de ter tido poetas. 2º Que seus autores trágicos só fizeram imitar os gregos e os temas gregos. 3º Eu desenvolvo um fato que eu acreditava muito autêntico para precisar ser explicado; que os cantos de Ossian eram conhecidos na Escócia e na Inglaterra pelos homens de letras que conheciam a língua gálica, muito tempo antes que Macpherson tenha feito desses cantos um poema, e que as fábulas islandesas e as poesias escandinavas que foram o tipo da literatura do Norte em geral, têm grande relação com o caráter da poesia de Ossian [Observação do tradutor: há toda uma discussão sobre a autenticidade dos textos traduzidos por Macpherson que seriam da autoria de um Ossian, cuja existência permanece em dúvida. Na primeira edição, Germaine de Staël não dá qualquer demonstração de conhecer esse problema, mas ela o faz nesta segunda edição]. Encontra-se todos os detalhes que podem fazer conhecer as poesias escandinavas na excelente introdução de Mallet à História da Dinamarca. Enfim, em uma nota da segunda parte de minha obra, eu tento distinguir quais são as regras severas que se deve seguir, relativamente à adoção de palavras novas em uma língua.

Reprovaram-me por ter dado preferência à literatura do Norte sobre a do Sul, e chamou-se essa opinião de uma nova poética. É mal conhecer minha obra supor que eu tivesse por objetivo fazer uma poética. Eu disse desde a primeira página que Voltaire, Marmontel e La Harpe não deixam nada a desejar nesse aspecto; mas eu queria mostrar a relação que existe entre a literatura e as instituições sociais de cada século e de cada país; e esse trabalho não tinha ainda sido feito em nenhum livro conhecido. Eu queria provar também que a razão e a filosofia adquiriram sempre novas forças através dos infortúnios inumeráveis da espécie humana. Meu gosto em poesia é pouca coisa ao lado desses grandes resultados. Os versos de Thompson me tocam mais do que os sonetos de Petrarca. Eu amo mais as poesias de Gray do que as canções de Anacreonte. Mas essa maneira de ser afetada só tem relações muito indiretas com o plano geral de minha obra; e aquele que teria opiniões totalmente contrárias às minhas sobre os prazeres da imaginação poderia ainda estar inteiramente de acordo sobre as aproximações que eu fiz entre o estado político dos povos e sua literatura; ele poderia estar inteiramente de acordo sobre as observações filosóficas e o encadeamento das ideias que me serviram para traçar a história dos progressos do pensamento desde Homero até nossos dias.

Pode-se notar hoje, dentre os literatos franceses, duas opiniões opostas que poderiam conduzir, por seu exagero, à perda do gosto e do gênio literário. Uns creem acrescentar à energia do estilo, enchendo-o de imagens incoerentes, palavras novas, expressões gigantescas. Esses escritores prejudicam a arte, sem nada acrescentar à eloquência nem ao pensamento. Tais esforços asfixiam os dons da

natureza, ao invés de aperfeiçoá-las. Outros literatos querem nos persuadir de que o bom gosto consiste em um estilo exato, mas comum, servindo para vestir ideias mais comuns ainda.

Esse segundo sistema expõe muito menos à crítica. Essas frases conhecidas já há muito tempo são como os hóspedes habituais; deixamo-los passar sem nada lhes perguntar. Mas não existe um escritor eloquente ou pensador cujo estilo não contenha expressões que surpreenderam aqueles que os leram pela primeira vez, ao menos aqueles em que a altura das ideias ou o calor da alma tenham aparecido.

Quando Bossuet diz essa frase maravilhosa: "Advertido por meus cabelos brancos a consagrar ao rebanho que devo nutrir da palavra da vida com os restos de uma voz que cai e do ardor que se apaga", ele encontrou certamente alguns desafortunados críticos que perguntaram o que eram "os restos de uma voz que cai e do ardor que se apaga", o que eram "os cabelos que advertem". Quando o mesmo orador exclama, ao falar da madame Henriette: "Ei-la tal como a morte nos a fez", nenhuma dúvida de que um literato de então tenha lamentado essa expressão maravilhosa e a desfigurado dela mudando uma qualquer palavra? Quando Pascal escreveu: "O homem é um caniço, o mais fraco da natureza, mas um caniço pensante", um crítico que separasse a primeira frase da segunda, poderia ter dito: "Sabem que Pascal chama o homem de um caniço pensante?". O mais perfeito de nossos poetas, Racine, é aquele cujas expressões ousadas excitaram mais censuras; e o mais eloquente de nossos escritores, o autor de *Emílio* e de *Heloísa*, é aquele de todos sobre o qual um espírito insensível ao charme da

eloquência poderia exercer mais facilmente sua crítica. Quem reconheceria, com efeito, o estilo de Rousseau, se se partisse em dois suas frases, se se as separasse de sua progressão, de seu interesse, de seu movimento, e se se retirasse de seus escritos algumas palavras, bizarras quando isoladas, poderosas quando se as coloca em seus lugares?[2]

Eu o repito, um estilo comum não tem nada a temer desses ataques. Subdivida as frases desse estilo tanto quanto se queira, as palavras que as compõem se reencontrarão por si próprias, *acostumadas que elas são a se encontrarem juntas*; mas nunca um escritor exprime o sentimento que ele experimentava, nunca ele desenvolve os pensamentos que lhe pertenciam realmente, sem carregar em seu estilo esse caráter de originalidade que, só ele, atrai e cativa o interesse e a imaginação dos leitores.

Os paradoxos sem dúvida são também ideias comuns. Basta quase sempre fazer retornar uma verdade banal para dela fazer um paradoxo. Ocorre o mesmo com uma maneira de escrever exagerada; são expressões frias das quais se faz expressões falsas. Mas não é preciso traçar em torno de um pensamento do homem

[2] Talvez seja apropriado notar que os homens que, há algum tempo, formam um tribunal literário, citando nossos melhores autores franceses, evitam nomear J. J. Rousseau. Todavia, não é provável que eles esqueçam o escritor que deu mais calor, força e vida à palavra; o escritor que causa em seus leitores uma emoção tão profunda que é impossível julgá-lo como simples literato. Somos movidos por ele como por um amigo, um sedutor ou um mestre. Seria possível que o brilho do talento não tenha podido, diante de certos juízes, obter graça pelo amor ardente da liberdade? Seria verdade que uma alma orgulhosa e independente, com a superioridade que ela é dotada, só deve esperar dos adversários de ideias filosóficas injustiça ou silêncio; injustiça, quando eles podem atacá-lo ainda; silêncio, quando uma glória consagrada a coloca acima de seus esforços?

um círculo do qual lhe seja proibido sair; pois não há talento lá onde não existe criação, seja nos pensamentos, seja no estilo.

Voltaire, que sucedeu o século de Luís XIV, procurava na literatura inglesa algumas belezas novas que ele pôde adotar ao gosto francês.[3] Quase todos os nossos poetas desse século imitaram os ingleses. Saint-Lambert se enriqueceu das imagens de Thompson, Delille tomou emprestado do gênero inglês algumas de suas belezas descritivas; o *Cimitério* de Gray não foi dele desconhecido: ele serviu de modelo, sob alguns aspectos, para Fontanes em uma de suas melhores peças, o *Dia dos mortos em um campo*. Por que, portanto, nós desautorizaríamos o mérito das obras que nossos bons autores frequentemente imitaram?

Sem dúvida, eu não deixei de repeti-lo neste livro, nenhuma beleza literária é durável se ela não se submete ao gosto mais perfeito. Eu empreguei pela primeira vez uma palavra nova, a *vulgaridade* [la vulgarité], achando que não existiam ainda suficientes termos para proscrever para sempre todas as formas que supõem pouca elegância nas imagens e pouca delicadeza na expressão. Mas o talento consiste em saber respeitar os verdadeiros preceitos do gosto, introduzindo em nossa literatura tudo o que há de belo, de sublime, de tocante na natureza sombria que os escritores do Norte souberam pintar; e se é ignorar a arte querer fazer com que se adote na França todas as incoerências dos trágicos ingleses e alemães, é

[3] Voltaire teria desautorizado, creio eu, essa frase do Mercure que pareceria despida de verdade a todos os ingleses, como a todos os que estudaram a literatura inglesa: "Fica-se surpreso de ver que o renome de Shakespeare só cresceu, *mesmo na Inglaterra, depois dos elogios de Voltaire*". Addison, Dryden, os autores mais célebres da literatura inglesa, elogiaram Shakespeare com entusiasmo, muito tempo antes de Voltaire ter dele falado.

preciso ser insensível ao gênio da eloquência, é preciso ser para sempre privado do talento de emocionar fortemente as almas, para não admitir o que há de apaixonante nas afecções, o que há de profundo nos pensamentos que esses habitantes do Norte sabem experimentar e transmitir.

É impossível ser um bom literato sem ter estudado os autores antigos, sem conhecer perfeitamente as obras clássicas do século de Luís XIV. Mas renunciaríamos a possuir, doravante na França, grandes homens na carreira da literatura, se se lamentasse de imediato tudo o que pode conduzir a um novo gênero, abrir uma nova rota ao espírito humano, oferecer enfim um futuro ao pensamento; ele perderia logo toda emulação se se lhe apresentasse o século de Luís XIV como um modelo de perfeição, além do qual nenhum escritor eloquente nem pensador poderia jamais se elevar.

Eu distingui com cuidado, em minha obra, o que pertence às artes da imaginação e o que se relaciona à filosofia; eu disse que essas artes não eram suscetíveis de uma perfeição indefinida, enquanto não se podia prever o termo onde terminaria o pensamento. Reprovaram-me por não ter feito uma homenagem justa aos antigos. No entanto, eu repeti de diversas maneiras que a maior parte das invenções poéticas chegaram até nos dos gregos, que a poesia dos gregos não foi *nem ultrapassada nem sequer igualada pelos modernos*:[4] mas eu não disse, é verdade, que desde aproximadamente

[4] Eu sustentei que, nas boas obras modernas, a expressão do amor tinha adquirido mais delicadeza e profundidade do que entre os antigos, porque é um certo tipo de sensibilidade que aumenta em proporção às ideias. As objeções que me foram feitas me fornecem alguns novos argumentos em favor de minha opinião. Eu citarei dois deles, por exemplo, e o resto se pode encontrar nas notas da obra. Perguntaram se a expressão do amor tinha feito progressos desde a Heloísa do

três mil anos os homens não tinham adquirido um pensamento a mais; e é um grande erro, no espírito daqueles que condenam a espécie humana ao suplício de Sísifo, recair sempre após ter-se elevado.

De onde vem, pois, que esse sistema da perfectibilidade da espécie humana desencadeia agora todas as paixões políticas? Qual a relação pode ele ter com elas?[5]

Os que pensam que suas opiniões, em matéria de governo, os obrigam a combater a perfectibilidade do espírito humano, fazem,

---

século doze. As letras latinas que nos restaram de Heloísa não podem sustentar um instante a comparação com a bonita linguagem que Pope lhe emprestou em sua epístola. Perguntaram se não existia nada de mais tocante do que o encontro de Enéias e de Andrômaca na Eneida, quando Andrômaca exclama ao vê-lo: *Hector ubi est?,* "Heitor, onde ele está?". Eu poderia recusar uma objeção tirada de Virgílio, porque eu o citei como *o poeta mais sensível*; mas aceitando essa objeção eu diria que, quando Racine quis colocar Andrômaca na cena, ele acreditou que a delicadeza dos sentimentos exigia que se lhe atribuísse a resolução de se matar, se ela se visse obrigada a casar-se com Pirro; e Virgílio dá à sua Andrômaca dois maridos depois da morte de Heitor., Pirro e Heleno, sem pensar que essa circunstância possa incomodar em algo o interesse que ela deve inspirar. Se se acrescenta a esses dois exemplos os que se encontrará citados neste livro, se se examina com cuidado todas as obras da antiguidade, ver-se-á que não há uma delas que não confirme a superioridade dos romanos sobre os gregos, de Tibulo sobre Anacreonte, de Virgílio sobre Homero, em tudo o que se refere à sensibilidade; e ver-se-á igualmente que Racine, Voltaire, Pope, Rousseau, Goethe etc. pintaram o amor com um tipo de delicadeza, de culto, de melancolia e de devoção que devia ser totalmente estranho aos costumes, às leis e ao caráter dos antigos. [O verbo "peintre" é imediatamente traduzido por "pintar", mas, mais do que no português, no francês do dezoito ele é usado frequentemente no sentido simples de "descrever". Ao longo do livro, optaremos por uma ou outra tradução, a depender do contexto, mas quase sempre que se optar por "pintar" é para usá-lo no sentido metafórico, como ocorre sempre no original].

[5] Esse sistema deu lugar a tantas interpretações absurdas que eu me creio obrigada a indicar o sentido preciso que eu lhe dou em minha obra. Primeiramente, ao falar da perfectibilidade do espírito humano, eu não pretendo dizer que os modernos tenham um poder de espírito maior do que o dos antigos, mas apenas que a massa das ideias de todo tipo aumenta com os séculos. Em segundo lugar, ao falar da perfectibilidade da espécie humana, eu não faço, de modo algum, alusão aos sonhos de alguns pensadores sobre um futuro sem verossimilhança, mas aos progressos sucessivos da civilização em todas as classes e em todos os países.

parece-me, um grande ato de modéstia. Os partidários da monarquia, como os da república, devem pensar que a constituição que eles preferem é favorável ao melhoramento da sociedade e aos progressos da razão; se eles não estivessem disso convencidos, como poderiam sustentar sua opinião em boa consciência? O sistema da perfectibilidade humana foi o de todos os filósofos esclarecidos nos últimos cinquenta anos; eles o sustentaram sob todas as formas de governo possíveis.[6] Os professores escoceses, Ferguson em particular, desenvolveram esse sistema sob a monarquia livre da Grã-Bretanha. Kant o sustenta abertamente sob o regime ainda feudal da Alemanha. Turgot o professou sob o governo arbitrário, mas moderado, do último reino; e Condorcet, na proscrição onde ele tinha jogado a tirania sanguinária que devia fazê-lo desesperar-se com a república, Condorcet, no limite do infortúnio, escrevia ainda em favor da perfectibilidade da espécie humana, tanto quanto os espíritos pensadores deram importância a esse sistema que promete aos homens sobre essa terra alguns dos benefícios de uma vida imortal, um futuro sem limites, uma continuidade sem interrupção.[7]

---

[6] Um dos caráteres mais impressionantes no homem, diz o cidadão Talleyrand, em seu Relatório sobre a instrução pública de 10 de setembro de 1791, p. 7, é a perfectibilidade; e esse caráter sensível no indivíduo o é mais ainda na espécie: pois talvez não seja impossível dizer de tal homem em particular que ele alcançou o ponto que ele podia alcançar, e o mesmo se daria eternamente para afirmar da espécie inteira cuja riqueza intelectual e moral cresce sem interrupção a partir de todos os produtos dos povos anteriores.

[7] Godwin também, em sua obra sobre a justiça política, sustenta o mesmo sistema; mas, ainda que ele seja um homem de muito espírito, sua razão não me pareceu suficientemente certa para citá-lo como uma autoridade. Afirmou-se que eu havia tomado algumas ideias, para a minha obra onde só se trata de literatura, da obra sobre a justiça política de Godwin; eu respondo por uma denegação simples. Eu desafio que citem uma única ideia dessa obra que eu tenha citado na minha, exceto o sistema da perfectibilidade da espécie humana, que felizmente não aparece mais

Esse sistema não pode ser contrário às ideias religiosas. Os predicadores esclarecidos representaram sempre a moral religiosa como um meio de melhorar a espécie humana; eu me dediquei a provar que os preceitos do cristianismo contribuíram para isso eficazmente. Não há, pois, nenhuma opinião, exceto a que proibiria de pensar, ler e escrever; não há nenhum governo, exceto o governo despótico, que possa se colocar contrariamente à perfectibilidade da espécie humana. Quais são, portanto, os perigos que um espírito razoável e independente pode temer de um tal sistema?

Dirão que monstros bárbaros fizeram dessa opinião o pretexto de suas ações? Mas a Saint-Barthélemi condena o ateísmo? Mas os crimes de Carlos IX e de Tibério proscreveram para sempre o poder de um só em todos os países? De quê os homens não abusaram? O ar e o fogo lhes servem para se matarem e a natureza inteira é, entre suas mãos, um meio de destruição. Resulta disso que não é preciso acordar ao que é bom a categoria que o que é bom merece? Deve-se degradar sempre mais a espécie humana à medida que ela abusa de uma ideia generosa? Diriam que os preconceitos, as baixezas e as mentiras não fizeram mal à espécie humana porque mostramo-nos severos com a filosofia, a liberdade e a razão.

No que acredito, antes, é que os detratores do sistema de perfectibilidade da espécie humana não meditaram sobre as

---

a mim do que a Godwin. Eu creio ter tentado pela primeira vez aplicar esse sistema à literatura; mas eu dou um grande valor a mostrar quantos filósofos respeitáveis sustentaram, antes de mim, vigorosamente essa opinião, considerada de uma maneira geral; e eu não penso, como um literato de nossos dias, que seja a peça charmosa de versos de Voltaire, intitulada *Le Mondain* que tenha fornecido a ideia da perfectibilidade da espécie humana e que contenha "o extrato de tudo o que há de melhor nas longas teorias sobre essa perfectibilidade" [M. de Fontanes no *Mercure*].

verdadeiras bases dessa opinião. Com efeito, eles estão em consenso que as ciências fazem progressos contínuos e eles querem que a razão não o faça. Mas as ciências têm uma conexão íntima com todas as ideias com as quais se compõe o estado moral e político das nações. Ao descobrir a bússola, descobriu-se o Novo Mundo, e a Europa moral e política experimentou desde então mudanças consideráveis. A imprensa é uma descoberta das ciências. Se for possível um dia a navegação aérea, quanto as relações da sociedade não seriam diferentes?

A superstição é, com o tempo, inconciliável com os progressos das ciências positivas. Os erros de todo tipo se retificam sucessivamente pelo espírito de cálculo. Enfim, como se pode imaginar que se colocará as ciências tão para fora do pensamento que a razão humana não se ressentirá dos imensos progressos que se faz a cada dia na arte de observar e de dirigir a natureza física? As luzes da experiência e da observação não existem também na ordem moral e não fornecem também socorros úteis aos desenvolvimentos sucessivos de todos os tipos de reflexões? Eu direi mais, os progressos das ciências tornam necessários os progressos da mora; pois, aumentando o poder do homem, é preciso fortificar o freio que o impede de dele abusar. Os progressos das ciências tornam necessários também os progressos da política. Temos necessidade de um governo mais esclarecido que respeita mais a opinião pública no meio das nações onde as luzes aumentam a cada dia; e que se possa sempre opor os desastres de alguns anos aos raciocínios que têm por base os séculos, isso não é menos verdade do que o fato de que nunca nenhum canto da Europa suportaria agora a longa

sucessão de tiranias baixas e ferozes que atacaram os romanos. Importa, aliás, distinguir entre a perfectibilidade da espécie humana e a do espírito humano. Uma se manifesta ainda mais claramente do que a outra. A cada vez que uma nação nova, tal como a América, a Rússia etc., faz progressos em direção à civilização, a espécie humana se aperfeiçoa; a cada vez que uma classe inferior sai da escravidão ou da degradação, a espécie humana se aperfeiçoa ainda mais. As luzes ganham evidentemente em extensão, mesmo que se tentasse colocar em dúvida que elas crescem em elevação e profundidade. Enfim, seria preciso compor um livro para refutar tudo o que se permite de dizer em um tempo em que os interesses pessoais são ainda tão fortemente agitados. Mas esse livro, o tempo o fará; e a posteridade não compartilhará mais o pequeno furor que excitam hoje as ideias filosóficas, que os sentimentos atrozes que o terror tinha desenvolvido:

> Os filhos são maiores do que seus pais,
> E seus corações disso não invejam.

Esses versos, justamente aplicados às explorações militares das quais somos os gloriosos contemporâneos, esses versos serão verdadeiros também para os progressos da razão; e pena de quem não tenha em seu coração esse nobre pressentimento!

Por que os espíritos distintos, qualquer que seja a carreira que sigam, não têm sucesso em seus esforços para sustentar todas as ideias que contêm a grandeza e a elevação? Não veem de todos os lados os sentimentos mais vis, a avidez mais baixa, tomar cada dia um caráter a mais, degradar a cada dia alguns homens sobre os quais

se tinha deixado sua estima? O que permanecerá, portanto, àqueles que colocam ainda interesse aos progressos do pensamento ou que, se limitando às artes da imaginação, querem excluir todo o resto? Eles atacam a filosofia; logo eles a lamentarão; logo eles reconhecerão que, ao degradar o espírito, eles enfraquecem essa força da alma que faz amar a poesia, que faz compartilhar seu generoso entusiasmo.

Todos os vícios se unem, todos os talentos deveriam se aproximar; se eles se reunissem, eles fariam triunfar o mérito pessoal; se eles se atacam mutualmente, os calculadores felizes se colocariam nas primeiras classes e colocariam em derrisão todas as afecções desinteressadas, o amor pela verdade, a ambição pela glória e a emulação que inspira a esperança de ser útil aos homens e de aperfeiçoar sua razão.[8]

[8] Após ter refutado as diversas objeções que foram feitas contra a minha obra, eu sei muito bem tratar-se de um tipo de ataque que pode eternamente se repetir; são todas as insinuações que têm por objeto me acusar, como mulher, por escrever e pensar. Eu ofereço logo a tradução de todos esses tipos de críticas nos versos de Molière, que eu lembro aqui: "Não, não, eu não quero de um espírito que seja alto, / E mulher que compõe sabe disso mais do que necessário; / Eu pretendo que a minha, em claridades pouco sublime, / Não saiba mesmo o que faz que se rime; / E basta por ela, para vos bem falar, / Saber rezar a Deus, me amar, costurar e fiar" (Arnolphe na *Escola das mulheres*). Eu concebo que se possa lamentar nessas brincadeiras que elas sejam um pouco gastas; mas eu não compreendo como seria possível que meu caráter ou meus escritos inspirassem sentimentos amargos. Um motivo qualquer pode deles sugerir a linguagem; mas, em verdade, eu não creio que ninguém os experimente realmente.

A memória dos tempos passados, a comparação com o estado presente, tudo eleva meu coração a pensamentos elevados.

As ruínas, por Volney

DISCURSO PRELIMINAR*

Eu me propus examinar qual é a influência da religião, dos costumes e das leis sobre a literatura e qual é a influência da literatura sobre a religião, os costumes e as leis. Existe, na língua francesa, sobre a arte de escrever e sobre os princípios do gosto, tratados que não deixam nada a desejar;[9] mas parece-me que não se analisou suficientemente as causas morais e políticas que modificam o espírito da literatura. Parece-me que não se considerou ainda, filosoficamente, como as faculdades humanas se desenvolveram gradualmente pelas obras ilustres de todos os gêneros que foram compostas desde Homero até nossos dias.

Eu tentei dar conta da marcha lenta, mas contínua, do espírito humano na filosofia e de seus sucessos rápidos, mas interrompidos, nas artes.** As obras antigas e modernas que tratam dos temas de moral, de política ou de ciência, provam evidentemente os progressos sucessivos do pensamento, desde que sua história nos é conhecida. Não ocorre o mesmo com as belezas poéticas que pertencem unicamente à imaginação. Observando as diferenças características que se encontram entre os escritos contemporâneos dos italianos, ingleses, alemães e franceses, eu acreditei poder demonstrar que as instituições políticas e religiosas tinham a maior

---

* Na primeira edição esta seção foi intitulada como "Introdução".

[9] As obras de Voltaire, as de Marmontel e as de La Harpe.

** Na primeira edição, o parágrafo se iniciava com a seguinte frase: "Os livros famosos em cada século provam evidentemente os progressos sucessivos de tudo o que se refere ao pensamento". Aqui, ela foi modificada e colocada após a frase de abertura do parágrafo. Na sua sequência, outra sentença foi acrescentada, isto é, a terceira frase do parágrafo.

responsabilidade por essas diversidades constantes. Enfim, contemplando as ruínas e as esperanças que a revolução francesa confundiu, por assim dizer, eu pensei que importava conhecer qual era a potência que essa revolução exerceu sobre as luzes e quais efeitos poderiam dela resultar um dia, se a ordem e a liberdade, a moral e a independência republicana estivessem sábia e politicamente combinadas.

Antes de oferecer uma apresentação mais detalhada do plano desta obra, é necessário retraçar a importância da literatura, considerada em sua acepção mais extensa; isto é, englobando nela os escritos filosóficos e as obras de imaginação, tudo o que concerne, enfim, ao exercício do pensamento nos escritos, as ciências físicas excetuadas.

Irei examinar, inicialmente, a literatura de uma maneira geral em suas relações com a virtude, a glória, a liberdade e a felicidade; e, se é impossível não reconhecer que ela age fortemente sobre esses grandes sentimentos, primeiros móbiles do homem, é com um interesse mais vivo que talvez vocês se unam a mim para seguir os progressos e para observar o caráter dominante dos escritores de cada país e de cada século.

Que eu possa chamar todos os espíritos esclarecidos para a satisfação das meditações filosóficas! Os contemporâneos de uma revolução perdem frequentemente todo interesse pela procura da verdade. Tantos acontecimentos decididos pela força, tantos crimes absorvidos pelo sucesso, tantas virtudes estigmatizadas pela reprovação, tantos infortúnios insultados pelo poder, tantos sentimentos generosos tornados objetos do ridículo, tantos cálculos

vis filosoficamente comentados; tudo cansa a esperança dos homens mais fiéis ao culto da razão. No entanto, eles devem se reanimar ao observar, na história do espírito humano, que não existiu nem um pensamento útil nem uma verdade profunda que não tenha encontrado seu século e seus admiradores. É sem dúvida um triste esforço o de transportar seu interesse e de reposicionar sua expectativa para o futuro, sobre nossos sucessores, sobre os estrangeiros bem distantes de nós, sobre os desconhecidos, sobre todos os homens enfim dos quais a lembrança e a imagem não podem se desenhar para nosso espírito. Mas, ah!, se daqui se exclui alguns amigos incorruptíveis, a maior parte daqueles de que se pode lembrar depois de dez anos de revolução entristece nosso coração, oprime nossos movimentos, abusam de nosso talento, não por sua superioridade, mas por essa hostilidade que só provoca dor nas almas doces e só faz sofrer aqueles que não a merecem.

Enfim, levantemo-nos sob o peso da existência, não concedamos a nossos injustos inimigos, a nossos amigos ingratos, o triunfo de terem abatido nossas faculdades intelectuais. Eles reduzem à procurar a glória esses que se contentariam com afecções: pois bem! É preciso alcançá-la. Esses ensaios ambiciosos não serão absolutamente remédio para as penas da alma; mas eles honrarão a vida. Consagrá-la à esperança, sempre enganada, por felicidade significa fazer dela ainda mais desafortunada. Vale mais reunir todos os seus esforços para, com alguma nobreza, com alguma reputação, descer a rota que conduz da juventude à morte.

Da importância da literatura em suas relações com a virtude

A perfeita virtude é o belo ideal do mundo intelectual.* Há algumas relações entre a impressão que ela produz sobre nós e o sentimento que tudo o que é sublime provoca, seja nas belas-artes, seja na natureza física. As proporções regulares das estátuas antigas, a expressão calma e pura de certos quadros, a harmonia da música, o aspecto de um belo lugar em um campo fecundo, nos transportam de um entusiasmo que tem analogia com a admiração que inspira o espetáculo das ações honestas. As bizarrices, inventadas ou naturais, surpreendem por um momento a imaginação; mas o pensamento só repousa na ordem. Quando se quis dar uma ideia da vida por vir, disse-se que o espírito do homem retornaria ao seio de seu criador: isso é pintar algo da emoção que se experimenta quando após longas desordens das paixões, entendemos, de repente, essa magnífica língua da virtude, do orgulho, da piedade, e percebemos ainda que nossa alma inteira é a isso sensível.

A literatura só esgota suas belezas duráveis na moral mais delicada. Os homens podem abandonar suas ações ao vício, mas nunca seu julgamento. Não é dado a nenhum poeta, qualquer que seja seu talento, de fazer surgir um efeito trágico de uma situação que admitiria em princípio uma imoralidade. A opinião, tão vacilante sobre os acontecimentos reais da vida, toma um caráter de fixidez quando se lhe apresenta para julgar quadros da imaginação. A crítica literária é muito frequentemente um tratado de moral. Os escritores

* O termo "intelectual" foi inserido aqui no lugar da palavra "moral", constante da primeira edição.

distintos, livrando-se apenas ao impulso de seu talento, descobrirão o que há de mais heroico na abnegação, de mais tocante nos sacrifícios. Estudar a arte de emocionar os homens é aprofundar os segredos da virtude.

As obras-primas da literatura, independentemente dos exemplos que apresentam, produzem um tipo de comoção moral e física, um choque de admiração que nos dispõe às ações generosas. Os legisladores gregos davam uma alta importância ao efeito que uma música guerreira ou voluptuosa podia produzir. A eloquência, a poesia, as situações dramáticas, os pensamentos melancólicos agem também sobre os órgãos, ainda que elas se enderecem à reflexão. A virtude se torna então uma impulsão involuntária, um movimento que passa no sangue e nos* sacode irresistivelmente como as paixões mais imperiosas. Deve-se lamentar que os escritos que aparecem em nossos dias não excitam mais tão frequentemente esse nobre entusiasmo. O gosto se forma sem dúvida pela leitura de todas as obras-primas já conhecidas em nossa literatura; mas nós nos acostumamos a isso desde a infância; cada um de nós é tocado por suas belezas em épocas diferentes e recebe isoladamente a impressão que elas devem produzir. Se nós assistíssemos em massa as primeiras representações de uma tragédia digna de Racine, se nós lêssemos Rousseau, se nós escutássemos Cícero se fazendo ouvir pela primeira vez no meio de nós, o interesse da surpresa e da curiosidade fixaria a atenção sobre verdades negligenciadas; e o

* Optamos por traduzir para a primeira pessoa do plural a maior parte das ocorrências em que a autora usa a segunda pessoa do plural. Nesses casos em específico, Staël quer dialogar diretamente com o seu leitor, mas sempre trata de questões próprias a todos os seres humanos. Pareceu-nos a opção pela primeira pessoa do plural mais elegante em nossa língua.

talento comandando, como um mestre, todos os espíritos, daria à moral um pouco do que ele recebeu dela; ele restabeleceria o cultuo ao qual ele deve sua inspiração.

Existe uma tal conexão entre todas as faculdades do homem que, ao aperfeiçoar seu gosto em literatura, age-se sobre a elevação de seu caráter: experimenta-se em si mesmo qualquer impressão da linguagem da qual se serve; as imagens que ela nos traça modificam nossas disposições. A cada vez que, chamado a escolher entre diferentes expressões, o escritor ou o orador se determina para aquela que evoca a ideia mais delicada, seu espírito escolhe entre essas expressões, como sua alma deveria se decidir nas ações da vida; e esse primeiro hábito pode conduzir ao outro.

O sentimento do belo intelectual, à medida que ele se aplica aos objetos da literatura, deve inspirar repugnância por tudo o que é vil e feroz; e essa aversão involuntária é uma garantia quase tão certa quanto os princípios refletidos.

É vergonhoso ter de justificar o espírito, por parecer tão evidente, logo à primeira vista, que tê-lo deve ser uma grande vantagem. No entanto, divertiram-se algumas vezes, por um tipo de abuso do espírito, em nos mostrar seus inconvenientes. Apenas um equívoco de palavras deu alguma aparência de razão a esse paradoxo. O verdadeiro espírito não é outra coisa senão a faculdade de bem ver; o senso comum é muito mais espírito do que são as ideias falsas. Ter mais bom senso é ter mais espírito; o gênio é o bom senso aplicado às ideias novas. O gênio aumenta o tesouro do bom senso; ele o conquista para a razão. O que ele descobre hoje será em pouco tempo conhecido por muitos, porque as verdades

importantes uma vez descobertas, tocam todo mundo quase igualmente. Os sofismas, as visadas chamadas engenhosas, mas que careçam de justeza, tudo o que diverge enfim, deve ser unicamente considerado como uma falha. O espírito, pois, quando está assim assimilado com a razão superior, só pode prejudicá-la. Encorajar o espírito em uma nação, chamar para os empregos públicos os homens que têm espírito, isso faz prosperar a moral.

Atribui-se frequentemente ao espírito todas as faltas devidas a não se ter espírito suficiente. As meia-reflexões, as meia-compreensões, confundem o homem sem esclarecê-lo. A virtude é, ao mesmo tempo, uma afecção da alma e uma verdade demonstrada; é preciso senti-la ou compreendê-la. Mas se considerarmos, do raciocínio, aquilo que confunde o espírito, sem alcançar o que nele poderia ter lugar, não são as qualidades que possuímos que fazem com que nos percamos, mas são as que nos faltam. Para todos os infortúnios humanos, procuremos o remédio mais alto. Se desviarmos nossos olhares para o céu, nossos pensamentos se enobrecem: é ao que se elevar que se encontra o ar mais puro, a luz mais brilhante. Excite o homem enfim para todos os tipos de superioridade, eles servirão todos ao aperfeiçoamento de sua moral. Os grandes talentos obtêm aplausos e uma bondade que leva à doçura da alma daqueles que os possuem. Vejam os homens cruéis; eles são, para a maior parte, desprovidos de faculdades distintas. O acaso mesmo marcou suas figuras com algumas desvantagens repugnantes; eles se vingam sobre a ordem social do que a natureza lhes recusou. Eu me confio sem medo àqueles que devem estar contentes com o destino, àqueles que podem, de

alguma maneira, merecer o sufrágio dos homens. Mas aquele que não saberia obter de seus semelhantes nenhum testemunho de aprovação voluntária, qual interesse ele tem para a conservação da raça humana? Aquele que o universo admira precisa do universo.

Repetiu-se frequentemente que os historiadores, os autores cômicos, todos que, enfim, estudaram os homens para pintá-los, tornam-se indiferentes ao bem e ao mal. Um certo conhecimento dos homens pode produzir um tal efeito; um conhecimento mais aprofundado conduz ao resultado contrário. Aquele que pinta os homens como Saint-Simon ou Duclos só acrescenta algo à leveza de suas opiniões e de seus costumes; mas aquele que os julgariam como Tácito seria necessariamente útil a seu século. A arte de observar os caráteres, de explicar seus motivos, de fazer aparecer suas cores, tem um tal poder sobre a opinião que, em todo país onde a liberdade de imprensa está estabelecida, nenhum homem público, nenhum homem conhecido resistiria ao desprezo, se o talento o lhe infligisse. Que belas formas de indignação o crime não fez descobrir à eloquência! Que potência vingadora de todos os sentimentos generosos! Nada pode igualar a impressão que certos movimentos da alma ou retratos energicamente traçados fazem experimentar. Os quadros do vício deixam uma lembrança inesquecível, quando são a obra de um escritor profundamente observador.* Ele analisa sentimentos íntimos, detalhes desapercebidos; e frequentemente uma expressão enérgica se liga à vida de um homem culpado e constitui unidade com ele no julgamento do público. Há uma

* Essas duas últimas palavras entram aqui no lugar de "penetrante", constante na primeira edição.

utilidade moral do talento literário nesse opróbio impresso sobre as ações, pela arte de pintá-las.[10]

Resta-me falar da objeção que se pode encontrar nas obras onde se pintou com talento costumes condenáveis. Sem dúvida tais escritos poderiam incomodar a moral se eles produzissem uma profunda impressão; mas eles não deixam nunca mais do que um traço ligeiro e os sentimentos verdadeiros o apagam bem facilmente.[*] As obras alegres são, em geral, um simples divertimento do espírito, do qual ele conserva muito pouca lembrança. A natureza humana é séria e no silêncio da meditação só se procura os escritos racionais ou sensíveis. É nesse gênero apenas que a glória literária foi adquirida e que se pode reconhecer sua verdadeira influência.

Poder-se-ia dizer que a carreira das letras tira o homem do caminho, dos seus deveres domésticos e dos serviços políticos que ele poderia prestar ao seu país? Nós não temos mais exemplos dessas repúblicas que davam a cada cidadão sua parte de influência sobre o destino da pátria; nós estamos ainda muito longe dessa vida patriarcal que concentrava todos os sentimentos no interior de sua família. No estado atual da Europa, o progresso da literatura deve servir ao desenvolvimento de todas as ideias generosas. O que se poderia colocar no lugar desses progressos não seriam nem virtudes

---

[10] Sem dúvida poder-se-ia opor à utilidade que se pode esperar da publicidade do verdadeiro, os desprezíveis libelos pelos quais a França foi infectada; mas eu só quis falar dos serviços que se deve esperar do talento; e o talento receia de se sujar pela mentira: ele receia tudo confundir, pois ele perderia então sua posição dentre os homens. Em todas as coisas, o que é tranquilizante é a superioridade; e o que é preciso temer são todas as faltas que surgem da pobreza do espírito ou da alma.

[*] Após essa frase, na primeira edição se encontrava a seguinte: "O enternecimento é para o amor o que a estima é para a virtude; e como não se pode obter nenhuma estima sem moralidade, não se pode fazer derramar nenhuma lágrima sem delicadeza".

públicas nem afecções privadas, mas os mais ávidos cálculos do egoísmo ou da vaidade.

A maior parte dos homens, assustada com as vicissitudes terríveis das quais os acontecimentos políticos nos ofereceram o exemplo, perdeu agora todo interesse no aperfeiçoamento deles mesmos e está machucada demais pelo poder do acaso para crer no ascendente das faculdades intelectuais. Se os franceses procurassem obter de novo o sucesso na carreira literária e filosófica, isso seria um primeiro passo em direção à moral; o prazer mesmo causado pelo sucesso do amor-próprio formaria alguns laços entre os homens. Nós sairíamos gradualmente do mais assustador período do espírito público, o egoísmo do estado de natureza combinado com a ativa multiplicidade dos interesses da sociedade, a corrupção sem cortesia, a grosseria sem franqueza, a civilização sem luzes, a ignorância sem entusiasmo; enfim, esse tipo de *desilusão*, doença de alguns homens superiores, que os espíritos limitados creem terem alcançado quando, completamente ocupados de si mesmos, se sentem indiferentes aos infortúnios dos outros.

Da Literatura em suas relações com a glória

Se a literatura pode servir utilmente à moral, ela influencia fortemente, por isso apenas, também sobre a glória; pois não há absolutamente glória durável em um país onde não existiria nenhuma moral pública. Se a nação não adotar princípios invariáveis como base de sua opinião, se cada indivíduo não for fortificado em seu julgamento pela certeza de que esse julgamento está de acordo

com o assentimento universal, as reputações brilhantes seriam apenas acidentes se sucedendo ao acaso uns aos outros. O brilho de algumas ações poderia impressionar; mas é preciso uma progressão nos sentimentos para chegar ao mais sublime de todos, a admiração. Só podemos julgar comparando. A estima, a aprovação, o respeito, são graus necessários ao poder do entusiasmo. A moral coloca os fundamentos sobre os quais a glória pode se elevar e a literatura, independentemente de sua aliança com a moral, contribui ainda, de uma maneira mais direta, para a existência dessa glória, nobre encorajamento de todas as virtudes públicas.

O amor pela pátria é uma afecção puramente social. O homem criado pela natureza para as relações domésticas, só leva sua ambição além pela irresistível atração da estima geral; e é sobre essa estima, formada pela opinião, que o talento de escrever tem a maior influência. Em Atenas, em Roma, nas cidades dominantes do mundo civilizado, falando na praça pública, dispunham-se as vontades de um povo e o destino de todos; em nossos dias, é pela leitura que os acontecimentos se preparam e que os julgamentos se esclarecem. O que seria de uma nação numerosa se os indivíduos que a compõem não se comunicassem com o apoio da imprensa? A associação silenciosa de uma multidão de homens não estabeleceria nenhum ponto de contato do qual a luz poderia jorrar e a massa não se enriqueceria jamais dos pensamentos dos homens superiores.

Como a espécie humana se renova* sempre, um indivíduo só pode desaparecer na opinião; e para que essa opinião exista, é

* Na primeira edição, o que parece ter sido um erro, encontrava-se aqui "se recruta".

preciso ter um meio de se fazer ouvir à distância, de se reunir pelas ideias e os sentimentos geralmente aprovados. Os poetas, os moralistas caracterizam com antecedência a natureza das belas ações; o estudo das letras coloca uma nação em estado de recompensar seus grandes homens, a instruindo para julgá-los segundo seu valor relativo. A glória militar existiu nos povos bárbaros. Mas não se pode nunca comparar a ignorância com a degradação; um povo que foi civilizado pelas luzes, se ele recai na indiferença para o talento e para a filosofia, torna-se incapaz de toda espécie de sentimento vivo; lhe resta um tipo de espírito de aviltamento que o leva, o que quer que aconteça, a recusar a admiração; ele teme se enganar com os elogios e crê, como os jovens que pretendem ter um bom ar, ter-se mais honra em criticar com injustiça do que em aprovar muito facilmente. Um tal povo está, então, em uma disposição quase sempre despreocupada; a frieza da idade parece alcançar a nação inteira: sabe-se disso bastante para não se ficar surpreso; não se adquiriu suficiente conhecimento para diferenciar com certeza o que merece a estima; muitas ilusões são destruídas sem que nenhuma verdade seja estabelecida; cai-se na infância por velhice, na incerteza por raciocínio; o interesse mútuo não existe mais: fica-se nesse estado que Dante chamava de *o inferno dos indiferentes.* Aquele que procura se distinguir inspira logo uma cautela desfavorável; o público doente fica de antemão cansado por quem quer obter ainda um sinal dele.

Quando uma nação adquire a cada dia novas luzes, ela adora os grandes homens como seus precursores na rota que ela deve percorrer; mas quando ela se sente retroceder, o pequeno número

de espíritos superiores que escapam de sua decadência lhe parece, por assim dizer, enriquecido por seus despojos. Ela não tem mais interesse comum com o sucesso deles; eles só lhe fazem experimentar o sentimento de inveja.

A disseminação de ideias e de conhecimentos que produziu entre os europeus a destruição da escravidão e a descoberta da imprensa, essa disseminação deve levar ou a progressos sem fim ou ao esgotamento completo das sociedades. Se a análise volta até o verdadeiro princípio das instituições, ela dará um novo grau de força às verdades que ela terá conservado; mas essa análise superficial, que decompõe as primeiras ideias que se apresentam sem examinar o objeto inteiro, essa análise enfraquece necessariamente o móbil das opiniões fortes. No meio de uma nação indecisa e blasé, a admiração profunda seria impossível; e os sucessos militares mesmo não poderiam obter uma reputação imortal, se as ideias literárias e filosóficas não tornassem os homens capazes de sentir e de consagrar a glória aos heróis.

Não é verdade que um grande homem tem mais brilho, sendo o único célebre, do que envolvido por nomes famosos que lhe colocam no primeiro lugar dentre todos. Disseram em política que um rei não podia subsistir sem nobreza ou sem reconhecimento de seus pares; na corte da opinião, é preciso também que as gradações das classes garantam a supremacia. O que é um conquistador opondo bárbaros a bárbaros na noite da ignorância? César só é tão famoso na história porque ele decidiu o destino de Roma e porque em Roma havia Cícero, Salústio, Catão, tantos talentos e tantas virtudes que subjugavam a espada de um único homem. Por trás de

Alexandre se elevava ainda a sombra da Grécia. É preciso, para o brilho dos guerreiros ilustres, que o país ao qual eles servem seja enriquecido por todos os dons do espírito humano. Eu não sei se o poder do pensamento deve destruir um dia a catástrofe da guerra; mas antes desse dia é ainda ela, é a eloquência e a imaginação, é a filosofia mesma que mostrar a importância das ações guerreiras. Se deixarmos tudo se apagar, tudo se degradar, a força poderá dominar; mas nenhum brilho verdadeiro a cobrirá; os homens serão mil vezes mais degradados pela perda da emulação do que pelos furores invejosos dos quais a glória ao menos era ainda o objeto.

Da literatura em suas relações com a liberdade

A liberdade, a virtude, a glória, as luzes, esse cortejo imponente do homem em sua dignidade natural, essas ideias aliadas entre elas, e cuja origem é a mesma, não poderiam existir isoladamente. O complemento de cada uma está na reunião de todas. As almas que se deleitam em religar o destino do homem a um pensamento divino, veem nesse conjunto, nessa relação íntima entre tudo o que é bom, uma prova a mais da unidade moral, da unidade da concepção que dirige esse universo.

Os progressos da literatura, isto é, o aperfeiçoamento da arte de pensar e de se exprimir, são necessários ao estabelecimento e à conservação da liberdade. É evidente que as luzes são tanto mais indispensáveis em um país quando todos os cidadãos que a habitam têm uma parte mais imediata na ação do governo. Mas o que é igualmente verdadeiro é que a igualdade política, princípio inerente

a toda constituição filosófica, só pode subsistir se classificarmos as diferenças de educação com ainda mais cuidado que o feudalismo não tinha com suas distinções arbitrárias. A pureza da linguagem, a nobreza das expressões, imagem do orgulho da alma, são necessárias sobretudo em um estado fundado sobre bases democráticas. Alhures, certas barreiras artificiais impedem a confusão total entre as diversas educações; mas quando o poder só repousa sobre a suposição do mérito pessoal, qual interesse não se deve ter em conservar para esse mérito todos os seus caráteres exteriores!

Em um estado democrático, é preciso sem cessar temer que o desejo por popularidade leve à imitação dos costumes vulgares; logo persuade-se-ria que é inútil e quase perigoso ter uma superioridade acentuada demais sobre a multidão que se quer cativar. O povo se acostumaria a escolher magistrados ignorantes e grosseiros; esses magistrados asfixiariam as luzes; e, por um círculo inevitável, a perda das luzes levaria de volta o povo à submissão.

É impossível que, em um estado livre, a autoridade pública possa passar por cima do consentimento verdadeiro dos cidadãos que ela governa. A racionalidade e a eloquência são os laços naturais de uma associação republicana. O que podemos sobre a vontade livre dos homens, se não tivermos essa força, essa verdade de linguagem que penetra as almas e lhes inspira o que ela exprime? Se os homens chamados a dirigir o estado não têm absolutamente o segredo de persuadir os espíritos, a nação não se esclarece de modo algum e os indivíduos conservam, sobre todos os assuntos públicos, a opinião que o acaso fez nascer em suas cabeças. Um dos principais motivos

para lamentar a perda da eloquência é que uma tal perda isolaria os homens entre eles, livrando-os unicamente a suas impressões pessoais. É preciso oprimir quando não se sabe convencer; em todas as relações políticas entre governantes e governados, uma qualidade a menos exige uma usurpação a mais.

Instituições novas devem formar um espírito novo nos países que se quer tornar livres. Mas como poderíamos nada fundar na opinião sem o socorro dos escritores distintos? É preciso fazer nascer o desejo, ao invés de comandar a obediência; e quando com razão o governo deseja que tais instituições sejam estabelecidas, ele deve manejar suficientemente a opinião pública para que ela tenha o ar de concordar com o que ele deseja. Há apenas escritos bem-feitos que possam, com o tempo, dirigir e modificar certos hábitos nacionais. O homem tem, no segredo de seu pensamento, um asilo de liberdade impenetrável à ação da força; os conquistadores tomaram com frequência os costumes dos vencidos: a convicção sozinha mudou os antigos costumes. É pelos progressos da literatura que se pode combater eficazmente os velhos preconceitos. Os governos, nos países tornados livres, precisam, para destruir os antigos erros, do ridículo que faz deles se afastarem os jovens, da convicção que deles faz se desligar a idade madura; eles precisam, para fundar novos estabelecimentos, excitar a curiosidade, a esperança, o entusiasmo, os sentimentos criadores, enfim, que fizeram nascer tudo o que existe, tudo o que dura; e é na arte de falar e de escrever que se encontram os únicos meios de inspirar esses sentimentos.

A atividade necessária a todas as nações livres se exerce pelo espírito de facção, se o crescimento das luzes não é o objeto do interesse universal, se essa ocupação não apresentar uma carreira aberta a todos, que possa excitar a ambição geral. É preciso, aliás, um estudo constante da história e da filosofia, para aprofundar e para distribuir o conhecimento dos direitos e dos deveres dos povos e de seus magistrados. A razão só serve, nos impérios despóticos, para a resignação individual; mas, nos estados livres, ela protege o repouso e a liberdade de todos.

Dentre os diversos desenvolvimentos do espírito humano, é a literatura filosófica, é a eloquência e a racionalidade que eu considero como a verdadeira garantia da liberdade. As ciências e as artes são uma parte muito importante dos trabalhos intelectuais; mas suas descobertas, mas seus sucessos não exercem nenhuma influência imediata sobre essa opinião pública que decide o destino das nações. Os geômetras, os físicos, os pintores e os poetas receberiam encorajamentos sob o reino dos reis todo-poderosos, enquanto a filosofia política e religiosa pareceria a tais mestres a mais duvidosa das insurreições.

Aqueles que se dedicam ao estudo das ciências positivas, ao não encontrarem nada em seu caminho das paixões dos homens, se acostumam a só considerar o que é suscetível de uma demonstração matemática. Os eruditos classificam quase sempre dentre as ilusões o que não pode ser submetido à lógica do cálculo. Eles avaliam, de início, a força do governo, qualquer que ele seja; e como eles não formam outro desejo que não o de se dedicar em paz à atividade de seus trabalhos, eles são levados à obediência diante da autoridade

que domina. A meditação profunda que exigem as combinações das ciências exatas, desvia os eruditos de se interessarem pelos acontecimentos da vida; e nada convém melhor aos monarcas absolutos do que homens tão profundamente ocupados com as leis físicas do mundo, que eles abandonem a ordem moral a quem quiser dela se ocupar. Sem dúvida as descobertas das ciências devem, com o tempo, dar uma nova força a essa alta filosofia[11] que julga os povos e os reis; mas esse futuro distante não assusta nem um pouco os tiranos: viu-se muitos deles protegerem as ciências e as artes; todos temeram os inimigos naturais da proteção, os pensadores e os filósofos.

A poesia é, de todas as artes, aquela que pertence de mais perto à razão. Contudo, a poesia não admite nem a análise nem o exame que serve para descobrir e propagar as ideias filosóficas. Aquele que

---

[11] [Nota da segunda edição]: Perguntaram-me qual definição eu dou à palavra *filosofia* da qual me servi várias vezes no curso desta obra. Antes de responder a essa questão, que me seja permitido transcrever aqui uma nota de Rousseau, no segundo livro de seu *Emílio*: "Eu refleti cem vezes ao escrever sobre ser impossível, em uma longa obra, dar sempre o mesmo sentido às mesmas palavras. Não há língua suficientemente rica para fornecer tantos termos, maneiras e frases quanto nossas ideias podem ter de modificações. O método de definir todos os termos e de substituir sem cessar o definido pela definição é bela, mas impraticável; pois como evitar o círculo? As definições poderiam ser boas se não empregássemos palavras para dá-las. Apesar disso, eu estou persuadido que se pode ser claro, mesmo na pobreza de nossa língua, não dando sempre as mesmas acepções às mesmas palavras, mas fazendo de tal maneira que nas tantas vezes em que se empregue a mesma palavra que a acepção lhe damos seja suficientemente determinada pelas ideias que a ela se relacionam e que cada período no qual essa palavra se encontre lhe sirva, por assim dizer, como definição". Após ter citado essa opinião de um grande mestre contra as definições, eu direi que eu não dou nunca à palavra filosofia, no curso desta obra, o sentido que seus detratores quiseram lhe dar em nossos dias, seja opondo a filosofia às ideias religiosas, seja chamando de filosóficos sistemas puramente sofísticos. Eu entendo por filosofia o conhecimento geral das causas e dos efeitos na ordem moral ou na natureza física, a independência da razão, o exercício do pensamento; enfim, na literatura, as obras que se referem à reflexão ou à análise, e que não são unicamente o produto da imaginação, do coração ou do espírito.

quisesse enunciar uma nova e ousada verdade, escreveria de preferência na língua que diz exata e precisamente o pensamento; ele procuraria antes convencer pelo raciocínio do que impressionar pela imaginação.* A poesia foi com mais frequência consagrada a elogiar do que a censurar o poder despótico.** As belas-artes, em geral, podem algumas vezes contribuir, por seu gozo mesmo, a formar sujeitos tais que os tiranos lhes desejem. As artes podem distrair o espírito pelos prazeres de cada dia, de todo pensamento dominante; elas reconduzem os homens para as sensações e elas inspiram à alma uma filosofia voluptuosa, uma despreocupação refletida, um amor pelo presente, um esquecimento do futuro muito favorável à tirania. Por um contraste singular, as artes, que fazem apreciar a vida, trazem bastante indiferença à morte. Só as paixões prendem fortemente à existência, pela vontade ardente de alcançar seus fins; mas essa vida consagrada aos prazeres, diverte sem cativar; ela prepara à embriaguez, ao sono, à morte. Nas épocas famosas pelas proscrições sanguinárias, os romanos e os franceses se livravam aos divertimentos públicos com o mais vivo zelo; enquanto nas repúblicas felizes, as afecções domésticas, as ocupações sérias, o amor pela glória, desviam com frequência o espírito do gozo mesmo das belas-artes. A única potência literária que faz tremer todas as autoridades injustas é a eloquência generosa, é a filosofia independente, que julga no tribunal do pensamento todas as instituições e todas as opiniões humanas.

---

* Na primeira edição constava: "ele procuraria o ascendente da evidência, mais ainda do que os ornamentos da imaginação".
** Na primeira edição constava: "a elogiar o poder do que a derrubá-lo".

A influência demasiado grande do espírito militar é também um iminente perigo para os estados livres; e só se pode prevenir um tal perigo pelo progresso das luzes e do espírito filosófico. O que permite aos guerreiros ter algum desdenho sobre os homens das letras é que seus talentos não estão sempre reunidos à força e à verdade do caráter. Mas a arte de escrever seria também uma arma, a palavra seria também uma ação, se a energia da alma a elas se apresentasse inteira, se os sentimentos se elevassem à altura das ideias e se a tirania se visse assim atacada por tudo o que a condena, a indignação generosa e a razão inflexível. A consideração, então, não seria exclusivamente ligada aos feitos militares*: o que necessariamente expõe a liberdade.

A disciplina bane toda espécie de opinião nas tropas. Sobre isso, seu espírito de corpo tem algumas relações com o dos padres; ele exclui do mesmo modo a racionalidade, admitindo como única regra a vontade dos superiores. O exercício contínuo da força extrema das armas acaba por inspirar o desprezo pelos progressos lentos da persuasão. O entusiasmo que inspiram vencedores generosos é totalmente independente da justiça da causa que eles sustentam. O que impressiona a imaginação é a decisão do destino, é o sucesso do valor. Ganhando batalhas, pode-se submeter os inimigos da liberdade; mas para fazer adotar no interior os princípios dessa liberdade mesma, é preciso que o espírito militar se apague; é preciso que o pensamento, reunido às qualidades guerreiras, à coragem, ao ardor, à decisão, faça nascer na alma dos homens alguma coisa de espontâneo, de voluntário, que se apaga neles quando veem durante

* Na primeira edição constava "talentos militares".

muito tempo o triunfo da força. O espírito militar é o mesmo em todos os séculos e em todos os países; ele não caracteriza de modo algum a nação, ele não liga de modo algum o povo a tal ou tal instituição. Ele é igualmente propício para defendê-los todos. A eloquência, o amor pelas letras e pelas belas-artes,* a filosofia, podem, elas apenas, fazer de um território uma pátria, dando à nação que o habita os mesmos gostos, os mesmos hábitos e os mesmos sentimentos. A força independe do tempo e quebra a vontade; mas por isso mesmo ela não pode fundar nada entre os homens. Repetiu-se frequentemente na revolução francesa que seria preciso despotismo para estabelecer a liberdade. Juntaram-se palavras para um contrassenso do qual se fez uma frase; mas essa frase não muda nada da verdade das coisas. As instituições estabelecidas pela força imitariam tudo da liberdade, exceto seu movimento natural; as formas nelas estariam como nesses modelos que nos assustam pela semelhança: encontramos nelas tudo, menos a vida.

Da Literatura em suas relações com a felicidade

Quase se perdeu de vista a ideia da felicidade no meio dos esforços que pareciam inicialmente tê-la por objeto; e o egoísmo, escondendo de cada um o auxílio dos outros, muito diminuiu a parte de felicidade que a ordem social prometia a todos. Em vão as almas sensíveis quereriam exercer em torno delas sua bondade expansiva; dificuldades intransponíveis colocariam um obstáculo contra esse

* O trecho "o amor pelas letras e pelas belas-artes" foi acrescentado nesta segunda edição.

generoso desígnio: a opinião mesma o condenaria; ela acusa aqueles que procuram sair dessa esfera de personalidade que cada um quer conservar como seu asilo inviolável. É preciso, pois, existir só, porque é proibido socorrer o infortúnio e não se pode mais encontrar a afecção. É preciso existir só, para conservar em seu pensamento o modelo de tudo o que é grande e belo, para guardar em seu seio o fogo sagrado de um entusiasmo verdadeiro e a imagem da virtude, tal como a meditação livre nos a representará sempre e tal como a descreveram os homens distintos de todas as épocas. O que nos tornaríamos em um mundo, se não se ouvisse nunca falar a língua dos sentimentos bons e generosos? Levaríamos a emoção ao meio dos seres egoístas, a razão imparcial lutaria em vão contra os sofismas do vício e a séria piedade seria deixada sem cessar a todos os desdéns da cruel frivolidade.* Talvez acabar-se-ia por perder até a estima de si. O homem tem a necessidade de se apoiar sobre a opinião do homem; ele não ousa se fiar inteiramente no sentimento de sua consciência;** ele confessa sua loucura se ele não vê nada de parecido a ele próprio; e tal é a fraqueza da natureza humana, tal é sua dependência da sociedade, que o homem poderia quase se arrepender de suas qualidades como sendo defeitos involuntários se a opinião geral concordasse em depreciá-las: mas ele tem o recurso, em sua inquietude, de seus livros, monumentos

---

* Essas duas frases foram reformuladas a partir de uma única que constava na primeira edição como se segue: "O que nos tornaríamos em um mundo, se não se ouvisse nunca falar a língua dos sentimentos bons e generosos, se levássemos a emoção ao meio dos seres egoístas, se a razão imparcial lutasse em vão contra os sofismas do vício e se a séria piedade fosse deixada sem cessar a todos os desdéns da cruel frivolidade?".

** Essa oração substituiu a que, na primeira edição, era a seguinte: "ele teme tomar seu amor-próprio por sua consciência".

dos melhores e dos mais nobres sentimentos de todos as eras. Se ele ama a liberdade, se esse nome de república, tão poderoso sobre as almas orgulhosas, se reúne em seu pensamento com a imagem de todas as virtudes, algumas Vidas de Plutarco, uma carta de Brutus a Cícero, palavras de Catão de Útica na língua de Addison,* reflexões que o ódio da tirania inspirava a Tácito, os sentimentos recolhidos ou supostos pelos historiadores e pelos poetas elevam a alma que os acontecimentos contemporâneos matam. Um caráter elevado volta a ficar contente de si mesmo se ele se sente em acordo com os sentimentos nobres, com as virtudes que a imaginação escolheu, quando ela quis traçar um modelo para todos os séculos. Quantas consolações nos são dadas pelos escritores de um talento superior e de uma alma elevada!** Os grandes homens da primeira antiguidade, se fossem caluniados durante suas vidas, só tinham o socorro deles próprios; mas, para nós, é o Fédon de Sócrates, são as mais belas obras-primas da eloquência que sustentam nossa alma em seus reveses. Os filósofos de todos os países nos exortam e nos encorajam; e a linguagem*** penetrante da moral e do conhecimento íntimo do coração humano parece se endereçar pessoalmente a todos que ela consola.

Como é humano, como é útil relacionar à literatura, à arte de pensar, uma alta importância! A forma do que é bom e justo não desaparecerá mais; o homem que a natureza destina à virtude não carecerá mais de guia; enfim (e esse bem é infinito), a dor poderá sempre experimentar uma saudável ternura. Essa tristeza árida que

---

* Joseph Addison, autor de *Caton* de 1713.
** Na primeira edição constava "[...] pelos escritos de um certo tipo!".
*** Na primeira edição: "e essa língua".

nasce do isolamento, essa mão gelada que o infortúnio pesa sobre nós, quando cremos não excitar nenhuma piedade, nós somos ao menos preservados pelos escritos conservadores das ideias, das afecções virtuosas. Esses escritos fazem escorrer lágrimas em todas as situações da vida; eles elevam a alma a meditações gerais que desviam o pensamento das penas individuais; eles criam para nós uma sociedade, uma comunicação com os escritores que não são mais, com aqueles que existem ainda, com os homens que admiram, como nós, o que nós lemos. Nos desertos do exílio, no fundo das prisões, próximo à hora de perecer, tal página de um autor sensível levantou talvez uma alma abatida; eu que a leio, eu que ela toca, creio encontrar nela ainda um traço de algumas lágrimas; e por emoções parecidas tenho alguma relação com aqueles cujo destino lamento tão profundamente. Na calma, na felicidade, a vida é um trabalho fácil; mas não se sabe como, no infortúnio, certos pensamentos, certos sentimentos que mexeram com nosso coração, fazem época na história de nossas impressões solitárias. Só o que pode aliviar a dor é a possibilidade de chorar sobre seu destino, de tomar para si esse tipo de interesse que faz de nós dois seres por assim dizer separados, dos quais um tem piedade do outro. Essa salvação do infortúnio só pertence ao homem virtuoso. Quando o criminoso experimenta a adversidade, ele não pode fazer nenhum bem para si mesmo por suas próprias reflexões; tanto que um verdadeiro remorso não o recoloca em uma disposição moral, tanto que ele conserva o amargo do crime, ele sofre cruelmente: mas nenhuma palavra doce pode se fazer ouvir nos abismos de seu coração. O desafortunado que, pelo concurso de algumas calúnias propagadas,

é de repente acusado por todos, estaria quase também na situação de um verdadeiro culpado, se ele não encontrasse algum socorro nesses escritos que o ajudam a se reconhecer, que lhe fazem acreditar em seus semelhantes e lhe dão a garantia de que em alguns recantos da Terra, existiram seres que se sensibilizariam com ele e se compadeceriam com afecção, se ele pudesse voltar-se a eles.

Como são preciosas essas linhas sempre vivas que servem ainda de amigo, de opinião pública e de pátria! Nesse século em que tantos infortúnios pesaram sobre a espécie humana, que possamos possuir um escritor que recolha com talento todas as reflexões melancólicas, todos os esforços refletidos que foram de algum socorro para os infortunados em sua passagem: então ao menos nossas lágrimas serão fecundas!

O viajante que a tempestade fez naufragar sobre praias inabitadas, grava sobre a rocha o nome dos alimentos que ele descobriu, indica onde estão os recursos que ele empregou contra a morte, a fim de ser útil um dia àqueles que sofrerão o mesmo destino. Nós, que o acaso da vida jogou na época de uma revolução, nós devemos às gerações futuras o conhecimento íntimo desses segredos da alma, dessas consolações inesperadas, das quais a natureza conservadora se serviu para nos ajudar a atravessar a existência.

Plano da Obra

Depois de ter reunido algumas ideias gerais que mostram o poder que a literatura pode exercer sobre o destino do homem, eu vou desenvolvê-las pelo exame sucessivo das principais épocas célebres na história das letras. A primeira parte dessa obra conterá uma análise moral e filosófica da literatura grega e latina; algumas reflexões sobre as consequências que resultaram, para o espírito humano, das invasões dos povos do Norte, do estabelecimento da religião cristã e do renascimento das letras: uma visada rápida dos traços distintivos da literatura moderna e observações mais detalhadas sobre as obras-primas da língua italiana, inglesa, alemã e francesa, consideradas segundo o objetivo geral desta obra, isto é, segundo as relações que existem entre o estado político de um país e o espírito dominante da literatura. Eu tentarei mostrar qual é o caráter que tal ou tal forma de governo dá à eloquência, as ideias da moral que tal ou tal crença religiosa desenvolve no espírito humano, os efeitos da imaginação que são produzidos pela credulidade dos povos, as belezas poéticas que pertencem ao clima, o grau de civilização mais favorável à força ou à perfeição da literatura, as diferentes mudanças que foram introduzidas nos escritos como nos costumes, pelo modo de existências das mulheres antes e depois do estabelecimento da religião cristã, enfim, o progresso universal das luzes pelo simples efeito da sucessão do tempo; tal é o tema da primeira parte.

Na segunda, eu examinarei o estado das luzes e da literatura na França desde a revolução; e eu me permitirei conjecturas sobre o

que elas deverão ser, e sobre o que elas serão, se nós possuirmos um dia a moral e a liberdade republicana; e fundando minhas conjecturas sobre minhas observações, eu lembrarei* o que eu terei observado na primeira parte sobre a influência que exerceram tal religião, tal governo ou tais costumes, eu tirarei daí algumas consequências para o futuro que suponho. Essa segunda parte mostrará, ao mesmo tempo, nossa degradação atual e nosso melhoramento possível. Esse assunto leva necessariamente, por vezes, à situação política da França há dez anos; mas eu só a considero em suas relações com a literatura e a filosofia, sem me livrar a nenhum desenvolvimento estrangeiro a meu objetivo.

Percorrendo as revoluções do mundo e a sucessão dos séculos, há uma ideia primeira da qual não desvio nunca minha atenção; é a perfectibilidade da espécie humana.[12] Eu não penso que essa grande obra da natureza moral tenha jamais sido abandonada; nos períodos luminosos, como nos séculos das trevas, a marcha gradual do espírito humano não foi de modo algum interrompida.

Esse sistema se tornou odioso para algumas pessoas, pelas consequências atrozes que dele se tirou em algumas épocas desastrosas da revolução; mas nada, contudo, tem menos relação com tais consequências do que esse nobre sistema. Como a natureza faz os males, por vezes, servirem ao bem geral, bárbaros estúpidos

---

* Na primeira edição, após a expressão "liberdade republicana", uma nova frase se iniciava dessa maneira: "Para chegar ao desconhecido, eu me sirvo da analogia com o passado; e lembrando [...]".

[12] [Nota da segunda edição]: As ideias filosóficas dão lugar frequentemente a tantas interpretações absurdas que eu acreditei ser necessário explicar positivamente, no prefácio à segunda edição desta obra, o que eu entendo por perfectibilidade humana e do espírito humano.

se creem legisladores supremos, fazendo cair sobre a espécie humana um sem-número de infortúnios dos quais eles prometeram dirigir os efeitos e que só levaram à desventura e à destruição. A filosofia pode, às vezes, considerar as infelicidades passadas como lições úteis, como meios reparadores na mão do tempo; mas essa ideia não autoriza absolutamente a se afastar a si mesmo, em nenhuma circunstância, das leis positivas da justiça. Como o espírito humano não pode nunca conhecer o futuro com certeza, a virtude deve ser sua divinação. As sequências quaisquer das ações dos homens não poderiam nem os tornar inocentes, nem culpados; o homem tem por guia deveres fixos e não combinações arbitrárias; e a experiência mesmo provou que não se alcança o fim moral que se se propõe quando se permite meios culpados para se consegui-lo. Mas porque homens cruéis prostituíram em sua linguagem expressões generosas, se seguiria daí que não é mais permitido se ligar a pensamentos sublimes? O celerado poderia assim roubar do homem de bem todos os objetos de seu culto; pois é sempre em nome de uma virtude que se cometem os atentados políticos.

Não, nada pode separar a razão das ideias fecundas em resultados felizes. Em qual desencorajamento o espírito não cairia se ele deixasse de esperar que cada dia acrescente à massa das luzes, que a cada dia verdades filosóficas adquiram um desenvolvimento novo![*] Perseguições, calúnias, dores, eis o compartilhamento dos pensamentos corajosos e dos moralistas esclarecidos. Os ambiciosos e os ávidos, tanto procurarão deixar em desprezo a

[*] A frase foi aqui cortada pelo ponto de exclamação onde, na primeira edição, havia ponto-e-vírgula.

enganação da consciência, tanto se esforçarão em supor motivos indignos para ações generosas: eles podem apenas suportar que a moral ainda subsista; eles a perseguem no coração onde ela se refugia. A inveja dos maus se liga a esse raio luminoso que brilha ainda sobre a cabeça do homem moral. Esse brilho que suas calúnias obscurecem com frequência aos olhos do mundo não deixa nunca de ofuscar seus próprios olhares. O que se tornará o ser estimável que tantos inimigos perseguem se se quiser ainda lhe tirar a esperança mais religiosa que há sobre a Terra, a dos progressos futuros da espécie humana?

Eu adoto, com todas as minhas faculdades, essa crença filosófica: uma de suas principais vantagens é a de inspirar um grande sentimento de elevação; e eu pergunto a todos os espíritos de um certo tipo, há no mundo uma satisfação mais pura do que a elevação da alma? É por ela que existe ainda momentos nos quais todos esses homens tão baixos, todos esses cálculos tão vis desaparecem do nosso olhar. A esperança de alcançar ideias úteis, o amor pela moral, a ambição pela glória, inspiram uma força nova;* impressões vagas, sentimentos que não se pode definir inteiramente, dão charme por um momento à vida** e todo nosso ser moral se embriaga com a felicidade e o orgulho da virtude. Se todos os esforços devem ser inúteis, se os trabalhos intelectuais estavam perdidos, se os séculos os devorassem sem volta, qual objetivo o homem de bem poderia se dar em suas meditações solitárias? Nesta obra, eu volto sem cessar

* Antes essa frase era: "O futuro das ideias, o futuro da virtude, o futuro da glória, inspiram uma força nova".
** O trecho "dão charme por um momento à vida" substituiu o antigo "aliviam o peso da vida".

a tudo o que pode provar a perfectibilidade da espécie humana. Não é de modo algum uma vã teoria, é a observação dos fatos que conduz a esse resultado. É preciso se guardar da metafísica que não tem o apoio da experiência; mas não se deve esquecer que, nos séculos corrompidos, chama-se metafísica tudo o que não é tão estreito quanto os cálculos do egoísmo, tão positivo quanto as combinações do interesse pessoal.

PRIMEIRA PARTE

DA LITERATURA NOS ANTIGOS E NOS MODERNOS

CAPÍTULO I

Da primeira época da literatura dos gregos

Eu compreendo* sob a denominação de literatura, a poesia, a eloquência, a história e a filosofia ou o estudo do homem moral. Nesses diversos ramos da literatura, é preciso distinguir o que pertence à imaginação do que pertence ao pensamento: é, pois, necessário examinar até que ponto uma e outra dessas faculdades são perfectíveis; nós saberemos então qual é a principal causa da superioridade dos gregos nas belas-artes e nós veremos em seguida se seus conhecimentos em filosofia estiveram para além de sua época, de seu governo e de sua civilização.

Os sucessos surpreendentes dos gregos na literatura, e sobretudo na poesia, poderiam ser apresentados como uma objeção contra a perfectibilidade** do espírito humano. Os primeiros escritores que não são conhecidos, dir-se-ia, e em particular o primeiro poeta, não foram de modo algum ultrapassados depois de aproximadamente três milênios e com frequência os sucessores*** dos gregos permaneceram bem abaixo deles; mas essa objeção cai se só se aplica o sistema de perfectibilidade aos progressos das ideias e não às maravilhas da imaginação.****

---

* Na primeira edição, o verbo aparecia no passado. Além disso, essa frase de abertura era apenas a terceira, as duas primeiras de então tendo sido deslocadas para o início do segundo parágrafo da presente edição.
** Perfectibilidade era adjetivada aqui como "progressiva".
*** Antes constava: "os sucessores e os imitadores".
**** Toda a passagem após o ponto-e-vírgula é nova.

Pode-se marcar um fim dos progressos da arte; não se dá o mesmo com as descobertas do pensamento. Ora, na natureza moral, desde que existe um fim, a rota que conduz a ele é prontamente percorrida; mas os passos são sempre lentos em uma carreira sem limites. Essa observação me parece se aplicar ainda a muitos outros objetos além desses que são unicamente do domínio da literatura. As belas-artes não são perfectíveis ao infinito; também a imaginação, que lhes dá nascimento, é muito mais brilhante em suas primeiras impressões do que em suas lembranças mais felizes.

A poesia moderna se compõe de imagens e de sentimentos. Sob o primeiro aspecto, ela pertence à imitação da natureza; sob o segundo, à eloquência das paixões. É no primeiro gênero, é pela descrição animada dos objetos exteriores que os gregos se destacaram na mais antiga época de sua literatura. Exprimindo o que se vivencia, pode-se ter um estilo poético, recorrer a imagens para fortificar impressões; mas a poesia propriamente dita é a arte de pintar pela palavra tudo o que toca nossos olhares. A aliança dos sentimentos com as sensações é já um primeiro passo em direção à filosofia. Só se trata aqui da poesia, considerada apenas como a imitação da natureza física. Aquela outra não é suscetível de um aperfeiçoamento indefinido.

Produzimos novos efeitos pelos mesmos meios, adaptando-os a línguas diferentes. Mas o retrato não pode ir mais longe do que a semelhança e as sensações são limitadas pelos sentidos. A descrição da primavera, da tempestade, da noite, da beleza, dos combates, pode variar em seus detalhes; mas a mais forte impressão deve ter sido produzida pelo primeiro poeta que soube pintá-las. Os

elementos se combinam, mas não se multiplicam. Aperfeiçoamos pelas nuances; mas aquele que pôde conquistar, antes de todos os outros, as cores primitivas, conserva um mérito de invenção, dá a seus quadros um brilho que seus sucessores não podem alcançar.

Os contrastes da natureza, os efeitos notáveis que impressionam todos os olhos, transportados pela primeira vez na poesia, apresentam à imaginação as descrições mais enérgicas e as oposições mais simples. Os pensamentos que se acrescenta à poesia são um desenvolvimento feliz de suas belezas; mas não é a poesia mesma; Aristóteles a nomeou pela primeira vez como uma arte de imitação. O poder da razão se desenvolve e se estende a cada dia a objetos novos. Os séculos desse tipo são herdeiros dos séculos; as gerações partem do ponto onde pararam as gerações precedentes e os pensadores filosóficos formam através do tempo uma corrente de ideias que a morte não interrompe absolutamente; não ocorre o mesmo com a poesia, ela pode alcançar no primeiro lance um certo tipo de belezas que não serão nunca ultrapassadas e enquanto nas ciências progressivas o último passo é o mais impressionante de todos, o poder da imaginação é tanto mais vivo quanto o exercício desse poder é mais novo.

Os antigos eram animados por uma imaginação entusiasta, da qual a meditação não havia analisado as impressões. Eles tomavam posse da terra não ainda percorrida, não ainda descrita; surpresos com cada satisfação, com cada produção da natureza, eles colocavam nela um deus para a honrar, para dela garantir a duração. Eles escreviam sem outro modelo além dos objetos mesmos que eles retratavam; nenhuma literatura antecedente lhes servia de guia;

a exaltação poética que se ignora a si mesma tem, só por isso, um grau de força e de candura que o estudo não pode alcançar, é o charme do primeiro amor; desde que passa a existir uma outra literatura, os escritores não podem desconhecer neles mesmos os sentimentos que outros exprimiram; eles não se surpreendem mais por nada do que eles vivenciam; ele se sabem em delírio; eles se julgam entusiastas; eles não podem mais crer em uma inspiração sobrenatural.

Pode-se considerar os gregos, relativamente à literatura, como o primeiro povo que existiu: os egípcios que os precederam tiveram certamente conhecimentos e ideias, mas a uniformidade de suas regras lhes deixava, por assim dizer, imóveis sob as relações da imaginação; os egípcios não serviram de modelos para a poesia dos gregos; ela era, com efeito, a primeira de todas;[13] e longe de ser preciso se surpreender de que a primeira poesia tenha sido talvez a mais digna de nossa admiração, é a essa circunstância mesma que sua superioridade se deve.[14] Demos ainda a essa opinião alguns novos desenvolvimentos.

Examinando as três diferentes épocas da literatura dos gregos, percebe-se aí muito distintamente a marcha universal do espírito humano. Os gregos foram, inicialmente, nos tempos remotos de sua história conhecida, ilustrados por seus poetas. É Homero que caracteriza a primeira época da literatura grega: durante o século de Péricles, observa-se os rápidos progressos da arte dramática, da

---

[13] Crê-se que a poesia dos hebreus precedeu a de Homero; mas não parece que os gregos tinham dela qualquer conhecimento.

[14] [Nota da segunda edição]: Exprimir-se assim é desconhecer a admiração que os bons literatos devem aos gregos?

eloquência, da moral e os começos da filosofia: à época de Alexandre, um estudo mais aprofundado das ciências filosóficas torna-se a ocupação principal dos homens superiores nas letras. É preciso, sem dúvida, um certo grau de desenvolvimento no espírito humano, para alcançar a altura da poesia; mas essa parte da literatura deve perder, no entanto, alguns de seus efeitos, quando os progressos da civilização e da filosofia retificam todos os erros da imaginação.

Disse-se muito que as belas-artes e que a poesia prosperavam sobretudo nos séculos corrompidos; isso significa apenas que a maior parte dos povos livres só se ocupou em conservar sua moral e sua liberdade, enquanto os reis e os chefes despóticos encorajaram voluntariamente as distrações e os divertimentos. Mas a origem da poesia, mas o poema mais notável pela imaginação, o de Homero, é de um tempo renomado pela simplicidade dos costumes; não é nem a virtude nem a depravação que servem à ou prejudicam a poesia; mas ela deve muito à novidade da natureza, à infância da civilização: a juventude do poeta não pode suplantar em tudo a do gênero humano; é preciso que aqueles que escutam os cantos poéticos sejam ávidos da natureza inteira, admirados por suas maravilhas e flexíveis a suas impressões; as dificuldades que uma disposição mais filosófica apresentariam para os auditores não fariam que a arte dos versos atingisse novas belezas; é entre os homens que se emocionam facilmente que a inspiração serve melhor ao verdadeiro poeta.

A origem das sociedades, a formação das línguas, esses primeiros passos do espírito humano nos são inteiramente desconhecidos e nada é mais fatigante, em geral, do que essa metafísica que supõe

fatos ao apoio de seus sistemas e não pode nunca ter por base nenhuma observação positiva. Mas uma reflexão que eu faria, contudo, sobre esse assunto; porque ela é necessária ao assunto de que trato, é que a natureza moral adquire prontamente o que é preciso para seu desenvolvimento, com a natureza física descobre, desde o início, o que é necessário para a sua conservação. A força criadora foi pródiga do necessário. As produções nutritivas, as ideias elementares foram, por assim dizer, oferecidas ao homem espontaneamente. Do que se tinha uma imperiosa necessidade, ele a conheceu prontamente: mas os progressos que se seguiram às descobertas indispensáveis se dão em proporção infinitamente mais lentos que os primeiros passos. Parece que uma mão divina conduz o homem nas pesquisas necessárias para sua existência e o livra a si mesmo nos estudos de uma utilidade menos imediata. Por exemplo, a teoria de uma língua, a do grego, supõe uma enormidade de combinações abstratas muito além dos conhecimentos metafísicos que os escritores possuem, eles que falavam, contudo, essa língua com tanto charme e pureza;[15] mas a linguagem é o instrumento necessário para adquirir todos os outros desenvolvimentos; e, por um tipo de prodígio, esse instrumento existe, sem que na mesma época nenhum homem possa alcançar, em qualquer outro assunto que seja, o poder de abstração que exige a composição de uma gramática; os autores gregos não devem ser considerados como pensadores tão profundos como o faria supor a metafísica de sua língua. Poetas é o que eles são; e tudo os favorece nesse aspecto.

[15] Na primeira edição, esse trecho era: "com tanta arte essa língua aperfeiçoada".

Os fatos, os caráteres, as superstições, os costumes dos tempos heroicos eram singularmente adequados às imagens poéticas. Homero, tão grande quanto fosse, não é um homem acima de todos os outros homens nem o único de seu século ou de vários séculos antes do seu. O mais raro gênio está sempre em relação com as luzes de seus contemporâneos e se deve calcular, aproximadamente, o quanto o pensamento de um homem pode ultrapassar os conhecimentos de seu tempo. Homero recolheu as tradições que existiam quando ele viveu e a história de todos os acontecimentos principais era então muito poética nela mesma. Menos havia comunicações fáceis entre os diversos países, mais a narrativa dos fatos aumentava pela imaginação; os bandidos e os animais ferozes que infestavam a Terra, tornavam as proezas dos guerreiros necessárias à segurança individual de seus concidadãos; como os acontecimentos públicos tinham uma influência direta sobre o destino de cada um, o reconhecimento e o temor animavam o entusiasmo. Confundiam-se os heróis e os deuses, porque se esperava deles os mesmos socorros; e os altos feitos da guerra se ofereciam ao espírito aterrorizado com traços gigantescos. O maravilhoso se confundia com a natureza moral assim como com a natureza física. A filosofia, isto é, o conhecimento das causas e de seus efeitos, leva a admiração dos pensadores ao conjunto da grande obra da criação; mas cada fato particular recebe uma explicação simples. O homem, adquirindo a faculdade de prever, perde muito da de se admirar e o entusiasmo, como o medo, se compõe frequentemente de surpresa.

Dava-se, no heroísmo antigo, uma grande estima à força do corpo; o valor se compunha muito menos de virtude moral do que de poder físico; a delicadeza do ponto de honra, o respeito pela fraqueza, são as ideias mais nobres dos séculos seguintes. Os heróis gregos se acusavam publicamente de covardia; o filho de Aquiles imola uma jovem aos olhos de todos os gregos que aplaudiam o ato. Os poetas sabiam pintar da maneira mais impressionante os objetos exteriores; mas eles não desenhavam nunca caráteres onde a beleza moral fosse conservada sem mácula até o fim do poema ou da tragédia, porque esses caráteres não têm[16] nenhum modelo na natureza. Tão sublime quanto seja Homero pela ordem dos acontecimentos e a grandeza dos caráteres, ocorre frequentemente com seus comentadores de vibrarem de admiração pelos termos mais ordinários da linguagem,[17] como se o poeta tivesse descoberto as ideias que essas palavras exprimiam antes dele.

Homero e os poetas gregos foram notáveis pelo esplendor e pela variedade das imagens, mas não pelas reflexões aprofundadas do espírito. O poeta viu, ele nos faz ver; ele foi tocado, ele nos transmite sua impressão e todos os seus auditores, em alguns aspectos, são poetas assim como ele; eles creem, eles admiram, eles ignoram, eles se surpreendem e a curiosidade da infância se une neles às paixões dos homens. Leia Homero, ele descreve tudo, ele nos diz que *a ilha é envolta de água*; que *a farinha dá força ao homem*; que *o sol, ao meio-dia, está acima de nossas cabeças*. Ele descreve tudo, porque tudo interessava ainda a seus contemporâneos. Ele se repete por vezes, mas ele não

[16] Antes constava "tinham".
[17] Após essa vírgula havia a passagem: "por simples epítetos".

é monótono, porque ele está animado sem cessar por sensações novas. Ele não é cansativo, porque ele não nos apresenta nunca ideias abstratas e porque nós viajamos com ele através uma série de imagens mais ou menos agradáveis, mas que falam sempre aos olhos. A metafísica, a arte de generalizar as ideias, há muito acelerou a marcha do espírito humano; mas, abreviando sua rota, ela pôde por vezes despojá-la de seus brilhantes aspectos. Todos os objetos se apresentam um a um aos olhos de Homero; ele não escolhe sempre com severidade, mas ele descreve sempre com interesse.

Os poetas gregos em geral colocam poucas combinações em seus escritos; o calor do clima, a vivacidade de suas imaginações, os elogios contínuos que eles recebiam, tudo conspirava a lhes dar um tipo de delírio poético que lhes inspirava a palavra, como os compositores italianos encontram as árias modificando suas organizações por acordes enervantes. A música era entre os gregos inseparável da poesia; e a harmonia de sua linguagem acabava de assimilar os versos pelos acentos da lira.

Quando se ama verdadeiramente a música, é raro que se escute as palavras das belas árias. Prefere-se se livrar ao vago indefinido do sonho que os sons excitam. Ocorre o mesmo com a poesia de imagens e com a que contém ideias filosóficas. A reflexão que essas ideias exigem distrai, em alguns aspectos, a sensação causada pela poesia. Não se segue daí que, para fazer belos versos, seria preciso em nossos dias renunciar aos pensamentos filosóficos que adquirimos. O espírito que os concebe é levado sem cessar até eles; e seria impossível aos modernos fazerem abstrações de tudo o que eles sabem, para descrever os objetos como os antigos os

consideraram. Nossos grandes escritores colocaram em seus versos as riquezas de nosso século; mas todas as formas da poesia, tudo o que constitui a essência dessa arte, nós o pegamos emprestado da literatura antiga, porque é impossível, eu o repito, de ultrapassar um certo limite nas artes, mesmo na primeira de todas, a poesia.

Observa-se, com razão, que o gosto da primeira literatura (com algumas exceções que eu explicarei quando falar das peças de teatro) era de uma grande pureza; mas como o bom gosto não existiria na abundância e na novidade de todos os objetos agradáveis? É a saciedade que faz recorrer ao bizarro; é a necessidade de variedade que torna com frequência o espírito precioso; mas os gregos, em meio de tantas imagens e sensações vivas, se abandonavam a pintar as que lhes causavam mais prazer. Eles deviam seu bom gosto às satisfações da natureza; nossas teorias são apenas a análise de suas impressões.

O paganismo dos gregos era uma das principais causas da perfeição de seu gosto nas artes; esses deuses sempre próximos dos homens e, no entanto, sempre acima deles, consagravam a elegância e a beleza das formas em todos os gêneros de quadros. Essa mesma religião era também de um poderoso socorro para as diversas obras-primas da literatura. Os sacerdotes e os legisladores tinham direcionado a credulidade dos homens para ideias puramente poéticas; os mistérios, os oráculos, o inferno, tudo, na mitologia dos gregos, parecia a criação de uma imaginação livre em sua escolha. Disseram que os pintores e os poetas dispuseram da crença popular para levar aos céus os domínios e os segredos de sua arte. Os usos comuns da vida eram enobrecidos por práticas religiosas; nosso luxo

cômodo, nossas máquinas combinadas pelas ciências, nossas relações sociais simplificadas pelo comércio não podem ser descritas em versos de um gênero elevado. Nada é menos poético do que a maior parte dos costumes modernos; e entre os gregos esses costumes somavam ao efeito dos acontecimentos e à dignidade dos homens. Fazia-se preceder as refeições de libações aos deuses propícios; no limite da porta, prosternava-se diante de Júpiter hospitaleiro; a vida agrícola, a caça, as ocupações campestres dos mais famosos heróis da antiguidade serviam ainda à poesia, aproximando as imagens naturais dos fatos políticos mais importantes.

A escravidão, essa abominável praga da espécie humana, aumentando a força das distinções sociais, fazia notar mais ainda a altura dos grandes caráteres. Nenhum povo, pois, reuniu para a poesia tantas vantagens quanto os gregos; mas faltava a eles o que uma filosofia mais moral, uma sensibilidade mais profunda, podem acrescentar à poesia, misturando a ela ideias e impressões novas.

Os progressos dos gregos, sob os aspectos filosóficos, são extremamente fáceis de notar. Ésquilo, Sófocles e Eurípides introduziram sucessiva e progressivamente a moral na poesia dramática. Sócrates e Platão se ocuparam unicamente dos preceitos da virtude. Aristóteles possibilitou passos imensos para a ciência da análise. Mas, à época de Homero e de Hesíodo, e algum tempo ainda depois, quando Píndaro compôs suas odes, na era mais notável pelas obras-primas da poesia, as ideias de moral estavam muito incertas. Elas autorizavam a vingança, a cólera, todos os movimentos impetuosos da alma. Heródoto, que vivia quase à mesma época,

conta o justo e o injusto, como os presságios e os oráculos; o crime lhe parecia de má augura, mas não é nunca por sua consciência que ele o decide. Anacreonte, em sua poesia voluptuosa, é muito inferior ao talento e à filosofia que Horácio mostrou ao tratar de temas aproximadamente semelhantes.* A palavra virtude não tem qualquer sentido positivo nos autores gregos de então. Píndaro dá esse nome à arte de triunfar nas corridas de bigas nos jogos olímpicos; assim os sucessos, os prazeres, a vontade dos deuses, os deveres do homem, tudo se confundia nessas cabeças ardentes; e a existência sensitiva deixava traços profundos. A incerteza da moral, nesses tempos antigos, não é de modo algum uma prova de corrupção; ela indica apenas quanto os homens tinham então poucas ideias filosóficas; tudo os desviava da meditação, nada lhes dirigia a ela. O espírito de reflexão se mostra raramente na poesia dos gregos. Encontra-se ainda menos nela verdadeira sensibilidade.

Todos os homens, sem dúvida, conheceram as dores da alma e sua enérgica descrição pode ser reconhecida em Homero; mas o poder de amar parece ter aumentado com os outros progressos do espírito humano e sobretudo pelos costumes novos que chamaram as mulheres à partilha do destino do homem. Algumas cortesãs sem pudor, escravas cuja sorte degradava, e mulheres desconhecidas para o resto do mundo, fechadas em suas casas, estrangeiras aos interesses de seus esposos, criadas de modo a não compreender nenhuma ideia, nenhum sentimento, eis tudo o que os gregos conheciam dos laços do amor. Os filhos mesmos respeitavam com

* Na primeira edição tal frase estava assim: "Anacreonte, em sua poesia voluptuosa, éde muitos séculos antes do gênero de filosofia que um tal assunto pode admitir".

dificuldade suas mães. Telêmaco ordena a Penélope guardar o silêncio; e Penélope sai penetrada de admiração por sua sabedoria. Os gregos nunca exprimiram, nunca conheceram o primeiro sentimento da natureza humana, a amizade no amor. O amor, tal como eles o pintavam, é uma doença, um destino jogado pelos deuses, um tipo de delírio que não supõe nenhuma qualidade moral no objeto amado. O que os gregos entendiam por amizade existia entre os homens; mas eles não sabiam, mas seus costumes lhes impediam de imaginar que se podia encontrar nas mulheres um ser igual por espírito e submisso por amor, uma companheira de vida, feliz em consagrar suas faculdades, seus dias, seus sentimentos, para completar uma outra existência. A privação absoluta de uma tal afecção se faz perceber não apenas na descrição do amor, mas em tudo o que se refere à delicadeza do coração. Telêmaco, ao partir para procurar Ulisses, diz *que se ele sabe de morte de seu pai, seu primeiro passo, ao voltar, será o de lhe construir uma tumba e o de achar para sua mãe um segundo marido*. Os gregos honravam os mortos; os dogmas de sua religião ordenavam expressamente a velar com pompa nos funerais; mas a melancolia, os arrependimentos sensíveis e duráveis não são de modo algum de sua natureza; é no coração das mulheres que habitam as longas lembranças. Eu terei com frequência a ocasião de fazer observar as mudanças que se deram na literatura à época em que as mulheres começaram a fazer parte da vida moral do homem.

Após ter tentado mostrar quais são as causas primeiras das belezas originais da poesia grega e as falhas que ela devia ter na época mais remota da civilização, me resta examinar como o governo e o espírito nacional de Atenas influenciaram o rápido

desenvolvimento de todos os gêneros de literatura. Não se poderia negar que a legislação de um povo seja todo-poderosa sobre seus gostos, sobre seus talentos e sobre seus hábitos, porque a Lacedemônia existiu ao lado de Atenas, no mesmo século, sob o mesmo clima, com os mesmos dogmas religiosos aproximadamente semelhantes e, contudo, com costumes tão diferentes.

Todas as instituições de Atenas excitavam a emulação. Os atenienses não foram sempre livres. Mas o espírito de encorajamento não cessou nunca de exercer entre eles a maior força. Nenhuma nação se mostrou jamais mais sensível a todos os talentos notáveis. Essa inclinação à admiração criava as obras-primas que a mereciam. A Grécia, e na Grécia o Ático, era um pequeno país civilizado, no meio do mundo ainda bárbaro. Os gregos eram pouco numerosos, mas o universo os olhava. Eles reuniam a dupla vantagem dos pequenos estados e dos grandes teatros: a emulação que nasce da certeza de se fazer conhecer ao meio dos seus e a que deve produzir a possibilidade de uma glória sem limites. O que eles diziam entre eles reverberava no mundo. Sua população era muito circunscrita e a escravidão de perto da metade dos habitantes restringia ainda a classe dos cidadãos. Tudo contribuía para reunir as luzes, para unir os talentos no círculo de concorrentes em pequeno número em que se excitavam ambos [luzes e talentos] e se mediam sem cessar. A democracia que chama todos os homens distintos para todas as posições eminentes levava os espíritos a se ocuparem dos acontecimentos públicos. No entanto, os atenienses amavam e cultivavam as belas-artes e* não se fechavam aos

* O trecho "amavam e cultivavam as belas-artes e" é novo.

interesses políticos de seu país;* eles queriam conservar o primeiro lugar como nação esclarecida; o ódio, o desprezo pelos bárbaros fortificavam neles o gosto pelas artes e pelas belas-letras. Vale mais para o gênero humano que as luzes sejam distribuídas para todos; mas a emulação daqueles que as possuem é maior quando elas estão concentradas. A vida dos homens célebres era mais gloriosa entre os antigos e a dos homens obscuros mais feliz entre os modernos.

A paixão dominante do povo de Atenas era o divertimento. Viu-se decretar a pena de morte contra todo aquele que propusesse desviar, até para o serviço militar, o dinheiro consagrado às festas públicas. Não havia, como havia com os romanos, o ardor por conquistar. Expulsavam os bárbaros para conservar, sem mistura, seus gostos e seus hábitos. Amavam a liberdade, garantindo a todos os tipos de prazeres a maior independência; mas não havia esse ódio profundo contra a tirania que uma certa dignidade de caráter gravava na alma dos romanos. Os atenienses não procuravam estabelecer uma forte garantia em sua legislação; eles queriam apenas aliviar todos os jugos e dar aos chefes do estado a necessidade contínua de cativar os cidadãos e de lhes agradar.

Eles aplaudiam os talentos com transporte; eles louvavam com paixão os grandes homens: sua lei do exílio, seu ostracismo é apenas uma prova da desconfiança que lhes inspirava sua própria inclinação ao entusiasmo. Tudo o que pode somar ao brilho dos nomes famosos, tudo o que pode excitar a ambição da glória, essa nação esbanjava. Os autores trágicos faziam sacrifícios sobre a tumba de

* Esse ponto-e-vírgula, assim como os quatro próximos, substituíram o que antes eram pontos finais a obrigar o início de novas frases.

Ésquilo, antes de entrar na carreira que ele, pela primeira vez, tinha aberto. Píndaro, Sófocles, com a lira nas mãos, apareciam nos jogos públicos coroados de loros e designados pelos oráculos. A imprensa, tão favorável aos progressos, à difusão das luzes, prejudica o efeito da poesia; nós a estudamos, a analisamos, enquanto os gregos a cantavam e dela recebiam a impressão somente nas festas, da música e dessa embriaguez que os homens reunidos experimentam uns pelos outros.

Pode-se atribuir alguns dos caráteres da poesia dos gregos ao tipo de sucesso que se propunham seus poetas. Seus versos deviam ser lidos nas solenidades públicas. A reflexão, a melancolia, essas satisfações solitárias, não convêm nem um pouco à massa; o sangue se anima, a vida se exalta entre homens reunidos. Era preciso que os poetas favorecessem esse movimento. A monotonia dos hinos pindáricos, essa monotonia tão cansativa para nós, não o era nas festas gregas; certas árias que produziram grandes efeitos sobre os habitantes dos países de montanha, foram compostas com um muito pequeno número de notas. Talvez fosse assim também com as ideias que a poesia lírica dos gregos narrava. As mesmas imagens, os mesmos sentimentos e, sobretudo, a mesma harmonia, excitavam sempre os aplausos da multidão.

A aprovação do povo grego se exprimia bem mais vivamente do que os sufrágios refletidos dos modernos. Uma nação que encorajava de tantas maneiras os talentos notáveis, devia fazer nascer entre eles grandes rivalidades; mas essas rivalidades serviam para o avanço das artes. A palma mais gloriosa excitava menos ódio do que o fazem nascer os testemunhos da estima rigorosa que se

pode obter em nossos dias. Era permitido ao gênio se nomear, com o intuito de se oferecer, e todos os homens que se acreditavam dignos de algum renome podiam se anunciar sem medo como candidatos à glória. A nação lhes agradecia por serem ambiciosos de sua estima.

Agora a mediocridade todo-poderosa força os espíritos superiores a se revestirem de suas cores apagadas. É preciso se insinuar à glória, é preciso roubar dos homens sua admiração sem que eles o saibam. Importa não apenas tranquilizar por sua modéstia, mas é preciso afetar-se de indiferença para os sufrágios, se se quer obtê-los. Essa obrigação indispõe alguns espíritos, sufoca nos outros os talentos aos quais o crescimento e o abandono são necessários. O amor-próprio persiste; o verdadeiro gênio é com frequência desencorajado. A inveja, nos gregos, existia por vezes entre os rivais; ela passou agora aos espectadores e, por uma singularidade bizarra, a massa dos homens é invejosa dos esforços que se tenta para aumentar seus prazeres ou merecer sua aprovação.

CAPÍTULO II

Das Tragédias gregas

É sobretudo nas peças de teatro que se percebe visivelmente quais são os costumes, a religião e as leis do país onde elas foram compostas e representadas com sucesso. É preciso, para ser aplaudido no teatro, que o autor possua, independentemente das qualidades literárias, um pouco do que constitui o mérito das ações políticas, o conhecimento dos homens, de seus hábitos e de seus preconceitos.

A dor e a morte são os primeiros meios das situações trágicas e a religião modifica sempre fortemente a ação da dor e o terror da morte. Vejamos, pois, quais efeitos as opiniões religiosas dos gregos podiam acrescentar às suas tragédias e quais efeitos elas lhes interditavam.

A religião dos gregos era singularmente teatral; conta-se que uma tragédia de Ésquilo, as Eumênides, produziu uma vez uma impressão tão prodigiosa que as mulheres grávidas não puderam suportar o espetáculo; os terrores do inferno, o poder da superstição, bem mais do que a beleza da peça, agiam assim sobre as almas. O poeta dispunha ao mesmo tempo da fé religiosa e das paixões humanas. Se se transporta o mesmo assunto, a mesma tragédia, para os países onde as crenças são diferentes, nada seria mais diferente quanto a impressão que se receberia dela. Nós veremos, ao examinarmos a literatura do Norte, quais fontes de emoções podem-se encontrar em uma religião de um outro caráter;

e eu mostrarei, ao falar da literatura moderna, como as ideias religiosas do cristianismo eram demasiado abstratas e místicas para serem representadas no teatro, os autores dramáticos tiveram que se ocupar unicamente em excitar o interesse pela enérgica descrição das paixões. Eu me limito agora ao que concerne os gregos. Qual impressão eles recebiam pelo quadro da morte e da dor? E de qual maneira eles deviam pintar as desordens das paixões, segundo seu sistema religioso e político?

Sua religião atribuía aos deuses um grande poder sobre os remorsos dos culpados. Ela representava, com as cores mais assustadoras, os tormentos dos criminosos. Essa situação posta em cena sob diversas formas, causava sempre no teatro um medo intransponível. É também por esse meio de terror que os legisladores exerciam um grande poder e que princípios de moralidade se mantinham entre os homens. A imagem da morte produzia um efeito menos sombrio sobre os gregos do que sobre os modernos. As crenças* do paganismo adoçavam extremamente o medo da morte. Os antigos revestiam a vida por vir com as imagens mais brilhantes; eles tinham materializado o outro mundo por descrições, por quadros, por narrativas de todos os tipos; e o abismo que a natureza colocou entre a existência e a morte era, por assim dizer, preenchido por sua mitologia. Essas opiniões podiam ter sua utilidade política; mas como a ideia da morte faz experimentar à imaginação dos modernos uma impressão mais forte e mais sensível, ela é entre nós de um maior efeito trágico.

* O substantivo foi colocado no plural apenas na segunda edição.

Os gregos eram muito menos susceptíveis de sofrimento do que qualquer outro povo da antiguidade: encontra-se entre eles menos exemplos de suicídio do que que entre os romanos; suas instituições políticas, seu espírito nacional, os dispunha mais ao prazer assim como à felicidade. Em geral, é preciso atribuir, entre os antigos, o aliviamento de uma certa intensidade de dor às superstições do paganismo. Os sonhos, os pressentimentos, os oráculos, tudo o que cai na vida do extraordinário, do inesperado, não permite crer no sofrimento irrevocável. As situações mais funestas não pareciam nunca sem socorro; ilude-se sempre com um prodígio. O cálculo das probabilidades morais pode frequentemente apresentar um resultado inflexível, enquanto, quando se crê no sobrenatural, o impossível não existe; assim, a esperança não é nunca totalmente destruída. Esse desencorajamento profundo no qual cai o desafortunado, esse abatimento tão dolorosamente expresso por Shakespeare, os gregos não podiam pintá-lo, eles não o vivenciavam. Os homens célebres eram expostos à perseguição; mas nunca ao isolamento nem ao esquecimento. Os grandes infortúnios surpreendiam ainda a espécie humana; se lhes supunha uma causa miraculosa; se lhes envolvia de sonhos mitológicos. A vida era sustentada por todas as partes.

Como a religião dos gregos é para nós apenas poesia, nunca suas tragédias nos farão experimentar uma emoção igual àquela que eles vivenciavam ao escutá-las. Os autores gregos se apoiavam sobre um certo número de efeitos trágicos que dependiam da credulidade de seus espectadores; e eles podiam suplantar algumas emoções naturais pelos terrores religiosos.

Tudo, entre os gregos, tem o charme e a vantagem da juventude; a dor mesma, se se pode dizê-lo, estava ainda em sua novidade, conservando a esperança e encontrando sempre a piedade. Os espectadores ficavam tão facilmente emocionados, tinham um tão vivo interesse no sofrimento, que essa certeza colocava o poeta em confiança com seus auditores; ele não tinha medo (do que se pode temer em nossos dias, até nas ficções) de importunar *pelo lamento, como se o infortúnio, mesmo nos quadros de imaginação, pudesse ainda fatigar o egoísmo.**

O sofrimento nos gregos se mostrava augusto; ele se oferecia aos pintores de atitudes nobres, aos poetas das imagens imponentes; ele dava às ideias religiosas uma solenidade nova; mas a ternura que as tragédias modernas causam é mil vezes mais profunda. O que se representa em nossos dias não é mais apenas a dor oferecendo aos olhares um espetáculo majestoso, é a dor em suas impressões solitárias, sem apoio e sem esperança; é a dor tal qual a natureza e a sociedade *a fizeram*.

Os gregos não exigiam como nós o jogo das situações, o contraste dos caráteres; suas tragédias não faziam surgir as belezas pela oposição às sombras. Sua arte dramática parecia com sua pintura, onde todas as cores são vivas,*** onde todos os objetos são colocados sobre o mesmo plano, sem que as leis da perspectiva sejam observadas.

---

* Na primeira edição constava "de cansar" e, um pouco antes, não havia os parêntesis, embora houvesse o seu conteúdo.
** A última oração era, antes: "estivesse ainda em presença do egoísmo".
*** Na primeira edição: "onde as mais vivas cores".

Os tragediógrafos gregos, fundando a maior parte de suas peças sobre a ação contínua da vontade dos deuses, se dispensavam de um certo tipo de verossimilhança que é a gradação dos acontecimentos naturais; eles produziam grandes efeitos, sem os levar por progressivas nuances; como o espírito era sempre preparado, pela religião, ao medo e, pela fé, ao extraordinário, os gregos não eram forçados às maiores dificuldades da arte dramática; eles não desenhavam os caráteres com essa verdade filosófica exigida nos tempos modernos. O contraste entre os vícios e as virtudes, os combates interiores, a mistura e a oposição dos sentimentos que é preciso descrever para fazer interessar o coração humano, estavam muito pouco indicados. Bastava aos gregos um oráculo dos deuses para tudo explicar.

Orestes mata sua mãe; Electra o encoraja* a isso sem um momento de incerteza nem de arrependimentos; os remorsos de Orestes após a morte de Clitemnestra não são preparados pelos combates que ele deveria experimentar antes de matá-la; o oráculo de Apolo tinha condenado o assassinato; quando ele é cometido, as Eumênides capturam o culpado; com dificuldade se percebe os sentimentos do homem através de suas ações. É aos coros que são deixados as reflexões, as incertezas, as deliberações e os temores; os heróis agem sempre pela ordem dos deuses.

Racine, imitando os gregos em algumas de suas peças, explica, por razões tiradas das paixões humanas, os crimes comandados pelos deuses; ele coloca um desenvolvimento moral ao lado do poder do fatalismo; em um país onde não se crê na religião dos

* Antes esse verbo e o anterior estavam no pretérito.

pagãos, um tal desenvolvimento é necessário; mas nos gregos o efeito trágico era tanto mais terrível quanto ele tinha por fundamento uma causa sobrenatural. A fé que os gregos tinham em tais causas dava necessariamente menos independência e variedade às afecções da alma.

Existia um dogma religioso para decidir por cada sentimento, bem como uma divindade para personificar cada árvore, cada fonte. Não se podia recusar piedade a quem se apresentava com um ramo de oliveira ornado de bandanas, ou que mantinha cuidado o altar dos deuses. Tal é o único assunto da tragédia das Suplicantes; crenças semelhantes davam uma elegância poética a todas as ações da vida; mas elas banem habitualmente o que há de irregular, de imprevisto, de irresistível nos movimentos do coração.[18]

O amor é entre os gregos, como todas as outras paixões violentas, um simples efeito da fatalidade. Nas tragédias, como nos poemas, somos tocados pelo que faltava às afecções do coração quando as mulheres não eram chamadas nem a sentir nem a julgar. Alceste dá sua vida por Admeto; mas antes de resolver fazê-lo, o que não lhe faz dizer Eurípides para engajar o pai de Admeto a se sacrificar em seu lugar![*] Os gregos pintavam uma ação generosa; mas eles não sabiam quais prazeres se pode encontrar em se confrontar à morte por aquele que se ama, qual inveja se pode ligar ao fato de não se ter rivais nesse sacrifício apaixonado. Diz-se, com

---

[18] [Nota da segunda edição]: Acontece, algumas vezes, de os dogmas mitológicos se somarem, nas obras dos antigos, ao efeito das situações tocantes: mas mais frequentemente o poder desses dogmas dispensa a necessidade de convencer, de voltar à fonte das emoções da alma; e as paixões humanas não são mais então nem desenvolvidas nem aprofundadas.

[*] O ponto de exclamação substitui aqui o que era um ponto de interrogação.

razão, que não se poderia colocar no teatro francês a maior parte das peças gregas, exatamente traduzidas: não são algumas negligências da arte que impediriam de se aplaudir tantas belezas originais; mas ter-se-ia dificuldade em suportar agora uma certa falta de delicadeza nas expressões sensíveis. Ao estudar os dois Fedros é fácil de se convencer dessa verdade.

Racine arriscou no teatro francês um amor do tipo grego; um amor que é preciso atribuir à vingança dos deuses. Mas quanto se vê, no entanto, no mesmo assunto, a diferença dos séculos e dos costumes! Eurípides poderia ter feito Fedro dizer:

Não é mais um ardor escondido em minhas veias;
É Vênus inteira ligada à sua presa.

Mas nunca um grego teria encontrado esse verso:

Eles não se verão mais; –
Eles sempre se amarão

As tragédias gregas são, pois, eu creio nisso, muito inferiores a nossas tragédias modernas, porque o talento dramático não se compõe apenas pela arte da poesia, mas consiste também no profundo conhecimento das paixões; e, sob esse aspecto, a tragédia teve que seguir os progressos do espírito humano.

Os gregos não são menos admiráveis, nessa carreira como em todas as outras, quando se compara seus sucessos à época do mundo na qual eles viveram. Eles transportaram para o teatro tudo o que havia de belo na imaginação dos poetas, nos caráteres antigos, no culto do paganismo; e o século de Péricles sendo muito mais

avançado em filosofia do que o século de Homero, as peças de teatro também adquiriram nesse gênero mais profundidade.

Pode-se notar um aperfeiçoamento sensível nos três tragediógrafos Ésquilo, Sófocles e Eurípides; há mesmo muita distância entre Ésquilo e os outros dois, para explicar apenas essa superioridade pela marcha natural do espírito em um tão curto espaço de tempo; mas Ésquilo só tinha visto a prosperidade de Atenas: Sófocles e Eurípides foram testemunhos de seus reveses; seus gênios dramáticos graças a eles cresceram: o sofrimento tem também sua fecundidade.

Ésquilo não apresenta nenhum resultado moral: ele não une quase nunca por reflexões a dor física[19] com a dor da alma. Um grito de sofrimento, um gemido sem desenvolvimento, sem lembrança, sem previsão, exprime as impressões do momento, mostra qual era o estado da alma antes que a reflexão tenha colocado no interior de nós mesmos um testemunho de nossos movimentos interiores.

Sófocles coloca com frequência máximas filosóficas nas falas dos coros. Eurípides gasta suas máximas nos discursos de seus personagens, sem que elas estejam sempre perfeitamente ligadas à situação e ao caráter. Vê-se nesses três autores seu talento pessoal e o desenvolvimento de seu século; mas nenhum deles alcançou a pintura dilacerante e melancólica que os tragediógrafos ingleses, que os escritores modernos nos deram da dor; nenhum deles apresenta uma filosofia sensível, também profundamente análoga aos sofrimentos da alma. O gênero humano, envelhecendo, torna-se menos acessível à piedade; foi preciso, pois, cavar mais fundo para

[19] Vejam o Prometeu.

encontrar a fonte da emoção; e o infortúnio isolado precisou recorrer a uma força interior mais ativa.

As recompensas sem número que se acordava ao gênio dramático entre os gregos encorajavam sob muitos aspectos os progressos da arte; mas as delícias do elogio incomodavam, em alguns pontos, o talento trágico. O poeta estava demasiado satisfeito, demasiado exaltado, para dar ao sofrimento uma expressão profundamente melancólica. Nas tragédias modernas, percebe-se quase sempre, pelo caráter do estilo, que o autor mesmo experimentou algumas das dores que ele representa.

O gosto dos gregos, nas tragédias, é frequentemente notável por sua pureza. Como eles eram os primeiros, como eles não podiam ser imitadores, eles tiveram que começar pelos defeitos da simplicidade, mais do que pelos da pesquisa. Todas as literaturas modernas tentaram inicialmente fazer melhor ou ao menos de maneira diferente dos antigos. Como os gregos tinham a natureza apenas como modelo, foram por vezes grosseiros, mas jamais afetados. Nenhum de seus esforços estava perdido; eles estavam na verdadeira rota.

Pode-se algumas vezes reprovar os tragediógrafos gregos pela duração das narrativas e dos discursos que eles colocavam em cena; mas os espectadores não tinham ainda aprendido a se entediar; e os autores só restringem seus meios de efeito quando temem a pronta lassidão dos espectadores. O espírito filosófico torna mais severo no emprego do tempo; e longe de ser verdade que os povos inclinados à imaginação exigem rapidez nos quadros que se lhes

apresenta, eles se satisfazem com os detalhes e se cansariam bem mais com abreviações.

Os gregos também cometem, relativamente a nós, muitas faltas em sua maneira de falar das mulheres. Eles fazem representar seus papéis nas tragédias por homens e não concebiam o charme que os modernos ligam à ideia de uma mulher. À exceção desse pequeno número de críticas, deve-se reconhecer* que os gregos têm em suas tragédias um gosto perfeito, uma regularidade notável. Esse povo, tão tempestuoso em suas discussões políticas, tinha um espírito sábio e moderado em todas as artes (exceto na comédia). É à sua religião que é preciso, sobretudo, atribuir sua fixidez nos princípios do gênero nobre e simples.

O povo de Atenas não exigia que se misturasse, como na Inglaterra, as cenas grotescas da vida comum com as situações heroicas. Representava-se as tragédias gregas nas festas consagradas aos deuses; elas eram quase todas fundadas sobre dogmas religiosos. Um respeito piedoso separava dessas obras-primas, como de um templo, todo papel ignóbil ou toda imagem grosseira. Os heróis que os autores dramáticos pintavam não tinham essa grandeza firme que lhes deu Racine; mas não é a uma condescendência popular que é preciso atribuir essa diferença; todos os poetas pintaram assim os caráteres, antes que certos hábitos monárquicos e cavalheirescos nos tivessem dado a ideia de uma natureza de convenção.

A maior parte dos personagens postos em ação nas peças gregas, são tirados da Ilíada ou da história heroica da mesma época. A ideia forte que Homero tinha dado de seus heróis, muito serviu aos

* "Deve-se reconhecer" é uma passagem nova.

autores trágicos. Os únicos nomes de Ajax, de Aquiles, de Agamenon, produziam logo uma emoção de lembrança. Seus destinos eram para os gregos um tema nacional; o poeta dramático, ao representá-los, só tinha que desenvolver as ideias recebidas: ele não era obrigado a criar ao mesmo tempo o caráter e a situação; o respeito e o interesse existiam de antemão em favor dos homens que ele queria descrever. Os modernos, eles mesmos, aproveitaram da augusta celebridade dos personagens trágicos da antiguidade. Nossas situações trágicas mais belas e mais simples são tiradas do grego. Não é que os gregos sejam superiores aos modernos, é que eles pintaram pela primeira vez essas afecções dominantes, cujos principais traços devem sempre permanecer os mesmos.

Os caráteres trágicos do* amor maternal têm uma analogia qualquer com a dor de Clitemnestra e a devoção filial deve lembrar Antígona.** Enfim, existe na natureza moral, como na luz do sol, um certo número de raios que produzem cores cortantes ou distintas: podemos variar essas cores por sua mistura, mas não podemos criar a partir delas uma inteiramente nova.

Os três tragediógrafos trataram dos mesmos assuntos; eles não inventaram nenhum novo; os espectadores não tinham disso qualquer desejo; os autores não sonhavam com isso e eles não teriam talvez tido sucesso em fazê-lo. As concepções felizes de acontecimentos extraordinários são muito mais a obra das tradições

---

* Antes: "Todos os sentimentos de amor maternal". Em seguida, a conjunção "e" faz juntar o que eram, na segunda edição, duas frases distintas.

** [Nota da segunda edição]: Do fato de os acontecimentos mais fortes e mais desafortunados da vida terem sido descritos pelos gregos não se segue que eles tenham igualado os modernos na delicadeza e na profundidade dos sentimentos e das ideias que essas situações podiam inspirar.

do que dos poetas. A corrente dos raciocínios conduz a descobertas em filosofia, mas a primeira ideia da invenção dos fatos poéticos é quase sempre o efeito do acaso. A história, os costumes, os contos populares mesmos ajudam a imaginação dos escritores. Sófocles não tinha encontrado em sua cabeça o tema de Tancredo, nem Voltaire o de Édipo. Não se descobre novas fábulas maravilhosas, quando a credulidade do vulgar a isso não se presta mais. Poder-se-ia desejá-lo, mas em vão; o espírito a isso se recusaria sempre.

A importância dada aos coros, que se supõe representar o povo, é quase o único traço do espírito republicano que se pode notar nas tragédias gregas. As comédias lembram frequentemente o estado político da nação; mas, nas tragédias, descrevia-se sem cessar os infortúnios dos reis,[20] interessavam-se por sua sorte. A ilusão da realeza subsistia entre os atenienses, ainda que eles amassem seu governo republicano. Esse entusiasmo pela liberdade que caracteriza os romanos, não parece que os gregos o vivenciassem com a mesma energia: eles tinham muito menos esforços a realizar para conquistar sua liberdade; eles não tinham expulsado do trono, como os romanos, uma raça de reis cruéis, própria a lhes inspirar o horror de tudo o que podia fazer lembrá-los. O amor da liberdade era para os gregos um hábito, uma maneira de ser, e não uma paixão dominante que eles tivessem necessidade de reencontrar por toda a expressão.

---

[20] [Jean-Jacques] Barthélemy, em sua célebre *Viagem do jovem Anacharsis [pela Grécia em meados do século IV* (de 1788)] diz que era para fortificar o espírito republicano que os atenienses faziam representar os reveses dos reis no teatro. Eu não creio que lembrar sem cessar os infortúnios dos reis, foi um meio de eliminar o amor pela realeza. Os grandes desastres são dramáticos; eles mexem fortemente com a imaginação: ora, não é assim que se destrói um preconceito, qualquer que ele seja.

Os atenienses amavam suas instituições e seu país; mas não era, como os romanos, por um sentimento exclusivo.* Só se encontra em suas tragédias um traço característico da democracia; são as reflexões que os personagens principais, que os coros repetem sem cessar, sobre a rapidez dos reveses do destino e sobre a inconstância da fortuna. As revoluções súbitas e frequentes do governo popular levam frequentemente a esse tipo de observações filosóficas. Racine não imitou os gregos nesse aspecto. Sob o império de um monarca tal como Luís XIV, sua vontade devia substituir a sorte e não se ousava lhe supor caprichos; mas em um país onde o povo domina, o que impressiona mais os espíritos são as reviravoltas que se operam nos destinos, é a queda rápida e terrível do apogeu da grandeza no abismo da adversidade.

Os autores trágicos procuram sempre reanimar as impressões que a nação que os escuta aprovou com frequência. Com efeito, as lembranças são sempre de alguma coisa da ternura; e longe de ser necessário, nos sentimentos como nos pensamentos, cativar a atenção através de aspectos novos, quando se quer fazer cair lágrimas, é o passado que é preciso fazer lembrar.

* Na primeira edição havia aqui dois pontos, depois dos quais se seguia a oração: "eles aceitavam os prazeres novos, de qualquer parte que lhes fossem oferecidos".

CAPÍTULO III

Da Comédia grega

As tragédias (se se excetua delas algumas obras-primas) exigem menos conhecimento do coração humano do que as comédias e a imaginação basta para pintar o que se oferece naturalmente aos olhares, a expressão da dor. Os caráteres trágicos devem ter entre eles uma certa semelhança que exclui a fineza das observações; e os modelos da história heroica traçam de antemão a rota que é preciso seguir. Mas essa delicadeza de gosto, essa filosofia superior, que Molière mostrou em suas comédias, é preciso séculos para a tanto levar o espírito humano; e se um gênio igual ao de Molière tivesse vivido em Atenas, ele não teria podido adivinhar a boa comédia.

Pergunta-se, contudo, com surpresa, ao se ler as comédias de Aristófanes, como pode que se tenha aplaudido peças semelhantes no século de Péricles, como pode que os gregos tenham mostrado tanto de gosto nas belas-artes e uma grosseria tão desencorajante nas piadas. É que eles tinham o bom gosto que pertence à imaginação e não o que nasce da moralidade dos sentimentos. As belas formas de todo gênero agradam seus olhos; mas sua alma não era advertida por uma delicadeza escrupulosa dos pontos de vista que se deve observar. Eles experimentavam muito mais entusiasmo do que respeito pelos grandes caráteres. O sofrimento, o poder, a religião, o gênio, tudo o que impressionava a imaginação dos atenienses excitava neles um tipo de fanatismo; mas essa impressão se destruía com a mesma facilidade, desde que se a substituía por

outra igualmente viva. Os efeitos graduais e nuançados não convêm muito aos costumes democráticos; e como era sempre o povo que se tinha de fazer escutar e de se fazer aplaudir, para diverti-lo, livrava-se aos contrastes chamativos que impressionam facilmente todos os homens.

A tragédia se afetava menos com esse desejo de satisfazer a multidão; ela fazia parte, como eu já o disse, de uma festa religiosa. Aliás, não são nem os gostos nem as luzes do povo que é preciso consultar para emocionar; a emoção da piedade chega a todos os corações pela mesma rota. É ao homem que se endereça na tragédia; mas é uma tal época, é um tal povo, são tais costumes, que é preciso conhecer para obter na comédia um sucesso popular: os lamentos são tomados da natureza e o divertimento dos hábitos.

Os princípios da moralidade servem comumente de regras de gosto às últimas classes da sociedade e esses princípios bastam frequentemente para esclarecê-las, mesmo em literatura. O povo ateniense não tinha essa moralidade delicada que pode substituir o tato mais fino do espírito; ele se livrava às superstições religiosas: mas ele não tinha ideias fixas sobre a virtude e não reconhecia nenhum princípio, nenhum limite, nenhum pudor, nos objetos de suas diversões.

A exclusão das mulheres impedia também que os gregos se aperfeiçoassem na comédia. Os autores não tinham nenhum motivo para mudar, esconder, subentender, a graça e a fineza deviam necessariamente faltar à sua alegria. Essas máscaras, esses porta-vozes, todas essas fantasias bizarras de teatro dos antigos

dispunham o espírito, como as caricaturas no desenho, para a invenção grotesca e não para o estudo da natureza.

Aristófanes usava algumas piadas populares; ele apresentava alguns contrastes de uma invenção comum e de uma expressão grosseira; mas não é nunca pela pintura dos caráteres nem pela verdade das situações que os ridículos dos homens e os desvios da sociedade surgiam em suas peças.

A maior parte das comedias de Aristófanes era relativa aos acontecimentos de seu tempo. Não se tinha ainda imaginado sustentar a curiosidade por uma intriga romanesca; o interesse das aventuras particulares depende absolutamente do papel que interpretam as mulheres em um país. A arte cômica, tal como ela era nos tempos dos gregos, não podia se dar sem alusões: não se tinha aprofundado suficientemente o coração humano em suas paixões secretas, para fazer interessar somente as descrevendo; mas era muito fácil agradar o povo fazendo seus chefes caírem no ridículo.

A comédia de circunstância prospera tão facilmente que ela não pode obter nenhuma reputação durável. Esses retratos dos homens vivos, essas epigramas sobre os fatos contemporâneos, são piadas de família e dos sucessos de um dia, que devem entediar as nações e os séculos; o mérito de tais obras pode desaparecer mesmo de um ano a outro. Se a memória nos falta, nosso espírito não basta para compreender a alegria desses escritos; e se é preciso refletir sobre uma piada para descobrir seu sentido, todo o seu efeito se perde.

O espectador entra totalmente na ilusão da tragédia; ele se interessa bastante pelos heróis da peça para compreender costumes estrangeiros, para se transportar para países inteiramente novos. A

emoção faz tudo adotar e tudo conceber; mas na comédia a imaginação do espectador está tranquila; ela não socorre o autor: a impressão da alegria é tão leve e espontânea que o mais fraco esforço, que a mais fraca distração poderia dela desviar.

Aristófanes só compôs peças de circunstância, porque os gregos estavam extremamente longe da profundeza filosófica que permite conceber uma comédia de caráter, uma comédia que interessa ao homem de todos os países e de todas as épocas. As comédias de Menandro e os caráteres de Teofrasto fizeram progressos, um na decência teatral, o outro na observação do coração humano, porque esses dois escritores tinham sobre Aristófanes a vantagem de um século a mais; mas em geral os autores se deixam facilmente seduzir nas democracias pela atração irresistível dos aplausos populares. É um perigo para as peças de teatro dos povos livres os sucessos que se obtém, colocando em cena alusões aos assuntos públicos. Eu não sei se tais comédias são um signo de liberdade; mas elas são necessariamente a perda da arte dramática.

O povo de Atenas, como eu já o disse, era extremamente suscetível de entusiasmo; mas ele não amava menos a sátira que insultava os homens superiores. As comédias de Atenas serviam, como os jornais da França, ao nivelamento democrático, com a diferença de que a representação de uma comédia, cheia de personalidades contra um homem vivo, é um tipo de ataque, contra o qual nenhum nome prestigiado de nossos dias poderia resistir. Nós nos livramos demasiadamente pouco à admiração, para não ter tudo a temer da calúnia; os amigos, na França, abandonam muito facilmente para que não seja necessário colocar um limite à violência

dos inimigos. Em Atenas, podia-se fazer-se conhecer e justificar-se na praça pública, no meio da nação inteira; mas, em nossas associações numerosas, só se poderia opor a luz lenta dos escritos ao ridículo animado do teatro. Nenhuma reputação, nenhuma autoridade política saberia sustentar essa luta desigual.

A república de Atenas, ela mesma, devia sua servidão a esse abuso do gênero cômico, a esse gosto desordenado pelas piadas, que excitava cada dia a necessidade de se divertir. A comédia das Nuvens preparou os espíritos para a acusação de Sócrates. Demóstenes, no século seguinte, não pôde retirar os atenienses de seus espetáculos, de suas ocupações frívolas, para ocupá-los com Filipe. O que sempre se tinha temido para a república era o ascendente* que poderia tomar sobre ela um de seus grandes homens; o que a fez perecer foi sua indiferença por todos.

Após ter sacrificado sua glória para conservar seus divertimentos, os atenienses viram perder até sua independência e com ela os prazeres mesmos que eles tinham preferido à defesa de sua liberdade.

* Constava anteriormente: "era o demasiado grande ascendente".

CAPÍTULO IV

Da Filosofia e da Eloquência dos gregos

A filosofia e a eloquência estavam frequentemente reunidas pelos atenienses. Os sistemas metafísicos e políticos de Platão contribuíram menos para sua glória do que a beleza de sua linguagem e a nobreza de seu estilo. Os filósofos gregos são, para a maior parte, oradores eloquentes sobre ideias abstratas. Eu devo, contudo, considerar inicialmente a filosofia dos gregos separadamente de sua eloquência: meu objetivo é o de observar os progressos do espírito humano e apenas a filosofia pode indicá-los com certeza.

A eloquência, seja por suas relações com a poesia, seja pelo interesse das discussões políticas em um país livre, tinha atingido entre os gregos um grau de perfeição que serve ainda de modelo; mas a filosofia dos gregos me parece muito acima da de seus imitadores, os romanos; e a filosofia moderna tem, contudo, em relação a dos romanos,* a superioridade que devem garantir ao pensamento do homem mais dois mil anos de meditação.

Os gregos se aperfeiçoaram de uma maneira muito notável durante o curso de três séculos. No último, o de Alexandre, Menandro, Teofrasto, Euclides, Aristóteles, marcam sensivelmente os passos dados nos diversos gêneros. Uma das principais causas

* Na primeira edição, não havia a palavra "contudo" e, aqui, ao invés de "romanos" aparecia "gregos".

finais dos grandes acontecimentos que nos são conhecidos é a civilização do mundo. Eu desenvolverei em outro lugar essa asserção; o que me importa observar agora é o quanto os gregos estavam prontos para expandir as luzes, o quanto eles excitavam os trabalhos necessários para adquiri-las. Os filósofos instituíam seitas, meio também útil ainda que seja prejudicial agora. Eles envolviam a procura da verdade com tudo o que podia impressionar a imaginação; essas caminhadas nas quais jovens discípulos se reuniam em torno de seu mestre para escutar pensamentos nobres em presença de um belo céu; essa língua harmoniosa que exaltava a alma pelos sentidos antes mesmo que as ideias tivessem agido sobre ela; o mistério que se trazia a Elêusis na descoberta, na comunicação de certos princípios de moral; todas essas coisas se somavam ao efeito das lições dos filósofos. Com a ajuda do maravilhoso mitológico, fazia-se adotar verdades ao universo em sua infância. Inflamava-se de mil maneiras o gosto pelo estudo; e os elogios lisonjeiros que os discípulos da filosofia obtinham, aumentavam ainda o seu número.

O que contribui para nos dar uma ideia prodigiosa dos antigos são os grandes efeitos produzidos por suas obras; não é, no entanto, segundo essa regra que é preciso julgá-los. O pequeno número de homens esclarecidos que a Grécia oferecia à admiração do resto do mundo, a dificuldades das viagens, a ignorância sobre onde estava a maior parte dos fatos recolhidos pelos escritores, a raridade de seus manuscritos, tudo contribuía para inspirar a mais viva curiosidade pelas obras célebres. Os testemunhos multiplicados desse interesse geral excitavam os filósofos a vencer as grandes dificuldades que o

estudo apresentava, antes que o método e a generalização tivessem abreviado a sua rota. A glória moderna não teria bastado para recompensar tais esforços; não era preciso menos do que a glória antiga para dar a força de vencer tão grandes obstáculos. Os antigos filósofos obtiveram, em sua época, uma reputação muito mais brilhante do que a dos modernos; mas não é menos verdade que os modernos, na metafísica, na moral e nas ciências, são infinitamente superiores aos antigos.

Os filósofos da antiguidade combateram alguns erros; mas eles adotaram um grande número deles. Quando as crenças mais absurdas se estabelecem em geral, os escritores que as chamam para as luzes da razão não podem nunca se desfazer inteiramente dos preconceitos que os circundam. Por vezes eles colocam um erro no lugar daquele que eles combatem; outras vezes eles conservam uma superstição que lhes é própria, atacando os dogmas recebidos. As palavras fortuitas pareciam temíveis para Pitágoras. Sócrates e Platão acreditavam em demônios familiares. Cícero temia os presságios tirados dos sonhos. Desde que um revés, uma pena qualquer se pressente sobre a alma, é impossível que ela afaste absolutamente todas as superstições de seu século: o apoio que se encontra em si não basta; só se crê protegido pelo que está fora de nós. Ao se estudar a si mesmo, ver-se-á que, em todas as dores da vida, é-se levado a crer nos outros mais do que em suas próprias reflexões, a procurar os motivos de seus medos e de suas esperanças em outro lugar que não na razão. Um gênio superior, qualquer que ele seja, não pode se desvencilhar por si só dessa necessidade do sobrenatural, inerente ao homem: é preciso que a nação faça corpo

com o filósofo contra certos terrores, para que seja possível a esse filósofo atacá-los todos.

Os gregos se livraram apaixonadamente à procura dos diferentes sistemas do mundo. Menos eles se encontravam avançados na carreira das ciências, menos eles reconheciam os limites do espírito humano. Os filósofos se divertem sobretudo com o desconhecido e o inexplicável. Pitágoras dizia que *só há de real o que é espiritual; que o material não existe.* Platão, esse escritor tão brilhante de imaginação, retorna sem cessar a uma metafísica bizarra do mundo, do homem e do amor, onde as leis físicas do universo e a verdade dos sentimentos não são nunca observadas. A metafísica que não tem nem os fatos por base nem o método por guia é o que se pode estudar de mais cansativo; e eu creio impossível não o sentir, lendo os escritos filosóficos dos gregos, apesar do charme de sua língua.

Os antigos são mais fortes em moral do que em metafísica; o estudo das ciências exatas é necessário para retificar a metafísica, enquanto a natureza colocou no coração do homem tudo o que pode conduzi-lo à virtude. Contudo, nada é menos irrevocável, nada tem menos conjunto do que o código moral dos antigos. Pitágoras parecia dar a mesma importância aos provérbios, aos conselhos de prudência e de habilidade e aos preceitos da virtude. Muitos dos filósofos gregos confundem igualmente os estágios na moral; eles colocam o amor pelo estudo na mesma linha que o cumprimento dos primeiros deveres. O entusiasmo pelas faculdades do espírito predomina nelas sobre todo outro tipo de estima: eles excitam o homem a se fazer admirar; mas eles não levam um olhar inquieto ou penetrante nas penas interiores da alma.

Eu não creio que a palavra felicidade seja sequer uma vez pronunciada nos escritos dos gregos, segundo a acepção moderna. Eles não davam grande importância às virtudes particulares. A política era para eles uma ramificação da moral; eles meditavam sobre o homem em sociedade; eles não o julgavam quase nunca além de suas relações com seus concidadãos; e como os estados livres eram compostos em geral de uma população muito pouco numerosa e que as mulheres não tinham nenhuma importância na vida,[21] toda a existência do homem consistia nas relações sociais: era ao aperfeiçoamento dessa existência política que os estudos dos filósofos se relacionavam exclusivamente. Platão, em sua República, propõe como um meio de aumentar a felicidade da raça humana, a destruição do amor conjugal e paternal, pela comunidade das mulheres e das crianças. O governo monárquico e a extensão dos impérios modernos desligaram a maior parte dos homens do interesse dos assuntos públicos: eles se concentraram em suas famílias e a felicidade não se perdeu; mas tudo excitava os antigos a seguirem a carreira política e sua moral tinha como primeiro objetivo de encorajá-los a isso. O que há de verdadeiramente belo em sua doutrina não é contrário a essa asserção. Se é útil, em todas as situações, exercer um grande império sobre si mesmo, é sobretudo aos homens de estado que esse poder é necessário.

---

[21] [A nota da primeira edição continha apenas essa frase: "Não se encontra a palavra *mulher* uma única vez nos caráteres de Teofrasto". A nota da segunda edição é]: Não se encontra um único retrato de mulher nos caráteres de Teofrasto; seu nome não é nunca pronunciado como o de um ser que faz parte dos interesses da sociedade. Me objetaram o brilho do nome de Aspásia. É o destino de uma cortesã que pode provar o nível que as leis e os costumes acordam às mulheres em um país?

O quanto essa moral, que consiste inteira na calma, na força da alma e no entusiasmo da sabedoria, é admiravelmente descrita na Apologia de Sócrates e no Fédon! Se se podia fazer entrar em sua alma essa ordem de ideias, parece que se estaria invencivelmente armado contra os homens. Os antigos colocam frequentemente seu ponto de apoio nos erros, frequentemente nas ideias factíveis; mas enfim eles se sacrificavam pelo que eles reconheciam como sendo a virtude; e o que nos falta hoje é uma alavanca para elevar o egoísmo: todas as forças morais de cada homem se encontram concentradas em seu interesse pessoal.

Os filósofos gregos eram em muito pequeno número e os trabalhos anteriores a seu século não lhes ofereciam socorro; era preciso que eles fossem universais em seus estudos. Eles não podiam, pois, ir longe em nenhum gênero; lhes faltava o que só se deve às ciências exatas, o método, isto é, a arte de resumir. Platão não teria podido juntar em sua memória o que, com a ajuda desse método, os jovens retêm sem dificuldade hoje; e os erros se introduziam muito mais facilmente antes que se tivesse adotado no raciocínio o encadeamento matemático.

Sócrates mesmo, nos diálogos de Platão, toma emprestado, para combater os sofistas, algumas das falhas deles; são as demoras, os desenvolvimentos, que não seriam tolerados agora. Deve-se recorrer aos antigos para o gosto simples e puro das belas-artes; deve-se admirar sua energia, seu entusiasmo por tudo o que é grande, sentimentos jovens e fortes dos primeiros povos civilizados; mas é preciso considerar todos os seus raciocínios em filosofia como o projeto do edifício que o espírito humano deve construir.

Aristóteles, contudo, que viveu no terceiro século grego, por conseguinte no século superior para o pensamento em relação aos dois precedentes, Aristóteles colocou o espírito de observação no lugar do espírito de sistema; e essa diferença basta para garantir sua glória. O que ele escreve em literatura, em física, em metafísica, é a análise das ideias de seu tempo. Historiador do progresso dos conhecimentos nessa época, ele os redige, os coloca na ordem na qual ele os concebe. É um homem admirável para seu século; mas é querer forçar os homens a andarem para trás procurar na antiguidade todas as verdades filosóficas; é levar o espírito de descoberta para o passado, enquanto o presente o reclama. Os antigos, e sobretudo Aristóteles, foram quase tão fortes quanto os modernos sobre certas partes da política; mas essa exceção à invariável lei da progressão se deve unicamente à liberdade republicana da qual os gregos gozaram e que os modernos não conheceram.

Aristóteles está na ignorância mais completa sobre todas as questões gerais que a história de seu tempo não esclareceu; ele não supõe a existência do direito natural para os escravos. Antagonista de Platão sobre muitos outros assuntos, ele não imagina que a escravidão possa ser um objeto de discussão; e, na mesma obra, ele trata as causas das revoluções e os princípios do governo com uma superioridade rara, porque o exemplo das repúblicas gregas lhe havia fornecido a maior parte de suas ideias. Se o regime republicano não tinha deixado de existir desde Aristóteles, os modernos lhe seriam tão superiores no conhecimento da arte social quanto em todo outro estudo intelectual. É preciso que o pensamento seja

advertido pelos acontecimentos; é assim que, examinando os trabalhos do espírito humano, vê-se constantemente as circunstâncias ou o tempo dar o fio que serve de guia ao gênio. O pensador sabe tirar consequências de uma ideia principal; mas a primeira palavra de todas as coisas, não é a reflexão, mas o acaso que a faz descobrir ao homem.

O estilo dos historiadores gregos é notável pela arte de narrar com interesse e simplicidade, e pela vivacidade de alguns de seus quadros; mas eles não aprofundam os caráteres, eles não julgam as instituições. Os fatos inspiravam então uma tal avidez, que ainda não se voltava seu pensamento para as causas. Os historiadores gregos andam com os acontecimentos; eles seguem sua impulsão, mas não param para considerá-los. Dir-se-ia que, novos na vida, eles não sabem se o que é poderia existir de outra maneira.* Eles não condenam nem aprovam; eles transmitem tanto as verdades morais como os fatos físicos, os belos discursos tanto como as más ações, as boas leis tanto como as vontades tirânicas, sem analisar nem os caráteres nem os princípios. Eles pintam, por assim dizer, a conduta dos homens como a vegetação das plantas, sem ter sobre ela um julgamento de reflexão.[22] É aos historiadores das primeiras eras da

* Na primeira edição, aqui havia um ponto-e-vírgula.

[22] [Nota da segunda edição]: Tucídides é certamente o mais distinto dos historiadores gregos. Todos os seus quadros são cheios de imaginação; e suas arengas são, como as de Tito-Lívio, da mais bela eloquência: quando ele conta os infortúnios relacionados às desordens civis, ele joga grandes luzes sobre as paixões políticas e deve parecer superior aos escritores modernos que só têm a história das guerras e dos reis para contar. Mas quem poderia comparar a filosofia de Tucídides a de Hume, e a profundidade de seu espírito ao de Maquiavel, em suas *Reflexões sobre as décadas de Tito-Lívio*?

Grécia que essas observações se aplicam. Plutarco, contemporâneo de Tácito, pertence a uma época diferente do espírito humano.

A eloquência dos filósofos quase igualava, entre os gregos, a eloquência dos oradores. Sócrates, Platão, amavam mais falar do que escrever, porque eles sentiam, sem se dar conta precisamente de seu talento, que suas ideias pertenciam mais à inspiração do que à análise. Eles tinham necessidade de recorrer* ao movimento e à exaltação produzida pela linguagem animada da conversação; eles procuravam o que podia agir sobre a imaginação, com tanto cuidado quanto os metafísicos exatos e os moralistas severos têm, em nossos dias,** para se garantir contra todo o ornamento poético. A eloquência filosófica dos gregos produz ainda efeito sobre nós pela nobreza e a pureza da linguagem. A doutrina calma e forte que eles ensinavam dá a seus escritos um caráter que o tempo não gastou. A antiguidade convém bem às belezas simples; no entanto, nós acharíamos os discursos dos filósofos gregos sobre as afeções da alma demasiado monótonas, se eles fossem escritos em nossos dias: lhes falta um grande poder para fazer nascer a emoção; é o da melancolia e da sensibilidade.

As opiniões estoicas não uniam a sensibilidade à moral; a literatura dos povos do Norte não tinha ainda feito amar as imagens sombrias; o gênero humano não tinha atingido, se for permitido se exprimir assim,*** a época da melancolia; o homem lutando contra

---

* Antes constava: "Eles amavam tomar de auxílio o movimento".

** Os adjetivos "exatos" e "severos" são novos. Para o primeiro substantivo não havia qualquer um, para o segundo, antes constava "modernos". A passagem "em nossos dias" também é nova.

*** O trecho "se for permitido se exprimir assim" só se encontra nesta edição.

os sofrimentos da alma, lhes opunha somente a força e não essa resignação sensível que não acaba com a pena e não se enrubesce com arrependimentos. Essa resignação pode, só ela, fazer servir a dor aos mais sublimes efeitos do talento.

A eloquência da tribuna era, na república de Atenas, tão perfeita quanto era preciso para preparar a opinião dos ouvintes. Nos países onde se pode produzir pela palavra um grande resultado político, esse talento se desenvolve necessariamente. Quando se conhece o valor do prêmio, sabe-se de antemão quais esforços serão tentados para obtê-lo. A eloquência era, entre os atenienses, tanto quanto eles foram livres, uma espécie de ginástica, na qual se via o orador pressionar o povo por seus argumentos, como se ele quisesse o abater. O movimento que Demóstenes exprime mais frequentemente é a indignação que lhe inspiram os atenienses; essa cólera contra o povo, relativamente natural talvez em uma democracia, retorna sem cessar nos discursos de Demóstenes. Ele fala de si mesmo de uma maneira digna; isto é, rápida e indiferente.

Eu examinarei, no capítulo seguinte, algumas das razões políticas da diferença que existe entre Cícero e Demóstenes.* O que se pode notar em geral nos oradores gregos é que eles só se servem de um pequeno número de ideias principais, seja porque só se pode impressionar o povo com poucos argumentos expressos fortemente e por muito tempo desenvolvidos, seja porque os sermões dos gregos tinham o mesmo defeito que sua literatura, a uniformidade. Os antigos, na sua maior parte, não têm uma grande variedade de pensamentos. Seus escritos são como a música dos escoceses, que

* Na primeira edição, aqui havia um ponto-e-vírgula.

compõem árias com cinco notas, cuja perfeita harmonia afasta toda crítica sem cativar profundamente o interesse.

Enfim, os gregos, tão surpreendentes que eles são, deixam poucos arrependimentos. É assim que devia ser um povo, que começava a civilização do mundo. Eles têm todas as qualidades necessárias para excitar o desenvolvimento do espírito humano; mas não se experimenta, vendo-os desaparecer na história, a mesma dor que inspira a perda do nome e do caráter dos romanos. Os costumes, os hábitos, os conhecimentos filosóficos, os sucessos militares, tudo parece, entre os gregos, dever ser apenas passageiro; é a semente que o vento levará em todos os lugares da Terra, mas que não permanecerá onde nasceu.

O amor pela reputação era o princípio de todas as ações dos gregos; eles estudavam para serem admirados; eles suportavam a dor para excitarem o interesse; eles adotavam opiniões para terem discípulos; eles defendiam sua pátria para governá-la.[23] Mas eles não tinham esse sentimento íntimo, essa vontade refletida, esse espírito nacional, essa devoção patriótica que distinguia os romanos. Os gregos deviam dar o impulso à literatura e às belas-artes;[*] os romanos fizeram levar ao mundo a marca de seu gênio.

---

[23] Alcibíades e Temístocles quiseram se vingar de sua pátria suscitando contra ela inimigos estrangeiros; jamais um romano foi declarado culpado de um tal crime. Coriolano é o único exemplo disso e ele não pôde se resolver a conclui-lo.

[*] Aqui havia, antes, um ponto final.

CAPÍTULO V

Da literatura latina, enquanto a república romana ainda durava

É preciso distinguir em todas as literaturas o que é nacional do que pertence à imitação. Porque o império romano tinha sucedido à dominação de Atenas, a literatura latina seguiu a rota que a literatura grega tinha traçado, inicialmente porque era a melhor em vários aspectos e porque querer dela se desviar em tudo teria significado renunciar ao bom gosto e à verdade; talvez também porque só a necessidade produz a invenção e que se adota ao invés de criar, quando se encontra um modelo de acordo com suas ideias habituais. O gênero humano se aplica de preferência a aperfeiçoar, quando ele é dispensado de descobrir.

O paganismo romano tinha muita relação com o paganismo grego. Os preceitos das belas-artes e da literatura, um grande número de leis, a maior parte das opiniões filosóficas, foram transportadas sucessivamente da Grécia à Itália. Eu não me prenderei aqui, portanto, à análise dos efeitos semelhantes que devem nascer das mesmas causas. Tudo o que na literatura grega se refere à religião pagã, à escravidão, aos costumes das nações do Sul, ao espírito geral da antiguidade antes da invasão dos povos do Norte e do estabelecimento da religião cristã, deve se reencontrar com algumas modificações nos latinos.

O que importa notar são as diferenças características da literatura grega e da literatura latina; e os progressos do espírito humano nas três épocas sucessivas da história literária dos romanos, a que precedeu o reino de Augusto, a que leva o nome desse imperador e

a que pode se considerar desde sua morte até o reino dos Antoninos. As duas primeiras se confundem em alguns aspectos pelas datas; mas seus espíritos são extremamente diferentes. Ainda que Cícero tenha morrido sob o triunvirato de Otávio, seu gênio pertence inteiramente à república; e ainda que Ovídeo, Virgílio, Horácio tenham nascido quando a república ainda subsistia, seus escritos têm o caráter da influência monárquica. Sob o reino de Augusto mesmo, alguns escritores, Tito-Lívio sobretudo, mostram frequentemente em sua maneira de escrever a história, um espírito republicano; mas para analisar com justiça o gênero distintivo dessas três épocas, é preciso examinar suas cores gerais e não as exceções particulares.

O caráter romano só se mostrou inteiro durante o tempo em que durou a república. Uma nação só tem caráter quando ela é livre. A aristocracia de Roma tinha algumas das vantagens da aristocracia das luzes. Ainda que se possa, com razão, lhe reprovar tudo o que, na nominação dos senadores, se devia puramente à hereditariedade, no entanto o governo de Roma, dentro de seus muros, era um governo livre e paternal. Mas as conquistas davam um poder imenso aos chefes de estado; e os principais romanos, elite da cidade rainha do universo, se consideravam como possessores do patriciado do mundo. É desse sentimento de aristocracia entre os nobres, de superioridade exclusiva nos habitantes da cidade, que deriva o eminente caráter dos escritos romanos, de sua língua, de seus costumes, de seus hábitos, a dignidade.

Os romanos não mostravam nunca, em quaisquer circunstâncias, uma agitação violenta; quando mesmo eles desejavam emocionar pela eloquência, lhes importava ainda mais conservar a dignidade

calma de uma alma forte, de não comprometer o sentimento de respeito, que era a base de todas as suas instituições políticas, como de todas as suas relações sociais. Há em sua língua uma autoridade de expressão, uma gravidade de som, uma regularidade de períodos que se presta com dificuldade aos acentos defeituosos de uma alma confusa ou às tiradas rápidas da gozação. Eles triunfam em seus combates por sua coragem; mas sua força moral consistia na impressão solene e profunda que produzia o nome romano. Eles não se permitiam, por nenhum motivo, sequer para um sucesso presente, o que podia trazer prejuízo às relações duráveis de subordinação, de deferência e de sabedoria.

Era um povo, cujo poder consistia em uma vontade consequente, ao invés de na impetuosidade de suas paixões. Era preciso o persuadir pelo desenvolvimento da razão e o conter pela estima. Mais religioso que os gregos, ainda que menos fanático; mais obediente às autoridades políticas, menos entusiasta e, por conseguinte, menos invejoso das reputações individuais, ele não estava nunca privado do exercício da sua razão, por nenhum acontecimento da vida humana.

Os romanos tinham começado por desprezar as belas-artes e, em particular, a literatura, até o momento em que os filósofos, os oradores, os historiadores tornaram o talento de escrever útil aos assuntos e à moral pública. Quando os primeiros do estado se ocuparam de literatura, seus livros tiveram sobre os dos gregos a vantagem que dá sempre o conhecimento prático dos homens e da administração; mas eles foram compostos necessariamente com mais circunspecção. Cícero só ousava atacar com timidez as ideias

recebidas em Roma. As opiniões nacionais não podiam ser desbravadas por quem queria obter da nação seu sufrágio para os primeiros lugares da república; o escritor aspirava sempre a conservar sua reputação de homem de estado.

Nas democracias, tais como as de Atenas, o estudo da filosofia e a ocupação dos assuntos políticos se encontram quase tão raramente reunidas quanto em uma monarquia a profissão de cortesão e o mérito de pensador. Os meios pelos quais adquire-se a popularidade ocupam inteiramente o tempo e não têm quase nenhuma relação com os trabalhos necessários ao crescimento das luzes. Os chefes do povo não têm, por assim dizer, nenhuma ideia da posteridade; as tempestades do presente são tão terríveis, os reveses e a prosperidade levam tão longe o destino, que todas as paixões são absorvidas pelos acontecimentos contemporâneos. Como o governo aristocrático oferece uma carreira mais lenta e mais medida, fixa mais o interesse sobre todos os tipos de futuro: as luzes filosóficas são necessárias à consideração em um corpo de homens escolhidos, enquanto bastam recursos da imaginação para emocionar a multidão reunida.

Exceto Xenofonte, que tinha sido ele mesmo ator na história militar que ele conta, mas que, no entanto, nunca teve poder no interior da república, nenhum dos homens de estado de Atenas foi ao mesmo tempo célebre por seus talentos literários; nenhum como Cícero e César acreditou acrescentar algo, através dos seus escritos, à sua existência política. Cipião e Salústio foram considerados suspeitos, um de ser o autor secreto das comédias de Terêncio, o outro de ter sido o ator escondido da conspiração da qual ele é o

historiador; mas não se vê exemplo em Atenas de que o mesmo homem tenha seguido a dupla carreira das letras e dos assuntos públicos. Resultava dessa separação quase absoluta entre os estudos filosóficos e as ocupações do homem de estado que os escritores gregos cediam mais à sua imaginação e que os escritores latinos tomavam por regra de seus pensamentos a realidade das coisas humanas.

A literatura latina é a única que iniciou pela filosofia; em todas as outras, e sobretudo na literatura grega,* os primeiros ensaios do espírito humano pertenceram à imaginação. As comédias de Plauto e de Terêncio só são imitações do grego. Os outros poetas anteriores a Cícero ou apenas com dificuldade mereceriam ser nomeados ou, como Lucrécio, colocaram em versos ideias filosóficas.[24] A utilidade é o princípio criador da literatura latina; a

---

* O trecho entre vírgulas é da segunda edição apenas.

[24] [Nota da segunda edição]: Como essa minha opinião foi contestada, eu creio dever indicar alguns fatos que a provam. Eu disse que os poetas que tinham precedido Cícero e Lucrécio apenas com dificuldade mereceriam ser nomeados. Me objetaram com a referência a Quinto Ênio, Accius e Marco Pacúvio. Ênio, o melhor dos três, é um poeta incorreto, obscuro e de uma imaginação pouco poética. Essa opinião, fundada sobre os fragmentos dele que nos restam, é confirmada por Virgílio. Seu julgamento sobre Ênio virou provérbio. Horácio ridiculariza, em uma de suas cartas, aqueles que admiram os antigos poetas romanos, Ênio e seus contemporâneos. Ovídio, em sua *Tristia*, proíbe as mulheres de lerem os Anais em versos de Ênio, porque, ele diz (*nihil est hirsutius illis*) que nada é mais grosseiro que esses Anais; e a maioria dos contemporâneos latinos considera Ênio como um escritor ruim. / Eu disse que os romanos estavam ocupados com filosofia antes de terem tido poetas. É no ano de 514 que as primeiras comédias em versos, compostas por Tito Andrônico, foram representadas; e é no ano seguinte que Ênio ficou conhecido. Cinco séculos antes dessa época, Numa Pompílio tinha escrito sobre filosofia e cento e cinquenta anos depois de Numa, Pitágoras tinha recebido burgueses de Roma. As seitas filosóficas da grande Grécia tiveram relações contínuas com Roma; a língua latina tomou emprestadas muitas palavras e regras gramaticais do grego eólico, que as colônias tinham transportado para a grande Grécia. Ênio, antes de escrever em versos, tinha abraçado a seita pitagórica; e o que nos resta de seus poemas contém ideias filosóficas muito mais do que fábulas maravilhosas. / A legislação, que se

deve olhar como um ramo da filosofia, foi levada ao mais alto ponto de perfeição em Roma antes que tivesse havido poetas. Escolas públicas foram instituídas para estudar o espírito das leis; comentadores as analisaram. Sextus Papyrus, Sextus Coelius, Granius Flaccus etc. escreveram sobre esse tema nos séculos terceiro, quarto e quinto da república. Para redigir a lei das doze tábuas, foram enviados romanos para consultar os homens mais esclarecidos da Grécia; e essa lei das doze tábuas, que trata da religião, do direito público e particular, é citada por Cícero como sendo superior a tudo o que os filósofos jamais escreveram sobre o assunto. / Lúcio Emílio Paulo confia ao filósofo Metrodoro, que ele havia trazido de Atenas, a educação de seu filho. Catão, o antigo, que desaprovava o gosto dos romanos pela literatura grega, e que desprezava particularmente Ênio, porque ele escrevia em versos, tinha sido instruído por Nearco, o pitagórico, e se distinguia como escritor e como orador: ele só se mostrou adversário de Carnéades, filósofo grego da seita acadêmica; e Diógenes, o estoico, que foi enviado a Roma ao mesmo tempo que Carnéades, foi ali tão bem acolhido, que Cipião, Laelius e muitos outros senadores abraçaram sua doutrina: parece até que ela era conhecida e praticada em Roma muito tempo antes dessa embaixada. / Se se quiser sempre chamar a filosofia de a arte dos sofismas, poder-se-á dizer com razão que, durante toda a duração da república, os romanos recusaram esse falso espírito dos gregos; mas se se quiser dar à filosofia a honrável acepção que ela sempre teve na antiguidade, ver-se-á que os romanos não puderam ser grandes homens de estado, profundos legisladores e hábeis oradores políticos, sem serem filósofos. / Antes de Ênio, houve muitos escritores em prosa entre os romanos. Postúmio Albo, romano, escreveu uma história de Roma em grego; Caio Fábio Pictor [escreveu] uma outra em latim etc. Antes de Ênio, os romanos tiveram oradores célebres, sobre os quais Cícero fala com admiração, os Gracos, os Ápios etc. Vários de seus discursos existiam ainda por escrito no tempo de Cícero. Enfim, a república tinha quase todos seus grandes homens antes que se cultivasse a poesia. / Pode-se comparar essa marcha do espírito humano em Roma àquela que se seguiu na Grécia? O mais sublime dos poetas, Homero, existiu quatro séculos antes do primeiro escritor em prosa que nos é conhecido; Ferécides de Siro, trezentos anos antes de Sólon, um século antes de Licurgo; e a primeira arte da imaginação, a poesia, tinha quase alcançado na Grécia o mais alto grau de perfeição, antes que houvesse sobre outros objetos as ideias adequadas para fazer um código de leis e formar uma sociedade política. / Enfim, quando se quer conhecer o caráter de uma literatura, é seu espírito geral que se procura entender. Diz-se que a literatura italiana começou pela poesia, ainda que no tempo de Petrarca houvesse prosadores ruins dos quais se poderia objetar os nomes, como se pretende opor Ênio, Accius e Marco Pacúvio aos grandes oradores, aos filósofos políticos que consagram a glória dos primeiros séculos da república romana. Se se falar em um poeta Cícero, porque ele tentou em sua juventude fazer um poema sobre Mário, não se compreenderá nada desse epíteto. Ocorre o mesmo com essa poesia informe, fria e desconhecida, à qual quer-se atribuir a origem da literatura latina. A instrução vale algumas vezes muito mais do que a erudição; pois, na noite da antiguidade, pode-se se perder em detalhes que impedirão de apreender a verdade do conjunto. / Os escritores verdadeiramente célebres antes do século de Augusto são Salústio, Cícero e Lucrécio, aos quais se pode acrescentar Plauto e Terêncio, tradutores das comédias gregas. Mas qual é o poeta original, na língua

necessidade de se divertir, o princípio criador da literatura grega. Os patrícios instituíam, por condescendência com o povo, espetáculos, cantos e festas; mas como o poder durável ficava concentrado no senado, esse corpo devia necessariamente dar o impulso ao espírito público.

O povo romano era uma nação já célebre, sabiamente governada, fortemente constituída, antes que algum escritor tenha existido na língua latina. A literatura começou quando o espírito dos romanos estava já formado por muitos séculos, nos quais os princípios filosóficos tinham sido colocados em prática. A arte de escrever só tinha se desenvolvido muito tempo após o talento de agir; a literatura teve, pois, nos romanos, um outro caráter, um outro objeto, totalmente diferentes daqueles dos países onde a imaginação se levanta em primeiro lugar.

Um gosto mais severo do que o dos gregos devia resultar, em Roma, da distinção das classes. Como os primeiros procuravam sempre se elevar, não tardaram a notar que a nobreza das maneiras, a delicadeza da educação, fazem sentir melhor a distância das classes do que todas as gradações legais. Os romanos não teriam nunca suportado, no teatro, as piadas grosseiras de Aristófanes; eles não teriam nunca sofrido com tal representação, no espetáculo, dos

---

latina, que mereceu alguma reputação antes de Cícero? Qual o poeta que tenha exercido sobre a literatura latina, antes do século de Augusto, uma influência que se possa comparar, o mínimo que seja, a de Homero sobre a literatura grega? Cícero é o primeiro da literatura latina, como Homero é o primeiro da literatura grega; com a diferença de que, para que existisse um filósofo como Cícero, era preciso que muitos séculos esclarecidos o tivessem precedido, enquanto é à imaginação apenas do poeta e ao maravilhoso dos tempos heroicos que é preciso atribuir Homero. / Se acharem essas observações muito extensas, eu peço que se lembrem que elas foram escritas em resposta a um ataque que exigia uma refutação.

acontecimentos contemporâneos e dos personagens públicos. Eles permitiam que se representasse diante deles certos costumes teatrais sem nenhuma relação com suas virtudes domésticas, pantomimas ou farsas grosseiras,* com escravos gregos fazendo o papel principal nos temas gregos, mas nada que pudesse ter a menor analogia com os costumes dos romanos. As ideias, os sentimentos que se exprimia nessas comédias eram, para os espectadores de Roma, como uma ficção a mais em uma obra de imaginação; e, no entanto, Terêncio conservava em seus temas estrangeiros o tipo de decência e de medida que exige a dignidade do homem, mesmo que não houvesse mulheres como ouvintes.

As mulheres tinham mais existência entre os romanos do que entre os gregos; mas era em suas famílias que elas obtinham o ascendente: elas não o tinham adquirido ainda nas relações da sociedade. O gosto, a urbanidade romana tinha alguma coisa de máscula que não tomava nada emprestado da delicadeza das mulheres e se mantinham apenas pela austeridade dos costumes.

Nem a eloquência tempestuosa da Grécia nem a engenhosa adulação da França, não são feitas para os governos aristocráticos: não é nem o povo nem o indivíduo-rei que é preciso cativar; é um corpo, é um pequeno número, colocando em comum seus interesses separados. Em uma tal ordem de coisas, era preciso que os patrícios se respeitassem mutuamente para o impor ao resto da nação; era preciso obter uma estima durável; era preciso que cada um tivesse qualidades sérias e graves que pudessem honrar seus semelhantes e servir às suas existências, tanto quanto à sua própria. O que

* O trecho entre vírgulas foi acrescentado à segunda edição.

singulariza, o que excita demasiadamente aplausos ou inveja não convém à dignidade de um corpo. Os romanos não procuravam, pois, se distinguir, como os gregos, por sistemas extraordinários, por inúteis sofismas, por um tipo de vida bizarramente filosófico.[25] O que podia obter a estima dos patrícios era o objeto da emulação geral: podia-se os odiar; mas se queria lhes juntar.

Ainda que os romanos tenham se dedicado menos à literatura do que os gregos, aqueles são a esses superiores pela sagacidade e a grandeza, nas observações morais e filosóficas. Os romanos tinham sobre os gregos um avanço de alguns séculos na carreira do espírito humano. Aliás, quanto mais existe convenções a mudar, mais a penetração do espírito é necessária. A democracia inspira uma emulação viva e quase universal; mas a aristocracia excita mais a aperfeiçoar o que se empreende. O escritor que compõe tem sempre seus juízes presentes ao pensamento; e todas as obras são um resultado combinado do gênio do autor e das luzes do público, que ele escolheu por tribunal.

Os gregos eram muito mais exercitados do que os romanos nessas réplicas prontas e picantes que garantem a popularidade em uma nação espiritual e alegre; mas os romanos tinham mais espírito verdadeiro; isto é, eles viam um maior número de relações entre as ideias e eles aprofundavam mais todos os tipos de reflexão. Seus progressos nas ideias filosóficas são extremamente sensíveis, desde Cícero até Tácito. A literatura de imaginação seguiu uma marcha desigual; mas o conhecimento do coração humano e da moral que

[25] O que ter-se-ia dito em Roma das singularidades de Diógenes? Nada; pois ele não teria ali se consagrado, em um país onde elas não lhe teriam valido nenhum sucesso.

lhe é própria se aperfeiçoou sempre progressivamente. As principais bases das opiniões filosóficas dos romanos são emprestadas dos gregos; mas como os romanos adotaram, na conduta de sua vida, os princípios que os gregos tinham desenvolvido em seus livros, o exercício da virtude os tornou muito superiores aos gregos, para a análise de tudo o que se refere à moral. O código dos deveres é apresentado por Cícero com mais conjunto, mais claridade, mais força, do que em qualquer outra obra precedente. Era impossível ir mais longe antes do estabelecimento de uma religião benfeitora e da abolição da escravidão política e civil.

Os antigos não aprofundaram as paixões humanas como o fizeram alguns moralistas modernos; suas ideias sobre a virtude se opunham a elas necessariamente. A virtude consistia, para os antigos, em uma força sobre si mesmo e no amor pela reputação. Esses impulsos, mais exteriores do que íntimos, não permitiram ao homem conhecer os segredos do coração do homem;* e a filosofia moral, sob vários aspectos, nisso ficou prejudicada.

As opiniões estoicas eram o ponto de honra dos romanos: uma virtude dominante sustenta todas as associações políticas, independentemente do princípio de seu governo; isso significa que, entre todas as qualidades, prefere-se uma sem a qual todas as outras não são nada e que basta, ela apenas, para fazer perdoar a ausência de todas. Essa qualidade é o laço de pátria, o caráter distintivo dos cidadãos de um mesmo país. Entre os lacedemônios era o desprezo pela dor física; entre os atenienses, a distinção dos talentos; entre os

* Essa oração na edição anterior era: "não introduziram o homem nos segredos do coração do homem".

romanos, o poder da alma sobre ela mesma; entre os franceses, o brilho do valor; e tal era a importância que um romano dava ao exercício de um império absoluto sobre todo o seu ser, que, só consigo mesmo, o estoico dificilmente reconhecia as afecções que lhe era ordenado superar.

Se um homem de honra era suscetível de algum temor, ele o repulsaria com tanta energia que ele não teria nunca a ocasião nem a vontade de observá-la em seu próprio coração. Ocorria o mesmo, entre os filósofos romanos, com os sentimentos tumultuosos de pena ou de cólera, de inveja ou de arrependimento: eles achavam afeminados todos os movimentos involuntários; e, se envergonhando de experimentá-los, eles não se dedicavam a conhecê-los nem neles mesmos nem nos outros. O estudo do coração humano só era para eles o estudo da força ou da fraqueza. Sempre ambiciosos de reputação, eles não se abandonavam a seus próprios carácteres; eles mostravam sempre uma natureza controlada.

Cícero é o único cuja individualidade atravessa seus escritos: ele combate por seu sistema o que seu amor-próprio deixa escapar. Sua filosofia é composta de preceitos e não de observações. Os romanos não eram hipócritas; mas eles se formavam dentro de si mesmos para a ostentação. O caráter romano era um modelo ao qual todos os grandes homens adaptavam sua natureza particular; e os escritores moralistas apresentavam sempre o mesmo exemplo.

Cícero, em seus Ofícios, fala do *decorum*, isto é, das formas exteriores da virtude, como fazendo parte da virtude mesma; ele ensina, como um dever moral, os diversos meios de impor o

respeito pela pureza da linguagem, pela elegância da pronunciação. Tudo o que pode somar à dignidade do homem era a virtude dos romanos. São os prazeres filosóficos e não as ideias doces de uma religião elevada que eles propõem como recompensa aos sacrifícios. Não são as consolações do coração que eles chamam para sustentar os homens, é o orgulho; tanto sua natureza é majestosa, tanto eles se esforçam por separar deles tudo o que poderia pertencer aos movimentos sensíveis, ainda que esses movimentos servissem para o apoio da moral mais severa!

Não se vê, portanto, na primeira época de sua literatura, nenhuma obra que mostre um profundo conhecimento do coração humano, que descreva o segredo dos caráteres ou as diversidades sem número da natureza moral. Seria talvez encorajar as fraquezas distinguir as suas causas, enquanto os romanos queriam ignorá-las tanto quanto fosse possível. Sua eloquência não é animada por paixões irresistíveis; é o calor da razão que não exclui a calma da alma.

Os romanos tinham, contudo, mais da verdadeira sensibilidade do que os gregos; os costumes severos conservam melhor as afecções sensíveis do que a vida licenciosa à qual os gregos se abandonavam.

Plutarco, que nos deixa o que ele descreve de lembranças tão animadas, conta que Brutus, pronto a embarcar para sair da Itália, passeando sobre a borda do mar com Pórcia, que ele iria deixar, entra com ela em um templo; lá, eles rezam juntos para os deuses protetores. Um quadro que representava os adeuses de Heitor a Andrômaca, chama logo a atenção deles. A filha de Catão que, até

então tinha reprimido as expressões de sua dor, vendo esse quadro, não pôde conter o excesso de sua emoção. Brutus, então tocado ele mesmo, diz ao se aproximar de alguns amigos que o haviam acompanhado: "Eu vos confio essa mulher que une a todas as virtudes de seu sexo a coragem do nosso"; e ele se afasta.

Eu não sei se nossas desordens civis, onde tantos adeuses foram os últimos, somam algo à minha impressão lendo essa narrativa; mas me parece que há poucas narrativas mais tocantes do que esse. A austeridade romana dá um grande caráter às afeções que ela permite. O estoico Brutus, cuja indomável virtude não tinha nada perdoado, deixando ver um sentimento tão tenro nesses momentos que precedem seus últimos esforços e seus últimos dias, surpreende o coração por uma emoção inesperada; a ação terrível e o destino funesto desse último dos romanos, envolvem sua imagem de ideias sombrias que jogam sobre Pórcia o interesse mais doloroso.[26]

Comparemos a essa situação Péricles defendendo, diante do Areópago, Aspásia acusada; o brilho do poder, o charme da beleza, o amor mesmo, tal como a sedução pode excitá-lo, encontraremos todos esses modos de efeito reunidos na narrativa dessa defesa; mas eles não penetrarão até o fundo de nossa alma. No segredo da consciência se encontra também a fonte da ternura. Não são nem os preconceitos da sociedade nem as opiniões filosóficas que dispõem do nosso coração; é a virtude, tal como o céu a criou, virtude de amor ou virtude de sacrifício, mas sempre delicadeza e verdade.

---

[26] "Ela vem até o limite acompanhar seus passos, / e não se reviram os infortunados" (*Les Gracques*, por M. de Guibert).

Ainda que os romanos, pela pureza de seus costumes e os progressos de seu espírito, fossem mais capazes do que os gregos de afecções profundas, não se encontra, em seus escritos até o reino de Augusto, qualquer traço das ideias e das expressões sensíveis que essas afecções deviam lhes inspirar. O hábito de não deixar ver nenhuma de suas impressões pessoais, de ter sempre interesse pelos princípios filosóficos, dá energia, mas frequentemente também secura e uniformidade, à sua literatura. "Quanto a esse sentimento", diz Cícero, "vulgarmente chamado de amor, é quase supérfluo demonstrar quanto ele é indigno do homem". Em outro lugar ele diz, falando dos arrependimentos e das lágrimas derramadas sobre as tumbas, que "esses testemunhos de dor só convêm às mulheres". Ele acrescenta "que eles são de mau agouro". Assim o homem que queria dominar a natureza cedia à superstição.

Sem querer discutir aqui qual vantagem resulta para uma nação dessa força moral, exaltada por todos os esforços reunidos das instituições e dos costumes, é certo que a literatura deve ter menos variedade quando o espírito de cada homem tem sua rota traçada pelo espírito nacional e que os esforços individuais tendem todos a aperfeiçoar um único gênero, ao invés de se dirigir para aquele pelo qual cada um tem mais talento.

Os combates dos gladiadores tinham por objeto interessar fortemente o povo romano pela imagem da guerra e do espetáculo da morte; mas nesses jogos sangrentos, os romanos exigiam ainda que os escravos sacrificados aos seus bárbaros prazeres, soubessem triunfar da dor e não deixassem dela escapar nenhum testemunho. Esse império contínuo sobre as afecções é pouco favorável aos

grandes efeitos da tragédia: também a literatura latina não contém nada de verdadeiramente célebre nesse gênero.[27] O caráter romano tinha certamente a grandeza trágica; mas ele era demasiadamente contido para ser teatral. Nas classes do povo uma certa gravidade distinguia todas as ações. A loucura causada pelo infortúnio, esse quadro cruel da natureza física, perturbada pelos sofrimentos da alma, esse poderoso meio de emoção, do qual Shakespeare tirou pela primeira vez cenas tão dilacerantes, os romanos só teriam visto aí a degradação do homem. Não se cita mesmo em sua história nenhuma mulher, nenhum homem conhecido, cuja razão tenha sido desarrumada pelo infortúnio. O suicídio era muito frequente entre os romanos, mas os signos exteriores da dor extremamente raras. O desprezo que a demonstração da pena excitava, fazia ser lei ou morrer ou dela triunfar. Não há nada em uma tal disposição que possa contribuir para os desenvolvimentos da tragédia.

Não se teria jamais podido, aliás, transportar para Roma o interesse que encontravam os gregos nas tragédias cujo tema era nacional.[28] Os romanos não teriam querido que se representasse no teatro o que podia se ligar à sua história, às suas afecções, à sua pátria.[29] Um sentimento religioso consagrava tudo o que lhe era

---

[27] [Nota da segunda edição]: Horácio lamenta que os romanos, no meio da representação das peças de teatro, as interrompiam para pedir, aos gritos, [a presença de] gladiadores.

[28] [A nota que se segue, na primeira edição, aparecia um pouco mais à frente, após o trecho "que podia ligar à sua história"]: Existe uma tragédia sobre um tema romano, a morte de Otávio; mas ela foi composta, como a natureza do tema o prova, muito tempo após a destruição da república; e ainda que ela se encontre nas Obras de Sêneca, ignora-se seu autor e não se sabe se ela foi alguma vez representada.

[29] [Nota da segunda edição]: Opõe-se a essa opinião esses quatro versos de Horácio: *Nil intentatum nostri liquere poetae, / Nec minimum meruere decus, vestigia graeca / Ausi deserere, et celebrare domestica facta / Vel qui praetextas, vel qui docuere togatas.*

(Nossos poetas não deixaram nenhum gênero sem tentativa, / e eles mereceram muitos elogios por ousarem abandonar os traços dos Gregos / e celebrar acontecimentos domésticos / Seja no gênero trágico, seja na comédia) [Seguimos a tradução da própria Germaine de Staël, na qual os versos não são separados]. Eu não sei a qual tipo de obra nem a qual época da literatura latina se relacionam esses quatro versos de Horácio. No momento em que ele escreveu a Arte poética, os mais famosos poetas do século de Augusto existiam; e parece que a Eneida mesmo era já conhecida. Esses versos são os únicos, nos escritos dos autores clássicos latinos, e em Horácio mesmo, que se possa explicar como fazendo alusão a tragédias sobre temas romanos: e eles podem, ainda, ser diversamente interpretados. O que é certo é que Horácio e Cícero dizem que os tragediógrafos romanos foram os copistas dos gregos e que todas as tragédias citadas nos escritos dos antigos (e há mais de duas centenas delas) foram tiradas dos temas gregos. / Accius, diz um comentador, tinha composto uma tragédia sobre Brutus que foi representada nos jogos apolíneos. Mas uma carta de Cícero a Tito Ático diz que foi a tragédia de Tereu que foi representada nesses jogos; e um outro comentador garante que não era absolutamente uma tragédia de Brutus que Accius havia feito, mas versos endereçados a um Brutus, descendente do primeiro, do qual ele era muito próximo. Os edis, em Roma, tinham a incumbência de decidir, segundo a leitura das peças de teatro, se elas seriam ou não representadas: como, portanto, saber se eles autorizaram a representação de uma peça sobre um tema romano, supondo que elas tenham existido e que não as conheçamos, enquanto os títulos de mais de duzentas tragédias tiradas de temas gregos nos foram transmitidas! Seria arriscado querer garantir que não se encontraria em pesquisas semelhantes uma exceção à regra geral; mas uma observação desse tipo se funda sobre um muito grande número de exemplos; e é certamente muito provável que os romanos do tempo da república não encorajaram as tragédias que tinham como tema os próprios acontecimentos de sua história. Não nos restou nem um título nem um elogio de semelhantes tragédias em Horácio ou em Cícero, ambos que davam, contudo, muita importância em valorizar a literatura latina. / Aos versos de Horácio, que foram colocados contra mim, eu objetarei com outros tirados de uma de suas cartas: *Serus enim Graecis admovit acumina chartis: / Et post Punica bela quietus, quaerere eoepit / Quid Sophocles, et Thespis, et AEschylus utile ferrent. / Tentavit quoque rem si digne vertere posset: / Et placuit sibi, natura sublimis et acer. / Nam spirat tragicum satis et feliciter audet: / Sed tarpem putat in scriptis metuitque lituram* (Foi muito tarde que os romanos se ocuparam da literatura dos gregos: / E quando o fim das guerras púnicas deu repouso à república. / Começaram a procurar então as belezas que podiam oferecer Sófocles, Ésquilo e Téspis; / Tentaram imitá-los e conseguiu-se. / Os romanos são de uma natureza ardente e sublime; / Eles respiram o sentimento da tragédia e podem ousar com sucesso. / Mas eles se repugnam a corrigir o que eles compõem e consideram vergonhoso rasurar seus escritos) [Novamente seguimos a tradução da própria Germaine de Staël, na qual os versos tampouco são separados]. / Há algo nesses versos que faça supor que os romanos tenham tido peças de teatro originais? E não é um traço a acrescentar ao caráter dos romanos essa espécie de orgulho que eles têm ao não corrigirem as peças que eles compõem? Qual relação pode haver entre o caráter, os talentos e os gostos de um tal povo enquanto ele era republicano, e tudo o que nós lemos

caro. Os atenienses acreditavam nos mesmos dogmas, defendiam também sua pátria, amavam também a liberdade; mas esse respeito que age sobre o pensamento, que afasta da imaginação até mesmo a possibilidade das ações proibidas, esse respeito que se refere a alguns aspectos da superstição do amor, só os romanos o experimentavam pelos objetos de seu culto.

Em Atenas a filosofia era, por assim dizer, uma das belas-artes que cultivava esse povo, entusiasta de todos os tipos de celebridade. Em Roma, a filosofia tinha sido adotada como um apoio da virtude; os homens de estado a estudavam como um meio para melhor governar sua pátria. A grandeza da república romana era o único objeto de seus trabalhos; ela refletia mais brilho sobre seus guerreiros, sobre seus escritores, sobre seus magistrados do que nenhuma glória isolada teria podido garantir a eles.

Um mesmo objetivo deve dar à literatura criada pela república romana um mesmo espírito, uma mesma cor. É pela perfeição e não pela variedade, pela dignidade e não pelo calor, pela sabedoria e não pela invenção, que os escritos desse tempo são notáveis. Uma autoridade de razão, uma majestade de caráter singularmente solene, garantia a cada frase, a cada palavra, sua acepção inteira. Longe de não ter nada para se retirar do valor de cada termo, parece, ao contrário, que eles supõem além do que eles exprimem. Os romanos dão muito mais desenvolvimentos às suas ideias; mas o que pertence aos sentimentos é sempre expresso com concisão.

---

sobre o entusiasmo do povo grego pelo aperfeiçoamento da arte dramática e poética?

Como a primeira época da literatura latina estava muito próxima da última da literatura dos gregos, observa-se também os mesmos defeitos, que se explicam, como os dos gregos, pelo fato de que o mundo conhecido não existia há muito tempo. Encontra-se muito mais prolongamentos em certos assuntos, ignorância e erro sobre muitos outros. Os romanos são superiores aos gregos na carreira do pensamento: mas quanto, todavia, nessa mesma carreira, eles não estão abaixo dos modernos!

A principal causa da admiração que nos ocorre ao ler o pequeno número de escritos que nos resta da primeira época da literatura romana é a ideia que esses escritos nos dão do caráter e do governo dos romanos. A história de Salústio, as cartas de Brutus,[30] as obras de Cícero, trazem lembranças poderosas ao pensamento; sentimos a força da alma através da beleza do estilo; vemos o homem no escritor, a nação nesse homem e o universo aos pés dessa nação.

Sem dúvida Salústio e Cícero não eram os maiores caráteres da época em que viveram: mas escritores de um tal talento eram penetrados pelo espírito de um tão belo século; e Roma vive inteira em seus escritos.

Quando Cícero discursa diante do povo, diante do senado, diante dos padres ou diante de César, sua eloquência muda de formas. Pode-se observar em seus sermões, não apenas o caráter que convém à nação romana em geral, mas todas as modificações que devem agradar os diferentes espíritos, os diferentes hábitos dos

---

[30] Brutus, em suas cartas, não se ocupava com a arte de escrever: [antes constava: "com o talento de escrever". Os dois pontos são novos] ele só tinha como objetivo servir aos interesses políticos de seu país; e, contudo, a carta que ele endereça a Cícero para lhe reprovar os elogios que ele fazia ao jovem Otávio é talvez o que foi escrito de mais belo na prosa latina.

homens de autoridade no estado. O paralelo entre Cícero e Demóstenes se encontra, pois, quase inteiramente na comparação que se pode fazer do espírito e dos costumes dos gregos, com o espírito e os costumes dos romanos. A verve injuriosa de Demóstenes, a eloquência impositiva de Cícero, os meios que Demóstenes emprega para agitar as paixões de que ele tem necessidade, os raciocínios dos quais Cícero se serve para afastar os que ele quer combater, seus longos desenvolvimentos, os rápidos movimentos do orador grego, a multidão de argumentos que Cícero crê necessários, os golpes repetidos que Demóstenes quer dar, tudo tem relação com o governo e com o caráter dos dois povos.

O escritor solitário pode pertencer apenas ao seu talento; mas o orador que quer influenciar as deliberações políticas, se conforma com cuidado ao espírito nacional, como um hábil general estuda com antecedência o terreno no qual ele deve combater.

CAPÍTULO VI

Da literatura latina sob o reino de Augusto

Considera-se ordinariamente Cícero e Virgílio como ambos pertencentes ao mesmo século, chamado de século de ouro da literatura latina. Contudo, os escritores, cujo gênio se formou em meio a lutas sangrentas pela liberdade, deviam ter um outro caráter que o dos escritores, cujos talentos se aperfeiçoaram sob os últimos anos do tranquilo despotismo de Augusto. Esses tempos estão tão próximos entre si que se poderia confundir suas datas; mas o espírito geral da literatura latina, antes e depois da perda da liberdade, oferece à observação diferenças notáveis.

Os hábitos republicanos se prolongavam ainda, durante alguns anos do reino de Augusto; vários historiadores conservam os traços desse fato. Mas tudo, nos poetas, lembra a influência das cortes: a maior parte deles desejando agradar Augusto, vivendo perto dele, davam à literatura o caráter que ela deve tomar sob o império de um monarca que quer cativar a opinião, sem nada ceder do poder que ele possui. Esse único ponto de analogia estabelece algumas relações entre a literatura latina e a literatura francesa, no século de Luís XIV, ainda que, aliás, essas duas épocas não se pareçam nem um pouco.

A filosofia, em Roma, precede a poesia; é a ordem habitual invertida e é talvez a principal causa da perfeição dos poetas latinos.

Antes do reino de Augusto, a emulação não tinha sido levada à poesia. Os prazeres do poder e dos interesses políticos sobressaíam quase sempre sobre os sucessos puramente literários; e quando a forma do governo chama os talentos superiores ao exercício dos

empregos públicos, é para a eloquência, a história e a filosofia, é para a parte da literatura que se dedica mais imediatamente ao conhecimento dos homens e dos acontecimentos, que se dirigem os trabalhos. Sob o império de um só, ao contrário, as belas-artes são o único meio de glória que resta para os espíritos distintos; e quando a tirania é doce, os poetas cometem frequentemente o erro de ilustrar seu reino pelas suas obras-primas.

Contudo, Virgílio, Horácio, Ovídeo, apesar dos elogios que eles fizeram a Augusto, se mostraram muito mais filósofos, muito mais pensadores em seus escritos do que todos os poetas gregos. Eles devem em parte essa vantagem à razão profunda dos escritores que os precederam. Todas as literaturas têm sua época de poesia. Certas belezas de imagens e da harmonia são transportadas sucessivamente na maior parte das línguas novas e aperfeiçoadas; mas quando o talento poético de uma nação se desenvolve, como em Roma, em um século esclarecido, ele se enriquece das luzes desse século. A imaginação, em alguns aspectos, só tem um tempo em cada país; ela precede ordinariamente as ideias filosóficas; mas quando elas as encontram já conhecidas e desenvolvidas, ela fornece seu curso com muito mais brilho.

Os poetas, sob o reino de Augusto, adotavam quase todos em seus escritos o sistema epicurista; ele é, de início, muito favorável à poesia e, ademais, parece que ele dá alguma nobreza à indolência, alguma filosofia à voluptuosidade, alguma dignidade mesmo à escravidão. Esse sistema é imoral, mas ele não é servil; ele abandona a liberdade, como todos os bens que podem exigir um esforço; mas ele não faz do despotismo um princípio nem da obediência um

fanatismo, como o queriam os aduladores de Luís XIV. Essa brevidade da vida cuja lembrança Horácio mistura sempre às descrições mais ridentes, esse pensamento da morte, que ele reconduz continuadamente através de todas as prosperidades, reestabelecem um tipo de igualdade filosófica, ao lado mesmo do elogio. Não é com uma virtuosa sensibilidade que esses poetas nos pintam o destino passageiro do homem; se suas almas se mostrassem capazes de emoções profundas, nós lhes pediríamos para combater a tirania ao invés de cantar a favor do usurpador. Mas nós os representamos vendo passar a vida como eles observam correr o riacho que refresca seu clima fervente, e acabamos quase por lhes perdoar de terem esquecido a moral e a liberdade, como eles deixam escapar o tempo e a existência.

Apesar dessa moleza de caráter que se faz observar sob o reino de Augusto na maior parte dos poetas, encontra-se neles muitas belezas refletidas. Eles tomaram emprestado dos gregos muitas invenções poéticas que os modernos imitaram por seu turno e que parecem dever ser para sempre os elementos da arte. Mas o que há de tenro e de filosófico nos poetas latinos, disso eles apenas merecem a glória.

O amor pelo campo, que inspirou tantos belos versos, toma entre os romanos um outro caráter do que o dos gregos. Esses dois povos se agradam igualmente com as imagens que convêm aos mesmos climas. Eles invocam, eles lembram com delícias o frescor da natureza para escapar de seu sol devorante; mas os romanos demandavam também do campo que fosse um abrigo contra a tirania, onde se podia repousar dos sentimentos peníveis e esquecer

de um jugo degradante, para onde se podia ir, longe das cidades habitadas. Reflexões morais se misturam com sua poesia descritiva; crê-se perceber os lamentos e lembranças em tudo o que os poetas escreviam então; e é sem dúvida por essa razão que, mais do que os gregos, eles despertam uma impressão sensível em nossa alma. Os gregos viviam no futuro e os romanos amavam já, como nós, levar seus olhares para o passado.

Tanto quanto durou a república, houve delicadeza nas afecções dos romanos pelas mulheres. Elas não tinham ainda a existência independente que lhes garantem as leis modernas; mas, deixadas com os deuses penates, elas inspiravam, como essas divindades domésticas, alguns sentimentos religiosos. Como os escritores que viveram durante a república não se permitiam nunca exprimir as afecções que eles experimentavam, é na curta passagem dos costumes mais severos à corrupção mais assustadora que os poetas latinos mostraram uma sensibilidade mais tocante do que aquela que não se pode encontrar em nenhuma obra grega. No reino de Augusto, evocava-se ainda a austeridade republicana, e a descrição do amor tomava emprestados alguns charmes das lembranças da virtude[31].

---

[31] Eu cito ao acaso dois pontos que podem confirmar o que eu digo sobre a sensibilidade dos poetas latinos. Quando os deuses viajantes perguntavam a Filémon, nas *Metamorfoses* de Ovídeo, o que Baucis e ele desejavam dos céus, Filémon lhes responde: *Poseimus, et quoniam concordes egimus aunos, / Auferat hora duos cadem; nec conjugis unquam /Busta meae videam; neu sim tumulaudus ab illa* (Como nós passamos juntos anos sempre em acordo, / Nós pedimos que à mesma hora termine nossa caminhada, / Que eu não veja nunca a tumba de minha esposa e que eu não seja enterrado por ela) [Tradução da própria Germaine de Staël, que não separa os versos. Isso vale igualmente para a próxima citação]. Eu escolhi em Virgílio, o poeta de todo o mundo onde se pode encontrar os versos mais sensíveis, aqueles que pintam a ternura paternal; pois, para sensibilizar sem empregar a língua do amor, é preciso uma sensibilidade muito mais profunda.

Versos de Tibulo à Délia, o quarto canto da Eneida, Ceix e Alcione, Filémon e Baucis, pintam os sentimentos da alma com essa língua dos latinos cujo caráter é tão imponente.* Qual impressão ela não produz, essa língua criada pela força e pela razão, quando se a consagra à expressão da ternura! É um poder majestoso que nos emociona tanto mais quanto nos abandonamos aos movimentos da natureza que estamos mais acostumados a respeitar. Contudo, a linguagem verdadeira de uma sensibilidade profunda e apaixonada é extremamente rara, mesmo entre os romanos do século de Augusto. O sistema de Epicuro, o dogma do fatalismo, os costumes da antiguidade antes do estabelecimento da religião cristã, desnaturam quase inteiramente o que se refere às afecções do coração.

Ovídeo introduzia, em muitos de seus escritos, um tipo de pesquisa, de afetação e de antítese na língua do amor que afastava totalmente a verdade. Ele lembra, sobre isso, o mau gosto do século

---

Evandro, dando adeus a seu filho Palas, perto de partir para a guerra, se dirige aos céus nesses termos: *At vos, ó superi, et divum tu máxime rector, / Jupiter, Areadii, quaeso, miserescite regis, / Et pátrias audite preces. Si numina vestra / Incolumen Pallanta mihi; si fata reservant; / Si visurus eum vivo, et venturus in unum: / Vita moto: patiar queinvis durare laborem / Siu aliquem infandum casum, Fortuna, minaris; / Nunc ó, nune liceat crudelem abrumpere vitam: / Dum curae ambiguae, dum spes incerta futuri; / Dum te, care puer, mea sera et sola voluptas, / Completu teneo: gravior ne nunclus aures / Vulneret* ("Mas vós, ó divindades supremas! e tu, mestre dos deuses, / Júpiter, tenhais piedade do rei de Arcádia, / Escutai as preces paternas. Se vossa vontade, / Se a dos destinos me reservam Palas, / Se eu devo revê-lo e abraçá-lo ainda, eu vos peço: / Que eu viva: eu suportarei a pena, qualquer que seja sua duração; / Mas se o destino o ameaçar com qualquer acidente funesto, / Ó deuses! que me seja permitido agora acabar com minha vida desgraçada / Enquanto inquietudes vacilantes e a esperança incerta quanto ao futuro me agitam; / Enquanto eu te abraço ainda, tu meu filho, tu o único prazer da noite de minha vida, / Que me seja permitido morrer, de medo que um mensageiro cruel o meu coração / Dilacere...).

* Na edição anterior constava: "língua dos latinos que responde, de longe, no pensamento". Na frase seguinte, o ponto de exclamação era, antes, de interrogação.

de Luís XIV. A mania de exercitar seu espírito à frio sobre os sentimentos do coração, deve produzir sempre resultados mais ou menos semelhantes, apesar da diferença das épocas. Mas essa afetação é a falha do espírito de Ovídeo; ele não lembra em nada o caráter geral da antiguidade.

O que falta aos antigos na descrição do amor é precisamente o que lhes falta em ideias morais e filosóficas. Quando eu falarei da literatura dos modernos e, em particular, da do século XVIII, quando o amor foi descrito em Tancredo, a Nova Heloísa, Werther e os poetas ingleses etc., eu mostrarei como o talento exprime com tanto mais força e calor as afecções sensíveis quanto a reflexão e a filosofia elevaram mais alto o pensamento.

Fez-se muito frequentemente a comparação entre o século de Luís XIV e o de Augusto, para que seja possível recomeçá-la aqui; mas eu desenvolverei apenas uma observação importante para o sistema de perfectibilidade que eu sustento. Descartes, Bayle, Pascal, Molière, Labruyère, Bossuet, os filósofos ingleses que pertencem também à mesma época da história das letras, não permitem estabelecer nenhuma paridade entre o século de Luís XIV e o de Augusto para os progressos do espírito humano. No entanto, pergunta-se por que os antigos, e sobretudo os romanos, possuíram historiadores tão perfeitos que não foram jamais igualados pelos modernos e, em particular, por que os franceses não têm nenhuma obra completa para apresentar nesse gênero.

Eu analisarei, no capítulo sobre o século de Luís XIV, as causas da mediocridade dos franceses como historiadores. Mas eu devo apresentar aqui algumas reflexões sobre as causas da superioridade

dos antigos no gênero da história, e eu creio que essas reflexões provarão que essa superioridade não está em contradição com os progressos sucessivos do pensamento.*

Existe histórias chamadas, com razão, histórias filosóficas; existe outras cujo mérito consiste na verdade dos quadros, no calor das narrativas e na beleza da linguagem; é nesse último gênero que os historiadores gregos e latinos se ilustraram.

Tem-se necessidade de um mais profundo conhecimento do homem para ser um grande moralista do que para tornar-se um bom historiador. Tácito é o único escritor da antiguidade que reuniu essas duas qualidades em um grau quase igual. Os sofrimentos e os medos ligados à servidão tinham acelerado sua reflexão; e sua experiência era mais madura que o mundo. Tito-Lívio, Salústio, historiadores de uma ordem inferior, Floro, Cornélio Nepos etc. nos encantam pela grandeza e pela simplicidade das narrativas, pela eloquência dos discursos que eles emprestam aos grandes homens, pelo interesse dramático que eles sabem dar aos seus quadros. Mas esses historiadores só pintam, por assim dizer, o exterior da vida. É o homem tal como se o vê, tal como ele se mostra; são as fortes cores, os belos contrastes do vício e da virtude; mas não se encontra na história antiga nem a análise filosófica das impressões morais nem a observação profunda** dos caráteres nem os sintomas

* Essa frase substitui aqui a que, na primeira edição, era: "Mas eu devo provar que, para bem escrever a história, um conhecimento muito aprofundado do coração humano não é necessário; pois, supondo-o indispensável, seria contraditório com o sistema de progressão no pensamento que os historiadores da antiguidade estivessem infinitamente acima dos modernos". Além disso, o parágrafo seguinte é novo.

** Na primeira edição estava "penetrante".

desapercebidos das afecções da alma. A vista intelectual de Montaigne vai muito mais longe do que a de qualquer escritor da antiguidade. Não se deseja, é verdade, esse tipo de superioridade na história; é preciso que a natureza humana seja nela representada apenas em seu conjunto, é preciso que, nela, os heróis permaneçam grandes, que eles pareçam como tais através dos séculos. Os moralistas descobrem fraquezas que são as semelhanças escondidas de todos os homens entre eles: o historiador deve pronunciar fortemente suas diferenças.* Os antigos que se alegravam com a admiração, que não procuravam diminuir o odioso do vício nem o mérito da virtude, tinham uma qualidade quase tão necessária ao interesse pela verdade quanto ao pela ficção; eles eram fiéis ao entusiasmo, assim como ao desprezo, e frequentemente os caráteres eram mais constantes em seus quadros históricos do que em suas obras de imaginação.**

Pode-se esquecer, aliás, qual vantagem prodigiosa os historiadores antigos têm sobre os historiadores modernos pela natureza mesma dos fatos que eles narram? O governo republicano dá aos homens, como aos acontecimentos, um grande caráter; e séculos de monarquia despótico ou de guerras feudais não inspiram tanto interesse quanto a história de uma cidade livre. Suetônio, que fez a história do reino dos imperadores, Amiano Marcelino, Marco Veleio Patérculo na última parte de sua história, não podem ser

---

* Germaine de Staël juntou as próximas frases a esse parágrafo, elas que, antes, constituíam um parágrafo à parte.

** Na primeira edição havia ainda uma última frase nesse parágrafo, qual seja: "Considerando o mérito da história assim concebida, parece-me que não se pode argumentar pela superioridade dos historiadores da antiguidade contra a marcha progressiva do pensamento". Além disso, o parágrafo seguinte é novo.

comparados em nada a qualquer um dos que escreveram nos séculos da república; e se Tácito pôde ultrapassá-los todos, foi porque a indignação republicana vivia em sua alma e porque, como ele não via o governo dos imperadores como sendo legal e como ele não tinha necessidade da autorização de nenhum poder para publicar seus livros, seu espírito não estava submisso aos preconceitos naturais ou artificiais que serviram a todos os historiadores modernos até esse século.

É a essas diversas considerações que é preciso atribuir a superioridade dos antigos no gênero da história:* essa superioridade tinha por causa principal a maneira de descrever e de recitar** que supõe o movimento, o interesse, a imaginação, mas não o conhecimento íntimo dos segredos do coração humano ou das causas filosóficas dos acontecimentos.[32] Como os antigos puderam possui-la, como efeito, da mesma maneira que aqueles que de muitos séculos e gerações foram instruídos por novos exemplos, e que podem contemplar na longa história do passado tanto de crimes, tanto de reveses, tanto de sofrimentos a mais!

---

* Essa primeira oração se encontra apenas na segunda edição.

** Aqui havia o seguinte trecho: "de recitar que os antigos tinham adotado; ela exigia o movimento [...]".

[32] ["Ou das causas filosóficas dos acontecimentos" é um trecho novo]. [Nota da segunda edição]: É notável, por exemplo, que nenhum historiador, nem mesmo Tácito, nos explicque por quais meios, por qual opinião, por qual impulso social os mais atrozes e mais estúpidos imperadores governavam Roma sem encontrar nenhum obstáculo, mesmo durante suas ausências [de Roma]: Tibério da [quando esteve na] ilha de Capri, Calígula do [quando esteve no] fundo da Bretanha etc. Quantas questões filosóficas poder-se-ia colocar para os melhores historiadores da antiguidade, das quais sequer uma eles resolveram!

CAPÍTULO VII

Da literatura latina, depois da morte de Augusto até o reino dos Antoninos

Após o século de Luís XIV e durante o século de Luís XV, a filosofia fez grandes progressos, sem que a poesia nem o gosto literário tivessem se aperfeiçoado. Pode-se observar uma marcha mais ou menos parecida depois de Augusto até os Antoninos, com essa diferença, contudo, de que os imperadores que reinaram durante esse tempo, tendo sido monstros abomináveis, [por causa deles] o império não pôde se sustentar, o espírito geral teve de se degradar e um muito pequeno número de homens conservou a força de espírito necessário para se dedicar aos estudos filosóficos e literários.

O reino de Augusto tinha corrompido as almas; um repouso sem dignidade tinha quase apagado até as lembranças das virtudes corajosas às quais Roma devia sua grandeza. Horácio não se envergonhava de publicar em seus versos que ele havia fugido um dia da batalha. Cícero e Ovídeo dificilmente suportavam a infelicidade do exílio. Mas qual diferença na demonstração de seus lamentos! A *Tristia* de Ovídeo está cheia de testemunhos os mais fracos de uma dor abatida, das adulações mais baixas por seu perseguidor; e Cícero, na intimidade de sua correspondência com Ático, contém e enobrece de mil maneiras a pena que lhe causa seu injusto banimento. Não é apenas à diversidade dos caráteres, é à dos tempos, que é preciso atribuir tais dessemelhanças. A opinião que domina é um centro com o qual os indivíduos conservam sempre

certas relações; e o espírito geral do século, se ele não transforma o caráter, modifica as formas que se escolhe para mostrá-lo.

Após o reino florescente de Augusto, viu-se nascer as mais ferozes e mais grosseiras tiranias das quais a antiguidade nos ofereceu o exemplo. O excesso da infelicidade fortifica as almas; o jugo tranquilo enerva os espíritos superiores, assim como a multidão; os furores da crueldade, por muito tempo toleradas, corrompem ainda mais a massa da nação, mas alguns homens esclarecidos se levantaram desse abatimento geral e sentiram mais do que nunca a necessidade da filosofia estoica.

Sêneca (que eu julgo aqui apenas por suas obras), Tácito, Epiteto, Marco Aurélio, ainda que em situações diferentes e com caráteres que não se pode comparar, foram todos inspirados pela indignação contra o crime. Seus escritos em latim e em grego têm um caráter totalmente distinto do dos literatos do tempo de Augusto; eles têm mais força e mais concisão do que os filósofos republicanos. A moral de Cícero tem por objetivo principal o efeito que se deve produzir sobre os outros; a de Sêneca, o trabalho que se pode operar sobre si; um procura um poder honrado, o outro procura um asilo contra a dor; um quer animar a virtude, o outro quer combater o crime; um só considera o homem em suas relações com os interesses de seu país, o outro, que não tinha mais pátria, se ocupa das relações privadas. Há mais melancolia em Sêneca e mais emulação em Cícero.

Quando são os tiranos que ameaçam de morte, os filósofos, obrigados a suportar o que a natureza tem de mais terrível e o que o crime tem de mais atroz, não podendo agir para além deles

mesmos, estudam mais intimamente os movimentos da alma. Os escritores da terceira época da literatura latina não tinham ainda atingido o conhecimento perfeito, a observação penetrante dos caráteres, tal como se a vê em Montaigne ou La Bruyère; mas eles sabiam já mais sobre eles mesmos: a opressão tinha guardado seu gênio em seu próprio seio.

A tirania, como todos os grandes infortúnios públicos, pode servir ao desenvolvimento da filosofia; mas ela leva um alcance funesto à literatura; ao sufocar a emulação e depravar o gosto.

Pretendeu-se que a decadência das artes, das letras e dos impérios devia chegar necessariamente após um certo grau de esplendor. Essa ideia carece de justeza; as artes têm um termo, eu o creio, para além do qual elas não se elevam; mas elas podem se manter na altura à qual chegaram; e em todos os conhecimentos suscetíveis de progressão, a natureza moral tende a se aperfeiçoar. O melhoramento precedente é uma causa do melhoramento futuro; essa corrente pode ser interrompida por acontecimentos acidentais que contrariam os progressos por vir, mas que não são a consequência dos progressos anteriores.

Os escritores dos tempos dos imperadores, apesar das tenebrosas circunstâncias contra as quais eles tinham que lutar, são superiores, como filósofos, aos escritores do século de Augusto. O estilo dos autores latinos, na terceira época de sua literatura, tem menos elegância e pureza: a delicadeza do gosto não podia se conservar sob mestres tão grosseiros e tão ferozes. A multidão se depreciava pela adulação imitadora dos costumes do tirano; e o pequeno número de homens distintos, comunicando-se dificilmente

entre eles, não podiam estabelecer essa opinião crítica, essa legislação literária que traça uma linha positiva entre o espírito e a pesquisa, entre a energia e o exagero.

Sob a tirania dos imperadores, não era permitido nem possível agitar o povo pela eloquência; as obras filosóficas e literárias não tinham influência sobre os acontecimentos públicos. Não se encontra, pois, nos escritos dessa época, o caráter que imprime sempre a esperança de ser útil, essa justa medida que tem por objetivo* determinar uma ação, de levar pela palavra um resultado atual e positivo. É preciso dar divertimento ao espírito para ser lido por homens isolados entre eles e dos quais a ambição não pode nada fazer nem nada esperar do pensamento. É possível que, em uma tal situação, os escritores caiam na afetação, porque lhes importa demasiado tornar picantes as formas de seu estilo. Sêneca e Plínio o jovem, em particular, não estão à salvo dessa falha.

Pode-se também não ter gosto, como Juvenal, quando se ensaia, por todos os meios possíveis, evidenciar o horror do crime em uma nação adormecida. O pensamento do autor, sujado pela história de seu tempo, não pode se curvar a essa pureza de expressões que deve sempre servir para pintar, mesmo as imagens mais revoltantes. Mas essas falhas, que não se pode negar, não devem impedir de reconhecer que a terceira época da literatura romana é ilustrada por pensadores mais profundos do que todos os que os haviam precedido.

Há mais ideias finas e novas no tratado de Quintiliano sobre a arte oratória do que nos escritos de Cícero sobre o mesmo assunto.

---

* Na primeira edição: "essa justa medida que supõe a esperança de determinar".

Quintiliano reuniu seus próprios pensamentos aos de Cícero; ele parte do ponto onde Cícero parou. A filosofia de Sêneca penetra mais fundo no coração do homem. Plínio, o antigo, é o escritor da antiguidade que mais se aproximou da verdade nas ciências. Tácito, sob todos os aspectos, ultrapassa muito os melhores historiadores latinos.

Os primeiros que escrevem e falam uma bela língua se deixam encantar pela harmonia das frases; nem Cícero nem seus auditores não sentiam ainda a necessidade de um estilo mais forte de ideias. Mas avançando na literatura, cansa-se com as diversões da imaginação, o espírito se torna mais ávido por ideias abstratas, o pensamento se generaliza, as relações dos homens entre eles se multiplicam com os séculos, a variedade das circunstâncias faz nascer e descobrir combinações novas, descobertas mais profundas; a reflexão herda do tempo. É esse tipo de progressão que se faz sentir nos escritores da última época da literatura latina, apesar das causas locais que lutavam então contra a marcha natural do espírito humano.

Em honra do povo romano, as artes da imaginação caíram quase inteiramente durante a tirania dos imperadores. Lucano só escrevia para reascender, através de grandes lembranças, as cinzas da república; e sua morte atestou o perigo de um tão belo desígnio. De forma vã, a maior parte dos ferozes imperadores de Roma mostraram um gosto excessivo pelos jogos e pelos espetáculos; nenhuma peça de teatro digna de um sucesso durável apareceu sob seus reinos, nenhum canto poético restou dos lazeres vergonhosos da servidão. Os homens de letras de então não haviam ornado a

tirania; e a única ocupação à qual se dedicavam sob esses mestres detestáveis era o estudo da filosofia e da eloquência; exercitavam-se nas armas que podiam servir para derrubar a opressão.

As adulações sujaram os escritos de alguns filósofos dessa época; e suas reticências mesma eram vergonhosas. No entanto, a ignorância em que se encontravam então quanto à [possibilidade da] descoberta da impressão era favorável, em alguns aspectos, à liberdade de escrita; os livros eram menos fiscalizados pelo despotismo, quando os meios de publicidade eram infinitamente restritos. Os escritos polêmicos, esses que devem agir sobre a opinião do momento e sobre o acontecimento do dia, não teriam nunca podido ser de alguma utilidade, de alguma influência antes do uso da imprensa; eles não teriam nunca sido distribuídos para produzir um efeito popular: apenas a tribuna podia alcançar esse fim; mas não se compunha nunca uma obra senão sobre ideias gerais ou fatos anteriores próprios ao ensino das gerações. Os tiranos eram, pois, muito mais indiferentes à liberdade de escrever do que em nossos dias; não sendo a posteridade de seu domínio, eles deixavam suficientemente à vontade os filósofos nela se refugiar.

Pergunta-se como, nessa época, as ciências exatas não fizeram mais progresso e como aconteceu que quase nenhum romano tenha a elas se consagrado. É sob a tirania que essas pesquisas independentes frequentemente cativaram os espíritos, que não queriam nem se revoltar nem se degradar. Talvez os perigos que ameaçavam então todos os homens distintos eram demasiado iminentes para lhes deixar o lazer necessário a tais trabalhos; talvez também os romanos tenham conservado demasiada indignação

republicana para poder distrair inteiramente sua atenção do destino de seu país. Os pensamentos filosóficos se juntam a todos os sentimentos da alma; as ciências nos transportam em uma ordem de ideias completamente outra. Enfim, nessa época, como não se tinha descoberto o verdadeiro método que é preciso seguir no estudo da natureza física, a emulação não era excitada em uma carreira, onde grandes sucessos não haviam ainda sido obtidos.

Uma das causas da destruição dos impérios na antiguidade é a ignorância de muitas descobertas importantes nas ciências; essas descobertas deram mais igualdade entre as nações e entre os homens. A decadência dos impérios não se encontra mais na ordem natural do que a das letras e a das luzes. Mas antes que toda a Europa fosse civilizada, antes que o sistema político e militar e o emprego da artilharia tivessem balançado as forças, enfim, antes da imprensa, o espírito nacional, as luzes nacionais deviam ser facilmente a presa dos bárbaros, sempre mais aguerridos do que os outros homens. Se a imprensa tivesse existido, as luzes e a opinião pública adquiririam a cada dia mais força,* o caráter romano teria se conservado e, com ele, a nação e a república; não se teria visto desaparecer da Terra esse povo que amava a liberdade sem insubordinação e a glória sem inveja; esse povo que, longe de exigir que se degradassem para lhe agradar, tinha se cultivado até a justa apreciação das virtudes e dos talentos para honrá-los por sua estima; esse povo cuja admiração era dirigida pelas luzes e cujas luzes, contudo, nunca se acostumaram com a admiração.

* Esse trecho entre vírgulas é novo.

O espírito humano e, sobretudo, a emulação patriótica seriam inteiramente desencorajadas se fosse provado ser uma necessidade moral que nações famosas se eclipsem do mundo após tê-lo iluminado por algum tempo. Essa sucessão de povos destronados não é uma fatalidade inevitável. Ao estudar as sublimes reflexões de Montesquieu sobre as causas da decadência dos romanos, vê-se evidentemente que a maior parte dessas causas não existe mais em nossos dias.

A metade da Europa não ainda civilizada devia, enfim, invadir a outra. Era preciso que as vantagens da sociedade se tornassem universais; pois tudo na natureza tende ao nivelamento; mas as doçuras da vida privada, a difusão das luzes, as relações comerciais estabelecendo mais paridade para as satisfações, apaziguarão gradualmente os sentimentos de rivalidade entre as nações.

Os crimes inconcebíveis dos quais o império romano foi o teatro são uma das principais causas de sua decadência. Apenas a desorganização da opinião pública podia permitir tais excessos.[33] Se se excetua os anos do terror na França, a atrocidade não está na natureza dos costumes europeus deste século. A escravidão que colocava uma classe de homens fora dos deveres da moral, o pequeno número dos meios que podiam servir à instrução geral, a diversidade das seitas filosóficas que jogavam nos espíritos a

[33] [Nota da segunda edição]: Quando Calígula tinha ido fazer a guerra na Bretanha, ele envia Protógenes, um dos seus cúmplices, ao senado. Escribônio, senador, se aproxima de Protógenes para lhe dizer algumas frases de cumprimentos por sua chegada. Protógenes, elevando sua voz, lhe responde: "Como um inimigo do imperador se permite me cumprimentar?". Os senadores, ao escutarem essas palavras, se jogaram sobre Escribônio; e como eles não tinham qualquer arma, eles o mataram a golpes de canivete. Esse ponto ultrapassa certamente tudo o que a história moderna jamais narrou de intrépido em matéria de baixeza.

incerteza sobre o justo e injusto, a indiferença pela morte, indiferença que começa pela coragem e acaba por calar as fontes naturais da simpatia; tais eram os diversos princípios da crueldade selvagem que existiu entre os romanos.

Uma corrupção desprezível, e que faz tanto tremer a natureza quanto a moral, acabou por degradar esse povo outrora tão grande. As nações do Sul caíram na depreciação e essa depreciação preparou o triunfo dos povos do Norte. A civilização da Europa, o estabelecimento da religião cristã, as descobertas das ciências, a publicidade das luzes, colocaram novas barreiras contra a depravação e destruíram antigas causas da barbárie. Assim, pois, tem-se muito menos a temer agora a decadência das nações e, por conseguinte, a das letras. É o que o capítulo seguinte terminará, eu creio, de demonstrar.

CAPÍTULO VIII

Da invasão dos povos do Norte, do estabelecimento da religião cristã e do renascimento das letras

Conta-se na história mais de dez séculos durante os quais crê-se geralmente que o espírito humano retroagiu. Seria uma forte objeção contra o sistema de progressão nas luzes que durante um tão longo curso de anos, durante uma porção tão considerável das épocas que nos são conhecidas, a grande obra da perfectibilidade pareceria ter regredido; mas essa objeção, que eu consideraria como muito forte, se ela fosse fundada, pode ser refutada* de uma maneira simples. Eu não penso que a espécie humana tenha retroagido durante essa época; eu creio, ao contrário, que passos imensos foram feitos no curso desses dez séculos para a propagação das luzes e para o desenvolvimento das faculdades intelectuais.

Ao estudar a história, parece-me que se adquire a convicção de que todos os acontecimentos principais tendem ao mesmo fim, a civilização universal. Vê-se que, em cada século, novos povos foram admitidos à benesse da ordem social e que a guerra, apesar de todos os seus desastres, frequentemente estendeu o império das luzes. Os romanos civilizaram o mundo que eles haviam submetido. Era preciso que, de início, a luz partisse de um ponto brilhante, de um país de pouca extensão, como a Grécia; era preciso que, poucos séculos depois, um povo de guerreiros reunisse sob as mesmas leis

* Antes constava "eu a refuto".

uma parte do mundo para civilizá-la, conquistando-a. As nações do Norte, fazendo desaparecer durante algum tempo as letras e as artes que reinavam no Sul, adquiriram, no entanto, alguns dos conhecimentos que possuíam os vencidos; e os habitantes de mais da metade da Europa, estrangeiros até então à sociedade civilizada, participaram de suas vantagens. Assim, o tempo nos descobre um desígnio, na sequência de acontecimentos que pareciam ser apenas o puro efeito do acaso; e vê-se surgir um pensamento, sempre o mesmo, do abismo dos fatos e dos séculos.

A invasão dos bárbaros foi sem dúvida um grande infortúnio para as nações contemporâneas dessa revolução; mas as luzes se propagaram por esse acontecimento. Os habitantes nervosos do Sul, se misturando com os homens do Norte, tomaram emprestado deles um tipo de energia e lhes deram um tipo de leveza que devia servir para completar as faculdades intelectuais. A guerra, por simples interesses políticos, entre povos igualmente esclarecidos, é a mais funesta catástrofe que as paixões humanas produziram; mas a guerra, mas a lição brilhante dos acontecimentos, pode algumas vezes fazer adotar certas ideias pela rápida autoridade do poder.

Muitos escritores sustentaram que a religião cristã era a causa da degradação das letras e da filosofia; eu estou convencida que a religião cristã, à época de seu estabelecimento, era indispensavelmente necessária à civilização e à mistura do espírito do Norte com os costumes do Sul. Eu creio, ademais, que as meditações religiosas do cristianismo, a qualquer objeto que elas

tenham se aplicado, desenvolveram as faculdades do espírito para as ciências, a metafísica e a moral.*

Em certas épocas da história, nas quais o amor pela glória, o poder da abnegação, todos os sentimentos enérgicos, enfim, parecem não mais existir. Quando o infortúnio é geral em um país, o egoísmo é universal; uma porção qualquer de felicidade é um elemento necessário da força nacional; e a adversidade inspira coragem aos indivíduos tocados por ela somente em um povo suficientemente feliz para ter conservado a faculdade de admirar ou de lamentar. Mas quando todos são igualmente batidos pela desgraça, a opinião pública não sustenta mais ninguém; restam dias, mas não há mais objetivo para a vida. Perde-se em si mesmo toda emulação e os prazeres da volúpia tornam-se o único interesse de uma existência sem glória, sem honra e sem moral; assim nos é descrito o estado dos homens do Sul sob os chefes do Baixo-Império.

Uma outra ação, não menos afastada dos verdadeiros princípios da virtude, veio conquistar essa nação degradada. A ferocidade guerreira, a ignorância dominadora, ofereciam ao homem aterrorizado crimes opostos às baixezas do Sul, mas mais perigosos em seus efeitos, ainda que menos corrompidos em sua fonte. Para dominar tais conquistadores, para despertar tais vencidos, era preciso o entusiasmo, nobre poder da alma, a desviando por vezes, mas que só ele pode combater com sucesso o instinto habitual do

* Na primeira edição, havia ainda essa última frase terminando o parágrafo: "Eu procurarei provar essas asserções sob aspectos puramente filosóficos".

amor de si e a personalidade sempre crescente. Era preciso esse sentimento que faz encontrar a felicidade no sacrifício de si mesmo.

Evidentemente, eu não quero enfraquecer a indignação que inspiram hoje os crimes e as loucuras da superstição; mas eu considero cada grande época da história filosófica do pensamento, relativamente ao estado do espírito humano nessa época; e a religião cristã, quando ela foi fundada, era, parece-me, necessária aos progressos da razão.

Os povos do Norte não davam valor à vida. Essa disposição lhes tornava corajosos para eles mesmos, mas cruéis para os outros. Eles tinham imaginação, melancolia, inclinação ao misticismo, mas um profundo desprezo pelas luzes, como enfraquecendo [porque julgavam que elas enfraqueceriam] o espírito guerreiro:* as mulheres eram mais instruídas do que os homens, porque elas tinham mais lazer do que eles. Eles as amavam, lhes eram fiéis, lhes rendiam culto; eles podiam experimentar alguma sensibilidade pelo amor. A força, a lealdade guerreira, a verdade, como atributos da força, eram as únicas ideias que eles haviam concebido da virtude. Eles colocavam no céu as delícias da vingança. Ao mostrar suas frontes cicatrizadas, ao contar o número de inimigos dos quais haviam vertido o sangue, eles acreditavam cativar o coração das mulheres. Eles ofereciam vítimas humanas às suas amantes como aos seus deuses. Seu clima sombrio só oferecia à sua imaginação tempestades e trevas; eles designavam a revolução dos dias pelo cálculo das

* Germaine de Staël modifica bastante a pontuação nesse parágrafo. Aqui havia um ponto final. Por outro lado, o próximo ponto final é novo, pois antes havia ali um ponto-e-vírgula. Da mesma maneira, na sequência, o ponto-e-vírgula seguinte substitui o que era, na primeira edição, um ponto final.

noites, a dos anos pelos invernos. Os gigantes da geleira presidiam suas explorações. O dilúvio, em suas tradições, era a terra inundada de sangue. Eles acreditavam que, do alto do céu, Odin os animava para a carnificina. O dogma das penas e das recompensas só tinha por objetivo encorajar ou punir as ações da guerra. O homem nascia para imolar o homem. A velhice era desprezada, o estudo menosprezado, a humanidade ignorada. As faculdades da alma só tinham um único uso entre esses homens, que era o de aumentar o poder físico. A guerra era seu único objetivo.

Eis de quais elementos era preciso fazer sair, contudo, a moralidade das ações, a doçura dos sentimentos e o gosto pelas letras.

O trabalho a operar sobre os povos do Sul não era uma dificuldade menor. O caráter romano, esse milagre do orgulho nacional e das instituições políticas, não existia mais: os habitantes da Itália estavam enojados de toda ideia de glória; eles não acreditavam mais senão na volúpia; eles admitiam todos os deuses em honra dos quais celebravam festas; eles recebiam todos os mestres que alguns soldados elevavam ou derrubavam à vontade; sempre ameaçados de uma proscrição arbitrária, eles desafiavam a morte, não com o apoio da coragem, mas pela vertigem do vício. A morte não interrompia projetos ilustres nem a progressão de pensamentos úteis; ela não rompia laços queridos, ela não desgarrava afecções profundas; ela impedia apenas de gozar, no dia seguinte, do divertimento que talvez já se tivesse cansado no dia anterior. A corrupção universal tinha apagado até a lembrança da

virtude:* quem teria querido dela lembrar só teria obtido uma estupefação misturada com condenação. A natureza moral do homem do Sul se perdia inteira nos prazeres da volúpia, a do homem do Norte [se perdia] no exercício da força. Se algum gosto inato pelas letras, pelas artes e pela filosofia, se encontrava ainda no Sul, ele era dirigido principalmente para sutilezas metafísicas; o espírito sofístico colocava em dúvida as verdades do raciocínio e a indolência [colocava em dúvida] as afecções do coração.

É no meio dessa depressão deplorável, na qual as nações do Sul haviam caído, que a religião cristã lhes fez adotar o império do dever, a vontade da devoção e a certeza da fé. Mas não teria valido mais a pena, dir-se-á, trazer de volta à virtude pela filosofia? Era impossível nessa época influenciar sobre o espírito humano sem o auxílio das paixões. A razão as combate; as religiões dela se servem.

Todas as nações da Terra tinham sede de entusiasmo. Maomé, satisfazendo essa necessidade, fez nascer um fanatismo com a mais surpreendente facilidade. Ainda que Maomé tenha sido um grande homem, seus prodigiosos sucessos se deviam às disposições morais de seu tempo; todavia, sua religião sendo destinada apenas aos povos do Sul, ela teve por único objetivo despertar o espírito miliar, oferecendo os prazeres como recompensa das explorações. Ela criou conquistadores; mas ela não levava nela nenhum germe de desenvolvimento intelectual. O general-profeta se ocupava apenas da obediência; ele só havia formado soldados. O dogma da fatalidade, que torna invencível na guerra, embrutece durante a paz. O islamismo foi estacionário em seus efeitos; ele interrompe o

* O ponto-e-vírgula substitui aqui o que, antes, era um ponto final.

espírito humano, após tê-lo feito avançar alguns passos. A religião cristã tendo um legislador, cujo primeiro objetivo era o de aperfeiçoar a moral, devendo reunir sob a mesma bandeira as nações de costumes opostos, a religião cristã era muito mais favorável ao crescimento das virtudes e das faculdades da alma.

Para conquistas caráteres tão diferentes, os do Norte e os do Sul, era preciso combinar muitos móbiles diferentes.

A religião cristã dominava os povos do Norte, aproveitando-se de sua disposição para a melancolia, de sua inclinação pelas imagens sombrias, de sua ocupação contínua e profunda com a lembrança e o destino dos mortos. O paganismo não tinha nada em suas bases e em seus princípios que pudesse torná-lo mestre de tais homens. Os dogmas da religião cristã, o espírito exaltado de seus primeiros sectários, favoreciam e dirigiam a tristeza passional dos habitantes de um clima nebuloso: algumas de suas virtudes, a verdade, a castidade, a fidelidade nas promessas, eram consagradas por leis divinas. A religião, sem alterar a natureza de sua coragem, conseguia lhes dar um outro objeto. Era de seus costumes o de tudo suportar para brilhar na guerra. A religião lhes demandava enfrentar os sofrimentos e a morte, pela defesa de sua fé e o cumprimento de seus deveres. A intrepidez destrutiva foi alterada para uma resolução inquebrantável; a força que não tinha outro objetivo além do império da força, foi direcionada por princípios de moral. Os erros do fanatismo perverteram frequentemente esses princípios; mas homens, antes indomáveis, reconheceram, contudo, um poder superior a eles, deveres como leis, terrores religiosos como freio. O

homem fraco pôde ameaçar o homem forte e entreviu-se a aurora da igualdade desde essa época.

Os povos do Sul, suscetíveis de entusiasmo, se dedicaram facilmente à vida contemplativa, que estava de acordo com seu clima e seus gostos. Eles acolheram pela primeira vez com ardor as instituições monásticas. As macerações, as austeridades, foram prontamente adotadas por uma nação para a qual a saciedade mesma das volúpias jogava no exagero das observâncias religiosas. Nessas cabeças ardentes, facilmente crédulas, facilmente fanáticas, germinaram todas as superstições e todos os crimes pelos quais a razão gemeu. A religião lhes foi menos útil do que aos povos do Norte, porque eles estavam muito mais corrompidos e porque é mais fácil civilizar um povo ignorante do que despertar de sua degradação um povo depravado. Mas a religião cristã reanima, contudo, princípios de vida moral em alguns homens sem objetivo e sem laços; ela não pôde lhes dar uma pátria; mas ela deu energia a muitos caráteres. Ela leva ao céu olhares depreciados pelos vícios da terra. Através todas as loucuras do martírio, resta em algumas almas a força do sacrifício, a abnegação do interesse pessoal e um poder de abstração e de pensamento, do qual se viu surgir resultados úteis para o espírito humano.

A religião cristã foi o laço dos povos do Norte e do Sul: ela fundou, por assim dizer, em uma opinião comum, costumes opostos; e aproximando inimigos, ela fez deles nações, nas quais os homens enérgicos fortificavam o caráter dos homens esclarecidos e os homens esclarecidos desenvolviam o espírito dos homens enérgicos.

Essa mistura se deu lentamente, sem dúvida. A Providência eterna esbanja os séculos para o cumprimento de seus desígnios, e nossa existência passageira disso se irrita e se surpreende: mas, enfim, os vencedores e os vencidos acabaram por não serem mais do que um mesmo povo em diversos países da Europa e a religião cristã para isso contribuiu poderosamente.

Antes de analisar ainda algumas outras vantagens da religião cristã, que me seja permitido deter-me aqui para fazer sentir uma relação que me chamou a atenção entre essa época e a revolução francesa.

Os nobres, ou aqueles que pertencem a essa primeira classe, reuniam em geral todas as vantagens de uma educação distinta; mas a prosperidade os havia amolecido e eles perdiam gradualmente as virtudes que podiam desculpar sua preeminência social. Os homens da classe do povo, ao contrário, só tinham ainda uma civilização grosseira e costumes que as leis continham, mas que a licença devia retornar à sua ferocidade natural. Eles fizeram, por assim dizer, uma invasão nas classes superiores da sociedade e tudo o que nós sofremos, e tudo o que nós condenamos na revolução, se refere à necessidade fatal que fez com frequência confiar a direção dos negócios a esses conquistadores da ordem civil. Eles têm como fim e como bandeira uma ideia filosófica; mas sua educação está em muitos séculos atrasada em relação à dos homens que eles venceram. Os vencedores, na guerra e no interior, têm muitos caráteres de semelhança com os homens do Norte, os vencidos muito de analogia com as luzes e os preconceitos, os vícios e a sociabilidade dos habitantes do Sul. É preciso que a educação dos

vencedores se faça, é preciso que as luzes que estavam limitadas a um muito pequeno número de homens se estendam fortemente para além, antes que os governantes da França estejam todos inteiramente isentos de vulgaridade e de barbárie. Deve-se esperar que a civilização de nossos homens do Norte, que sua mistura com nossos homens do Sul, não exigirá dez a doze séculos. Nós andaremos mais rápido do que nossos ancestrais, porque na cabeça dos homens sem educação se encontra algumas vezes espíritos notavelmente esclarecidos, porque o século em que nós vivemos, a descoberta da imprensa, as luzes do resto da Europa devem apressar os progressos da classe novamente admitida à direção dos assuntos políticos; mas não se poderia prever ainda por qual meio a guerra dos antigos possuidores e dos novos conquistadores terminará.

Seremos felizes se encontrarmos, como à época da invasão dos povos do Norte, um sistema filosófico, um entusiasmo virtuoso, uma legislação forte e justa que fosse, como a religião cristã foi, a opinião na qual os vencedores e os vencidos poderiam se reunir.

Essa mistura, essa reconciliação do Norte e do Sul, que foi um tão grande alívio para o mundo, não é o único resultado útil da religião cristã. A destruição da escravidão lhe é geralmente atribuída. É preciso ainda acrescentar a esse ato de justiça, dois benefícios dos quais deve-se reconhecer nela ou a fonte ou o crescimento, a felicidade doméstica e a simpatia da piedade.

Todos se ressentiam, nos antigos, mesmo nas relações de família, da odiosa instituição da escravidão. O direito de vida e de morte frequentemente acordado à autoridade paterna, os exemplos comuns do crime da exposição das crianças, o poder dos esposos

assimilado, sob muitos aspectos, ao dos pais, todas as leias civis enfim tinham alguma analogia com o código abominável que livrava o homem ao homem e criava entre os humanos duas classes, das quais uma não crê ter qualquer dever em relação à outra. Essa base uma vez adotada, só se chegava à liberdade por gradação. As mulheres durante sua juventude eram submissas a algumas condições de escravidão.

Em séculos corrompidos do império romano, a licença mais desenfreada tinha largado as mulheres à servidão pela degradação; mas é o cristianismo que, ao menos nos aspectos morais e religiosos, lhes acordou a igualdade. O cristianismo, ao fazer do casamento uma instituição sagrada, fortificou o amor conjugal e todas as afecções que dele derivam. O dogma do inferno e do paraíso anuncia as mesmas penas, promete as mesmas recompensas aos dois sexos. O Evangelho que ordena virtudes privadas, um destino obscuro, uma humildade piedosa, oferece às mulheres, tanto quanto aos homens, os meios para se obter a palma da religião. A sensibilidade, a imaginação, a fraqueza dispõem à devoção. As mulheres devem, pois, frequentemente ultrapassar os homens nessa emulação do cristianismo que toma a Europa durante os primeiros séculos da história moderna

A religião e a felicidade doméstica fixaram a vida errante dos povos do Norte; eles se estabeleceram em uma região, eles viveram em sociedade. A legislação da vida civil se reforma segundo os princípios da religião. Foi então, pois, que as mulheres começaram a constituir a metade da associação humana. Foi então também que se conheceu verdadeiramente a felicidade doméstica. Demasiado

poder deprava a bondade, altera todos os prazeres da delicadeza; as virtudes e os sentimentos não podem resistir, de um lado, ao exercício do poder e, de outro, ao hábito do medo. A felicidade do homem cresceu com a independência que o objeto de sua ternura obteve; ele pôde crer-se amado; um ser livre o escolheu; um ser livre obedece a seus desejos. As visadas do espírito, as nuances sentidas pelo coração se multiplicaram com as ideias e as impressões dessas almas novas que se experimentavam na existência moral após terem por muito tempo dormido na vida.

As mulheres não compuseram obras verdadeiramente superiores; mas elas não serviram menos eminentemente aos progressos da literatura, pela enormidade de pensamento que inspiraram aos homens as relações tidas com esses seres maleáveis e delicadas. Todo os aspectos se duplicaram, por assim dizer, depois que os objetos foram considerados sob um ponto de vista totalmente novo. A confiança de um laço íntimo ensinou mais sobre sua natureza moral do que todos os tratados e todos os sistemas que pintavam o homem tal como ele se mostra ao homem e não tal como ele é realmente.

A piedade pelo sofrimento devia existir em todas as épocas no fundo do coração: contudo, uma grande diferença caracteriza a moral dos antigos e a distingue da do cristianismo; uma é fundada sobre a força e a outra sobra a simpatia. O espírito militar, que deve ter presidido na origem das sociedades, se faz sentir ainda até a filosofia estoica; o poder sobre si mesmo ali é exercido, por assim dizer, com uma energia guerreira. A felicidade dos outros não é objeto da moral dos antigos; não os servir, mas tornar-se deles

independente é o objetivo principal de todos os conselhos dos filósofos.

A religião cristã exige também a abnegação de si mesmo e a exageração monástica leva essa virtude muito além da austeridade filosófica dos antigos; mas o princípio desse sacrifício na religião cristã é a devoção a seu Deus ou a seus semelhantes e não, como entre os estoicos, o orgulho e a dignidade de seu próprio caráter. Ao estudar o sentido do Evangelho, sem acrescentar a ele as falsas interpretações que foram feitas,* vê-se facilmente que o espírito geral desse livro é a bondade com os infortunados. O homem é aí considerado como devendo receber uma impressão profunda pela dor do homem.

Uma moral toda simpática era singularmente própria a fazer conhecer o coração humano; e ainda que a religião cristã obrigasse, como todas as religiões, a domar as paixões, ela estava muito mais próxima do que o estoicismo de reconhecer sua força. Mais modéstia, mais indulgência nos princípios, mais abandono nas confissões, permitiam mais ao caráter do homem de se mostrar; e a filosofia, que tem por fim o estudo dos movimentos da alma, adquiriu muito graças à religião cristã.

A literatura lhe deve muito também em todos os efeitos que se referem ao poder da melancolia. A religião dos povos do Norte lhes inspirava em todas as épocas, é verdade, uma disposição, em alguns aspectos, parecida; mas é ao cristianismo que os oradores franceses são devedores das ideias fortes e sombrias que aumentaram sua eloquência.

---

* Na primeira edição: "as falsas interpretações dos padres".

Reprovou-se à religião cristã de ter enfraquecido os caráteres; o Evangelho teve por fim combater a ferocidade;* ora, é impossível inspirar ao mesmo tempo muita humanidade por seus semelhantes e a mais completa insensibilidade para si. Era preciso dar ao assassinato suas cores abomináveis, era preciso fazer horror do sangue e da morte; e a natureza não permite que a simpatia se exerça inteira fora de nós. O fanatismo, em diversas épocas, sufoca os sentimentos de doçura que a religião cristã inspirava; mas é o espírito geral dessa religião que eu devo examinar; e, em nossos dias, nos países onde a reforma se estabeleceu, pode-se ainda notar quanto é salutar a influência do Evangelho sobre a moral.

O paganismo, tolerante por sua essência, é lamentado pelos filósofos, quando eles o comparam ao fanatismo que a religião cristã inspirou. Ainda que as paixões fortes engendrem crimes, que a indiferença nunca causou, há circunstâncias na história onde essas paixões são necessárias para recuperar as forças da sociedade. A razão, com a ajuda dos séculos, conquista alguns efeitos desses grandes movimentos; mas há certas ideias que as paixões fazem descobrir e que seriam ignoradas sem elas. É preciso sacudidas violentas para levar o espírito humano a objetos inteiramente novos; são os tremores de terra, os fogos subterrâneos que mostram aos olhares do homem riquezas para as quais o tempo apenas não teria bastado para abrir o caminho.

Eu creio ver uma prova a mais dessa opinião na influência que exerceu sobre os progressos da metafísica o estudo da teologia. Considerou-se com frequência esse estudo como o emprego mais

* Antes havia aqui um ponto final.

ocioso do pensamento, como uma das principais causas da barbárie dos primeiros séculos da nossa era. No entanto, é um tipo de esforço intelectual que desenvolveu singularmente as faculdades do espírito. Se só se julga o resultado de um tal trabalho em suas relações com as artes da imaginação, nada pode dele dar uma ideia mais desfavorável. A nobreza, a elegância, a graça das formas antigas pareciam dever desaparecer para sempre sob os erros pedantes dos escritores teológicos. Mas o tipo de espírito que torna próprio ao estudo das ciências se formava pelas disputas sobre os dogmas, ainda que seu objeto fosse tão pueril quanto absurdo.

A atenção e a abstração são os verdadeiros poderes do homem pensador; essas faculdades apenas podem servir aos progressos do espírito humano. A imaginação, os talentos que dela derivam, reanimam somente as lembranças; mas é unicamente pelo método metafísico que se pode alcançar as ideias verdadeiramente novas. Os dogmas espirituais exerciam os homens na concepção dos pensamentos abstratos; e a longa contenção do espírito, que exigia o encadeamento das consequências sutis da teologia, tornava a cabeça própria ao estudo das ciências exatas. Como se pode, perguntarão, que aprofundar o erro possa servir ao conhecimento da verdade? É que a arte do raciocínio, a força da meditação que permite entender as relações mais metafísicas e lhes dar uma ligação, uma ordem, um método, é um exercício útil para as faculdades pensantes, qualquer que seja o ponto de onde se parte e o fim aonde se quer chegar.

Sem dúvida, se as faculdades desenvolvidas nesse tipo de trabalho não tivessem sido depois dirigidas para outros objetos, só

se resultou disso o lamento pelo gênero humano; mas quando se vê, com o renascimento das letras, o pensamento tomar, de um só golpe, um tão grande impulso, as ciências avançarem em pouco tempo de uma maneira tão impressionante, somos conduzidos a crer que, mesmo seguindo uma rota falsa, o espírito adquiria forças que aceleraram seus passos na verdadeira carreira da razão e da filosofia.

Alguns homens podem se livrar por gosto ao estudo das ideias abstratas; mas o grande número a ele não é jamais levado senão que por um interesse de partido. Os conhecimentos políticos tinham feito grandes progressos, nos primeiros anos da revolução francesa, porque eles serviam à ambição de muitos e agitavam a vida de todos. As questões teológicas, no tempo deles, tinham sido o objeto de um interesse tão vivo, de uma análise tão profunda, porque as querelas que eles faziam nascer eram animadas pela avidez pelo poder e o medo da perseguição. Se o espírito de facção não se tivesse introduzido na metafísica, se as paixões ambiciosas não tivessem ficado interessadas pelas discussões abstratas, os espíritos não se prenderiam jamais a ela, para adquirir, nesse gênero difícil, todos os meios necessários às descobertas dos séculos seguintes.

Assim marcha a instrução para a massa dos homens. Quando as opiniões que se professa sobre uma ordem de ideias qualquer se tornam a causa e as armas dos partidos, o ódio, o furor, a inveja percorrem todas as relações, tomam todos os lados dos objetos em discussão, agitam todas as questões que dela dependem; e quando as paixões se retiram, a razão vai recolher, no meio do campo de batalha, alguns cacos úteis à procura pela verdade.

Toda instituição boa relativamente a tal perigo do momento, e não à razão eterna, torna-se um abuso insuportável, após ter corrigido abusos maiores. A cavalaria era necessária para adoçar a ferocidade militar pelo culto às mulheres e pelo espírito religioso; mas a cavalaria, como uma ordem, como uma seita, como tudo o que separa os homens ao invés de reuni-los, teve de ser considerada como um mal funesto desde que ela cessou de ser um remédio indispensável.

A felicidade de a jurisprudência romana se fazer receber aos povos que só conheciam o direito das armas, tornou-se um estudo astucioso e pedante, e absorveu a maior parte dos sábios, escapados da teologia.

O conhecimento das línguas antigas, que retomou o verdadeiro gosto pela literatura, inspirou por algum tempo um furor ridículo por erudição. O presente e o futuro foram como que destruídos pelo exame pueril das menores circunstâncias do passado. Comentários sobre obras dos antigos tinham tomado o lugar das observações filosóficas: parecia que entre a natureza e o homem devesse existir sempre livros. O preço que se ligava à erudição era tal que ela absorvia por inteiro o espírito criador. Tudo o que concernia os antigos obtinha então um igual grau de interesse; ter-se-ia dito que importava bem mais saber do que escolher.

No entanto, todos esses defeitos tinham sua utilidade; e se percebia, com o renascimento das letras, que os séculos chamados bárbaros serviram, como os outros, de início à civilização de um maior número de povos, depois ao aperfeiçoamento mesmo do espírito humano.

Se só consideramos essa época do renascimento das letras sob o único aspecto das obras de gosto e de imaginação, encontramos sem dúvida que perto de dezesseis séculos foram perdidos e que desde Virgílio até os mistérios católicos representados sobre o teatro de Paris, o espírito humano, na carreira das artes, só fez recuar até a mais absurda das barbáries; mas não ocorreu o mesmo com as obras de filosofia. Bacon, Maquiavel, Montaigne, Galileu, todos os três quase contemporâneos em países diferentes, saltam de um só golpe desses tempos obscuros e se mostram, contudo, em muitos séculos avançados dos últimos escritores da literatura antiga e sobretudo dos últimos filósofos da antiguidade.

Se o espírito humano não tinha andado durante os séculos durante os quais tem-se dificuldade em seguir sua história, teríamos visto na moral, na política, nas ciências, homens que, à época mesma do renascimento das letras, tenham ultrapassado muito os gênios mais fortes dentre os antigos? Se existe uma distância infinita entre os últimos homens célebres da antiguidade e os primeiros que, dentre os modernos, se ilustraram na carreira das ciências e das letras; se Bacon, Maquiavel e Montaigne têm ideias e conhecimentos infinitamente superiores aos de Plínio, de Marco Aurélio etc., não é evidente que a razão humana fez progressos durante o intervalo que separa a vida desses grandes homens? Porque não se pode esquecer o que eu coloquei como princípio desde o começo dessa obra; que o gênio mais notável não se eleva nunca acima das luzes de seu século, senão que por um pequeno número de degraus.

A história do espírito humano, durante o tempo que se passou entre Plínio e Bacon, entre Epiteto e Montaigne, entre Plutarco e

Maquiavel, nos é pouco conhecida, porque a maior parte dos homens e das nações se confundem em um único acontecimento, a guerra. Mas as explorações militares só conservam um fraco interesse para além da época de seu poder. Só há um fato para o homem esclarecido desde o começo do mundo, são os progressos das luzes e da razão. No entanto, assim como o sábio observa o trabalho secreto pelo qual a natureza combina seus desenvolvimentos, o moralista percebe a reunião das causas que prepararam, durante catorze séculos, o estado atual das ciências e da filosofia.

Que força o espírito humano não mostrou de uma só vez no meio do décimo quinto século! Que descobertas importantes! Que marcha nova foi adotada em poucos anos! Progressos tão rápidos, sucessos tão surpreendentes podem não se ligar a nada de anterior? E nas artes mesmas, o mau gosto não foi propriamente afastado? Os progressos do pensamento fizeram encontrar em pouco de tempo os princípios do verdadeiro belo em todos os gêneros; e a literatura só se aperfeiçoou tão rapidamente porque o espírito estava tão exercitado, que uma vez de volta à rota da razão, ele devia caminhar nela a grandes passos.

Uma causa principal da emulação ardente que as letras excitaram no momento de seu renascimento é o prodigioso brilho que dava então a reputação de bom escritor. Confundiram inúmeras homenagens que obteve Petrarca com a importância inesperada que se dava à publicação de seus sonetos. Estavam cansados desse absurdo preconceito militar que queria degradar a literatura; jogaram-se no extremo oposto. Talvez também todo o fasto dessas

recompensas de opinião era necessário para excitar para os difíceis trabalhos que exigiam, há três séculos, a regeneração do espírito filosófico e a criação de um método novo para a metafísica e as ciências exatas.

Paremos, contudo, na época que inaugura a nova era, a partir da qual podem se contar, sem interrupção, as mais surpreendentes conquistas do gênio do homem; e comparando nossas riquezas com as da antiguidade, longe de nos deixar desencorajar pela admiração estéril do passado, reanimemo-nos pelo entusiasmo fecundo da esperança; unamos nossos esforços, livremos nossas velas ao vento rápido que nos empurra para o futuro.

CAPÍTULO IX

Do espírito geral da literatura nos modernos

Não foi a imaginação, foi o pensamento que adquiriu novos tesouros durante a idade média. O princípio das belas-artes, a imitação, não permite, como eu o disse, a perfectibilidade indefinida; e os modernos, nesse aspecto, só fazem e só farão sempre recomeçar os antigos. Todavia, se a poesia de imagens e de descrição permanece sempre mais ou menos a mesma, o desenvolvimento novo da sensibilidade e o conhecimento mais aprofundado dos caráteres acrescentam à eloquência as paixões e dão a nossas obras-primas em literatura um charme que não se pode atribuir apenas à imaginação poética e que aumenta singularmente o seu efeito.

Os antigos tinham homens por amigos e só viam em suas mulheres escravas educadas para esse triste destino. A maior parte quase se tornava digna disso; seu espírito não adquiria nenhuma ideia e sua alma não se desenvolvia por sentimentos generosos. Daí que os poetas da antiguidade só pintaram do amor, o mais frequentemente, as sensações. Os antigos não tinham motivo de preferência pelas mulheres além de sua beleza; e essa vantagem é comum a um bem grande número delas. Os modernos, que conheciam outros aspectos e outros laços, apenas eles puderam exprimir esse sentimento de predileção que liga o destino de toda a vida aos sentimentos do amor.

Os romances, essas produções variadas do espírito dos modernos, são um gênero quase inteiramente desconhecido dos antigos. Eles compuseram algumas pastorais, sob a forma de

romances, que datam do tempo quando os gregos procuravam ocupar os lazeres da servidão; mas antes que as mulheres tivessem criado interesses na vida privada, as aventuras particulares cativavam pouco a curiosidade dos homens; eles estavam absorvidos pelas ocupações políticas.

As mulheres descobriram nos caráteres uma multidão de nuances que a necessidade de dominar ou o medo de serem sujeitadas lhes fez perceber: elas forneceram ao talento dramático novos segredos para emocionar. Todos os sentimentos aos quais é permitido de se viver, o medo da morte, o lamento da vida, a devoção sem limites, a indignação sem medida, enriquecem a literatura com expressões novas. Como as mulheres não são, por assim dizer, responsáveis por elas mesmas, vão tão longe em suas palavras quanto os sentimentos da alma as conduzem. A razão forte e a eloquência máscula podem escolher, podem se esclarecer nesses desenvolvimentos onde o coração humano se mostra com abdicação. Daí vem que os moralistas modernos tenham, em geral, muito mais fineza e sagacidade no conhecimento dos homens do que os moralistas da antiguidade.

Qualquer um que, entre os antigos, não pudesse alcançar o renome, não tinha nenhum motivo de desenvolvimento. Desde que se é dois na vida doméstica, as comunicações do espírito e o exercício da moral existem sempre, ao menos em um pequeno círculo; as crianças se tornaram mais caras a seus pais, pela ternura recíproca que forma o laço conjugal; e todas as afecções receberam o selo dessa divina aliança do amor e da amizade, da estima e da atração, da confiança merecida e da sedução involuntária.

Uma idade árida, que a glória e a virtude podiam honrar, mas que não devia mais ser reanimada pelas emoções do coração, a velhice se enriqueceu com todos os pensamentos da melancolia; foi-lhe dado de se relembrar, de lamentar, de amar ainda o que ela tinha amado. As afecções morais, unidas, desde a juventude, às paixões flamejantes, podem se prolongar por nobres traços até o fim da existência e deixar ver ainda o mesmo quadro sob o manto fúnebre do tempo.

Uma sensibilidade sonhadora e profunda é um dos maiores charmes de algumas obras modernas; e são as mulheres que, só conhecendo da vida a faculdade de amar, fizeram passar a doçura de suas impressões no estilo de alguns escritores. Lendo livros compostos desde o renascimento das letras, poder-se-ia marcar em cada página quais são as ideias que não se tinha antes que se tivesse acordado às mulheres um tipo de igualdade civil.

A generosidade, o valor, a humanidade tomaram, em alguns aspectos, uma acepção diferente. Todas as virtudes dos antigos eram fundadas sobre o amor pela pátria; as mulheres exercem suas qualidades de uma maneira independente. A piedade pela fraqueza, a simpatia pelo sofrimento, uma elevação da alma, sem outro fim senão a satisfação com essa elevação, estão muito mais na sua natureza do que as virtudes políticas. Os modernos, influenciados pelas mulheres, cederam facilmente aos laços da filantropia; e o espírito se tornou mais filosoficamente livre, se abrindo menos ao império das associações exclusivas.

A única vantagem dos escritores dos últimos séculos sobre os antigos, nas obras de imaginação, é o talento de exprimir uma

sensibilidade mais delicada e de variar as situações e os caráteres pelo conhecimento do coração humano. Mas qual superioridade os filósofos de nossos dias têm nas ciências, no método e na análise, na generalização das ideias e no encadeamento dos resultados! Eles seguram o fio que eles podem desenrolar a cada dia mais sem nunca se perder.

O raciocínio matemático [fornece as] é, como as duas maiores ideias da alta metafísica, o espaço e a eternidade. Acrescentamos milhares de léguas, multiplicamos os séculos; cada cálculo é justo e o fim é indefinido. O maior passo que fez o espírito humano foi o de renunciar o acaso dos sistemas para adotar um método suscetível de demonstração; pois não há conquista para a felicidade geral senão as verdades que alcançaram a evidência.

Enfim, ainda que a eloquência carecesse, sem dúvida na maior parte dos modernos, da emulação dos países livres, ela adquiriu, no entanto, pela filosofia e pela imaginação melancólica, um caráter novo cujo efeito é muito poderoso.

Eu não penso que, entre os antigos, nenhum livro, nenhum orador tenham igualado, na arte sublime de mexer com as almas, nem Bossuet, nem Rousseau, nem os ingleses em algumas poesias, nem os alemães em algumas frases.* É à espiritualidade das ideias cristãs, à sombria verdade das ideias filosóficas que é preciso atribuir essa arte de fazer entrar, mesmo na discussão de um assunto particular, reflexões tocantes e gerais, que tocam todas as almas, acordam todas as lembranças e restabelecem o homem inteiro em cada interesse do homem.

---

* Na primeira edição, ao invés de "frases", tinha-se "páginas".

Os antigos sabiam animar os argumentos necessários para cada circunstância; mas em nossos dias os espíritos são de tal forma indiferentes, na sucessão dos séculos, pelos interesses individuais dos homens, e talvez mesmo pelos interesses instantâneos das nações, que o escritor eloquente precisa subir sempre mais alto para alcançar a fonte das afecções comuns a todos os mortais.

Sem dúvida é preciso chamar a atenção, através do quadro presente e detalhado do objeto pelo qual se quer [fazer] emocionar; mas o chamado à piedade só é irresistível quando a melancolia sabe tão bem generalizar quanto a imaginação soube pintar.

Os modernos tiveram que reunir a essa eloquência, que só tem por objetivo cativar, a eloquência do pensamento, do qual a antiguidade só nos oferece Tácito como modelo. Montesquieu, Pascal, Maquiavel são eloquentes por uma única expressão, por um epíteto impressionante, por uma imagem rapidamente traçada, cujo fim é o de esclarecer a ideia, mas que engrandece ainda o que ela explica. A impressão desse gênero de estilo poderia se comparar ao efeito que produz a revelação de um grande segredo; parece-nos que muitos pensamentos precederam o pensamento que nos exprimem, que cada ideia se relaciona a meditações profundas e que uma palavra nos permite, de uma só vez, levar nossos olhares para regiões imensas que o gênio percorreu.

Os filósofos antigos, exercendo, por assim dizer, uma magistratura de instrução entre os homens, tinham sempre por objetivo o ensino universal; eles descobriam os elementos, eles colocavam as bases, eles não deixavam nada para trás; eles não

tinham ainda que se preservar contra essa multidão de ideias comuns que é preciso indicar em sua rota sem, no entanto, fatigar ao retraçá-las. Era impossível que algum escritor da antiguidade pudesse ter a menor relação com Montesquieu; e nada deve lhe ser comparado se os séculos não foram perdidos, se as gerações não se sucederam em vão, se a espécie humana recolheu algum fruto da longa duração do mundo.

O conhecimento da moral se aperfeiçoou com os progressos da razão humana. É à moral sobretudo que, na ordem intelectual, a demonstração filosófica é aplicável. Não se pode comparar as virtudes dos modernos com as dos antigos, como homens públicos; é apenas nos países livres que existe generosos laços e deveres constantes entre os cidadãos e a pátria. Os hábitos ou os preconceitos, nos países governados despoticamente, podem ainda frequentemente inspirar atos brilhantes de coragem militar; mas a penível e contínua devoção dos empregos civis e das virtudes legislativas, o sacrifício desinteressado de toda sua vida à coisa pública, só pertencem à paixão profunda pela liberdade. É, pois, nas qualidades privadas, nos sentimentos filantrópicos e em alguns escritos superiores que é preciso examinar os progressos da moral.

Os princípios reconhecidos pelos filósofos modernos contribuem muito mais à felicidade particular do que os dos antigos. Os deveres impostos por nossos moralistas se compõem de bondade, de simpatia, de piedade, de afecção. A obediência filial era sem limites entre os antigos. O amor paterno é mais vivo entre os modernos; e vale mais, sem dúvida, que entre o pai e o filho, aquele

que deva ser o benfeitor seja ao mesmo tempo aquele cuja ternura é a mais forte.

Os antigos não podem ser ultrapassados em seu amor pela justiça; mas eles não tinham feito entrar a bondade nos deveres. As leis podem forçar à justiça, mas apenas a opinião geral constitui um preceito de bondade e apenas ela pode excluir da estima dos homens o ser insensível ao sofrimento.

Os antigos só pediam aos outros de se absterem de lhes prejudicar; eles desejavam unicamente que se afastassem de *seu sol* para lhes deixar a sós com a natureza. Um sentimento mais doce dá aos modernos a necessidade do socorro, do apoio, do interesse que eles podem inspirar; eles fizeram uma virtude de tudo o que pode servir à felicidade mútua, às relações consoladoras dos indivíduos entre eles. Os laços domésticos são cimentados por uma liberdade razoável; o homem não tem mais legalmente nenhum direito arbitrário sobre seu semelhante.

Entre os antigos povos do Norte, lições de prudência e de habilidade, máximas que comandavam um império sobrenatural sobre sua própria dor, eram colocadas entre os preceitos da virtude. A importância dos deveres é bem melhor classificada entre os modernos; as relações com seus semelhantes têm aí a primeira classe; o que concerne a nós mesmos merece sobretudo ser considerado, relativamente à influência que nós podemos ter sobre o destino dos outros. O que cada um deve fazer para sua própria felicidade é um conselho e não uma ordem; a moral não faz um crime ao homem da dor que ele não pode evitar de sentir e de testemunhar, mas daquela que ele tiver causado.

Enfim, o que a moral do* evangelho e a filosofia pregam igualmente é a humanidade. Aprendeu-se a respeitar profundamente o dom da vida; a existência do homem, sagrada para o homem, não inspira mais esse tipo de indiferença política, que alguns antigos acreditavam poder reunir a verdadeiras virtudes. O sangue se agita à vista do sangue; e o guerreiro que desbrava seus próprios perigos com a mais perfeita impassibilidade, se honra de tremer ao causar a morte. Se algumas circunstâncias podem fazer temer que uma condenação seja injusta, que um inocente tenha morrido pela espada das leis, as nações inteiras escutam com assombro os lamentos feitos contra um sofrimento irreparável. O terror causado por um suplício não merecido se prolonga de uma geração à outra: entretém-se a infância com a narrativa de um tal sofrimento; e quando o eloquente Lally, vinte anos após a morte de seu pai, demandava na França a reabilitação de suas almas, todos os jovens que não tinham nunca podido ver, nunca podido conhecer a vítima pela qual ele reclamava, derramavam lágrimas, se sentiam emocionados, como se o dia horrível quando o sangue tinha sido derramado injustamente não pudesse jamais cessar de estar presente a todos os corações.

Assim caminhava o século em direção à conquista da liberdade; pois são as virtudes que a anunciam. Oh! Como afastar o contraste doloroso que impressiona tão vivamente a imaginação! Um crime ressoa durante uma longa sequência de anos; e nós vimos crueldades sem número, quase ao mesmo tempo cometidas e esquecidas! E é o maior, o mais nobre, o mais orgulhoso dos pensamentos humanos, a república, que emprestou sua sombra a esses crimes execráveis!

* A inserção de "a moral do" é nova.

Ah! Como se tem dificuldade em repulsar esses tristes laços!* Todas as vezes em que o curso das ideias leva a refletir sobre o destino do homem, a revolução aparece; em vão transporta-se seu espírito para as margens distantes dos tempos que se passaram, em vão se quer compreender os acontecimentos passados e as obras duradouras sob a eterna relação das combinações abstratas; se nessas regiões metafísicas uma palavra responde a algumas lembranças, as emoções da alma retomam todo seu império. O pensamento não tem mais, então, a força de nos sustentar; é preciso recair na vida.

Não sucumbamos, no entanto, a esse abatimento. Voltemos às observações gerais, às ideias literárias, a tudo o que pode distrair dos sentimentos pessoais; eles são demasiado fortes, eles são demasiado dolorosos para serem desenvolvidos. Um certo grau de emoção pode animar o talento; mas a pena longa e pesada sufoca o gênio da expressão; e quando o sofrimento se torna o estado habitual da alma, a imaginação perde até a necessidade de pintar o que ela experimenta.

* O ponto de exclamação, cortando a frase em duas, é novo. Na sequência, o ponto-e-vírgula substitui na segunda edição o que, antes, era um ponto de exclamação.

CAPÍTULO X

Da literatura italiana e espanhola

A maior parte dos manuscritos antigos, os monumentos das artes, todos os traços enfim do esplendor e as luzes do povo romano, existiam na Itália. Foram precisos grandes gastos e a autorização do poder público para fazer sobre isso as pesquisas necessárias. Daí vem que a literatura reapareceu inicialmente nesse país onde se podia encontrar as fontes primeiras de todos os estudos; e daí vem também que a literatura italiana começou sob os auspícios dos príncipes; pois os meios de todos os tipos, indispensáveis para os primeiros progressos, dependiam imediatamente dos socorros e da vontade do governo.

A proteção dos príncipes da Itália contribuiu muito, portanto, para o renascimento das letras; mas ela teve que colocar obstáculos às luzes da filosofia; e esses obstáculos teriam subsistido, mesmo que a superstição religiosa não tivesse alterado, de várias maneiras, a pesquisa pela verdade.

É preciso lembrar aqui de novo o sentido que eu constantemente liguei à palavra filosofia no curso desta obra. Eu chamo filosofia a investigação do princípio de todas as instituições políticas e religiosas, a análise dos caráteres e dos acontecimentos históricos, enfim, o estudo do coração humano e dos direitos naturais do homem. Uma tal filosofia supõe a liberdade ou deve conduzir a ela.

Os homens de letras da Itália, para reencontrar os manuscritos antigos que deviam lhes servir de guia, como tinham necessidade da fortuna e da aprovação dos príncipes, estavam mais longe do que

qualquer outro país do tipo de independência necessária para essa filosofia. Uma multidão de academias, de universidades, existia nas grandes cidades da Itália. Essas associações eram singularmente próprias aos trabalhos eruditos que deviam fazer sair do esquecimento tantas obras-primas; mas os estabelecimentos públicos são, por sua natureza mesma, inteiramente submetidos aos governos; e as corporações são, como as ordens, as classes, as seitas etc., extremamente úteis a tal fim designado, mas muito menos favoráveis do que os esforços e o gênio individuais ao avanço indefinido das luzes filosóficas.

Acrescentemos a essas reflexões gerais que as longas e pacientes pesquisas que exigiam a investigação e o exame dos antigos manuscritos convinham particularmente à vida monástica; e são os monges, com efeito, que mais se ocuparam dos estudos literários. Assim, pois, as mesmas causas que faziam renascer as letras na Itália se opunham ao desenvolvimento da razão natural. Os italianos deram os primeiros passos na carreira onde o espírito humano fez depois tão imensos progressos; mas eles foram condenados a não avançar na rota que eles abriram.

A poesia e as belas-artes embriagam a imaginação na Itália por seus charmes inimitáveis; mas os escritores em prosa não são, em geral, nem moralistas nem filósofos; e seus esforços para serem eloquentes só produzem o exagero.[34] No entanto, como é da

[34] [Nota da segunda edição]: Parece-me que se é geralmente da opinião de que eu não elogiei suficientemente a literatura italiana (com exceção de Torquato Tasso, Ariosto e Maquiavel, dos quais eu creio ter falado com o entusiasmo que eles merecem). Se a liberdade se estabeleceu na Itália, é fora de dúvida que todos os homens que indicam atualmente talentos distintos, os levariam muito mais longe

natureza do espírito humano andar sempre adiante, os italianos, a quem a filosofia era proibida, e que não podiam ultrapassar, na poesia, o termo da perfeição, limite de todas as artes; os italianos se ilustraram pelos progressos remarcáveis que eles não deixaram de fazer nas ciências. Após o século de Leon X, após Ariosto e Tasso, sua poesia retrocedeu; mas eles tiveram Galileu, Cassini etc. e novamente ainda uma multidão de descobertas úteis em física os associaram ao aperfeiçoamento intelectual da espécie humana.

A superstição bem tentou perseguir Galileu; mas vários príncipes da Itália vieram em seu socorro. O fanatismo religioso é inimigo das ciências e das artes, tanto quanto da filosofia; mas a monarquia absoluta ou a aristocracia feudal protegem frequentemente as ciências e as artes e só detestam a independência filosófica.

Nos países onde os padres dominam, todos os males e todos os preconceitos são encontrados por vezes reunidos; mas a diversidade de governos, na Itália, aliviava o jugo dos padres, dando lugar a rivalidades de estados ou de príncipes que garantiam a independência muito limitada da qual as ciências e as artes têm necessidade. Após ter afirmado que é nas ciências apenas que a Itália caminhou progressivamente e forneceu seu tributo às luzes do gênero humano, examinemos em cada ramo do entendimento humano, na filosofia, na eloquência e na poesia, as causas dos sucessos e dos defeitos da literatura italiana.

A subdivisão dos estados, em um mesmo país, é ordinariamente favorável à filosofia: é o que terei ocasião de desenvolver falando da

---

ainda. Mas uma nação na qual o pensamento tem tão pouca independência, e a emulação [tem tão pouco] de objeto, pode ela ter todo o seu valor?

literatura alemã. Mas, na Itália, essa subdivisão não produziu seu efeito natural; o despotismo dos padres, pesando sobre todas as partes do país, destruiu a maior parte dos resultados felizes que deve ter o governo federal ou a separação e a existência de pequenos estados. Teria sido talvez melhor que a nação inteira tivesse sido reunida sob um único governo; suas antigas lembranças seriam, assim, mais cedo reanimadas e o sentimento de sua força teria revivido o de sua virtude.

Essa multidão de principiados, feudal ou teocraticamente governadas, foi levada a guerras civis, a partidos, a facções; tudo sem proveito para a liberdade. Os caráteres se depravaram pelos ódios particulares, sem crescerem pelo amor à pátria; familiarizou-se com o assassinato, se submetendo à tirania. Ao lado do fanatismo existia por vezes a incredulidade, nunca a sã razão.

Os italianos, acostumados frequentemente a não crer em nada e a tudo professar, se exercitaram muito mais na jocosidade do que no raciocínio. Eles ridicularizam sua própria maneira de ser. Quando eles querem renunciar a seu talento natural, ao espírito cômico, para experimentar a eloquência oratória, eles têm quase sempre afetação. As lembranças de um grandioso passado, sem nenhum sentimento de grandeza presente, produzem o gigantesco. Os italianos teriam dignidade se a mais sombria tristeza formasse seu caráter; mas quando os sucessores dos romanos, privados de todo brilho nacional, de toda liberdade política, são ainda um dos povos mais alegres da terra, eles não podem ter nenhuma elevação natural.

É talvez por antipatia pelo exagero italiano que Maquiavel mostrou uma tão extraordinária simplicidade na sua maneira de analisar a tirania; ele mostrou que o horror pelo crime nasceu do desenvolvimento mesmo de seus princípios; e levando demasiadamente longe o desprezo pela aparência da declamação, ele deixou tudo fazer com o sentimento do leitor. As reflexões de Maquiavel sobre Tito Lívio são muito superiores a seu *Príncipe*. Essas reflexões são uma das obras onde o espírito humano mostrou o máximo de profundeza. Um tal livro se deve inteiro ao gênio do autor; ele não tem relações com o caráter geral da literatura italiana.

As agitações de Florença tinham contribuído sem dúvida a dar mais energia ao pensamento de Maquiavel;* mas parece-me, no entanto, que ao estudar suas obras sentimos que elas pertencem a um homem único de sua natureza no meio de outros homens. Ele escreve como para si mesmo; o efeito que ele deve produzir não o ocupou jamais. Diriam que ele sequer sonhava com seus leitores e que, partindo de pontos adequados com seu próprio pensamento, ele acreditava ser inútil declarar a si próprio suas opiniões.

Pode-se acusar Maquiavel de não ter previsto os maus efeitos de seus livros; mas o que eu não creio é que um homem de tal gênio tenha adotado a teoria do crime. Essa teoria é demasiado curta e imprevisível nas suas mais profundas combinações.

Uma multidão de historiadores na Itália, e mesmo os dois melhores, Guicciardine e Fra-Paolo, não pode, de nenhuma maneira, ser comparada nem aos da antiguidade nem, dentre os

* Na primeira edição: "tinham energicamente exercitado o pensamento". Na sequência, a conjunção adversativa é um acréscimo da segunda edição.

modernos, aos historiadores ingleses. Eles são eruditos; mas eles não aprofundam nem as ideias nem os homens, seja porque havia verdadeiramente perigo, sob os governos italianos, em julgar filosoficamente as instituições e os caráteres; seja porque esse povo, outrora tão grande, e agora degradado, foi, como Renaud em Armide, importunado por todos os pensamentos que podiam agitar seu repouso e seus prazeres.

Parece que a eloquência da cadeira teria existido na Itália mais do que em outros lugares, porque é o país mais dado ao império de uma religião positiva. Contudo, esse país não oferece nada de bom nesse gênero, ao passo que a França pode se glorificar dos maiores e mais belos talentos nessa carreira. Os italianos, se deles se excetua uma certa classe de homens esclarecidos, são pela religião como pelo amor e pela liberdade; eles amam o exagero de tudo e não experimentam o sentimento verdadeiro de nada. Eles são vingativos e, no entanto, servis. Eles são escravos das mulheres e, no entanto, estrangeiros aos sentimentos profundos e duráveis do coração. Eles são miseravelmente supersticiosos nas práticas do catolicismo; mas eles não creem na indissolúvel aliança da moral e da religião.

Tal é o efeito que devem produzir sobre um povo preconceitos fanáticos, governos diversos que não reúnem a defesa e o amor de uma mesma pátria, um sol escaldante que anima todas as sensações e deve levar à voluptuosidade quando esse efeito não é combatido, como entre os romanos, pela energia das paixões políticas.

Enfim, em todo país onde a autoridade pública coloca limites supersticiosos para a procura das verdades filosóficas, quando a emulação se esgota sobre as belas-artes, os homens esclarecidos não

tendo mais rota a seguir, não mais objetivo, não mais futuro, se deixam cair no desencorajamento; e com dificuldade resta então suficiente força ao espírito humano para inventar as diversões de seus lazeres.

Após ter expressado, talvez com rigor, tudo o que faltava à literatura dos italianos, é preciso voltar ao charme encantador de sua brilhante imaginação.

É uma época digna de nota na literatura essa na qual se descobriu o segredo de excitar a curiosidade pela invenção e pela narrativa das aventuras particulares. O gênero romanesco se introduziu por duas causas distintas no Norte e no Sul. No Norte, o espírito de cavalaria dava frequentemente ocasião para acontecimentos extraordinários; e para interessar os guerreiros era preciso lhes contar as explorações parecidas com as suas. Consagrar a literatura à narrativa ou à invenção dos belos fatos da cavalaria era o único meio de vencer a repugnância que tinham por ela os homens ainda bárbaros.

No Oriente, o despotismo direcionava os espíritos para os jogos da imaginação; era-se obrigado a não arriscar nenhuma verdade moral senão sob a forma do apólogo. O talento se exerce logo em supor e em pintar acontecimentos fabulosos. Os escravos devem amar se refugiar em um mundo quimérico; e como o sol do Sul anima a imaginação, os contos árabes são infinitamente mais variados e mais fecundos do que os romances de cavalaria.

Reuniu-se os dois gêneros na Itália; a invasão dos povos do Norte transportou para o Sul a tradição dos fatos cavalheirescos, e as relações que os italianos entretinham com a Espanha enriqueceram a poesia de uma multidão de imagens e de

acontecimentos tirados dos contos árabes. É a essa mistura feliz que nós devemos Ariosto e Tasso.

A arte de excitar o terror e a piedade apenas pelo desenvolvimento das paixões do coração é um talento do qual a filosofia reclama uma grande parte; mas o efeito do maravilhoso sobre a credulidade é ainda mais poderoso quando nada de combinado nem de previsto prepara o acabamento, quando a curiosidade não pode se satisfazer de antemão por nenhum gênero de probabilidade e quando tudo é surpresa nas narrativas que se escuta.

Vê-se, nos romances de cavalaria, uma singular mistura da religião cristã, na qual os escritores têm fé, e da magia que lhes dá medo; e nos escritores do Oriente, [vê-se] um combate contínuo entre sua religião nova e a antiga idolatria sobre a qual Maomé triunfou. A mitologia dos gregos e dos romanos é uma composição muito mais simples. Ela se refere muito mais às ideias morais; ela é quase sempre delas o emblema ou a alegoria. Mas o maravilhoso árabe atiça mais a curiosidade; um parece o sonho do medo, o outro a comparação feliz da ordem moral com a ordem física.

Os espanhóis tinham que ter uma literatura mais notável do que a dos italianos; eles tinham que reunir a imaginação do Norte e a do Sul, a grandeza cavalheiresca e a grandeza oriental, o espírito militar que guerras contínuas tinham exaltado e a poesia que a beleza do sol e do clima inspira. Mas o poder real, apoiando a superstição, asfixia esses germes felizes de todos os tipos de glória. O que impediu a Itália de ser uma nação, a subdivisão dos estados, lhe deu ao menos a liberdade suficiente para as ciências e as artes; mas a unidade do

despotismo da Espanha, favorecendo o poder ativo da inquisição, não deixou ao pensamento nenhum recurso em nenhuma carreira, nenhum meio de escapar do jugo. Deve-se julgar, contudo, o que teria sido a literatura espanhola por alguns ensaios esparsos que se pode ainda recolher.

Os romances dos mauros estabelecidos na Espanha tomavam emprestado da cavalaria seu culto pelas mulheres; esse culto não se encontrava nos costumes nacionais do Oriente. Os árabes que permaneceram na África não pareciam, quanto a isso, com os árabes estabelecidos na Espanha. Os mauros davam aos espanhóis seu espírito de magnificência; os espanhóis inspiraram aos mauros seu amor e sua honra cavalheiresca. Nenhuma mistura teria sido mais favorável às obras de imaginação se a literatura tivesse podido se desenvolver na Espanha.

Entre seus romances, o Cid nos dá alguma ideia da grandeza que teria caracterizado todas as suas concepções. Há nesse poema de Camões, cujo espírito é o mesmo do que o das obras escritas em espanhol, uma ficção de uma rara beleza, a aparição do fantasma que defende a entrada do mar das Índias. Nas comédias de Calderón, de Lopes de Veja, através de inúmeras falhas, encontra-se sempre elevação nos sentimentos. O amor espanhol e a inveja espanhola têm um caráter totalmente diferente do que os sentimentos representados nas peças italianas; não há nem sutileza nem insignificância em suas expressões; eles não representam nunca nem a perfídia da conduta nem a depravação dos costumes; eles têm demasiada inflamação no estilo; mas condenando o exagero de suas palavras, fica-se convencido da verdade de seus sentimentos. Não

ocorre o mesmo na Itália. Se ignoramos a afetação de certas obras, não resta nada; ao passo que corrigindo as falhas do gênero espanhol, chega-se à perfeição da dignidade corajosa e da sensibilidade profunda.

Nenhum elemento de filosofia podia se desenvolver na Espanha; as invasões do Norte só tinham levado o espírito militar, e os árabes eram inimigos da filosofia. O governo absoluto dos orientais* e sua religião fatalista os levavam a detestar as luzes filosóficas. Esse ódio lhes fez queimar a biblioteca de Alexandria. Eles se ocupavam, contudo, das ciências e da poesia; mas eles cultivavam as ciências como astrólogos e a poesia como guerreiros. Era para cantar as explorações militares que os árabes faziam versos; e eles só estudavam os segredos da natureza na esperança de alcançar a magia. Eles não pensavam em fortificar sua razão. A quê podia lhes servir, com efeito, uma faculdade que teria invertido o que eles respeitavam, o despotismo e a superstição?

A Espanha, tão estrangeira quanto a Itália nos trabalhos filosóficos, foi desviada de toda emulação literária pela tirania opressiva e sombria da inquisição; ela não aproveitou das inesgotáveis fontes de invenção poética que os árabes levavam com eles. A Itália possuía os monumentos antigos e tinha relações imediatas com os gregos de Constantinopla; ela tira da Espanha o gênero oriental que os mauros para lá tinham levado e que os espanhóis negligenciavam.

---

* Germaine de Staël deixou aqui mais claro de quem era o governo absoluto, pois na primeira edição consta: "Seu governo absoluto".

Pode-se distinguir muito facilmente na literatura italiana o que pertence à influência dos gregos ou à influência da poesia e às tradições árabes. A afetação e a pesquisa derivam da sutileza dos gregos, de seus sofismas e de sua teologia; os quadros e a invenção poética derivam da imaginação oriental. Esses dois diferentes caráteres podiam ser percebidos através da cor geral que a mesma língua, o mesmo clima, os mesmos costumes dão às obras de um mesmo povo.

Boyard, que é o primeiro autor do gênero que Ariosto tornou tão célebre, tem muita analogia, em seu poema, com os contos orientais. É o mesmo caráter de invenção e de maravilhoso; o espírito de cavalaria e a liberdade acordada às mulheres no Norte constituem a única diferença entre Boyard e as *Mil e uma noites*. Ainda que os árabes fossem um povo extremamente belicoso, eles combatiam pela sua religião bem mais do que pelo amor e pela honra, ao passo que os povos do Norte, qualquer que fosse seu respeito pela crença que eles professavam, tiveram sempre sua glória pessoal como primeiro objetivo. Ariosto, assim como Boyard, é imitador dos orientais. Ariosto é o primeiro pintor e, por conseguinte, talvez o maior poeta moderno:* mas uma das características de originalidade de sua obra é a arte de fazer aparecer a brincadeira do sério, mesmo da exageração. Nada devia agradar mais aos italianos do que esse ridículo picante jogado sobre todas as ideias sérias e exaltadas da cavalaria. É do seu caráter amar reunir, nos objetos da mais alta importância, a gravidade das formas com a ligeireza dos

* Aqui havia um ponto final.

sentimentos; e Ariosto é o mais charmoso modelo desse gênero nacional.

Tasso toma emprestado também da imaginação oriental seus quadros mais brilhantes; mas ele reúne frequentemente um charme de sensibilidade que pertence apenas a si próprio. O que se encontra mais raramente, em geral, nas obras italianas, ainda que tudo aí fale de amor, é a sensibilidade. A pesquisa do espírito que se introduziu sobre esse assunto desde a origem de sua literatura é o obstáculo mais intransponível do poder de emocionar.

Petrarca, o primeiro poeta que houve na Itália, e um dos que mais se admira mais lá, começou esse gênero infeliz de antíteses e de *concetti* [conceitos] do qual a literatura italiana não pôde se corrigir inteiramente. Todas as poesias da escola de Petrarca, e é preciso colocar dentre elas a *Aminta* de Tasso e o *Pastor Fido* de Guarini, tomam seus defeitos da sutileza dos gregos da idade média. O espírito que esses últimos tinham levado da teologia, os italianos introduziram no amor. Há alguma relação entre o amor e a devoção; mas não existe certamente nenhum entre a língua teológica e a dos sentimentos do coração; e, no entanto, era frequentemente com o mesmo tipo de espírito que se disputava, em Constantinopla, a respeito da natureza da Trindade e que se analisava, na Itália, as preferências e os rigores de sua mestra[35].

A Europa, e em particular a França, falharam por perder todas as vantagens do gênio natural, pela imitação dos escritores da Itália

[35] Entre mil exemplos da afetação italiana, eu citaria um suficientemente notável. Petrarca perdeu sua mãe quando ela tinha apenas trinta e oito anos; ele fez um soneto sobre sua morte, composto de trinta e oito versos, para lembrar pela exatidão desse número, de uma maneira certamente bem tocante e bem natural, o lamento que ele tinha por ter perdido sua mãe nessa idade.

As belezas que imortalizam os poetas italianos, pertencem à língua, ao clima, à imaginação, às circunstâncias de todo tipo que não podem se transportar para outros lugares; ao passo que suas falhas são muito contagiosas. Se algumas paixões profundas não tivessem sido conservadas no Norte, sob essa atmosfera nebulosa onde apenas a força da alma entretém a vida, as mulheres só teriam fornecido para a existência dos homens uma galanteria bajuladora e artificial que teria acabado por sufocar para sempre a simplicidade dos sentimentos naturais.

A afetação é, de todos os defeitos dos caráteres e dos escritos, o que seca da maneira mais irreparável a fonte de todo bem; pois ela torna insensível para a verdade da qual ela imita o acento.

De qualquer tipo que seja, todas as palavras que serviram a ideias falsas, a frias exagerações, são durante muito tempo estampadas de aridez; e tal língua pode perder inteiramente o poder de emocionar sobre tal assunto se ela foi muito frequentemente esbanjada nesse assunto mesmo. Assim talvez o italiano seja, de todas as línguas da Europa, a menos própria à eloquência apaixonada do amor, como a nossa é agora usada para a eloquência da liberdade.

No tempo em que Petrarca colocava em suas poesias uma exageração demasiado romanesca, Boccaccio se jogava em um gênero totalmente contrário. Ele compunha os contos mais indecentes; e a maior parte das comédias italianas é infinitamente mais livre do que qualquer peça francesa. É ainda uma das funestas consequências da procura artificial dos sentimentos a de inspirar o gosto extremo oposto, para acordar do abatimento e do tédio que esse tom sentimental faz experimentar. A afetação do amor leva os

espíritos ao tom licencioso, como a hipocrisia da religião [leva] ao ateísmo.

Petrarca, contudo, e alguns poetas célebres que escreveram no mesmo gênero, merecem ser lidos pelo charme de sua língua harmoniosa: ela lembra alguns dos efeitos da música celeste da qual ela é tão frequentemente acompanhada. Não é, no entanto, que palavras assim sonoras sejam uma vantagem para todos os gêneros de estilo nem mesmo por todos os gêneros de poesia.* O barulho sonoro do italiano não dispõe nem o escritor nem o leitor a pensar; a sensibilidade mesma é distraída pela emoção por consonância muito impactantes. O italiano não tem suficiente concisão para as ideias; não tem nada de suficientemente sombrio para a melancolia dos sentimentos. É uma língua de uma melodia tão extraordinária que ela pode vibrar, como acordes, sem que se dê atenção ao sentido mesmo das palavras. Ela age como instrumento musical.

Quando se lê em Tasso esses versos:

> Chiama gli abitator del ombre eterne
> Il rauco suon dela tartarea tromba:
> Treman le spaziose atre caverne
> E l'era cieco a quel romor rimbomba[36].

não há pessoa que não seja transportada de admiração. Contudo, examinando o sentido dessas palavras, não se encontra nada de sublime: é como grande músico que Tasso faz tremer nessa estrofe;

---

* Aqui havia um corte de parágrafo.

[36] [Tradução da própria Germaine de Staël]: O som roco do trompete do Tártaro chama os habitantes das sombras eternas; as vastas e negras cavernas dele tremem e o ar obscuro repete de longe esse barulho terrível.

e as belas árias de Iomelli produziriam um efeito mais ou menos semelhante. Eis a vantagem da língua; eis seu inconveniente.

A morte de Clorinda, morta por Tancredo, é talvez a situação mais tocante que conhecemos em poesia; e o charme inexprimível desse episódio em Tasso soma ainda a seu efeito. Contudo, o último verso que termina a narrativa: "Passa la bela donna et par che dorma"[37] é muito harmonioso, muito doce, desliza muito molemente pela alma para estar em acordo com a impressão profunda que deve produzir um tal acontecimento.

A multidão de improvisadores suficientemente distintos que fazem versos tão prontamente quanto se fala é citada como uma prova das vantagens do italiano para a poesia. Eu creio, ao contrário, que essa extrema facilidade da língua é um de seus defeitos e um dos obstáculos que ela oferece aos bons poetas para elevar muito alto a perfeição de seu estilo. As gradações do pensamento, as nuances do sentimento, precisam ser aprofundadas pela meditação; e essas palavras agradáveis que se oferecem em quantidade aos poetas italianos, para fazer versos, são como uma corte de bajuladores que dispensam procurar e frequentemente impedem que se descubra um verdadeiro amigo.

O espírito nacional influencia sobre a natureza da língua de um país; mas essa língua reage, por sua vez, sobre o espírito nacional. O italiano causa frequentemente um tipo de lassidão do pensamento; é preciso mais esforços para provocá-lo através desses sons voluptuosos do que em idiomas distintos que não desviam o espírito

[37] [Tradução da própria Germaine de Staël]: A bela mulher expira e diriam que ela dorme.

de uma atenção abstrata. Na Itália, tudo parece se reunir para livrar a vida do homem às sensações agradáveis que podem dar as belas-artes e o sol.

Depois que esse país perdeu o império do mundo, dir-se-ia que seu povo desdenha de toda existência política e que, seguindo o espírito da máxima de César, ele aspira à primeira classe nos prazeres antes do que às segundas classes na glória.

Dante tendo cumprido, como Maquiavel, um papel em meio às desordens civis de seu país, mostrou em alguns pedaços de seu poema uma energia que não tem nada de análogo com a literatura de seu tempo; mas os defeitos sem número que se pode lhe reprovar são, sem dúvida, a falta de seu século. É apenas sob Leon X que se pôde notar um gosto muito puro na literatura italiana. O ascendente desse príncipe dava o lugar de unidade aos governos italianos.

As luzes se reuniram em um único lar: o gosto podia aí se formar também; e era de um mesmo tribunal que partiam todos os julgamentos literários.*

Após o século dos Médicis, a literatura italiana não faz mais nenhum progresso, seja porque um centro era necessário para reagrupar os espíritos, seja sobretudo porque a filosofia não era ainda cultivada na Itália. Quando a literatura de imaginação alcança em uma língua o mais alto grau de perfeição do qual ela é suscetível, é preciso que o século seguinte pertença à filosofia para que o espírito humano não deixe de fazer progressos. Após Racine, nós vimos Voltaire, porque, no século dezoito, era-se mais pensador do

* Todo esse trecho foi destacado como um parágrafo à parte apenas na segunda edição.

que no século dezessete. Mas o que se poderia ter acrescentado à perfeição da poesia após Racine? Os italianos, presos por seus governos e por seus padres quanto a tudo o que podia ter relação com as ideias filosóficas, puderam apenas permanecer nos mesmos traços e, por conseguinte, [vieram a] se enfraquecer.

Eles não têm romances, como os ingleses e os franceses, porque o amor que eles concebem, não sendo uma paixão da alma, não pode ser suscetível de longos desenvolvimentos. Seus costumes são demasiado licenciosos para poder graduar qualquer interesse desse tipo.

Suas comédias têm muito dessa alegria bufona que se refere à exageração dos vícios e dos ridículos; mas não se encontra aí, se se excetua algumas peças de Goldoni, a pintura impressionante e verdadeira dos vícios do coração humano, como nas comédias francesas. A observação levada nesse gênero até a mais perfeita sagacidade é um trabalho que poderia conduzir a todas as ideias filosóficas. Os italianos só pensaram em fazer rir ao comporem suas peças; todo objetivo sério, mesmo fantasiado sob as formas mais leves, não pode ser aí percebido; e suas comédias são a caricatura da vida e não seu retrato.

Os italianos ridicularizam em seus contos, e frequentemente mesmo no teatro, os padres, aos quais eles são, aliás, inteiramente submissos. Mas não é sob um ponto de vista filosófico que eles atacam os abusos da religião; eles não têm, como alguns de nossos escritores, o objetivo de reformar os defeitos de que eles ridicularizam; o que eles querem apenas é se divertir, tanto mais quanto o assunto for mais sério. Suas opiniões são, no fundo,

opostas a todos os tipos de autoridade aos quais eles são submissos; mas esse espírito de oposição só tem força quanto é preciso para poder desprezar os que os comandam. É a astúcia das crianças com seus pedagogos; eles os obedecem, à condição de que lhes seja permitido os ridicularizarem.

Segue-se daí que todas as obras dos italianos, excetuadas as que tratam das ciências físicas, não têm nunca por fim a utilidade; e em qualquer gênero que seja, esse fim é necessário para dar aos pensamentos uma força real. As obras de Beccaria, de Filangieri, e um pequeno número de outros ainda, fazem exceção ao que acabo de dizer. A emulação filosófica pode se comunicar dos países estrangeiros com a Itália e produzir alguns escritos superiores; mas a natureza dos governos e os preconceitos que os dirigem se opõem a que essa emulação seja nacional; ela não pode ter seu móbil nas instituições do país.

Uma questão permanece ainda a examinar. Os italianos levaram muito longe a arte dramática em suas tragédias? Apesar do charme de Metastasio e a energia de Alfieri, eu penso que não. Os italianos têm a invenção em seus temas e o brilho nas expressões; mas os personagens que eles descrevem não são caracterizados de maneira a deixar profundas marcas e as dores que eles representam derramam poucas lágrimas. É que, em sua situação política e moral, a alma não pode ter seu inteiro desenvolvimento; sua sensibilidade não é séria, sua grandeza não é imponente, sua tristeza não é sombria. É preciso que o autor italiano tome tudo de si próprio para fazer uma tragédia, que ele se afaste inteiramente do que ele vê, de suas ideias e de suas impressões habituais; e é bem difícil encontrar

o verdadeiro desse mundo trágico, dado que ele é tão distante dos costumes gerais.

A vingança é a paixão mais bem pintada nas tragédias dos italianos[38]. É do seu caráter se levantar da moleza habitual de sua vida, de um só golpe, por esse sentimento; eles exprimem o ressentimento com suas cores naturais, porque eles o vivenciam realmente.

Apenas as óperas prosseguiram, porque as óperas fazem escutar essa deliciosa música, a glória e o prazer da Itália. Os atores não se exercitam em bem interpretar as peças trágicas, porque elas não são escutadas; e isso deve ser assim quando o talento de emocionar não é levado suficientemente longe para privilegiá-lo sobre qualquer outro prazer. Os italianos não têm necessidade de serem tenros e os autores, por falta de espectadores, e os espectadores, por falta de autores, não se livram às impressões profundas da arte dramática.

Metastasio, contudo, quase soube fazer tragédias de suas óperas e, ainda que ele tenha sido obrigado a [enfrentar] todas as dificuldades que a obrigação de se submeter à música impõe, ele soube conservar grandes belezas de estilo e situações verdadeiramente dramáticas. Pode ser que haja ainda outras exceções pouco conhecidas aos estrangeiros; mas para desenhar os traços principais que caracterizam uma literatura, é absolutamente necessário colocar de lado alguns detalhes. Não existe ideias gerais que não sejam contraditas por algumas exceções; mas o espírito não se tornaria capaz de nenhum resultado se ele estagnasse em cada

[38] Rosmunda de Alfieri etc.

fato particular, ao invés de perceber as consequências que se deve tirar da reunião de todos [os fatos].*

A melancolia, esse sentimento fecundo em obras de gênio, parece pertencer quase que exclusivamente aos climas do Norte.

Os orientais, que os italianos frequentemente imitaram, tinham, no entanto, um tipo de melancolia. Encontra-se dela em algumas poesias árabes e sobretudo nos salmos dos hebreus; mas ela tem um caráter distinto do [caráter da melancolia] sobre a qual iremos falar ao analisar a literatura do Norte.

Ideias religiosas positivas, seja entre os maometanos, seja entre os judeus, sustentam e dirigem no Oriente as afecções da alma. Não é essa onda terrível que leva à alma uma impressão mais filosófica e mais sombria. A melancolia dos orientais é a dos homens felizes por todos os prazeres da natureza; eles refletem apenas com lamento sobre a rápida passagem da prosperidade, sobre a brevidade da vida.[39] A melancolia dos povos do Norte é a que inspiram os sofrimentos da alma, o vazio que a sensibilidade faz encontrar na existência, e a fantasia que movimenta sem cessar o pensamento, da fatiga da vida ao desconhecido da morte.

---

* Esse parágrafo se encontra apenas na segunda edição.

[39] [Nota da segunda edição]: As poesias hebraicas, os lamentos de Jó em particular, têm um caráter de melancolia que não se assemelha em nada ao que se pode observar nas poesias do Norte. Em primeiro lugar, as imagens que convêm ao clima do Sul diferem inteiramente das que o clima do Norte inspira e, em segundo lugar, a imaginação religiosa dos judeus não tem a menor relação com a que anima ainda os descendentes dos poetas escandinavos e dos bardos escoceses. É isso que eu desenvolverei no capítulo seguinte.

CAPÍTULO XI

Da literatura do Norte

Existe, parece-me, duas literaturas totalmente distintas, a que vem do Sul e a que desce do Norte, essa da qual Homero é a primeira fonte, essa da qual Ossian é a origem.[40] Os gregos, os latinos, os italianos, os espanhóis e os franceses do século de Luís XIV pertencem ao gênero de literatura que eu chamarei de a literatura do Sul. As obras dos ingleses, as obras dos alemães* e alguns escritos dos dinamarqueses e dos suecos devem ser classificados na literatura do Norte, nessa que começou pelos bardos escoceses, pelas fábulas islandesas e pelas poesias escandinavas. Antes de caracterizar os escritores ingleses e os escritores alemães, parece-me necessário considerar de uma maneira geral as principais diferenças dos dois hemisférios da literatura.

---

[40] [Nota da segunda edição]: Eu repito o que eu disse no Prefácio desta segunda edição. Os cantos de Ossian (Bardo, que vivia no quarto século) eram conhecidos dos escoceses e dos homens de letras na Inglaterra, antes que Macpherson os tenha recolhidos. Ao considerar Ossian como a origem da literatura do Norte, eu quis apenas, como se verá na sequência deste capítulo, indicá-lo como o mais antigo poeta ao qual se pode relacionar o caráter particular da poesia do Norte. As fábulas islandesas, os poetas escandinavos do nono século, origem comum da literatura inglesa e da literatura alemã, têm a maior semelhança com os traços distintivos das poesias ersas [gaélicas-escocesas] e do poema de Fingal. Muitos eruditos escreveram sobre a literatura rúnica, sobre as poesias e as antiguidades do Norte. Mas encontra-se o resumo de todas essas pesquisas em M. Mallet; e basta ler a tradução de algumas odes do nono século que são aí transcritas, a do Ragnar Lodbrok, de Haroldo, o valente etc. para se convencer que esses poetas escandinavos cantavam as mesmas ideias religiosas, se serviam das mesmas imagens guerreiras, tinham o mesmo culto pelas mulheres que o [que era descrito pelo] bardo de Ossian, que viveu perto de cinco séculos antes deles.

* Na primeira edição constava: "Os ingleses, os alemães". No final da frase, todo o trecho após a palavra "Norte" é novo.

Os ingleses e os alemães, sem dúvida, frequentemente imitaram os antigos. Eles tiraram lições úteis desse estudo fecundo; mas suas belezas originais carregam a marca da mitologia do Norte,* têm um tipo de semelhança, uma certa grandeza poética da qual Ossian é o primeiro modelo. Os poetas ingleses, poder-se-ia dizer, são notáveis por seu espírito filosófico; ele se mostra em todas as suas obras; mas Ossian não teve quase nunca ideias refletidas: ele conta uma sequência de acontecimento e de impressões. Eu respondo a essa objeção que as imagens e os pensamentos mais habituais, em Ossian, são as que lembram a brevidade da vida, o respeito pelos mortos, a ilustração de sua memória, o culto dos que permanecem diante dos que não são mais. Se o poeta não reuniu a esses sentimentos nem máximas de moral nem reflexões filosóficas é que, nessa época, o espírito humano não era ainda suscetível da abstração necessária para conceber muitos resultados. Mas as vibrações que os cantos ossiânicos causam à imaginação, dispõe o pensamento para as meditações mais profundas.

A poesia melancólica é a poesia mais de acordo com a filosofia. A tristeza faz penetrar bem mais fundo no caráter e no destino do homem do que qualquer outra disposição da alma. Os poetas ingleses que sucederam os Bardos escoceses,** acrescentaram a esses quadros as reflexões e as ideias que esses quadros mesmos deviam fazer nascer; mas eles conservaram a imaginação do Norte, a que agrada à borda do mar, com o barulho dos ventos, nos campos selvagens de urze; a que, enfim, leva para o futuro, para um outro

* O trecho "carregam a marca da mitologia do Norte" é novo.
** "Bardos escoceses" substitui o que, antes, era apenas "Ossian".

mundo, a alma cansada de seu destino. A imaginação dos homens do Norte se lança para além dessa terra cujos confins eles habitam; ela se lança através das nuvens que bordam seu horizonte e parecem representar a obscura passagem da vida à eternidade.

Não se pode decidir de uma maneira geral entre os dois gêneros de poesia dos quais Homero e Ossian são como os primeiros modelos.* Todas as minhas impressões, todas as minhas ideias me levam de preferência para a literatura do Norte; mas trata-se agora de examinar seus caráteres distintivos.

O clima é certamente uma das razões principais das diferenças que existem entre as imagens que agradam no Norte e as que se ama lembrar no Sul. Os sonhos dos poetas podem parir objetos extraordinários; mas as impressões do hábito se encontram necessariamente em tudo o que se compõe. Evitar a lembrança dessas impressões seria perder a maior das vantagens, a de descrever o que nós mesmos experimentamos. Os poetas do Sul misturam sem cessar a imagem da frescura, das florestas exuberantes, dos riachos límpidos, com todos os sentimentos da vida. Eles não retraçam os mesmos prazeres do coração, sem misturar aí a ideia da sombra boa que deve preservá-los dos ardores escaldantes do sol. Essa natureza tão viva que os envolve excita neles mais movimentos do que pensamentos. Foi de modo errado, parece-me, que se disse que as paixões eram mais violentas no Sul do que no Norte. Vê-se aí mais interesses diversos, mas menos intensidade em um mesmo pensamento; ora, é a fixidez que produz os milagres da paixão e da vontade.

---

* Na primeira edição constava: "são como as fontes primeiras".

Os povos do Norte são menos ocupados por prazeres do que pela dor; e sua imaginação só fica com ela mais fecunda. O espetáculo da natureza age fortemente sobre eles; ela age como ela se mostra em seus climas, sempre sombria e nebulosa. Sem dúvida as diversas circunstâncias da vida podem variar essa disposição à melancolia; mas só ela leva a marca do espírito nacional. Só se deve procurar em um povo, como em um homem, seu traço característico: todos os outros são o efeito de mil acasos diferentes; apenas aquele constitui seu ser.

A poesia do Norte convém muito mais do que a do Sul ao espírito de um povo livre. Os primeiros inventores conhecidos da literatura do Sul, os atenienses, foram a nação do mundo mais orgulhosa de sua independência. No entanto, era mais fácil fabricar para a servidão os gregos do que os homens do Norte. O amor pelas artes, a beleza do clima, todos esses prazeres esbanjados aos atenienses podiam lhes servir de compensação. A independência era a primeira e única felicidade dos povos setentrionais. Um certo orgulho de alma, um desinteresse pela vida que a rudeza do sol e a tristeza do céu fazem nascer, devem tornar a servidão insuportável; e muito tempo antes que se conhecesse na Inglaterra a teoria das constituições e a vantagem dos governos representativos, o espírito guerreiro que as poesias ersas [gaélico-escocesas] cantam com tanto entusiasmo, davam ao homem uma ideia prodigiosa de sua força individual e do poder de sua vontade. A independência existia para cada um, antes que a liberdade fosse constituída para todos.

A filosofia, no renascimento das letras, começou pelas nações setentrionais, nos hábitos religiosos nos quais a razão encontrava

infinitamente menos preconceitos para combater do que nos dos povos meridionais. A poesia antiga do Norte supõe muito menos superstição do que a mitologia grega. Há alguns dogmas e algumas fábulas absurdas na Edda; mas as ideias religiosas do Norte convêm quase todas à razão exaltada. As sombras pendidas sobre as nuvens são apenas lembranças animadas por imagens sensíveis.[41]

As emoções causadas pelas poesias ossiânicas podem se reproduzir em todas as nações porque seus meios para emocionar são todos tomados da natureza; mas é preciso um talento prodigioso para introduzir, sem afetação, a mitologia grega na poesia francesa. Nada deve ser, em geral, tão frio e tão planejado quanto dogmas religiosos transportados para um país onde eles só são recebidos como metáforas engenhosas. A poesia do Norte é raramente alegórica; nenhum de seus efeitos precisa de superstições locais para impressionar a imaginação. Um entusiasmo refletido, uma exaltação pura, podem igualmente convir a todos os povos; é a verdadeira inspiração poética da qual o sentimento está em todos os corações, mas cuja expressão é o dom do gênio. Ela entretém um sonho celeste que faz amar o campo e a solidão; ela leva frequentemente o

[41] [Nota da segunda edição]: Pretendeu-se que não havia ideias religiosas em Ossian. Não há mitologia; mas encontra-se aí sem cessar uma elevação da alma, um respeito pelos mortos, uma confiança em uma existência por vir; sentimentos muito mais análogos ao caráter do cristianismo do que o paganismo do Sul. A monotonia do poema de Fingal não se deve à falta da mitologia: eu disse quais são suas diversas causas. Os modernos estariam condenados também à monotonia se as fábulas dos gregos fossem o único meio de várias as obras de imaginação; pois quanto mais essas fábulas são dignas de admiração nos poetas antigos que as empregaram, mais é difícil para os nossos poetas de se servirem delas. Fica-se rapidamente cansado por uma imaginação que se exerce sobre um tema no qual não lhe é permitido inventar nada.

coração para as ideias religiosas e deve excitar nos seres privilegiados a devoção das virtudes e a inspiração dos pensamentos elevados.

O que o homem fez de maior, ele deve ao sentimento doloroso da incompletude de seu destino. Os espíritos medíocres são, em geral, suficientemente satisfeitos da vida comum; eles arredondam, por assim dizer, sua existência e suplementam o que lhes pode ainda faltar por ilusões da vaidade; mas o sublime do espírito, dos sentimentos e das ações, deve seu impulso à necessidade de escapar dos limites que circunscrevem a imaginação. O heroísmo da moral, o entusiasmo da eloquência, a ambição da glória, dão prazeres sobrenaturais que só são necessários às almas ao mesmo tempo exaltadas e melancólicas, cansadas de tudo o que se mede, de tudo o que é passageiro, de um termo enfim, em qualquer distância que se o coloca. É essa disposição da alma, fonte de todas as paixões generosas, como de todas as ideias filosóficas, que particularmente a poesia do Norte inspira.

Eu estou longe de comparar o gênio de Homero ao de Ossian. O que nós conhecemos de Ossian não pode ser considerado como uma obra; é uma coletânea de canções populares que se repetiam nas montanhas da Escócia. Antes que Homero tivesse composto seu poema, antigas tradições existiam sem dúvida na Grécia. As poesias de Ossian não são mais avançadas na arte poética do que deviam ser os cantos dos gregos antes de Homero.[42] Nenhuma paridade pode, pois, ser estabelecida com justiça entre a Ilíada e o

[42] [Nota da segunda edição]: Escreveram que eu tinha comparado Homero a Ossian; e eu não mudei, nesta segunda edição, uma palavra nessa parte. Permite-se hoje dizer precisamente o contrário da verdade e isso serve para aqueles que não leem. Eles não podem se persuadir que se apresente em uma crítica, a mais parcial que seja, precisamente o oposto do que é.

poema de Fingal. Mas pode-se sempre julgar se as imagens da natureza, tais como elas são representadas no Sul, excitam emoções tão nobres e tão puras quanto as do Norte; se as imagens do Sul, mais brilhantes em alguns aspectos, fazem nascer tantos pensamentos, têm uma relação tão imediata com os sentimentos da alma;* as ideias filosóficas se unem, como por si próprias, às imagens sombrias. A poesia do Sul, longe de estar de acordo, como a do Norte, com a meditação, e de inspirar, por assim dizer, o que a reflexão deve provar; a poesia voluptuosa exclui quase inteiramente as ideias de uma certa ordem.

Reprova-se a Ossian sua monotonia. Essa falha existe menos nas diversas poesias que derivam da sua, as dos ingleses e dos alemães. A cultura, a indústria, o comércio, variaram de muitas maneiras os quadros do campo;** no entanto, a imaginação setentrional conservando sempre mais ou menos o mesmo caráter, deve-se encontrar ainda, mesmo em Young, Thompson, Klopstock etc. um tipo de uniformidade. A poesia melancólica não pode variar sem cessar. O arrepio que produzem em todo o nosso ser certas belezas da natureza é uma sensação sempre igual; a emoção que nos causam os versos que nos retraçam essa sensação tem muita analogia com o efeito da harmônica. A alma, docemente vibrada, se agrada na prolongação desse estado, tanto tempo quanto lhe é possível suportá-lo. E não é uma falha da poesia, é a fraqueza de nossos órgãos que nos faz sentir o cansaço ao fim de algum tempo; o que

* Esse ponto-e-vírgula substituiu um ponto final da primeira edição, substituição que, dessa vez, não parece ser apenas um capricho estilístico, mas correção de um erro da edição anterior.
** Aqui havia um ponto final.

se experimenta então não é o tédio da monotonia, é o abatimento que causaria o prazer demasiado contínuo de uma música aérea.

Os grandes efeitos dramáticos dos ingleses e, após eles, dos alemães, não são tirados dos temas gregos nem de seus dogmas mitológicos. Os ingleses e os alemães excitam o terror através de outras superstições mais análogas às credulidades dos últimos séculos. Eles souberam excitar sobretudo pela pintura do infortúnio o que essas almas enérgicas e profundas sentiam tão dolorosamente. É, como eu já o disse, das opiniões religiosas que depende, em grande parte, o efeito que produz sobre o homem a ideia da more. Os bardos escoceses tiveram, em todos os tempos, um culto mais sombrio e mais espiritualizado que o do Sul. A religião cristã que, separada das invenções sacerdotais, é bem próxima do puro deísmo, fez desaparecer esse cortejo de imaginação que envolvia o homem às portas do túmulo. A natureza, que os antigos tinham povoado de seres protetores que habitavam as florestas e os rios e presidiam de noite como de dia; a natureza voltou à sua solidão e o medo do homem por ela cresceu. A religião cristã, a mais filosófica de todas, é a que deixa mais o homem a si mesmo. As tragédias do Norte não estão sempre contentes dos efeitos naturais que nascem do quadro das afecções da alma, elas são ajudadas por aparições, espectros, de um tipo de superstição análoga à sua sombria imaginação; mas, quão profundo que seja o terror que se pode produzir uma vez por tais meios, é antes um defeito do que uma beleza.

O talento do poeta dramático aumenta quando ele vive em uma nação que não se presta muito facilmente à credulidade. É preciso então que ele procure no coração humano as fontes da emoção, que

ele faça sair de uma expressão eloquente, de um sentimento da alma, de um remorso solitário, os fantasmas assustadores que devem impressionar a imaginação. O maravilhoso surpreende; mas, de qualquer maneira que se o combine, ele não igualará nunca a impressão de um acontecimento natural, quando esse acontecimento reúne tudo o que pode agitar as afecções da alma; e os Eumênides perseguindo Orestes são menos terríveis do que o sono de lady Macbeth.

Os povos setentrionais, a julgá-los pelas tradições que nos restam e pelos costumes dos germanos, tiveram desde sempre um respeito pelas mulheres, desconhecido dos povos do Sul; elas gozavam no Norte de independência, ao passo que se lhes condenava à servidão em outros lugares. Essa é ainda uma das principais causas da sensibilidade que caracteriza a literatura do Norte.

A história do amor, em todos os países, pode ser considerada sob um ponto de vista filosófico.* Parece que a pintura desse sentimento deveria depender unicamente do que experimenta o escritor que o exprime. E tal é, contudo, o ascendente que exercem sobre os escritores os costumes que os circundam, que eles submetem até à língua de suas afecções mais íntimas. Pode ser que Petrarca tenha sido mais amoroso em sua vida do que o autor de Werther, do que vários poetas ingleses, tais como Pope, Thompson, Otway. No entanto, não se acreditaria, ao ler os escritores do Norte, que se trata de uma outra natureza, de outras relações, de um outro mundo? A perfeição de algumas dessas poesias prova, sem dúvida, o gênio de seus autores; mas não é menos certo que na Itália os mesmos

* Antes constava: "pode ser filosoficamente considerada".

homens não teriam composto os mesmos escritos, quando eles sentissem a mesma paixão. Tanto é verdade, que nas obras literárias que têm o sucesso por fim, encontra-se comumente menos traços do caráter pessoal do escritor do que o espírito geral de sua nação e de seu século.

Enfim, o que dá em geral aos povos modernos do Norte um espírito mais filosófico do que aos habitantes do Sul é a religião protestante que esses povos quase sempre adotaram. A reforma é a época da história que mais eficazmente serviu à perfectibilidade da espécie humana. A religião protestante não guarda em seu seio nenhum germe ativo de superstição e dá, contudo, à virtude todo o apoio que ela pode tirar das opiniões sensíveis. Nos países onde a religião protestante é professada, ela não interrompe em nada as pesquisas filosóficas e mantêm eficazmente a pureza dos costumes. Seria sair de meu assunto desenvolver ainda mais uma questão dessas. Mas eu pergunto aos pensadores esclarecidos se existe um meio de ligar a moral à ideia de um Deus, sem que jamais esse meio possa tornar-se um instrumento de poder na mão dos homens; uma religião assim concebida não seria a maior felicidade que se pode garantir para a espécie humana![*] Para a natureza humana todos os dias mais árida, todos os dias mais a lamentar, e que quebra a cada dia alguns dos laços formados pela delicadeza, a afecção ou a bondade.

[*] Germaine de Staël trocou o ponto de interrogação da primeira edição por esse, de exclamação, apesar de manter o sentido interrogativo, sentido que permanece na frase seguinte e que deveria não ter sido destacada como tal, apesar de a autora manter o corte nas duas edições.

CAPÍTULO XII

Do principal defeito que se reprova, na França, da literatura do Norte

Reprova-se, na França, a literatura do Norte por não ter gosto. Os escritores do Norte respondem que esse gosto é uma legislação puramente arbitrária que priva frequentemente o sentimento e o pensamento de suas belezas mais originais. Existe, creio eu, um ponto justo entre essas duas opiniões. As regras do gosto não são arbitrárias; não se pode confundir as bases principais sobre as quais as verdades universais são fundadas* com as modificações causadas pelas circunstâncias locais.

Os deveres da virtude, esse código de princípios que tem por apoio o consentimento unânime de todos os povos, recebe algumas leves mudanças pelos costumes e hábitos das nações diversas; e ainda que as primeiras relações permaneçam as mesmas, o nível de tal ou tal virtude pode variar segundo os hábitos e os governos dos povos. O gosto, se é permitido compará-lo ao que há de maior entre os homens, o gosto é fixo também em seus princípios gerais. O gosto nacional deve ser julgado de acordo com esses princípios; e segundo a maneira como ele se difere deles ou como ele se aproxima deles, o gosto nacional está mais perto da verdade.

Diz-se frequentemente: É preciso sacrificar o gênio pelo gosto? Não, sem dúvida; mas nunca o gosto exige o sacrifício do gênio. Encontramos frequentemente na literatura do Norte cenas ridículas

* Na primeira edição: "as bases principais que constituem as verdades universais com as modificações".

ao lado de grandes belezas. O que é de bom gosto em tais escritos são as grandes belezas; e o que seria preciso deles tirar é o que o gosto condena. Existe conexão necessária entre os defeitos e as belezas somente pela fraqueza humana, que não permite se sustentar sempre na mesma altura. Os defeitos não são uma consequência das belezas; elas podem fazê-los esquecer. Mas não é que esses defeitos emprestem ao talento algum brilho, frequentemente mesmo eles enfraquecem a impressão que ele deve produzir.

Se se pergunta o que vale mais, se uma obra com grandes defeitos e grandes belezas ou uma obra medíocre e correta, eu responderia, sem hesitar, que é preciso preferir a obra onde existe, um único traço que seja, gênio. Há fraqueza na nação que só se prende ao ridículo, tão fácil de perceber e de evitar, ao invés de procurar antes de tudo nos pensamentos do homem o que engrandece a alma e o espírito. O mérito negativo não pode gerar nenhuma satisfação; mas muitas pessoas só demandam da vida ausências de penas, aos escritos [só demandam] a ausência de faltas, de tudo só demandam ausências. As almas fortes querem existir; e para existir ao ler, é preciso encontrar nos escritores ideias novas ou sentimentos apaixonados.

Há em francês obras onde se encontra belezas de primeira ordem, sem a mistura do mau gosto. Essas são os únicos modelos que reúnem ao mesmo tempo todas as qualidades literárias.

Dentre os homens de letras do Norte, existe uma bizarrice que depende mais, por assim dizer, do espírito de partido do que do julgamento. Eles se devem aos defeitos de seus escritores quase tanto quanto a suas belezas; ao passo que eles deveriam se dizer,

como uma mulher de espírito, falando das fraquezas de um herói: *É apesar disso, e não por causa disso, que ele é grande.*

O que o homem procura nas obras-primas da imaginação são as impressões agradáveis. Ora, o gosto é apenas a arte de conhecer e de prever o que pode causar essas impressões. Quando lembramos de objetos desprezíveis, excitamos uma impressão desagradável, da qual se fugiria com cuidado na realidade; quando transformamos o terror moral em medo físico, pela representação de cenas horríveis, perdemos todo o charme da imitação, geramos apenas uma comoção nervosa e podemos ficar até sem esse efeito sofrível se quisemos empurrá-lo para muito longe: pois no teatro, como na vida, quando o exagero é percebido, não se dá mais conta do verdadeiro. Se prolongamos os desenvolvimentos, se colocamos obscuridade nos discursos ou inverossimilhança nos acontecimentos, suspendemos ou destruímos o interesse pelo cansaço da atenção. Se aproximamos quadros ignóbeis de personagens heroicos, devemos temer ser difícil fazer renascer a ilusão teatral: ela é de uma natureza extremamente delicada; e a mais leve circunstância pode tirar os espectadores de seu encantamento. O que é simples repousa o pensamento e lhe dá novas forças; mas o que é baixo poderia omitir até a possibilidade de retomar o interesse dos pensamentos nobres e elevados.*

As belezas de Shakespeare podem triunfar de seus defeitos na Inglaterra; mas eles diminuem muito a sua glória entre as outras nações. A surpresa é certamente um grande meio de acrescentar ao

* Antes constava: "dos pensamentos de uma certa ordem". Na frase seguinte, antes constava: "Shakespeare pode triunfar".

efeito; mas seria ridículo concluir daí que se deve fazer preceder uma cena trágica de uma cena cômica, para aumentar a surpresa pelo contraste. Um belo traço, no meio de negligências grosseiras, pode impressionar mais o espírito; mas o conjunto perde com isso mais do que pode ganhar aí a exceção. A surpresa deve nascer da grandeza e não de sua oposição com as pequenezas, de qualquer tipo que sejam. A pintura quer sombras, mas não manchas para reanimar o brilho das cores. A literatura deve seguir os mesmos princípios. A natureza oferece seu modelo e o bom gosto só deve ser a observação racional da natureza.

Poder-se-ia levar muito mais longe esses desenvolvimentos; mas basta provar que o gosto,* em literatura, não se exige jamais o sacrifício de alguma satisfação: ele indica, ao contrário, os meios para aumentá-las; e porque os princípios do gosto não são incompatíveis com o gênio, é estudando o gênio que se descobre esses princípios.

Eu não reprovarei Shakespeare por ele se ter liberado das regras da arte; elas têm infinitamente menos importância do que as do gosto, porque umas prescrevem o que é preciso fazer e as outras se limitam a proibir o que se deve evitar. Não se pode enganar-se sobre o que é ruim, ao passo que é impossível traçar limites às diversas combinações de um homem de gênio; ele pode seguir rotas inteiramente novas, sem faltar, contudo, com seu objetivo. As regras da arte são um cálculo de probabilidades sobre os meios para dar certo; e se o sucesso é obtido, importa pouco estar a elas submetido.

* Na primeira edição: "mas o que é certo é que o gosto".

Mas não se dá o mesmo com o gosto; pois se colocar acima dele significa se afastar da beleza da natureza; e não há nada acima dela.

Não digamos que Shakespeare soube abster-se do gosto e se mostrar superior às suas leis. Reconheçamos, ao contrário, que ele tem gosto quando ele é sublime e que ele falta com o gosto quando seu talento enfraquece.

CAPÍTULO XIII

Das tragédias de Shakespeare [43]

Os ingleses têm por Shakespeare o entusiasmo mais profundo que nenhum povo jamais sentiu por um escritor. Os povos livres têm um espírito de propriedade por todos os tipos de glória que ilustram sua pátria; e esse sentimento deve inspirar uma admiração que exclui toda espécie de crítica.

Há em Shakespeare belezas de primeiro nível e, como em todos os países de todas as épocas, defeitos que pertencem a seu século e singularidades tão populares entre os ingleses que elas fazem ainda o maior sucesso no teatro. São essas belezas e essas bizarrices que eu quero examinar em sua relação com o espírito nacional da Inglaterra e o gênio da literatura do Norte.

Shakespeare não imitou os antigos; ele não se nutriu, como Racine, das tragédias gregas. Ele fez uma peça sobre um tema grego, *Troilo e Créssida*, e os costumes de Homero não são aí observados.

---

[43] [Nota da segunda edição]: Eu não citei as obras inglesas que tratam da literatura inglesa e, em particular a Retórica do doutor Blair, porque o objetivo e as ideias desses escritores não tinham nenhuma relação com o plano geral que eu me propus nesta obra nem com a independência que eu queria ter em meus julgamentos sobre os escritores estrangeiros. Blair dava lições a seus estudantes sobre a arte da eloquência e indicava todos os exemplos antigos e modernos que podiam apoiar seus preceitos. Seu livro é um dos melhores que a Inglaterra possui; mas ele foi composto para os jovens e devia conter apenas ideias análogas a esse desígnio. Aliás, o doutor Blair não teria podido julgar Shakespeare, na Inglaterra, com a imparcialidade de um estrangeiro; ele não teria podido comparar a jocosidade inglesa com a jocosidade francesa: seus estudos não o conduziam a esse tipo de observações; ele teria podido ainda menos, por razões de conveniência relativas a seu estado, falar dos comanches com elogio e dos filósofos ingleses com independência. Não havia, pois, nada em seu livro, ainda que ele seja excelente, que eu possa citar no meu.

Ele é muito mais admirável em suas tragédias sobre temas romanos. Mas a história, mas as Vidas de Plutarco, que Shakespeare parecia ter lido com o maior dos cuidados, não são um estudo puramente literário; pode-se observar aí o homem quase como se estivesse vivo. Quando se penetra unicamente em modelos da arte na antiguidade; quando se imita a imitação, tem-se menos originalidade; não se tem esse gênio que pinta segundo a natureza, esse gênio imediato, se eu posso exprimir-me assim, que caracteriza particularmente Shakespeare. Desde os gregos até ele, nós vemos todas as literaturas derivarem umas das outras, partindo da mesma fonte. Shakespeare começa uma literatura nova; nele se imprime, sem dúvida, o espírito e a cor geral das poesias do Norte: mas é ele que deu à literatura dos ingleses sua impulsão e à sua arte dramática seu caráter.

Uma nação tornada livre, cujas paixões foram fortemente agitadas pelos horrores das guerras civis, é muito mais suscetível da emoção excitada por Shakespeare do que a causada por Racine. O infortúnio, quando ele pesa muito tempo sobre os povos, lhes dá um caráter que mesmo a prosperidade que se sucede não pode apagar. Shakespeare, igualado algumas vezes depois a autores ingleses e alemães, é o escritor que pintou pela primeira vez a dor moral ao mais alto grau; a amargura de sofrimento do qual ele dá a ideia poderia quase passar por uma invenção se a natureza não se reconhecesse nela.

Os antigos acreditavam no fatalismo que sacode como o relâmpago e derruba como ele. Os modernos, e sobretudo Shakespeare, encontram as mais profundas fontes de emoções na necessidade filosófica. Ela se compõe da lembrança de tantos

infortúnios irreparáveis, de tantos esforços inúteis, de tantas esperanças enganadas!* Os antigos habitavam um mundo muito novo, possuíam ainda muito pouco histórias, eram muito ávidos do futuro para que o infortúnio que eles pintavam fosse tão doloroso quanto nas peças inglesas.

O terror da morte, sentimento do qual os antigos, por religião e por estoicismo, raramente desenvolveram os efeitos, Shakespeare o representou sob todos os aspectos. Ele faz sentir essa impressão assustadora, esse arrepio gelado que experimenta o homem quando, pleno de vida, ele aprende que vai perecer. Nas tragédias de Shakespeare, a infância e a velhice, o crime e a virtude, recebem a morte e exprimem todos os movimentos naturais a essa situação. Que ternura não se sente quando se escuta os lamentos de Arthur, jovem criança devotada à morte pela ordem do rei João ou quando o assassino Tyrrell conta a Ricardo III o calmo sono das crianças de Eduardo!** Quando se pinta um herói pronto a perder a existência, a lembrança do que ele fez, a grandeza de seu caráter, cativam todo o interesse. Mas quando se representa homens de uma alma fraca e de um destino sem glória, tais como Henrique VI, Ricardo II, o rei Lear, condenados a perecerem, o grande debate da natureza entre a existência e o nada absorve, só ele, a atenção dos espectadores. Shakespeare soube pintar com gênio essa mistura de movimentos físicos e de reflexões morais que a aproximação da morte inspira, quando paixões enervantes não transportam o homem para si mesmo.

---

* O ponto de exclamação substitui, aqui, o que era um ponto final.

** O ponto de exclamação entrou no lugar do que, antes, era um ponto de interrogação.

Um sentimento, também, que apenas Shakespeare soube tornar teatral é a piedade, sem nenhuma mistura de admiração por aquele que sofre,[44] a piedade por um ser insignificante[45] e algumas vezes mesmo desprezível.[46] É preciso um talento infinito para transportar esse sentimento da vida ao teatro, conservando toda a sua força; mas quando se alcança isso, o efeito que é produzido é de uma maior verdade que qualquer outra: não é pelo grande homem, é pelo homem que se interessa; não ficamos então emocionados por sentimentos que são por vezes de convenção trágica, mas por uma impressão de tal modo próxima das impressões da vida que a sua ilusão é maior.

Quando Shakespeare representa personagens cujo destino foi ilustrado, ele ganha o interesse de seus espectadores por eles, através de sentimentos puramente naturais. As circunstâncias são grandes; mas o homem difere menos dos outros homens do que nas tragédias Shakespeare nos faz penetrar intimamente na glória que ele nos descreve; nós passamos, ao escutá-lo, por todas as nuances, por todas as gradações que levam ao heroísmo, e nossa alma chega a essa altura sem ter saído de si mesma.

O orgulho nacional dos ingleses, esse sentimento desenvolvido por um amor orgulhoso da liberdade, se presta menos que o espírito cavalheiro da monarquia francesa ao fanatismo por alguns chefes. Pode-se recompensar, na Inglaterra, os serviços de um bom cidadão; mas não se tem lá nenhuma inclinação por esse entusiasmo sem medida que se encontrava nas instituições, nos hábitos e no

---

[44] A morte de Catarina de Aragão, em *Henrique VIII*.
[45] O duque de Clarence, em *Ricardo III*.
[46] O cardial de Volsey, em *Henrique VIII*.

caráter dos franceses. Essa repugnância orgulhosa pelo entusiasmo da obediência, que foi em todas as épocas o caráter dos ingleses, inspirou o seu poeta nacional a ideia de obter a ternura mais pela piedade do que pela admiração. As lágrimas que nós derramamos pelos sublimes caráteres de nossas tragédias, o autor inglês as faz correr pelo sofrimento obscuro, abandonado, por essa sequência de infortúnios que não se pode conhecer em Shakespeare sem adquirir alguma coisa da experiência mesma da vida.

Se ele excele em pintar a piedade, que energia no terror! É do crime que ele faz aparecer o medo. Poder-se-ia dizer do crime pintado por Shakespeare, como a Bíblia da morte, que ele é *o rei dos pavores*. Como são habilmente combinados, em Macbeth, os remorsos e a superstição crescente com os remorsos!

A bruxaria é, nela mesma, muito mais assustadora do que os dogmas religiosos mais absurdos. O que é desconhecido, o que não é guiado por nenhuma vontade inteligente, leva o medo ao último grau. Em um sistema de religião qualquer, o terror sabe sempre em qual ponto ele deve parar; ele se funda sempre ao menos sobre alguns motivos refletidos: mas o caos da magia joga na cabeça a desordem mais completa.

Shakespeare, em *Macbeth*, admite do fatalismo o que é preciso para fazer perdoar o criminoso; mas ele não se dispensa, por esse fatalismo, da gradação filosófica dos sentimentos da alma. Essa peça seria ainda mais admirável se seus grandes efeitos fossem produzidos sem o socorro do maravilhoso; mas esse maravilhoso só é, por assim dizer, os fantasmas da imaginação, que se fazem aparecer aos olhares dos espectadores. Não são personagens

mitológicos levando suas supostas vontades ou sua fria natureza ao meio dos interesses dos homens; é o maravilhoso dos sonhos, quando as paixões são fortemente agitadas. Há sempre alguma coisa de filosófica no sobrenatural empregado por Shakespeare. Quando as bruxas anunciam a Macbeth que ele será rei, quando elas voltam a lhe repetir essa predição quando ele hesita a seguir os sangrentos conselhos de sua mulher, quem não vê que é a luta interior entre a ambição e a virtude que o autor quis representar sob essas formas aterrorizantes?

Ele não recorreu a esse meio em *Ricardo III*. Ele o pintou, contudo, mais criminoso ainda que Macbeth; mas ele queria mostrar esse caráter sem remorso, sem combates, sem movimentos involuntários, cruel como um animal feroz, não como um homem culpado, cujos primeiros sentimentos tinham sido virtuosos. As profundezas do crime se abrem aos olhares de Shakespeare; e é nesse Tênaro que ele sabe descer para observar seus tormentos.

Nas monarquias absolutas, os grandes crimes políticos só podem ser cometidos pela vontade dos reis; e não é permitido representar esses crimes diante de seus sucessores.[47] Na Inglaterra, as desordens civis que precederam a liberdade e que eram sempre causadas pelo espírito de independência, fizeram nascer, muito mais frequentemente do que na França, grandes crimes e grandes virtudes. Os ingleses têm, em sua história, muito mais situações trágicas do que os franceses; e nada se opõe a que eles exerçam seus talentos sobre esses temas, cujo interesse é nacional.

---

[47] *Carlos IX* é a primeira tragédia na qual um rei da França culpado foi representado no teatro, com a monarquia existindo ainda.

Quase todas as literaturas da Europa começaram pela afetação. As letras tinham recomeçado na Itália, os países aonde elas chegaram em seguida imitaram inicialmente o gênero italiano. O Norte foi mais rapidamente liberto que a França desse gênero artificial, cujos traços se percebe nos antigos poetas ingleses, Waller, Cowley etc. As guerras civis e o espírito filosófico corrigiram esse falso gosto; pois o infortúnio, cujas impressões não são senão muito verdadeiras, exclui os sentimentos afetados e a razão faz desaparecer as expressões que carecem de justeza. No entanto, encontra-se ainda em Shakespeare alguns recursos artificiais, ao lado da mais enérgica pintura das paixões. Há algumas imitações dos defeitos da literatura italiana no tema italiano de *Romeu e Julieta*; mas como o poeta inglês se recompõe desse miserável gênero! Como ele sabe imprimir sua alma do Norte na pintura do amor!

Em *Otelo*, o amor é caracterizado sob traços bem diferentes do que em *Romeu e Julieta*. Mas como ele aí é grande! Como é enérgico! Como Shakespeare percebeu o que forma o laço dos dois sexos, a coragem e a fraqueza! Quando Otelo protesta diante do senado de Veneza, a única arte que ele tinha empregado para seduzir Desdêmona foi a narrativa dos perigos aos quais ele tinha sido exposto,[48] como o que ele diz se mostra verdadeiro para todas as mulheres! Como elas sabem que não é na lisonja que consiste a arte toda poderosa dos homens para se fazerem amar por elas! A proteção tutelar que eles podem acordar ao tímido objeto de sua

[48] Que versos charmosos esses que terminam a justificação de Otelo e que La Harpe tão bem traduziu! "She loved me for the dangers I had past / And I loved her that she did pity them" (Ela amava meus infortúnios, e eu amei sua piedade [portanto, a tradução para o português segue a tradução francesa de La Harpe]).

escolha, a glória que eles podem refletir sobre uma fraca vida, é seu charme mais irresistível.

Os costumes da Inglaterra, em relação à existência das mulheres, não estavam ainda formados na época de Shakespeare; as desordens políticas tinham impedido todos os hábitos sociais. A classe das mulheres, nas tragédias, era, pois, absolutamente livrada à vontade do autor: também Shakespeare, ao falar delas, se serve, tanto da mais nobre língua que possa inspirar o amor, tanto do mau gosto mais popular. Esse gênio que a paixão tinha dotado era inspirado por ela, como os padres por seu deus; ele exprimia oráculos quanto era agitado; ele era apenas um homem quando a calma voltava à sua alma.

Suas peças tiradas da história inglesa, tais como as duas sobre Henrique IV, a sobre Henrique V, as três sobre Henrique VI, tiveram muito sucesso na Inglaterra; mas eu creio serem elas, contudo, muito inferiores, em geral, às tragédias de invenção, o *Rei Lear*, *Macbeth*, *Hamlet*, *Romeu e Julieta*. As irregularidades de épocas e de lugares são nelas muito mais notáveis. Enfim, Shakespeare cede nelas, mais do que em todas as outras, à popularidade. A descoberta da imprensa necessariamente diminuiu a condescendência dos autores pelo gosto nacional: eles pensam mais na opinião da Europa; e ainda que importe que as peças que devem ser interpretadas tenham, antes de tudo, sucesso na representação, desde que sua glória possa se estender às outras nações, os escritores evitam muito as alusões, as brincadeiras, os personagens, que só podem agradar ao povo de seu país. Os ingleses, contudo, se submeterão o mais tarde possível ao bom gosto geral; sua liberdade estando fundada

sobre o orgulho nacional, mais ainda do que sobre as ideias filosóficas, eles recusam tudo o que lhes vem dos estrangeiros, tanto em literatura como em política.*

Para julgar quais são os efeitos da tragédia inglesa que conviria adaptar ao nosso teatro, um exame restaria a fazer: seria o de bem distinguir, nas peças de Shakespeare, o que ele acordou ao desejo de agradar o povo, as faltas reais que ele cometeu e as belezas ousadas que as regras severas da tragédia na França não admitem.

A multidão de espectadores, na Inglaterra, exige que se faça suceder as cenas cômicas aos efeitos trágicos. O contraste do que é nobre com o que não é, produz, no entanto, sempre, como eu já o disse, uma impressão desagradável sobre os homens de gosto. O gênero nobre quer nuances; mas oposições demasiado fortes são apenas bizarrice. Os jogos de palavras, os equívocos licenciosos, os contos populares, os provérbios que se acumulam sucessivamente nas velhas nações e são, por assim dizer, as ideias patrimoniais dos homens do povo, todos esses meios, que são aplaudidos pela multidão, são criticados pela razão. Eles não têm nenhuma relação com os efeitos sublimes que Shakespeare sabe tirar das palavras simples, circunstâncias vulgares dispostas com arte e que com dificuldade nós ousaríamos admitir em nosso teatro.

Shakespeare fez, em suas tragédias, a parte dos espíritos grosseiros. Ele foi colocado ao abrigo do julgamento do gosto, se

* O trecho "eles recusam tudo o que lhes vem dos estrangeiros, tanto em literatura como em política" é novo e substitui aquele que, na primeira edição, era de difícil compreensão e que poderia ser traduzido, ao pé da letra, para: "se agrada, em todo tipo, à exclusão".

tornando o objeto do fanatismo popular. Ele foi conduzido, então, como um hábil chefe de partido, mas não como um bom escritor.

Os povos do Norte existiram, durante muitos séculos, em um estado ao mesmo tempo social e bárbaro que teve que deixar por muito tempo entre os homens muitas lembranças grosseiras e ferozes. Shakespeare conserva ainda traços dessas lembranças. Muitos de seus caráteres são pintados com os únicos traços admirados nesses séculos nos quais só se vivia para os combates, para a força física e para a coragem militar.

Shakespeare se ressente também da [é afetado também pela] ignorância em que se encontrava, na sua época, sobre os princípios da literatura. Suas peças são superiores às tragédias gregas,* para a filosofia das paixões e para o conhecimento dos homens;[49] mas elas estão muito mais atrasadas sob o aspecto da perfeição da arte. Prolongamentos, repetições inúteis, imagens incoerentes podem ser frequentemente reprovadas a Shakespeare. O espectador ficava, então, muito facilmente interessado para que o autor fosse tão

---

* Esse início de frase era, na primeira edição: "Se suas peças estão em muitos séculos à frente das tragédias gregas". Para completar a alteração, a conjunção adversativa após o ponto-e-vírgula é nova.

[49] Entre os muitos traços filosóficos que se observa nas peças de Shakespeare, mesmo as menos célebres, há um que me tocou singularmente. Quando na peça intitulada *Measure for measure,* Lúcio, o amigo de Claudio, irmão de Isabelle, a pressiona a ir pedir sua graça ao governador Ângelo, que condenou seu irmão à morte; Isabelle, jovem e tímida, lhe responde que ela teme que sua tarefa seja inútil, que Ângelo fique irritado, inflexível etc. Luciano insiste e lhe diz: "Our doubts are traitors, / And make us lose the good we oft might win, / By fearing to attempt" (Nossas dúvidas são traidoras que nos fazem perder o bem que poderíamos fazer ao nos desviar de o tentar). / Quem pode ter vivido em uma revolução e não ficar convencido da verdade dessas palavras! Quantos desvios se emprega para se persuadir a si mesmo que não se pode fazer um serviço, quando se teme de se comprometer ao tentá-lo! *Eu vos atrapalharia se eu vos defendesse*, dizem um certo número de amigos prudentes que conservariam essa mesma discrição, até seu decreto de morte.

severo consigo mesmo quanto ele deveria sê-lo. É preciso, para que um poeta dramático se aperfeiçoe tanto quanto o seu talento pode permiti-lo, que ele não espere ser julgado nem por velhacos indiferentes nem por jovens que encontram a emoção em si próprios.

Os franceses condenaram frequentemente as cenas de horror que Shakespeare representa. Não é como se excitasse uma muito forte emoção, mas como se destruísse por vezes até a ilusão teatral que elas me parecem suscetíveis de crítica. De início, está demonstrado que certas situações, apenas assustadoras, que os maus imitadores de Shakespeare quiseram representar, só produzem uma sensação física desagradável e nenhum dos prazeres que a tragédia* deve produzir; mas, ademais, há muitas situações tocantes e que, no entanto, exigem um jogo de teatro, feito para distrair a atenção e, por conseguinte, o interesse.

Quando o governador da torre onde está preso o jovem Arthur faz trazer um ferro quente para lhe queimar os olhos, sem falar da atrocidade de uma tal cena, deve se passar no teatro uma ação cuja imitação é impossível e que o espectador observará de tal maneira a execução que ele esquecerá do seu efeito moral.

O caráter de Caliban, na Tempestade, é singularmente original; mas a forma quase animal que sua vestimenta deve lhe dar, desvia a atenção do que há de filosófico na concepção desse papel.

Uma das belezas da tragédia de Ricardo III, em sua leitura, é o que ele próprio diz sobre sua deformidade natural. Sente-se que o

* Antes constava, ao invés de "tragédia", a palavra "emoção". Na sequência, o complemento "de teatro" para "jogo" entrou no lugar do adjetivo "material".

horror que ele causa deve reagir sobre sua alma e torná-la mais atroz ainda. Contudo, o que há de mais difícil em seu gênero nobre, de mais vizinho do ridículo, do que a imitação de um homem disforme na cena? Tudo o que está na natureza pode interessar o espírito; mas é preciso, no espetáculo, arrumar os caprichos dos olhos com o maior dos escrúpulos; eles podem destruir irremediavelmente todo efeito sério.

Shakespeare também representa em suas peças muito, e demasiado frequentemente, o sofrimento físico. Filoctetes é o único exemplo de um efeito teatral produzido por esse sofrimento; e são as causas heroicas de sua ferida que permitem fixar o interesse dos espectadores sobre seus males. O sofrimento físico pode se contar, mas não se ver; não é o autor, é o ator que não pode exprimi-lo nobremente; não é o pensamento, são os sentidos que se recusam o efeito desse tipo de imitação.

Enfim, um dos maiores defeitos de Shakespeare é o de não ser simples no intervalo de partes sublimes. Frequentemente há afetação quando ele não é exaltado por seu gênio. A arte lhe falta para se sustentar, isto é, para ser tão natural nas cenas de transição quanto [o é] nos belos movimentos da alma.

Otway, Rowe, e alguns outros poetas ingleses, excetuado Addison, fizeram tragédias todas no gênero de Shakespeare; e seu gênio, salvo em Veneza, quase encontrou seu igual. Mas as duas situações mais profundamente trágicas que o homem pode conceber, Shakespeare as pintou pela primeira vez; a loucura causada pelo sofrimento e o isolamento no infortúnio.

Ajax é furioso, Orestes é perseguido pela cólera dos deuses, Phedro é devorado pela febre do amor. Mas Hamlet,[50] Ofélia, o rei Lear, com situações e caráteres diferentes, têm um mesmo caráter de desregramento.[51] Apenas a dor fala neles; a ideia dominante fez desaparecer todas as ideias comuns da vida; todos os órgãos são desarranjados, fora os do sofrimento; e esse delírio tocante do ser desafortunado parece liberá-lo do pudor que o proíbe de se oferecer sem reservas à piedade. Os espectadores recusariam talvez sua ternura ao lamento voluntário; eles se abandonam à emoção que faz nascer uma dor que não responde mais de si. A loucura, tal como ela é pintada em Shakespeare, é o mais belo quadro do naufrágio da natureza moral, quando a tempestade da vida ultrapassa suas forças.

Existe no teatro francês certas regras de conveniência, mesmo para a dor. Ela está em cena com ela mesma; os amigos lhe servem de cortejo e os inimigos, de testemunhas. Mas o que Shakespeare pintou com uma verdade, com uma força de alma admirável, foi o isolamento. Ele localiza ao lado dos tormentos da dor, o

---

[50] Ainda que, dentre as belas tragédias de Shakespeare, Hamlet seja aquela onde há as faltas de gosto mais revoltantes, ela é uma das mais belas situações que se pode encontrar no teatro. O desregramento de Hamlet é causado pela descoberta de um grande crime: a pureza de sua alma não lhe tinha permitido suspeitar dele; mas seus órgãos se alteram ao aprender que uma perfídia atroz foi cometida, que seu pai foi dela vítima, e que sua mãe recompensou o culpado ao se unir a ele. Ele não diz uma palavra que ateste seu desprezo pela espécie humana e pensa mais frequentemente ainda em se matar do que em punir; nobre ideia do poeta a de ter representado o homem virtuoso não podendo suportar a vida, quando a perfídia o envolve e porta em seu seio a desordem de um criminoso, quando a dor lhe comanda uma justa vingança. [A frase terminava, antes, com um ponto de exclamação].

[51] [Nota da segunda edição]: Johnson escreveu que ele considerava a loucura de Hamlet como uma loucura simulada para que se alcançasse mais garantidamente a vingança. Parece-me, no entanto, que ao ler essa tragédia, distingue-se perfeitamente em Hamlet o desregramento real através do desregramento afetado.

esquecimento dos homens e a calma da natureza, ou bem um velho servidor, único ser que se lembra ainda que seu mestre foi rei. Isso é bem conhecer o que há de mais doloroso para o homem; o que torna a dor aguda. Aquele que sofre, aquele que morre produzindo um grande efeito qualquer de terror ou de piedade, escapa do que ele experimenta para observar o que ele inspira; mas o que é enérgico no talento do poeta; o que supõe um caráter equivalente ao talento, é ter concebido a dor pesando inteira sobre a vítima: e quando o homem precisa apoiar sobre os que estão em torno dele até o sentimento de sua prosperidade, a enérgica e sombria imaginação dos ingleses nos representa o desafortunado separado por seus reveses, como por um contágio funesto, de todos os olhares, de todas as lembranças, de todos os amigos. A sociedade lhe retira o que é a vida, antes que a natureza lhe tenha dado a morte.

O teatro da França república admitirá agora, como o teatro inglês, os heróis pintados com suas fraquezas, as virtudes com suas inconsequências, as circunstâncias vulgares ao lado das situações mais elevadas? Enfim, os caráteres trágicos serão tirados das lembranças ou da imaginação, da vida humana ou do belo ideal? É uma questão que eu me proponho discutir, quando, após ter falado das tragédias de Racine e de Voltaire, eu examinarei, na segunda parte desta obra, a influência que deve ter a revolução sobre a literatura francesa.

CAPÍTULO XIV

*Da jocosidade inglesa**

Pode-se distinguir diferentes tipos de jocosidade na literatura de todos os países; e nada serve melhor para fazer conhecer os costumes de uma nação do que o caráter de jocosidade mais geralmente adotada por seus escritores. Somos sérios sozinhos, somos alegres para os outros, sobretudo nos escritos; e só se pode fazer rir par ideias de tal modo familiares àqueles que as escutam, que elas os impressionam no instante mesmo e não exigem deles nenhum esforço de atenção.

Ainda que a jocosidade não possa se abster tão facilmente quanto uma obra filosófica de um sucesso nacional, ela se submete, como tudo o que se refere ao espírito, ao julgamento do bom gosto universal. É preciso uma grande fineza para dar conta das causas do efeito cômico; mas não é menos verdade que o assentimento geral deve se reunir sobre as obras-primas nesse gênero e em todos os outros.

A alegria, que se deve, por assim dizer, à inspiração do gosto e do gênio, a alegria produzida pelas combinações do espírito e a alegria que os ingleses chamam de *humour*, não têm quase nenhuma

* Até aqui traduzimos "plaisanterie" por brincadeira ou piada, mas, neste capítulo, frequentemente a melhor tradução é "jocosidade" (no primeiro caso, temos uma ação, no segundo, uma disposição de espírito). Germaine de Staël, neste capítulo, usa tal termo, bem como "gaîté", em um jogo que nos põe dificuldades, mas, na maioria das vezes, ela o usa como sinônimo daquele. Até aqui traduzimos essa última palavra francesa por "alegria". Neste capítulo, por vezes manteremos essa opção, por vezes traduziremos "gaîté" também por jocosidade, a depender do contexto.

relação uma com a outra; e em nenhuma dessas denominações a alegria do caráter está compreendida, porque está provado por uma série de exemplos que ela não é nada no talento que faz escrever obras alegres. A alegria do espírito é fácil para todos os homens que têm espírito; mas é o gênio de um homem e o bom gosto de vários que podem, apenas eles, inspirar a verdadeira comédia.

Eu examinarei em um dos capítulos seguintes por quais razões os franceses podiam, unicamente eles, alcançar essa perfeição de gosto, de graça, de fineza e de observação do coração humano, que nos valeu as obras-primas de Molière. Procuremos agora saber por que os costumes dos ingleses se opõem ao verdadeiro gênio da jocosidade.

A maior parte dos homens na Inglaterra, absorvidos pelas tarefas, só procura o prazer como um divertimento; e assim como a fatiga, ao excitar a fome, acessa facilmente os alimentos, o trabalho contínuo e refletido prepara para se contentar com toda espécie de distração. A vida doméstica, ideias religiosas suficientemente severas, ocupações sérias, um clima pesado, tornam os ingleses suscetíveis às doenças do tédio; e é por essa razão mesma que os divertimentos delicados do espírito não lhes bastam. É preciso sacudidas fortes nessa espécie de abatimento, e os autores compartilham o gosto dos espectadores nesse aspecto, ou se conformam a ele.

A jocosidade que serve para fazer uma boa comédia supõe uma observação muito penetrante dos caráteres. Para que o gênio cômico se desenvolva, é preciso viver muito em sociedade, dar muita importância aos sucessos de sociedade, e se conhecer e se

aproximar dessa multidão de interesses de vaidade que dão lugar a todos os ridículos, como a todas as combinações do amor-próprio. Os ingleses ficam com suas famílias ou reunidos em assembleias públicas para as discussões nacionais. O intermediário que chamamos de sociedade não existe quase que totalmente entre eles; e é nesse espaço frívolo da vida que se formam, contudo, a fineza e o gosto.

As relações políticas dos homens entre eles apagam as nuances, ao pronunciaram fortemente os caráteres. A grandeza do fim, a força dos meios, fazem desaparecer o interesse por tudo o que não tem um resultado útil. Nos estados monárquicos, onde se depende do caráter e da vontade de um único homem ou de um pequeno número de seus delegados, cada um se estuda para conhecer os mais secretos pensamentos dos outros, as mais leves gradações dos sentimentos e das fraquezas individuais.[52] Mas quando a opinião pública e a reputação popular têm a primeira influência, a ambição abandona aquilo de que ela não tem necessidade e o espírito não se exerce a captar aquilo que é fugitivo quando ele não tem interesse em adivinhá-lo.

Os ingleses não têm entre eles um autor cômico como Molière; e se eles o tivessem, eles não sentiram todas as suas finezas. Nas peças tais como o Avaro, o Tartufo, o Misantropo, que pintam a natureza humana de todos os países, há brincadeiras delicadas, nuances de amor-próprio, que os ingleses sequer notariam; eles não se reconheceriam ali, ainda que [tais brincadeiras] sejam naturais;

[52] A Inglaterra é governada por um rei; mas todas as suas instituições são eminentemente conservadoras da liberdade civil e da garantia política.

eles não se conhecem com tantos detalhes; as paixões profundas e as ocupações importantes lhes fizeram tomar a vida mais em massa.

Há algumas vezes em Congreve o espírito sutil e brincadeiras fortes; mas nenhum sentimento natural é pintado aí. Por um contraste singular, quanto mais os costumes particulares dos ingleses são simples e puros, mais eles exageram, em suas comédias, a descrição de todos os vícios. A indecência das peças de Congreve não teria sido nunca tolerada no teatro francês: encontra-se no diálogo ideias engenhosas; mas os costumes que essas comédias representam são imitados de romances franceses ruins que nunca descreveram eles mesmos os costumes da França. Nada parece menos com os ingleses do que suas comédias.

Dir-se-ia que, querendo ser alegres, eles acreditaram ser necessário se afastarem o máximo possível do que eles são realmente ou que, respeitando profundamente os sentimentos que faziam a felicidade de sua vida doméstica, eles não permitiram que se lhes esbanjasse no teatro.

Congreve e muitos de seus imitadores acumulam, sem medida e sem verossimilhança, imoralidades de todos os tipos. Esses quadros são sem consequência para uma nação tal como a nação inglesa; ela se diverte com eles como contos, como imagens fantásticas de um mundo que não é o seu. Mas na França, a comédia, ao descrever verdadeiramente os costumes, poderia influenciá-los e se torna bem mais importante então lhe impor leis severas.

Nas comédias inglesas, encontra-se raramente caráteres verdadeiramente ingleses: a dignidade de um povo livre se opõe talvez, entre os ingleses como entre os romanos, a que eles deixem

representar seus próprios costumes no teatro. Os franceses se divertem voluntariamente consigo próprios. Shakespeare e alguns outros representaram em suas peças caricaturas populares, tais como Falstaff, Pistol etc., mas a charge exclui deles quase inteiramente a verossimilhança. O povo de todos os países se diverte com piadas grosseiras; mas só na França há a jocosidade mais ácida que é ao mesmo tempo a mais delicada.

O Sr. Shéridan compôs em inglês algumas comédias onde o espírito mais brilhante e mais original se mostra quase em cada cena; mas além do fato de que uma exceção não mudaria nada das considerações gerais, é preciso ainda distinguir a alegria do espírito e o talento do qual Molière é o modelo. Em todos os países, é certo que um escritor capaz de conceber muitas ideias alcance a arte de opô-las de uma maneira ácida. Mas como as antíteses não compõem sozinhas a eloquência, os contrastes não são os únicos segredos da jocosidade; e há, na jocosidade de alguns autores franceses, alguma coisa de mais natural e de mais inexplicável: o pensamento pode analisá-lo, mas apenas o pensamento não a produz; é um tipo de eletricidade comunicada pelo espírito geral da nação.

A jocosidade e a eloquência têm algumas relações quando juntas, somente pelo fato de que é a inspiração involuntária que faz alcançar, ao escrever ou ao falar, a perfeição de uma e de outra. O espírito daqueles que estão em nossa volta, da nação onde nós vivemos, desenvolve em nós o poder da persuasão ou da brincadeira de forma muito mais garantida do que a reflexão e o estudo. As sensações vêm de fora e todos os talentos que dependem mais imediatamente das sensações têm necessidade do impulso dado

pelos outros. A jocosidade e a eloquência não são os simples resultados das combinações do espírito; é preciso ser agitado, modificado pela emoção que faz nascer uma ou a outra, para obter o sucesso do talento nesses dois gêneros. Ora, a disposição comum à maior parte dos ingleses não excita seus escritores à jocosidade.

Swift, em *Gulliver* e no conto do Tonel, assim como Voltaire em seus escritos filosóficos, tira das piadas muito felizes da oposição que existe entre o erro recebido e a verdade proscrita, entre as instituições e a natureza das coisas. As alusões, as alegorias, todas as ficções do espírito, todos as fantasias que ele pega emprestado, são combinações com as quais se produz a jocosidade; e, em todos os gêneros, os esforços do pensamento vão muito longe, ainda que eles não possam nunca alcançar a leveza, a facilidade dos hábitos, a felicidade inesperada das impressões espontâneas.

Existe, contudo, um tipo de jocosidade em alguns escritos ingleses que tem todas as características da originalidade e do natural. A língua inglesa criou uma palavra, *humour*, para exprimir essa alegria que é uma disposição do sangue quase tanto quanto do espírito; ela se refere à natureza do clima e dos costumes nacionais; ela seria totalmente inimitável lá onde as mesmas causas não a desenvolvessem. Alguns escritos de Fielding e de Swift, Peregrin Pickle, Roderick Random, mas sobretudo as obras de Sterne, dão a ideia completa do gênero chamado de *humour*.

Há morosidade, eu diria quase tristeza, nessa alegria; aquele que nos faz rir não experimenta o prazer que ele causa. Vê-se que ele escreve em uma disposição sombria e que ele ficaria quase irritado contra nós pelo fato de ele nos divertir. Como as formas bruscas

dão por vezes mais acidez ao elogio, a jocosidade da piada se dá pela gravidade de seu autor[53]. Os ingleses admitiram muito raramente na cena o tipo de espírito que eles nomeiam *humour*; seu efeito não seria teatral.

Há misantropia na jocosidade dos ingleses e há sociabilidade na dos franceses; uma deve ser lida quando se está só, a outra impressiona tanto mais quanto há mais ouvintes. O que os ingleses têm de jocosidade conduz quase sempre a um resultado filosófico ou moral; a jocosidade dos franceses só tem frequentemente como objetivo o prazer mesmo.

O que os ingleses pintam com um grande talento são os caráteres bizarros porque existe muitos desses entre eles. A sociedade apaga as singularidades, a vida do campo os conserva.

A imitação ocorre particularmente mal para os ingleses; seus ensaios no gênero da graça e da jocosidade que caracteriza a literatura francesa carecem, na maior parte dos casos, de fineza e de atrativo. Eles desenvolvem todas as ideias, eles exageram todas as nuances, eles só se acreditam entendidos quando gritam, e compreendidos quando tudo dizem. Uma observação singular é a de que os povos ociosos são muito mais difíceis quanto ao emprego do tempo que eles dão aos seus prazeres do que os homens ocupados. Os homens dedicados aos negócios estão habituados aos

---

[53] Eu estive em Londres, uma vez, em um *cabinet de physique amusante* [ao pé da letra: cabine de física divertida. Trata-se de um tipo de espaço particular de exposição de curiosidades científicas, comum no século XVIII] e vi as performances mais grotescas, na argola, no trapézio, no balanço, executadas por homens muito idosos, com a postura mais rígida e a gravidade mais imperturbável. Eles se dedicavam a esses exercícios pela saúde e não pareciam imaginar que nada no mundo era mais risível que o contraste de seu exterior pedante e de seus jogos infantis.

longos desenvolvimentos; os homens dedicados ao prazer se cansam muito mais facilmente e o gosto muito exercido experimenta a saciedade muito rapidamente.

Há raramente fineza nos espíritos que se aplicam sempre a resultados positivos. O que é verdadeiramente útil é muito fácil de compreender e não há necessidade de um olhar penetrante para percebê-lo. Um país que tende à igualdade é também menos sensível às faltas de conveniência. A nação sendo mais unitária, o escritor toma o hábito de se endereçar em suas obras ao julgamento e aos sentimentos de todas as classes; enfim, os países livres são e devem ser sérios.

Quando o governo está fundado sobre a força, ele pode não temer a inclinação da nação para a piada: mas quando a autoridade depende da confiança geral, quando o espírito público é sua principal sustentação, o talento e a jocosidade que fazem descobrir o ridículo e se divertir na brincadeira, são excessivamente perigosos para a liberdade e a igualdade política. Nós falamos dos infortúnios que resultaram para os atenienses de seu gosto imoderado para a piada; e a França nos forneceria um grande exemplo como apoio àquele, se o poder dos acontecimentos da revolução tivesse deixado os caráteres ao seu desenvolvimento natural.

CAPÍTULO XV

Da imaginação dos ingleses em suas poesias e seus romances

A invenção dos fatos e a faculdade de sentir e de descrever a natureza são dois gêneros de imaginação absolutamente distintos; um pertence mais particularmente à literatura do Sul, o outro à do Norte. Eu desenvolvi suas diversas causas. O que me resta a examinar agora é o caráter particular da imaginação poética dos ingleses.

Eles não foram inventores de novos temas de poesias, como Tasso e Ariosto. Os romances dos ingleses não estão fundados sobre fatos maravilhosos, sobre acontecimentos extraordinários, tais como os contos árabes ou persas: o que lhes resta da religião do Norte são algumas imagens e não uma mitologia brilhante e variada como a dos gregos; mas seus poetas são inesgotáveis nas ideias e nos sentimentos que fazem nascer o espetáculo da natureza. A invenção dos fatos sobrenaturais tem seu termo; são combinações muito limitadas e pouco suscetíveis dessa progressão que pertence a todas as verdades morais de qualquer tipo que sejam: quando os poetas se dedicam a revestir com as cores da imaginação os pensamentos filosóficos e os sentimentos apaixonados, eles entram de alguma maneira nessa rota onde os homens esclarecidos avançam sem cessar, a menos que a força ignorante e tirânica não lhes retire toda liberdade.

Os ingleses separados do continente, *semotos orbe Britannos*, se associaram pouco, em todos os tempos, à história e aos costumes dos povos vizinhos: eles têm um caráter próprio em cada gênero;

sua poesia não é parecida nem com a dos franceses nem com a dos alemães: mas eles não alcançaram essa invenção das fábulas e dos fatos poéticos que é a principal glória da literatura grega e da literatura italiana.* Os ingleses observam a natureza e sabem descrevê-la: mas eles não são criadores. Sua superioridade consiste no talento de** exprimir vivamente o que eles veem e o que eles experimentam; eles têm a arte de unir intimamente as reflexões filosóficas às sensações produzidas pelas belezas do campo. O aspecto do céu e da terra, em todas as horas do dia e da noite, acorda em nosso espírito diversos pensamentos; e o homem que se deixa ir até onde a natureza lhe inspira, experimenta uma sequência de impressões sempre puras, sempre elevadas, sempre análogas às grandes ideias morais e religiosas que unem o homem com o futuro.

No momento do renascimento das letras, e no começo da literatura inglesa, muitos poetas ingleses se afastam do caráter nacional para imitar os italianos. Eu citei Waller e Cowley como exemplos desse tipo: eu poderia acrescentar Downe, Chaucer etc. Os ensaios nesse gênero deram menos certo para os ingleses do que para outros povos, eles carecem visivelmente de graça em tudo o que exige leveza de espírito:*** eles carecem dessa prontidão, dessa facilidade, dessa liberdade que se adquire pelo comércio habitual com os homens reunidos em sociedade com o único objetivo de se divertir.

---

* O trecho após os dois pontos era, na primeira edição: "mas eles não alcançaram, nem nenhum desses povos modernos, a invenção poética de que a literatura do Sul recolheu toda a glória".

** "consiste no talento de" substitui "consiste em".

*** Na primeira edição constava apenas: "de graça nas formas". Na sequência, após "facilidade" havia: "dessa leveza de espírito" ao invés de "dessa liberdade".

Há muitas faltas de gosto em um poema de Pope que era destinado particularmente a mostrar graça, *O rapto da madeixa. A rainha das fadas* de Spencer* é o que há de mais cansativo no mundo; o poema de Hudibras, ainda que espiritual, está cheio de piadas prolongadas até a saciedade. As fábulas de Gay têm espírito, mas não têm o natural; e não se pode nunca comparar, sob nenhum aspecto, as peças fugitivas dos ingleses, seus contos burlescos etc. com os escritos e Voltaire, de Ariosto ou de La Fontaine. Mas não é suficiente saber falar a língua das afecções profundas; seria preciso dar muito valor a todo o resto?

Que sublime meditação a dos ingleses! Como eles são fecundos nos sentimentos e nas ideias que a solidão desenvolve! Que profunda filosofia a do *Ensaio sobre o homem* [de Pope]! Pode-se elevar a alma e a imaginação a uma maior altura do que no *Paraíso perdido* [de Milton]? Não é a invenção poética que constitui o mérito dessa obra; o assunto é quase inteiramente retirado da Gênese; o que o autor acrescentou de alegórico em alguns lugares é reprovado pelo gosto. Percebe-se frequentemente que o poeta é obrigado ou dirigido por sua submissão à ortodoxia: mas o que faz de Milton um dos primeiros poetas do mundo é a grandeza majestosa dos caráteres que ele traçou. Sua obra é sobretudo notável pelo pensamento; a poesia que se admira nela foi inspirada pela necessidade de igualar as imagens às concepções do espírito: é para fazer compreender suas ideias intelectuais que o poeta recorreu aos

* Na primeira edição, a frase anterior terminava com dois pontos, aos quais se seguia "*Spencer's fairy queen*", tudo em itálico e em inglês, o que dava a entender o texto ser de Pope, contendo curiosamente o nome de Spencer em seu título.

mais terríveis quadros que possam impressionar a imaginação.* Antes de dar uma forma a Satã, ele o havia concebido imaterial; ele representou sua natureza moral antes de dar a esse caráter sua gigantesca estatura e o assustador aspecto do inferno que ele deve habitar. Com qual talento ele nos transporta desse inferno ao paraíso! Como ele nos leva através de todos as sensações enervantes da juventude, da natureza e da inocência! Não é a felicidade das alegrias vivas, é a calma que ele coloca em contraste com o crime, e a oposição fica bem mais forte! A piedade de Adão e Eva, as diferenças primitivas do caráter e do destino dos dois sexos são pintadas como a filosofia e a imaginação devem caracterizá-los.[54]

O *Cemitério* [*Elegy written in a country churchyard*] de [Thomas] Gray, a *Carta sobre o colégio de Eaton* [*Ode on a distant prospect of Eton College,* de Thomas Gray], a *Vila abandonada* de [Oliver] Goldsmith, estão cheios dessa nobre melancolia que é a majestade do filósofo sensível. Onde se pode encontrar mais entusiasmo poético do que na *Ode à música* de [John] Dryden? Que paixão na *Carta de Heloísa* [*Eloisa to Abelard*, de Pope]!** Há mais deliciosa pintura do amor, no casamento, do que os versos que encerram o primeiro canto de

---

* Antes havia aqui dois pontos.

54 "Thong both / Not equal, as their sexes not equal /For contemplation he, and valor formed, / For softness she, and sweet attractive grace, /He for God only, she for God in him". [Segue-se a tradução da própria Germaine de Staël, sem a separação de versos]: "Essas duas nobres criaturas (Adão e Eva) não são semelhantes em tudo e diferem como seus sexos. Ele, formado para a meditação e o valor; ela, para a doçura e a graça atrativa; ele, para adorar Deus apenas; ela, para adorar Deus nele".

** Aqui, Germaine de Staël não foi muito gentil com a posteridade. Para tornar mais difícil a identificação dos textos e dos autores, nenhuma das edições consultadas grifou os títulos dos poemas. Para piorar, o nome do colégio a que se refere Gray foi escrito errado, como "Eaton", ao invés de "Eton". O tradutor só pode esperar ter identificado corretamente os textos e autores.

[James] Thompson sobre a *Primavera*?[55] Que reflexões profundas e terríveis não resta dessas *Noites* [*The complaint or night thoughts on life,*

[55] Todo mundo conhece esse trecho de Thompson; mas eu não pude me recusar a colocar aqui o extrato, a fim de que as mulheres, entre as mãos das quais cairá essa obra, tenham uma ocasião a mais para reler tais versos: "But happy they! the happiest of their Kind / Whom gentler stars unite, and in one fate / Their hearts, their fortune, and their beings blend. / 'Tis not the coarser tie of human laws / Unnatural oft and foreign to the mind. / That binds their peace, but harmony itself / Attuning all their passions into love. / Where friendship full exerts her softest power, / Perfect esteem enlivened by desire / Ineffable, and sympathy of soul, / Thought meeting thought and will preventing will, / With boundless confidence […] What is the world to them / Its pomp, its pleasure, and its non sense all? / Who in each other clasp whatever fair / High fancy forms and lavish heart can wish; / Something than beauty dearer, should they look / Or on the mind, or mind illumin'd face; / Truth, goodness, honour, harmony and love, / The richest bounty of indulgent Heaven. / Meantime a smiling offspring rises round, / And mingles both their graces. By degrees / The human blossom blows, and every day, / Soft as it rolls along, shews some new charm, / The father's lustre, and the mother's bloom / The infant reason grows apace and calls / For the Kind hand of an assiduous care. / Delightful task! to rear the tender thought, / To teach the young idea how to shoot, / To pour the fresh instruction o'er the mind, / To breathe th'enlivening spirit and to fix / The generous purpose in the glowing breast. / Oh! speak the joy; ye, whom the sudden tear / Surprizes often while you look around / And nothing strikes your eye but sights of bliss, / All various nature pressing on the heart; / An elegant sufficieney, content, / Retirement, rural quiet, friendship, books. / Ease and alternate labour, usefull life, / Progressive virtue, and approving Heaven! / These are the matchless joys of virtuous love / And thus their moment fly. The seasons thus, / As ceaseless round a jarring world they roll, / Still find them happy; and consenting spring / Sheds her own rosy garland on their heads: Till evening comes at last serene and mild / When, after the long vernal day of life, / Enamour'd more, as more remembrance sewll, / With many a proof of recollected love, / Together down they sink in social sleep, / Together freed, their gentle spirits fly / To scenes where love and bliss immortal reign". [Segue-se a tradução da própria Staël, sem a separação de versos]: "Felizes e os mais felizes dos mortais os que o benfazejo destino reuniu, e que confundem em uma mesma sorte seus corações, suas fortunas e suas existências. Não é o duro laço das leis humanas, esse laço tão frequentemente estrangeiro às escolhas do coração, que forma o nó de sua vida, é a harmonia mesma, dando todas suas paixões no sentimento do amor. A amizade exerce em seu seio seu mais doce poder, a perfeita estima animada pelo desejo, a inexprimível simpatia das almas, o pensamento encontrando o pensamento, a vontade prevenindo a vontade por uma confiança sem limites. O que lhes importa o mundo e seus prazeres e sua loucura, cada um dos dois não abraça, no objeto que ele ama, tudo o que a imaginação pode criar, tudo o que um coração abandonado à esperança poderia desejar? Eles não experimentam um charme mais poderoso ainda do que o da beleza ou nos sentimentos ou nos traços

death and immortality] de [Edward] Young onde o homem é pintado considerando o curso e o termo de seu destino sem essa ilusão que faz com que nos interessemos, em dias como nos séculos, pelo que se passa como a eternidade!

Young julga a vida humana como se ele não a tivesse; e seu pensamento se eleva acima de seu ser para lhe marcar um lugar imperceptível na imensidão da criação:

> What is the world [itself]? [thy world?] a grave,
> Where is the dust [that] which* has not been alive?
>
> (O que é o mundo? Um túmulo.
> Onde está o grão de poeira que não ganhou a vida?)

---

animados por esses sentimentos mesmos? Verdade, bondade, honra, ternura, amor, os mais ricos bens da indulgência do céu lhes são dados; e perto deles logo se eleva sua posteridade sorridente: a flor da infância se esvanece sob seus olhos e cada dia que se passa desenvolve uma nova graça. A virtude do pai e a beleza da mãe se percebem já nas crianças: sua fraca razão cresce a cada momento; ela reclama logo o socorro dos cuidados diligentes. Deliciosa tarefa a de cultivar o pensamento ainda tenro, de ensinar à jovem ideia como ela deve crescer, de versar instruções sempre novas no espírito, de inspirar os sentimentos generosos e de fixar um nobre desígnio em uma alma inflamada! Ah! falem de suas alegrias, vocês dos quais uma lágrima brusca surpreende frequentemente quando vocês olham à sua volta e que nada impressiona seus olhares quanto os quadros de felicidade; todas as afecções variadas da natureza se acumulam sobre seus corações. O contentamento da alma, o repouso do campo, uma fortuna que basta ao elegante necessário, a amizade, os livros, o descanso, o trabalho e o lazer, a vida útil, a virtude progressiva e o céu aprovador! tais são os prazeres incomparáveis de um amor virtuoso: é assim que se escorrem os momentos desses esposos afortunados. As estações, que percorrem sem cessar esse mundo em discórdia, reencontram em seu retorno esses dois seres sempre felizes; e a primavera aplaudindo seus belos destinos, recoloca sobre suas cabeças uma guirlanda de rosas. Até que enfim chega a noite serena e doce, sempre mais amorosa, porque seus corações guardam mais lembranças, mais provas de seu amor mútuo; eles caem em um sono que os reúne ainda, libertos juntos, seus espíritos pacatos voam para lugares onde reinam o amor e a felicidade imortal".

* Germaine de Staël não copiou corretamente os versos, que se encontram no último canto, ou na nona "Noite" (versos 91-92). Inseri entre colchetes o que faltou à cópia, mas, aqui, é preciso notar que o termo "which" não se encontra no poema original.

What is life? a war*
Eternal war with woe.

(O que é a vida? uma guerra,
Uma eterna guerra contra o infortúnio).

Essa sombria imaginação, ainda que mais pronunciada em Young, é, contudo, a cor geral da poesia inglesa. Suas obras em versos contêm frequentemente mais ideias do que suas obras em prosa. Se se pode encontrar monotonia em Ossian, porque suas imagens pouco diversificadas não são misturadas a reflexões que possam interessar o espírito, isso não ocorre com os poetas ingleses; eles não cansam ao se abandonarem à sua tristeza filosófica: ela está de acordo com a natureza mesma de nosso ser, com seu destino. Nada faz experimentar uma mais doce sensação do que entrar, pela leitura, no curso habitual de seus sonhos: e se quisermos lembrar das partes que amamos nos diversos escritos de todas as línguas, veremos que eles têm quase todos um mesmo caráter de elevação e de melancolia.

Pergunta-se por que os ingleses, que são felizes por seu governo e por seus costumes, têm uma imaginação muito mais melancólica do que a dos franceses? É que a liberdade e a virtude, esses dois grandes resultados da razão humana, exigem meditação: e a meditação conduz necessariamente a objetos sérios.

---

*Esse verso é bem alterado por Germaine de Staël. O original diz: "He that is born is listed; life is war" e o seguinte: "Eternal war with woe. Who bears it best, […]". Assim, a alteração salta aos olhos por forçar uma pergunta (What is life?) para concatenar esses dois versos (os nono e décimo da segunda "Noite") com os citados imediatamente antes por ela.

Na França, as pessoas distintas por seu espírito ou por sua classe, tinham, em geral, muito mais alegria; mas a alegria das primeiras classes da sociedade não é um signo de felicidade para a nação. Para que o estado político e filosófico de um país responda à intenção da natureza, é preciso que a sorte da mediocridade, nesse país, seja a melhor de todos; os homens superiores, em todos os tipos, devem ser homens consagrados e sacrificados ao bem geral da espécie humana.

Feliz o país onde os escritores sejam tristes, onde os comerciantes sejam satisfeitos, os ricos melancólicos e os homens do povo contentes!

A língua inglesa, ainda que não seja tão harmoniosa ao ouvido quanto as línguas do Sul, tem, pela energia de sua pronunciação, enormes vantagens para a poesia: todas as palavras fortemente acentuadas têm efeito sobre a alma, porque elas parecem partir de uma impressão viva; a língua francesa exclui em poesia um monte de termos simples, que se devem achar nobres em inglês pela maneira como são articuladas. Eu ofereço um exemplo: quando Macbeth, no momento de se sentar à mesa da festa, vê, no lugar que lhe é destinado, a sombra de Banquo que ele acabara de assassinar, e grita várias vezes com um medo tão terrível: *The table is full*, todos os espectadores tremem. Se se dissesse em francês precisamente as mesmas palavras, *la table est remplie [a mesa está completa]*, o maior ator do mundo não poderia, ao declamá-las, fazer esquecer sua acepção comum; a pronúncia francesa não permitira esse acento que torna nobres todas as palavras ao animá-las, que torna trágicos todos os sons, porque eles imitam e fazem compartilhar a desordem da alma.

Os ingleses podem se permitir, em todo gênero, muito mais ousadia em seus escritos porque eles são apaixonados e porque um sentimento verdadeiro, qualquer que seja, tem o poder de transportar o leitor para as afecções do escritor: o autor de sangue-frio, qualquer espírito que ele tenha, deve se conformar, em muitos aspectos, ao gosto de seus leitores. Eles lhe impõem uma obrigação desde que eles sabem desse seu poder.

Os poetas ingleses abusam frequentemente, no entanto, de todas as facilidades que lhes dão sua língua e o gênio de sua nação. Eles exageram as imagens, eles sutilizam as ideias, eles esgotam tudo o que eles exprimem, e o gosto não os adverte a parar. Mas *pode-se perdoá-los* porque vê-se neles uma emoção verdadeira. Julga-se as falhas de seus escritos como as da natureza e não como as da arte.

Há um gênero de obras da imaginação no qual os ingleses têm uma grande preeminência: são os romances sem maravilhoso, sem alegoria, sem alusão históricas, fundados apenas na invenção dos caráteres e dos acontecimentos da vida privada. O amor foi até o presente o tema desse tipo de romances. A existência das mulheres, na Inglaterra, é a principal causa da inesgotável fecundidade dos escritores ingleses nesse gênero. As relações dos homens com as mulheres se multiplicam ao infinito graças à sensibilidade e à delicadeza.

Leis tirânicas, desejos grosseiros, ou princípios corrompidos, se serviram da sorte das mulheres, seja nas repúblicas antigas, seja na Ásia, seja na França. As mulheres não tiraram proveito em nenhum lugar, como na Inglaterra, da felicidade causada pelas afecções domésticas. Nos países pobres, e sobretudo nas classes médias da

sociedade, frequentemente se encontrou costumes muito puros; mas é às primeiras classes que cabe tornar mais notáveis os exemplos que elas dão. Apenas elas escolhem seu tipo de vida; as outras são forçadas a se resignarem àquele que o destino lhes impôs; e quando se é levado ao exercício de uma virtude pela privação de algumas vantagens pessoais, ou pelo jugo das circunstâncias, não se tem jamais todas as ideias e todos os sentimentos que pode fazer nascer essa virtude livremente adotada. São, pois, em geral, os costumes das primeiras classes da sociedade que influenciam a literatura. Quando os costumes dessas primeiras classes são bons, eles conservam o amor e o amor inspira os romances. Sem examinar aqui filosoficamente o destino das mulheres na ordem social, o que é certo, em geral, é que suas virtudes domésticas, só elas, obtêm dos homens toda a ternura de coração de que eles são capazes.

A Inglaterra é o país do mundo inteiro onde as mulheres são mais verdadeiramente amadas. Falta que elas encontrem lá os prazeres que a sociedade da França prometia outrora;* mas não é com o quadro das satisfações do amor-próprio que se faz um romance interessante, ainda que a história da vida prove frequentemente que se pode se contentar com essas vãs satisfações. Os costumes ingleses fornecem à invenção romanesca várias nuances delicadas e situações tocantes. Crer-se-ia inicialmente que a imoralidade, por não reconhecer nenhum limite, deveria estender a carreira de todas as concepções romanescas; percebe-se, ao contrário, que essa facilidade infeliz não pode produzir nada que não seja árido. As paixões sem combate, os desenlaces sem gradações, os sacrifícios

* Antes havia aqui um ponto final.

sem lamento, os laços sem delicadeza, retiram dos romances todo o seu charme; e o pequeno número daqueles desse tipo que possuímos em francês tiveram, com dificuldade, algum sucesso nas sociedades que lhes serviram de modelo.

Há prolongamentos nos romances dos ingleses, como em todos os seus escritos; mas esses romances são feitos para serem lidos pelos homens que adotaram o tipo de vida que é ali descrito, no campo, em família, no lazer das ocupações regulares e das afetações domésticas. Se os franceses suportam os detalhes inúteis que se acumulam nesses escritos é pela curiosidade que inspiram os costumes estrangeiros. Eles não toleram nada de parecido em suas próprias obras. Esses prolongamentos, com efeito, cansam às vezes o interesse; mas a leitura dos romances ingleses, por uma sequência constante de observações justas e morais, se liga às afecções sensíveis da vida. A atenção serve em todas as coisas aos ingleses, seja para descrever o que eles veem, seja para descobrir o que eles procuram.

Tom-Jones [*The History of Tom Jones*] não pode ser considerado apenas como um romance. A mais fecunda das ideias filosóficas, o contraste entre as qualidades naturais e a hipocrisia social, é ali colocada em ação com uma arte infinita, e o amor, como eu disse alhures,[56] é apenas o acessório de um tal assunto. Mas Richardson, em primeira linha e, após seus escritos, vários outros romances, dos quais um grande número foi composto por mulheres, dão perfeitamente a ideia desse gênero de obras cujo interesse é inexprimível.

---

[56] *Ensaio sobre as ficções* [*Essai sur les fictions,* de 1795].

Os antigos romances franceses descrevem aventuras da cavalaria que não lembram em nada os acontecimentos da vida. *La Nouvelle Héloïse* [de Rousseau] é um escrito eloquente e apaixonado, que caracteriza o gênio de um homem e não os costumes da nação. Todos os outros romances franceses que amamos, nós os devemos à imitação dos ingleses. Os temas não são os mesmos; mas a maneira de tratá-los, mas o caráter geral desse tipo de invenção, pertencem exclusivamente aos escritores ingleses.

São eles que ousaram crer, pela primeira vez, que bastava o quadro das afecções privadas para fazer o espírito e o coração do homem se interessarem; que nem a ilustração dos personagens nem a importância dos interesses nem o maravilhoso dos acontecimentos eram necessários para cativar a imaginação, e que havia no poder de amar do quê renovar sem cessar os quadros e as situações, sem jamais cansar a curiosidade. São os ingleses, enfim, que fizeram romances das obras de moral, onde as virtudes e os destinos obscuros podem encontrar motivos de exaltação e [onde] se [pode] criar um tipo de heroísmo.

Reina nesses escritos uma sensibilidade calma e orgulhosa, energia e tocante. Em nenhuma parte, sente-se melhor o charme desse amor protetor que, ao dispensar o ser fraco de cuidar de seu próprio destino, concentra todos os seus desejos na estima e na ternura de seu defensor.

CAPÍTULO XVI

Da eloquência e da filosofia dos ingleses*

Há três épocas muito distintas na situação política dos ingleses: as épocas anteriores à sua revolução, sua revolução ela mesma, e a constituição que eles possuem desde 1688. O caráter da literatura tem necessariamente variado seguindo essas diversas circunstâncias. Antes da revolução, só se nota um único homem em filosofia, o chanceler Bacon. A teologia absorve inteiramente os anos da revolução. A poesia quase sozinha ocupou os espíritos sob o reino voluptuoso e despótico de Carlos II; e é apenas depois de 1688, depois que uma constituição estável deu à Inglaterra repouso e liberdade, que se pode observar com exatidão os efeitos constantes de uma ordem de coisas durável.

Os escritos de Bacon caracterizam seu gênio mais do que seu século. Ele se lançou sozinho em todas as ciências: algumas vezes obscuro, frequentemente escolástico, ele teve, contudo, ideias novas sobre todos os assuntos, mas não pôde completar nada. O homem de gênio dá alguns passos em caminhos desconhecidos; mas não é preciso menos do que a força comum e reunida de séculos e de nações para desbravar as grandes estradas.

As querelas de religião teriam recolocado a Inglaterra, no século dezessete, no estado do qual a Europa tinha enfim saído; mas as luzes que já existiam em outros países e na própria Inglaterra, se

* Germaine de Staël inverteu os termos "eloquência" e "filosofia" em relação ao título original deste capítulo.

opuseram aos efeitos funestos dessas vãs disputas. Harrington, Sidney etc., indiferentes às questões teológicas, se esforçaram por ligar os espíritos aos princípios da liberdade, e seus esforços não foram inteiramente perdidos para a razão.

Enfim, a filosofia inglesa, no fim do século dezessete, ganhou seu verdadeiro caráter e o sustentou durante cem anos, sempre com novos sucessos.

A filosofia inglesa é científica, isto é, seus escritores aplicam às ideias morais o tipo de abstração, de cálculo e de desenvolvimento* dos quais os eruditos se servem para chegar às descobertas e para explicá-las.

A filosofia francesa deve mais ao sentimento e à imaginação, sem ter por isso menos profundidade; pois essas duas faculdades do homem, quando são dirigidas pela razão, iluminam sua marcha e o ajudam a penetrar mais à fundo no conhecimento do coração humano.

A religião cristã tal como ela é professada na Inglaterra, e os princípios constitucionais tais como são estabelecidos, deixam uma suficientemente grande latitude às pesquisas do pensamento, seja em moral, seja em política. Contudo, os filósofos ingleses, em geral, não se permitem tudo examinar; e a utilidade, que é o móbil de seus esforços, lhes interdita ao mesmo tempo um certo grau de independência.

Eles desenvolveram de uma maneira superior a teoria metafísica das faculdades do homem; mas eles conhecem e estudam menos os

* Esses dois substantivos estavam no plural na edição anterior.

caráteres e as paixões. La Bruyère, o cardeal de Retz, Montaigne, não têm igual na Inglaterra.

Nos países onde a tranquilidade reina com a liberdade,* examina-se pouco reciprocamente. As leis dirigem a maior parte das relações dos homens entre eles. Tudo leva o espírito às ideias gerais mais do que às observações particulares;** mas quando as sociedades brilhantes da corte e da cidade têm um grande crédito político, a necessidade de observá-las para fazê-las funcionar desenvolve muitos pensamentos finos; e se, de um lado, há menos filosofia prática em um tal país, de outro lado os espíritos são necessariamente mais capazes de penetração e de sagacidade.

Os ingleses trataram a política como uma ciência puramente intelectual. Hobbes, Ferguson, Locke etc., com sistemas diferentes, procuram qual foi o estado primitivo das sociedades, a fim de chegar a conhecer quais são as leis que é preciso instituir para os homens. Smith, Hume, Shaftesbury estudam os sentimentos e os caráteres sob pontos de vista quase inteiramente metafísicos. Eles escrevem para a instrução e a meditação; mas eles não querem cativar o interesse ao mesmo tempo em que solicitam a atenção. Montesquieu parece dar vida às ideias e lembra a cada linha a natureza moral do homem no meio das abstrações do espírito. Nossos escritores franceses, tendo sempre presente a seu pensamento o tribunal da sociedade, procuram obter o sufrágio de leitores que se cansam facilmente; eles querem ligar o charme dos sentimentos à análise das

* Na primeira edição: "com uma certa medida de liberdade".
** Na primeira edição: "Tudo leva o espírito a generalizar as ideias mais do que individualizá-las".

ideias e fazer, assim, caminhar simultaneamente um maior número de verdades.

Os ingleses avançaram nas ciências filosóficas como na indústria comercial, com a ajuda da paciência e do tempo. A inclinação de seus filósofos pelas abstrações parecia dever envolvê-los em sistemas que podiam ser contrários à razão; mas o espírito de cálculo, que regulariza, em sua aplicação, as combinações abstratas, a moralidade, que é a mais experimental de todas as ideias humanas, o interesse pelo comércio, o amor pela liberdade, levaram sempre os filósofos ingleses a resultados práticos. Quantas obras feitas para servir utilmente aos homens, para a educação das crianças, para o alívio dos mal-afortunados, para a economia política, a legislação criminal, as ciências, a moral, a metafísica! Que filosofia nas concepções! Que respeito pela experiência na escolha dos meios!

É à liberdade que é preciso atribuir essa emulação e essa sabedoria. Podia-se tão raramente vangloriar-se na França por influenciar, através de seus escritos, as instituições de seu país, que só se pensava em mostrar ter espírito nas discussões, mesmo nas mais sérias. Levava-se até o paradoxo um sistema verdadeiro em certa medida; não podendo a razão ter um efeito útil, queria-se ao menos que o paradoxo fosse brilhante. Aliás, em uma monarquia absoluta, podia-se sem perigo exaltar, como Rousseau o fez* no *Contrato Social*, a democracia pura; mas não se tinha ousado chegar às ideias mais verossimilhantes. Tudo era jogo de espírito na França, fora as decisões do conselho do rei: enquanto, na Inglaterra, cada

* O trecho "Rousseau o fez" é novo. Na sequência, "ideias mais verossimilhantes" substituiu "ideias possíveis".

um podendo agir de uma maneira qualquer sobre as resoluções de seus representantes, toma-se, com isso, o hábito de comparar o pensamento com a ação, e acostuma-se ao amor do bem público pela esperança de com ele contribuir.

Esse princípio de utilidade que deu, se posso me exprimir assim, tanto corpo à literatura dos ingleses, retardou neles, contudo, um último aperfeiçoamento da arte que os franceses alcançaram; é a concisão do estilo. A maior parte dos livros ingleses é confusa por causa da prolixidade. O patriotismo que reina na Inglaterra inspira um tipo de interesse de família pelas questões de uma utilidade geral; pode-se divertir os ingleses com isso tão longamente quanto com seus assuntos particulares; e os autores, confiantes nessa disposição, abusam frequentemente da liberdade que ela dá. Os ingleses dão a todas as suas ideias desenvolvimentos tão extensos quanto os de um instrutor falando a seus alunos: talvez seja um melhor meio de esclarecer a massa de uma nação; mas o método filosófico não pode adquirir assim toda a sua perfeição.

Os franceses fariam um livro melhor que os ingleses, tomando deles suas ideias; eles as apresentariam com mais ordem e precisão: como eles suprimem muitos intermediários, suas obras exigem mais atenção para serem compreendidas; mas a classificação das ideias tem aí um ganho, seja pela rapidez, seja pela retidão da rota que se faz o espírito seguir. Na Inglaterra, é quase sempre pelo sufrágio da multidão que começa a glória; ela se eleva em seguida para as classes superiores. Na França, ela desce da classe superior para o povo. Eu não examino o que é preferível para a felicidade nacional; mas a arte de escrever e o método de compor só podem se aperfeiçoar, na

Inglaterra, ao ponto em que chegou a França, quando os escritores visarem sempre e quase exclusivamente o sufrágio dos primeiros homens de seu país.

Na Inglaterra, aceita-se os sistemas abstratos ou as pesquisas que têm por objeto uma utilidade positiva e prática; mas esse tipo intermediário que reúne em um mesmo estilo o pensamento e a eloquência, a instrução e o interesse, a expressão pitoresca e a ideia justa, os ingleses não possuem quase nenhum modelo e seus livros só têm um objetivo a cada vez, a utilidade ou a satisfação.

Os ingleses, em suas poesias, levam ao primeiro grau a eloquência da alma; eles são grandes escritores em versos; mas suas obras em prosa muito raramente exploram o calor e a energia que se encontra em suas poesias. Como os versos brancos oferecem apenas muito pouca dificuldade, os ingleses reservaram para a poesia tudo o que se refere à imaginação; eles consideram a prosa como a língua da lógica, e o único objetivo do seu estilo é o de fazer compreender raciocínios e não o de fazer interessar por expressões. A língua inglesa não adquiriu ainda, talvez, o grau de perfeição de que ela é suscetível. Tendo mais frequentemente servido aos negócios do que à literatura, ela carece ainda de muitas nuances; e é preciso muito mais fineza e correção em uma língua para bem escrever em prosa do que para bem escrever em versos.

Alguns autores ingleses, contudo, Bolingbroke, Shaftesbury, Addisson, têm a reputação de serem bons escritores em prosa: no entanto, seu estilo carece de originalidade, e suas imagens carecem de calor: o caráter do escritor não é impresso em seu estilo e o movimento da alma não se faz sentir a seus leitores. Parece que os

ingleses só ousam se livrar inteiramente na inspiração poética: quando eles escrevem em prosa, um tipo de pudor cativa seus sentimentos: como eles são ao mesmo tempo tímidos e apaixonados, eles não podem se livrar parcialmente. Os ingleses se transportam para o mundo ideal da poesia, mas eles não colocam quase nunca calor em seus escritos que tratam dos objetos reais. Eles reprovam sinceramente aos escritores franceses seu egoísmo, sua vaidade, a importância que cada um dá à sua própria pessoa, em um país onde o interesse público não tem lugar. Mas é, contudo, certo que, para que um autor seja eloquente, é preciso que ele exprima seus próprios sentimentos; não é seu interesse, mas sua emoção; não é seu amor-próprio, mas seu caráter, que deve animar seus escritos; e fazer abstração escrevendo sobre o que se experimenta consigo mesmo seria também fazer abstração do que experimenta o leitor.

Não há na Inglaterra memórias, confissões, narrativas de si; o orgulho do caráter inglês recusa esse tipo de detalhes e reconhecimentos: mas a eloquência dos escritores em prosa perde frequentemente para a abnegação demasiado severa tudo o que parece se referir às afecções pessoais.

Aplica-se na Inglaterra o espírito dos negócios aos princípios da literatura; e se interdita nas obras refletidas todo apelo à emoção, tudo o que poderia influenciar, por mínimo que seja, o livre exercício do julgamento. M. Burke, o mais violento inimigo da França, tem, em sua obra contra ela, algumas semelhanças com a eloquência francesa; mas ainda que haja admiradores na Inglaterra, é-se suficientemente tentado a acusar seu estilo de exagero tanto

quanto suas opiniões, e a considerar sua maneira de escrever como incompatível com ideias justas.

As cartas de Junius são um dos escritos mais eloquentes da prosa inglesa. Talvez também a principal causa do grande prazer relacionado a essa leitura seja a admiração que se sente pela liberdade de um país onde se podia atacar assim os ministros e mesmo o rei, sem que o repouso e a organização social disso sofressem, sem que os depositários do poder público tivessem o direito de se subtraírem à mais veemente expressão da censura individual.

Os debates parlamentares são mais animados do que o estilo dos autores em prosa. A necessidade de improvisar, o movimento dos debates, a oposição, a réplica, excitam um interesse, causam uma agitação, que podem mover os oradores: no entanto, a argumentação é sempre o caráter principal dos discursos no parlamento. A eloquência popular dos antigos, a dos primeiros oradores franceses, produziram na Câmara dos comuns mais a surpresa do que a convicção. Percorramos rapidamente as causas dessas diferenças.

A revolução inglesa, que devia colocar em movimento todas as paixões populares, se fez pelas querelas teológicas. A eloquência, portanto, ao invés de receber nessa época uma grande impulsão, tomou desde então, pela natureza mesma dos objetos de que ela tratava, a forma da argumentação. Os interessas de finanças e de comércio foram os primeiros objetos de todos os parlamentos da Inglaterra, e todas as vezes que se é chamado a discutir com os homens sobre seus interesses de cálculo, só o raciocínio obtém sua

confiança. A situação diplomática da Europa, outro objeto dos debates parlamentares, exigiu sempre, pela importância mesma de seus interesses, uma grande circunspecção. Os dois partidos que dividiram o parlamento não lutavam como os plebeus e os patrícios, com todas as paixões do homem; eram quase sempre algumas rivalidades individuais, contidas pela ambição que as excitava; eram debates nos quais a oposição, querendo dar ao rei um ministro de seu partido, guardava sempre, em sua resistência, as considerações necessárias para chegar a esse fim. O ponto de honra coloca necessariamente também alguns limites à violência dos ataques pessoais. Enfim, os modernos têm, em geral, um respeito pelas leis que deve necessariamente também mudar em alguns aspectos o caráter de sua eloquência. Ainda que existisse leis entre os antigos, a autoridade popular tinha frequentemente o direito e a vontade de tudo destruir ou de tudo recriar. Os modernos quase sempre foram obrigados a comentar o texto das leis existentes. Sem negar absolutamente as vantagens dessa fixidez, segue-se daí, no entanto, que o espírito de discussão e de análise é mais importante nas assembleias atuais do que o talento de emocionar.

É preciso que a lógica do orador, ao invés de pressionar o homem corpo a corpo, como Demóstenes, o ataque com certas armas convencionais, cujo efeito é mais indireto. Aliás, o governo representativo fechando necessariamente o círculo dos objetos de que se trata e o número daqueles aos quais se endereça, a eloquência de Demóstenes não teria proporção com o auditório e o fim: os testemunhos contados e conhecidos que envolvem de perto os oradores ingleses, o quadro sobre o qual eles marcam por um gesto

uniforme o retorno dos mesmos raciocínios, tudo lhes lembra um conselho de estado mais do que uma assembleia popular; tudo deve levá-los de volta a só se servirem das armas do sangue-frio, a argumentação ou a ironia.[57]

Várias das causas que eu acabo de enunciar deveriam se aplicar igualmente ao governo representativo na França: mas as primeiras épocas da revolução ofereceram a seus oradores temas de eloquência antiga.[*] Mirabeau, e alguns outros depois dele, têm um talento mais movente, mais dramático que o dos ingleses; o hábito dos negócios se mostra menos nele e a necessidade dos sucessos do espírito muito mais. Os longos desenvolvimentos seriam em todo tempo também muito menos tolerados na França do que na Inglaterra. Os oradores ingleses, como Cícero, repetem frequentemente ideias já compreendidas; eles retornam por vezes aos movimentos, aos efeitos de eloquência já empregados com sucesso. Na França, se é tão invejoso da admiração que se recebe, que se o orador quiser obtê-la duas vezes pelo mesmo sentimento, pela mesma felicidade de expressão, o auditório lhe reprovaria uma confiança orgulhosa, lhe recusaria um segundo assentimento de seu talento e quase repensaria o primeiro.

Essa disposição de espírito, entre os franceses, deve levar muito alto o verdadeiro talento; mas ela leva a mediocridade em esforços

---

[57] Como o orador da oposição não era encarregado da direção dos negócios, ele deve mostrar quase sempre mais eloquência do que o ministro. Ter-se-ia dificuldade agora, na Inglaterra, em se pronunciar entre dois talentos prodigiosos: no entanto, os movimentos da alma se juntam sempre mais naturalmente àquele que não está no poder.

[*] Antes constava: "temas antigos de discussão". Na sequência, "um talento mais movente" era, na edição anterior, "um tipo de eloquência mais movente".

gigantescos e ridículos. Ela favorece também algumas vezes, de uma maneira funesta, o sucesso das mais absurdas asserções. Se era preciso prolongar um raciocínio, sua falsidade seria mais sensível; se se podia refutá-lo com as formas que servem para desenvolver as verdades elementares, os espíritos mais comuns acabariam por compreender qual é o objeto da questão. A dialética dos ingleses se presta muito menos do que a nossa ao sucesso dos sofismas. O estilo declamador, que serve tão bem às ideias falsas, é raramente admitido pelos ingleses; e como eles dão uma menor parte às considerações morais nos motivos que eles desenvolvem, o sentido positivo das palavras se desvia menos do objetivo e permite menos se perder.

Como a língua da prosa é muito mais aperfeiçoada entre os franceses, o que nós tivemos, o que poderíamos ter de homens verdadeiramente eloquentes, mexeria mais fortemente com as paixões humanas; eles saberiam reunir em um mesmo discurso mais talentos diversos. Os ingleses consideraram a arte da fala, como todos os talentos em geral, sob o ponto de vista da utilidade; e é o que deve acontecer com todos os povos, após um certo tempo de repouso fundado sobre a liberdade.

O repouso do despotismo produziria um efeito absolutamente contrário; ele deixaria subsistir as necessidades ativas do amor-próprio individual e só tornaria indiferente ao interesse nacional. A importância política de cada cidadão é tal em um país livre que ele dá mais valor ao que lhe resulta da felicidade pública do que a todas as vantagens particulares que não serviriam à força comum.

CAPÍTULO XVII

Da literatura alemã [58]

A literatura alemã só data deste século. Até então os alemães estavam ocupados com as ciências e a metafísica com muito sucesso; mas eles tinham escrito mais em latim do que em sua língua natural; e não se percebia ainda nenhum caráter original nas produções de seu espírito. As causas que retardaram os progressos da literatura alemã se opõem ainda, em alguns aspectos, à sua perfeição; e é, aliás, uma desvantagem verdadeira para uma literatura a de se formar mais tarde do que [se forma a literatura de] muitos outros povos vizinhos: pois a imitação* das literaturas já existentes toma frequentemente o lugar do gênio nacional. Consideremos inicialmente as causas principais que modificam o espírito da literatura na Alemanha, o caráter das obras verdadeiramente belas que ela produziu e os inconvenientes dos quais ela deve se proteger.

Como a divisão dos estados excluí uma capital única onde todas os recursos da nação se concentram, onde todos os homens

[58] [Nota da segunda edição]: Eu preciso lembrar aqui qual é o objetivo desta obra. Eu não pretendi fazer uma análise de todos os livros distintos que compõem uma literatura; eu quis caracterizar o espírito geral de cada literatura em suas relações com a religião, os costumes e o governo. Sem dúvida que eu não pude tratar de um tal tema sem citar muitos escritores e muitos livros; mas era ao apoio de meus raciocínios que eu apresentei esses exemplos e não com a intenção de julgar e de discutir o mérito de cada autor, como poder-se-ia fazê-lo em uma biblioteca universal. Essa observação se aplica mais particularmente ainda a este capítulo do que a todos os outros. Existe um monte de boas obras em alemão que eu não indiquei, porque aqueles que eu nomeei bastavam para provar o que eu dizia sobre o caráter da literatura alemã em geral.

* A segunda edição traz aqui o termo "imaginação", mas parece que o termo da primeira edição, que mantivemos acima, é mais correto para o sentido da frase.

distintos se reúnem, o gosto deve se formar mais dificilmente na Alemanha do que na França. A emulação multiplica seus efeitos em muitas pequenas esferas; mas não se julga, mas não se critica com severidade, quando cada cidade quer ter homens superiores em seu seio. A língua deve também se fixar dificilmente, quando existe diversas universidades, diversas academias de igual autoridade, sobre as questões literárias. Muitos escritores se creem então no direito de inventar sem cessar palavras novas; e o que parece abundância, leva à confusão.

É reconhecido, creio eu, que a federação é um sistema político muito favorável à felicidade e à liberdade, mas ele prejudica quase sempre o maior desenvolvimento possível das artes e dos talentos, para os quais a perfeição do gosto é necessária. A comunicação habitual de todos os homens distintos, sua reunião em um centro comum, estabelece um tipo de legislação literária que dirige todos os espíritos na melhor rota.

O regime feudal ao qual a Alemanha está submetida não lhe permite gozar de todas as vantagens políticas ligadas à federação. No entanto, a literatura alemã leva o caráter da literatura de um povo livre; e a razão disso é evidente. Os homens de letras da Alemanha vivem entre eles em república; quanto mais há abusos revoltantes no despotismo das classes, mais os homens esclarecidos se separam da sociedade e dos negócios públicos. Eles consideram todas as ideias em suas relações naturais; as instituições que existem entre eles são demasiadamente contrárias às mais simples noções da filosofia, para que eles possam de alguma maneira a elas submeter sua razão.

Os ingleses são menos independentes do que os alemães em sua maneira geral de considerar tudo o que se refere às ideias religiosas e políticas. Os ingleses encontram o repouso e a liberdade na ordem das coisas que eles adotaram, e consentem com a modificação de alguns princípios filosóficos. Eles respeitam sua própria felicidade; eles organizam certos preconceitos, como o homem que tendo esposado sua mulher, que ele ama, seria inclinado a sustentar a indissolubilidade do casamento. Os filósofos da Alemanha, envolvidos por instituições viciosas, sem justificativas, como sem vantagens, se dedicam inteiramente ao exame rigoroso das verdades naturais.

A divisão dos governos, sem dar a liberdade política, estabelece quase necessariamente a liberdade da imprensa. Não existe nem religião dominante nem opinião dominante em um país assim dividido: os poderes estabelecidos se mantêm pela proteção das grandes potências; mas o império de cada governo sobre os temas é extremamente limitado pela opinião; e pode-se falar sobre tudo, ainda que seja impossível agir sobre qualquer coisa.

Como a sociedade tem ainda muito menos satisfações na Alemanha do que na Inglaterra, a maior parte dos filósofos vive solitária, e o interesse pelos assuntos públicos, tão forte entre os ingleses, não existe quase totalmente entre os alemães. Os príncipes tratam com distinção os homens de letras; eles lhes acordam com frequência marcas de honra. No entanto, a maior parte dos governos chama apenas os antigos nobres para se misturarem com a política; e só há, aliás, os governos representativos que dão a todas as classes um interesse direto nos assuntos públicos. O espírito dos

homens de letras deve, então, se virar para a contemplação da natureza e para o exame deles próprios.

Eles são excelentes na pintura das afecções dolorosas e das imagens melancólicas. Sobre isso, eles se aproximam de todas as literaturas do Norte, das literaturas ossiânicas; mas sua vida meditativa lhes inspira um tipo de entusiasmo pelo belo; de indignação contra os abusos da ordem social, que lhes preserva do tédio do qual os ingleses são suscetíveis nas vicissitudes de sua carreira. Os homens esclarecidos, na Alemanha, só existem para o estudo, e seu espírito se sustenta em si próprio por um tipo de atividade interior, mais contínua e mais viva do que a dos ingleses.

Na Alemanha, as ideias são ainda o que interessa mais. Não há nada de suficientemente grande nem de suficientemente livre nos governos para que os filósofos possam preferir os prazeres do poder aos do pensamento; e sua alma não se congela por relações excessivamente contínuas com os homens.

As obras dos alemães são de uma utilidade menos prática do que as dos ingleses; eles se dedicam mais às combinações sistemáticas, porque, não tendo influência, através de seus escritos, sobre as instituições de seu país, eles se abandonam sem objetivo positivo ao acaso de seus pensamentos; eles adotam sucessivamente todas as seitas misticamente religiosas; eles enganam de mil maneiras o tempo e a vida que eles só podem empregar pela meditação. Mas não há país onde os escritores tenham mais bem aprofundado os sentimentos do homem apaixonado, os sofrimentos da alma, e os recursos filosóficos que podem ajudar a suportá-los. O caráter geral da literatura é o mesmo em todos os países do Norte; mas os traços

distintivos do gênero alemão se devem à situação política e religiosa da Alemanha.

O livro por excelência que possuem os alemães, e que eles podem opor às obras-primas das outras línguas, é Werther. Como lhe chamam de um romance, muitas pessoas não sabem que é uma obra. Mas eu não conheço uma que tenha uma pintura mais impressionante e mais verdadeira dos desvios do entusiasmo, uma vista mais penetrante do infortúnio, desse abismo da natureza onde todas as verdades se descobrem aos olhos que sabem procurá-las.

O caráter de Werther não pode ser o de um grande número dos homens. Ele representa em toda a sua força o mal que pode fazer uma má ordem social a um espírito enérgico; ele se encontra mais frequentemente na Alemanha do que em qualquer outro lugar. Quis-se criticar o autor de Werther por supor para o herói de seu romance uma outra pena além da do amor, por deixar ver em sua alma a viva dor de uma humilhação e o ressentimento profundo contra o orgulho das classes, que causou essa humilhação; é, segundo penso, um dos mais belos traços de gênio da obra. Goethe queria pintar um ser sofrendo por todas as afecções de uma alma tenra e orgulhosa; ele queria pintar essa mistura de males que, apenas ela, pode conduzir um homem ao último grau do desespero. As penas da natureza podem deixar ainda alguns recursos: é preciso que a sociedade jogue seus venenos na ferida para que a razão seja totalmente alterada e para que a morte se torne uma necessidade.

Que sublime reunião se encontra em Werther, de pensamentos e de sentimentos, de emoção e de filosofia! Só há Rousseau e Goethe que tenham sabido pintar a paixão refletidora, a paixão que se julga

a si própria e que se conhece sem poder se enganar. Esse exame de suas próprias sensações, feito por aquele mesmo que elas devoram, resfriaria o interesse, se qualquer outro homem que não de gênio quisesse o tentar. Mas nada move mais do que essa mistura de dores e de meditações, de observações e de delírio, que representa o homem desafortunado se contemplando pelo pensamento e sucumbindo à dor, dirigindo sua imaginação sobre si próprio, suficientemente forte para se ver sofrer e, no entanto, incapaz de levar à sua alma qualquer socorro.

Diz-se ainda que Werther era perigoso, que ele exaltava os sentimentos ao invés de dirigi-los; e alguns exemplos do fanatismo que ele excitou confirmam essa asserção. O entusiasmo que Werther excitou sobretudo na Alemanha se deve ao fato de essa obra se inserir totalmente no caráter nacional. Não é Goethe que o criou, foi ele que soube pintá-lo. Todos os espíritos na Alemanha, como eu disse, são dispostos ao entusiasmo: ora, Werther faz bem aos caráteres dessa natureza.

O exemplo do suicídio não pode nunca ser contagioso. Aliás, não é o fato inventado em um romance, são os sentimentos que a partir dele se desenvolvem que deixam um traço profundo; e essa doença da alma que toma sua fonte em uma natureza elevada e acaba, contudo, por tornar a vida odiosa, essa doença da alma, digo, é perfeitamente descrita em Werther. Todos os homens sensíveis e generosos se sentiram alguma vez prontos a dela sofrer; e frequentemente talvez criaturas excelentes que perseguiam a ingratidão e a calúnia, devem ter se perguntado se a vida, tal como ela é, podia ser suportada pelo homem virtuoso, se a organização

inteira da sociedade não pesasse sobre as almas verdadeiras e tenras e não lhes tornasse a existência impossível.

A leitura de Werther ensina a conhecer como a exaltação da honestidade pode conduzir à loucura; ela faz ver a qual grau de sensibilidade a vibração se torna demasiado forte para que se possa sustentar os acontecimentos mais naturais. É-se advertido das inclinações culpadas, por todas as reflexões, por todas as circunstâncias, por todos os traços de moral; mas quando se sente uma natureza generosa e sensível, nela se confia inteiramente, e se pode chegar ao último grau do infortúnio, sem que nada nos faça conhecer a sequência de erros que a ele nos conduziu. É a esses tipos de caráteres que o exemplo do destino de Werther é útil; é um livro que lembra à virtude a necessidade da razão.*

O Messiado [Der Messias] de Klopstock, com uma quantidade inumerável de falhas, de prolongamentos, de misticismos, de obscuridades inexplicáveis, contém belezas de primeira ordem. O caráter de Abbadona, sofrendo os destinos de um culpado conservando o amor da virtude, unindo as faculdades de um anjo com os sofrimentos do inferno, é uma ideia totalmente nova. Essa verdade nas expressões do amor e os quadros da natureza, através todas as invenções mais bizarras, produz um efeito notável.

A surpresa que causaria a ideia da morte, a quem a conheceria pela primeira vez, é pintada com uma energia tocante em um canto

---

* [Nota da segunda edição]: Goethe compôs várias outras obras que têm uma grande reputação na Alemanha, *Wilhelm Meister [theatralische Sendung]*, *Hermann e Dorotéia* etc. As odes de Klopstock, as tragédias de Schiller, os escritos de Wieland, o teatro de Kotzebue etc. exigiriam vários capítulos se se quisesse aprofundar seu mérito literário; mas esse trabalho, como eu já o disse, não podia entrar no plano geral da minha obra.

de *Der Messias*. Um habitante de um planeta onde a vida não tem fim interroga um anjo que lhe conta as novidades de nossa Terra sobre o que é a morte. "Quê!", ele lhe diz, "é verdade que você conhece um país onde o filho pode ser para sempre separado daquela que lhe prodigou as mais tenras marcas de afecção durante os primeiros anos de sua vida! Onde a mãe pode se ver sem a criança sobre a qual repousava todo o seu futuro! Um país onde, contudo, conhece-se o amor, onde dois seres se devotam um ao outro, vivem por muito tempo a dois, depois sabem existir a sós! Como pode que, sobre essa Terra, cuide-se do dom da vida quando ela só serve para formar os laços que a morte deve romper, para amar o que é preciso perder, para recolher em seu coração uma imagem cujo objeto pode desaparecer do mundo onde se permanece ainda após ele!". Ao começar a leitura de *Der Messias*, crê-se entrar em uma atmosfera sombria onde nos perdemos frequentemente, onde se distingue algumas vezes objetos admiráveis, mas que nos faz experimentar constantemente um tipo de tristeza cuja sensação não está desprovida de alguma doçura.

As tragédias alemãs, e em particular as de Schiller, contêm belezas que supõem sempre uma alma forte. Na França, a fineza do espírito, o tato das conveniências, o receio do ridículo, enfraquecem frequentemente, em alguns aspectos, a vivacidade das impressões. Acostumado a cuidar de si próprio, perde-se necessariamente, no meio da sociedade, esses movimentos impetuosos que desenvolvem para todos os olhares o que há de mais verdadeiro nas afecções da alma. Mas ao ler as tragédias alemãs que adquiriram celebridade, encontra-se frequentemente palavras, expressões, ideias que nos

revelam sentimentos abafados ou contidos pela regularidade das relações e dos laços da sociedade. Essas expressões nos reanimam, nos transportam, nos persuadem por um momento que iremos nos elevar acima de todos os olhares artificiais, de todas as formas encomendadas, e que, após uma longa obrigação, o primeiro amigo que reencontrarmos será nosso próprio caráter, seremos nós mesmos. Os alemães são muito distintos como pintores da natureza. Gesner, Zacharias, vários poetas no gênero pastoral, fazem amar o campo e parecem inspirados por suas doces impressões. Eles o descrevem tal como ele deve impressionar olhares atentos, quando os cuidados do cultivo, os trabalhos campestres, que lembram a presença do homem e os prazeres da vida tranquila, estão de acordo com a disposição da alma. É preciso estar em uma situação tranquila para aproveitar tais escritos. Quando as paixões agitam a existência, a calma exterior da natureza é um tormento a mais. Os aspectos sombrios e selvagens, os objetos tristes que nos envolvem, ajudam a suportar a dor que se experimenta dentro de si.

A tragédia *Goets de Berlichingen [mit der eisernen Hand* (Goets de Berlichingen da mão de ferro), de Goethe] e alguns romances conhecidos estão cheios dessas lembranças de cavalaria tão picantes para a imaginação e das quais os alemães sabem fazer um uso interessante e variado.

Após ter percorrido as principais belezas da literatura dos alemães, eu devo concentrar a atenção sobre as falhas de seus escritores e sobre as consequências que essas falhas poderiam ter se não se as corrigissem.

O gênero exaltado é aquele, dentre todos, no qual é mais fácil de se enganar; é preciso um grande talento para não se desviar da verdade, pintando uma natureza acima dos sentimentos habituais; e não há inferioridade suportável na pintura do entusiasmo. Werther produziu mais imitadores ruins do que qualquer outra obra-prima da literatura: e a falta de natural é mais revoltante nos escritos onde o autor quer colocar exaltação, mais do que todas as outras [faltas].* Wieland desenvolveu muito bem, em seu *Peregrinus Proteus*, os inconvenientes desse entusiasmo artificial, tão diferente da inspiração do gênio. Os alemães são muito mais indulgentes do que nós nesse aspecto; eles sofrem também, frequentemente mesmo eles aplaudem uma certa quantidade de ideias triviais em filosofia, sobre a riqueza, a bondade, o nascimento, o mérito etc., lugares comuns que esfriariam na França toda espécie de interesse. Os alemães escutam ainda com prazer os pensamentos mais conhecidos, ainda que seu espírito descubra neles, a cada dia, novidades.

A língua dos alemães não está fixada; cada escritor tem seu estilo e milhares de homens se creem escritores. Como a literatura pode se formar em um país onde se publica perto de três mil volumes por ano? É muito fácil escrever em alemão suficientemente bem para ser impresso; muitas obscuridades são permitidas, muitas licenças toleradas, muitas ideias comuns acolhidas, muitas palavras reunidas juntas ou novamente criadas; é preciso que a dificuldade do estilo seja de tal natureza a desencorajar ao menos os espíritos totalmente

* Na primeira edição, após os dois pontos constava: "se fazer exaltado é o que há, em todo o mundo, de mais ridículo". Na frase seguinte, o adjetivo "artificial" para o substantivo "entusiasmo" é novo.

medíocres. O verdadeiro talento tem dificuldade em se reconhecer no meio dessa multidão inumerável de livros: ele consegue se distinguir no fim, sem dúvida; mas o gosto geral se deteriora de mais em mais por conta de tantas leituras insípidas, e as ocupações literárias devem acabar por perder sua consideração.

Aos alemães às vezes falta gosto nos escritos que pertencem à sua imaginação natural; a eles falta gosto mais frequentemente ainda por [causa da] imitação.* Dentre seus escritores, aqueles que não possuem um gênio totalmente original tomam emprestado, uns os defeitos da literatura inglesa, os outros os da literatura francesa. Eu já tentei fazer sentir, ao analisar Shakespeare, que suas belezas só podiam ser igualadas por um gênio semelhante ao seu e que suas falhas deviam ser cuidadosamente evitadas. Os alemães parecem com os ingleses em alguns aspectos; o que faz com que eles se enganem muito menos estudando os autores ingleses do que os autores franceses. No entanto, eles têm também por sistema colocar em contraste a natureza vulgar com a natureza heroica e eles diminuem assim o efeito de um grande número de suas belas peças.

A esse defeito, que lhes é comum aos ingleses, eles juntam um certo gosto pela metafísica dos sentimentos que esfria frequentemente as situações mais tocantes. Como eles são naturalmente pensadores e meditativos, eles colocam suas ideias abstratas e os desenvolvimentos e as definições com os quais suas cabeças se ocupam, nas cenas mais apaixonadas; e os heróis e as mulheres e os antigos e os modernos têm por vezes todos a

* Na primeira edição essa frase era: "Os alemães pecam por falta de gosto, naturalmente; eles pecam também por imitação".

linguagem de um filósofo alemão. É um defeito real contra o qual os escritores devem se preservar. Seu gênio lhes inspira frequentemente as expressões mais simples para as paixões mais nobres; mas quando eles se perdem na obscuridade, o interesse não pode mais segui-los nem a razão pode aprová-los.

Frequentemente reprovaram aos escritores alemães de faltarem com a graça e a jocosidade. Alguns dentre eles, temendo essa reprovação, da qual os ingleses se glorificam, querem imitar na literatura o gosto francês; e eles caem então nas falhas que são tanto mais graves quanto elas saem de seu caráter natural, eles não têm mais essas belezas enérgicas e tocantes que fazem esquecer todas as imperfeições. Não seria preciso menos do que as circunstâncias particulares à antiga França, e na França, à Paris, para alcançar esse charme de graça e de jocosidade que caracterizava alguns escritores antes da revolução. Há deles vários entre nós que falharam em seus ensaios no meio dos melhores modelos. Os alemães não estão certos de escolher bem quando querem imitar.

Pode-se acreditar, na Alemanha, que Crébillon e Dorat são escritores plenos de graça, e carregar a cópia de um estilo já tão afetado, que é quase insuportável aos franceses. Os autores alemães que encontrassem no fundo de suas almas tudo o que pode emocionar os homens de todos os países, misturando junto a mitologia grega e a galanteria francesa, constituem um gênero onde a natureza e a verdade são evitadas com um cuidado quase escrupuloso. Na França, o poder do ridículo acaba sempre por levar de volta à simplicidade; mas em um país como a Alemanha, onde o tribunal da sociedade tem tão pouca força e tão pouco acordo, é

preciso que nada se arrisque no gênero que exige o hábito mais constante e o tato mais fino de todas as conveniências do espírito. É preciso se prender aos princípios universais da alta literatura e só escrever sobre os temas onde bastam a natureza e a razão para se guiar.

Os alemães têm por vezes o defeito de querer misturar às obras filosóficas um tipo de satisfação que não convém de nenhuma maneira aos escritos sérios.[59] Eles creem assim se colocar na alçada de seus leitores; mas não se deve nunca supor naqueles que nos leem faculdades inferiores às nossas: convém melhor exprimir seus pensamentos tais como se os concebeu. Não se deve se colocar no nível do grande número, mas manter no mais alto termo de perfeição possível: o julgamento do público é sempre, no fim, o dos homens mais distintos da nação.

É algumas vezes também por um desejo mal compreendido de agradar as mulheres que os alemães querem unir o sério e o frívolo. Os ingleses não escrevem para as mulheres; os franceses lhes tornaram, pela classe que eles lhes acordaram na sociedade, excelentes juízas do espírito e do gosto; os alemães devem amá-las, como os germanos de outrora ao lhes suporem algumas qualidades divinas. É preciso colocar algo do culto e não da condescendência nas relações com elas.

Enfim, para fazer admitir verdades filosóficas em um país onde elas não são ainda publicamente adotadas, acreditou-se ser

[59] Um litologista alemão, discutindo, em um de seus escritos, sobre uma pedra que ele não tinha podido até então descobrir, se exprime assim ao falar dela: "Essa ninfa fugitiva escapa das nossas pesquisas"; e, se exaltando em seguida sobre as propriedades de uma outra pedra, ele exclama ao nomeá-la: "Ah, sereia!".

necessário revesti-las com a forma de um conto, de um diálogo ou de um apólogo; e Wieland em particular adquiriu uma grande reputação nesse gênero. Talvez um retorno seria algumas vezes necessário para ensinar a verdade. Talvez fosse preciso fazer dizer aos antigos o que se quer ensinar aos modernos e lembrar do passado como servindo de alegoria para o presente. Não se pode julgar até que ponto as mudanças empregadas por Wieland são politicamente necessárias; mas eu repetirei[60] que sob o aspecto do mérito literário, enganar-se-ia quem acreditasse dar mais do picante às verdades filosóficas pela mistura dos personagens e das aventuras que servem de pretexto aos raciocínios. Retira-se da análise sua profundidade, do romance seu interesse, ao reuni-los juntos. Para que os acontecimentos inventados nos cativem, é preciso que eles se sucedam com uma rapidez dramática; para que os raciocínios levem à convicção, é preciso que eles sejam coerentes e consequentes; e quando nós cortamos o interesse pela discussão e a discussão pelo interesse, longe de dar descanso aos bons espíritos, cansamos sua atenção; seria* preciso muito menos esforços para seguir o fio de uma ideia tão longe quanto a reflexão pode conduzi-la, quanto para retomar e largar, sem cessar, raciocínios interrompidos e impressões rompidas.

Os sucessos de Voltaire inspiraram o desejo de fazer, segundo seu exemplo, contos filosóficos; mas não há imitação possível para o que caracteriza esse tipo de escritos em Voltaire, a jocosidade

---

[60] *Ensaio sobre as ficções* [*Essai sur les fictions,* de 1795].

* Germaine de Staël retirou, corretamente, o pronome "lhes" antes do verbo ser. No próximo parágrafo, correção semelhante se deu pela retirada da preposição "para" antes de "a jocosidade".

picante e a graça sempre variada. Encontra-se sem dúvida um resultado filosófico no fim de seus contos; mas a satisfação e o estilo da narrativa são tais que nós só nos apercebemos do objetivo quando ele é alcançado: assim como uma excelente comédia da qual, pela reflexão, nós sentimos o efeito moral, mas que no teatro só nos impressiona inicialmente por seu interesse e por sua ação.

O sério da razão, a eloquência da sensibilidade, eis o que deve ser a contribuição da literatura alemã; seus ensaios em outros gêneros foram sempre menos felizes.

Não há outra nação mais singularmente própria aos estudos filosóficos. Seus historiadores, à frente dos quais é preciso colocar Schiller e Muller, são tão distintos quanto se pode ser ao escrever a história moderna. O regime feudal atrapalha extremamente o interesse pelos acontecimentos e pelos caráteres;* parece que se representa, nesse século guerreiro, todos os grandes homens vestidos com a mesma armadura e quase tão parecidos entre eles quanto seus capacetes e seus escudos.

Quantos trabalhos para as ciências, para a metafísica, honram a nação alemã! Que pesquisas! Que perseverança! Os alemães não têm uma pátria política; mas eles se fizeram uma pátria literária e filosófica, para a glória da qual eles estão cheios do mais nobre entusiasmo.

Contudo, um jugo voluntário coloca obstáculo, em alguns aspectos, ao grau de luzes que se poderia adquirir na Alemanha; é o espírito de seita; ele ocupa o lugar do espírito de partido na vida ociosa e ele tem alguns de seus inconvenientes. Sem dúvida, antes

* Aqui havia, antes, um ponto final.

de aumentar o número dos sectários de um sistema, aplica-se toda a atenção em julgá-lo, decide-se por ou contra, pelo exercício independente da razão. A primeira escolha é livre; mas suas consequências não o são. Desde que as primeiras bases nos convêm, nós adotamos, para manter a seita, todas as consequências que o mestre tira de seus princípios. Uma seita, tão filosófica quanto ela seja em seu objetivo, não o é nunca em seus meios. É preciso sempre inspirar um tipo de confiança cega para apagar as dissidências individuais; pois muitos homens, quando sua razão é livre, não dão nunca um assentimento completo a todas as opiniões de um só.

Há ainda uma observação importante contra os sistemas novos com os quais se quer fazer uma seita; o espírito humano caminha muito lentamente para que uma sequência qualquer de ideias justas possa ser encontrada ao mesmo tempo. Um século desenvolve duas ou três ideias a mais; e esse século, com razão, é [considerado] ilustre. Como um único homem poderia, portanto, ter um encadeamento de pensamentos inteiramente novos? Aliás, todas as verdades são suscetíveis de evidência e a evidência não constitui seita. É preciso algo de bizarro e, sobretudo, de mistério, para excitar nos homens o que é o móbil do espírito de seita, a necessidade de se distinguir. Essa necessidade se torna realmente útil aos progressos das luzes, quando ela excita a emulação entre todos os talentos, mas não quando ele joga vários espíritos na dependência de um só.

Tem-se necessidade, para conquistar impérios, de que os exércitos disciplinados reconheçam o poder de um chefe; mas para fazer progressos na carreira da verdade, é preciso que cada homem

marche por si só, guiado pelas luzes de seu século e não pelos documentos de tal partido.[61]

Os homens esclarecidos da Alemanha têm, na maior parte, um amor pela virtude, pelo belo em todos os gêneros, que dá a seus escritos um grande caráter. O que distingue sua filosofia é o fato de ter substituído a superstição religiosa pela austeridade da moral. Na França, contenta-se em inverter o império dos dogmas. Mas qual seria a utilidade das luzes para a felicidade das nações se essas luzes só carregassem com elas a destruição, se elas não desenvolvessem nunca nenhum princípio de vida, e não fornecessem à alma novos sentimentos, novas virtudes ao apoio de antigos deveres?* Os alemães são eminentemente próprios à liberdade, porque já em sua revolução filosófica eles souberam colocar no lugar das barreiras gastas que caíam em ruínas, os limites imóveis da razão natural.

Se por alguns infortúnios invencíveis, a França esteve um dia destinada a perder para sempre toda esperança de liberdade, é na Alemanha que se concentraria o fogo sagrado das luzes; e é em seu seio que se estabeleceria, em uma época qualquer, os princípios da filosofia política. Nossas guerras com os ingleses os tornaram inimigos de tudo que lembra a França; mas uma imparcialidade mais igualitária dirigiria as opiniões dos alemães.

Eles se entendem melhor do que nós sobre o melhoramento do destino dos homens; eles aperfeiçoam as luzes, eles preparam a convicção; e nós, é pela violência que nós tentamos tudo, que tudo

---

[61] Tudo o que pode haver de engenhoso no espírito de Kant, e de elevado em seus princípios, não seria, creio eu, uma objeção suficiente contra o que acabo de dizer sobre o espírito de seita.

* O antigo ponto final foi substituído, corretamente, por um ponto de interrogação.

fizemos, em tudo falhamos. Nós só fundamos ódios, e os amigos da liberdade marcham no meio da nação, a cabeça baixa, envergonhados dos crimes de uns e caluniados pelos preconceitos de outros. Vós, nação esclarecida, vós habitantes da Alemanha, que talvez uma vez sede, como nós, entusiastas de todas as ideias republicanas, sois invariavelmente fiéis a um único princípio que basta, ele apenas, para preservar contra todos os erros irrecuperáveis. Não vos permitais nunca uma ação que a moral possa reprovar; não escutais o que vos dirão alguns refletidores miseráveis sobre a diferença que se deve estabelecer entre a moral dos particulares e a dos homens públicos. Essa distinção é de um espírito falso e de um coração estreito; e se nós perecêssemos seria por tê-lo adotado.

Vejam o que faz o crime em uma nação: perseguidores sempre agitados, perseguidos sempre implacáveis; nenhuma opinião que pareça inocente, nenhum raciocínio que possa ser escutado; uma multidão de fatos, de calúnias, de mentiras de tal modo acumuladas sobre todas as cabeças que, na carreira civil, resta com dificuldade uma consideração pura, um homem ao qual um outro homem queira marcar condescendência; nenhum partido fiel aos mesmos princípios; alguns homens reunidos pelo laço de um terror comum, laço que rompe facilmente a esperança de poder se salvar sozinho; enfim, uma confusão tão terrível entre as opiniões generosas e as ações culpadas, entre as opiniões servis e os sentimentos generosos, que a estima errante não sabe onde se fixar e que a consciência dificilmente se repousa com segurança sobre ela própria.

Basta um dia em que se possa prestar apoio por alguns pensamentos, por alguns discursos, a resoluções que levaram a crueldades e sofrimentos; basta esse dia para atormentar a vida, para destruir no fundo do coração a calma e essa bondade universal que fazia nascer a esperança de encontrar corações amigos por todo lugar onde se encontrassem homens. Ah! Que as nações ainda honestas, que os homens dotados de talentos políticos, aos quais não se pode fazer qualquer reprovação, conservem preciosamente uma tal felicidade! E se sua revolução começa, que eles duvidem dentre eles somente dos amigos pérfidos que lhes aconselham a perseguir os vencidos.*

A liberdade dá forças para sua defesa, o concurso dos interesses faz descobrir todos os recursos necessários, a impulsão dos séculos inverte tudo o que quer lutar para o passado contra o futuro: mas a ação inumana semeia a discórdia, perpetua os combates, separa em bandas inimigas a nação inteira; e esses filhos da serpente de Cadmo, aos quais um deus vingador só deu a vida condenando-os a se combaterem até a morte, esses filhos da serpente, é o povo no meio do qual a injustiça por longo tempo reinou.

FIM DO PRIMEIRO TOMO**

* Na primeira edição, esse trecho final era: "somente dos conselhos perseguidores!"
** A segunda edição junta os dois tomos.